

2000

225

L. 37365 P.

ROMANCES DA HISTÓRIA NACIONAL

Rocha Martins
DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA



CORAÇÃO
PORTUGUÊS

"INQUÉRITO"

No.
37265-P.

CORAÇÃO PORTUGUÊS

ROMANCES DA HISTÓRIA NACIONAL

1

«BICHINHO DE CONTA»

2

«BATALHA DE SOMBRAS»

5

«CORAÇÃO PORTUGUÊS»

DEF. LEG.



L. 37365 P.
Romances da
HISTÓRIA NACIONAL

169109
ROCHA MARTINS
DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CORAÇÃO
PORTUGUÊS



INQUÉRITO *Lisboa*



Comunidade de
HISTÓRIA NACIONAL
1891
ROCHA MARTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO

Reservados todos os direitos, em conformidade com a lei

INGRESSO
BIBLIOTECA

PREFÁCIO

Um autor de romances históricos, embora escritos sob forma diferente das usuais, deve parecer à crítica, atrasado e bolorento, esquisito neste início de um Mundo Novo sob a égide da Bomba Atômica e o signo da Carta das Nações Unidas.

Eu sou o último autor de trabalhos daquele género em Portugal, e talvez no Universo, mas nem por isso deixo de me considerar o primeiro que, na nossa terra, no romance «Este Mundo e o Outro», tentou marcar a aspiração do descobrimento duma máquina aniquiladora da Mentira e da Hipocrisia. É crível, pelo que estamos vendo, que semelhante engenho venha a ser aplicado. Dentro do quadro literário moderno e humano procurei definir a ansiedade extra-humana, com o meu sonho de homem livre.

Os romances históricos, que ultimamente publiquei, «Bichinho de Conta» e «Batalha de Sombras», encerram a condenação dos sistemas do passado

com suas tiranias e despotismos. Transportando-me às épocas em que elles se exerceram, procurei dar-lhes realidade.

Segundo a crítica, servi-me de processos novos para contar tragédias velhas com o fim de as verberar.

O sistema que segui na elaboração do presente volume foi idêntico.

«Coração Português» tem, como os romances seus predecessores, uma história que passo a narrar. No período em que a Europa soffria a terrível invasão dos bárbaros exércitos germânicos, pretendi descrever, através da enorme publicidade de um grande jornal — o «Diário de Notícias» — a dolorosa existência da nossa pátria, a que fôra, outrora, quando vi calcadas as pátrias alheias.

Foi êsse o meu formal propósito, sobretudo depois de ter começado a propagar-se, em certos meios, até intellectuais, que uma nação vencida,

como a França estava, visto ter-se submetido e perdido a guerra, não tinha direito a revoltar-se e, por consequência, eram muito bem e justamente fuzilados os patriotas.

Tão grande deslute, protéria ou infâmia, originou o romance que se vai ler. Não sei se consegui o meu fim; conservo, porém, sinceramente, a intenção que me animou a escrevê-lo. O leitor perdoará se erre ou não consegui convencê-lo de que o direito de rebelião é nobre e justo sob os vexames, os abusos, as tiranias.

Evoquei a minha pátria ao sentir vilipendiadas as pátrias alheias, e sofri com elas e assim devem ter padecido os meus humildes avós, nas horas terríveis da invasão que encarei, de alma perturbada e coração agitado, enquanto rugia o cataclismo que devastava o Mundo.

CORAÇÃO PORTUGUÊS



CAPÍTULO I

FIGURAS DE UMA CONTRADANÇA

Os espelhos altos da sala das Colunas, no solar dos condes da Ega, ao Giestal, reflectiam os pares da contradança de honra; os três grandes lustres espirravam faíscas dos seus pingentes na quadra perfumada, onde não chegara o rigor da noite de Janeiro, branca de luar.

Soaram mais vivamente as cordas dos instrumentos; subiu o alegre, animando os passos, e entre as damas que formavam um belo grupo, junto da estátua de Música, elevou-se uma voz a quebrar o protocolo:

— ¡Que bem que o senhor general Junot dançou a «pantalona»!

Rumores aprovativos corresponderam à apreciação de D. Joana da Cruz Sobral, espôsa do abastado Geraldo Venceslau Braamcamp, aprumado por detrás das cadeiras dos governadores do Reino, que o Regente deixara a representá-lo ao partir

com a família real para o Brasil, em Novembro do ano anterior, o de 1807.

Tinham passado dois meses e o chefe do exército de ocupação dançava naquela sala em presença de muitos membros da nobreza e mais gente grada, subindo a seu respeito louvores cortesãos.

— ¡Que passos! Perfeitos! Deu-lhes elegância e leveza.

Por fim extasiavam-se:

— ¡E que lindo par!

D. Juliana de Oyenhausen de Almeida Saldanha Matos Noronha, condessa da Ega, loura e rosada, uma boneca vestida de branco e ouro, avançava o pèzinho calçado de cetim, sorrindo docemente ao general; vis-à-vis, a coronela Foy dançava com o conde da Ega, que parecia pai de sua espôsa. A coronela também sorria, com duas graciosas covinhas nas faces. Formosíssima, ousada e graciosa, montava como um picador, atingia alvos à pistola, vencendo os melhores atiradores, e causava entusiasmo com o seu narizito, levemente arrebitado, e os seus ares que ràpidamente se transmudavam. Ora parecia um granadeiro, logo uma duquesa. Chamavam-lhe a «bela Roxelane», evocando a escrava de Solimão elevada a sultana.

Volvia o seu sorriso para Junot, desvanecido e orgulhoso entre aquelas duas mulheres tão diversas e ambas tão lindas.

Alto, garboso, louro, os lábios fortes, parecendo despenteado, em artifício que era moda, o primeiro ajudante-de-campo de Napoleão, o governador mi-

litar de Paris e generalíssimo das tropas de invasão de Portugal, parodiava no salão aristocrático, onde se dançava alegre contradança.

As damas, decotadas, cintilantes de jóias, esplendentes na chapa das luzes, pareciam ter ganho novos encantos ao substituírem os trajos, há pouco em voga, por aquelas túnicas de cintas altas, que exigiam desembaraço, flexibilidade, ardência, repudiando a pesada moda anterior à Revolução.

Eram quasi todos alvos os vestidos de engenhosos e artísticos ornatos, a um tempo discretos e atraentes, com seu ouro e prata, silvados e raminhos verdes de murta, cedro e buxo ou grinaldas de minúsculas rosas, miosótis, madre-silvas ou florinhas de amendoeira.

Os cabelos curtos, diademados por pentes originaes, enriquecidos de pedrarias, ajudavam, poderosamente, à transformação da beleza feminina.

A espôsa de Geraldo Braamcamp voltara à sua crítica, desta vez pouco amável:

— ¡Que pena a marquesa de Abrantes ter empoadado o cabelo! Já não se usa e foi um alívio.

Concordou-se em volta, zombando-se da antiga complicação dos penteados.

— Depois de a guilhotina ter cortado muitas formosas cabeças, as que lhe escaparam, ao sacrificarem os cabelos, tornaram-se mais leves.

O conde de Sabugal, cujo espírito o levara a dois desterros, voltara, há pouco, do segundo com o mesmo sestro e, ao soltar a sua frase, sentira-a acolhida por agradáveis risos.

Vestia à hussardo, uma farda de fantasia, visto não haver aquêles regimentos na cavalaria portuguesa, de que era tenente-coronel.

Junot dava os passos do «Été» faiscando o ouro dos brandeburgos da peliça, posta a tiracolo, enriquecida pelo esmalte da Legião de Honra.

O dito do conde voara de bôca em bôca por detrás das ventarolas de penas e dos preciosos leques. Os ajudantes do general-chefe, que se encontravam a distância, estendiam os pescoços pretendendo apreciar o motivo daqueles encantadores risos.

Quando lhes chegou a frase, o marquês de Cambis-Velleron, descendente do historiador de Avinhão, estribeiro-mor do generalíssimo e chefe de esquadrão de caçadores a cavalo, repisara o conceito de Sabugal muito excitado pela idéia de serem mais ligeiras as cabecitas salvas do cutelo.

— Tant mieux, tant mieux, pour nous...

O seu camarada Chavigny, que ostentava as agulhetas de ouro no peito do uniforme de cavalaria, concordava, bizarro e radiante:

— Isso apesar de a minha tia Camille de Autigny ter sido a quinta pessoa de família que perdeu o penteado com a cabeça, por sinal no mesmo dia em que a Du Barry sentiu que Sansão, o carrasco, substituíra o seu cabeleireiro, o famoso Leonardo.

Um moço capitão de engenharia, cuja casaca azul, de gola vermelha e dragonada, lhe dava um ar distinto, ripostou:

— Só em penteados, a velha pécora deve ter custado à França alguns milhões de luíses.

— Bem se vê, meu caro Rigot, que não tiveste parentes na guilhotina —olveu Chavigny.

Não tardou a réplica, mordente e jacobina, no seu disfarce sarcástico:

— Ora essa! Sobretudo, durante o ano de 93, quási dia a dia, lá estiveram à beira do cadafalso. Os velhos Rigot, meu pai e o tio Anselmo, eram dos municipais da escolta das carrêtas. Não és só tu que tens antepassados.

— Já o nosso general disse que todos o somos, quando Montmorency lhe perguntou pelos avós. Respondeu-lhe: «La différence qu'il y a entre nous, monsieur, c'est que vous avez des ancêtres et nous sommes des ancêtres». E é verdade; somos os avós de um mundo novo.

Quando Cambis-Velleron terminou a citação, que demonstrava o espírito do chefe do exército, uma senhora pôs-se a contar como o vira, pela primeira vez, no salão de «madame» de Sousa, espôsa do morgado de Mateus, ministro de Portugal em Paris. Queria apoiar-se em testemunho ao perguntar:

— ¿Lembras-te, Maria da Saúde?

D. Constança de Lemos, uma morena esbelta, de trinta e sete anos, que parecia irmã da formosa filha, tornava:

— Foi há cinco anos. Vi-o dançar com Carolina Murat, irmã do Primeiro Cônsul.

A filha, vinte anos encantadores, o rosto moreno, iluminado pelos formosos olhos negros, bem portugueses, pareceu acordar sobressaltada no esplendor

do baile, e não respondia, embora a mãe insistisse, para concluir:

— E aquêlê «trenitz» tornou-o rei do baile.

— Embora se estivesse ainda em república, atalhou o conde de Sabugal.

Maria da Saüdade não se lembrava, ao que dizia; voltava-se um pouco para D. João Vilar, morgado de Tangil, que parecia não poder soltar-se de junto da sua cadeira, e sorria-lhe ternamente. Era o noivo. Queria dizer-lhe que, depois de o ter visto, de nada mais se lembrava.

Dos lábios de D. Constança de Lemos brotava a evocação, quási apaixonada, do inverno mundano de 1802, em Paris. E falava do primo José Maria, o morgado de Mateus; da espôsa dêle, «madame» de Sousa, tão célebre pelos seus romances como pela sua aventura com Talleyrand.

Abalava na corrente grata das suas recordações dos últimos anos da vida do marido D. Gonçalo de Lemos, cuja fama galante ainda não se perdera.

Ouviam-na com atenção, como a vogarem no maravilhosos, enquanto Maria da Saüdade se embevecia no seu amor, olhando o morgado de Tangil, muito esbelto na sua farda avivada a côr de rosa, de tenente de cavalaria do Cais.

Ela era grácil, de busto airoso no vestido branco bordado de pequeninos botões de rosa, os olhos negros, as sobranceiras leves, a bôca forte e voluntariosa, com alguma coisa de enérgico dissimulada no lindo sorriso bem feminino. Atraía as simpatias e era um encanto contemplá-la.

A irmã, Luísa de Lemos, mais baixa, proporcionada, uma frágil figura, que parecia modelada em miniatura, acudia a lembrar-se, cintilando as pupilas castanhas, rindo a mostrar os dentes pequeninos:

— ¡Sim, recordo-me eu! Vi o senhor general Junot dançar com a senhora Murat. A espôsa dêle, e que linda! era o par do conde de Flahaut, do filho da nossa prima «madame» de Sousa.

— Outra cabeça, essa já de si levê, que ainda mais leve se tornou depois de se salvar da guilhotina — tornou o conde de Sabugal, como se estivesse naquela noite para cultivar o elegante no macabro.

— ¿Mas se tem talento, como pode ser assim levezinha? — interrogou D. Constança de Lemos.

Êle redargüiu, muito prontamente, sempre conceituoso nos seus brincados conceitos:

— O talento?! ¿Há acaso coisa mais leve?! É fumo, paira, evola-se, sob as nuvens, flutua à brisa, é perfume delicado. É tudo o que não se vê mas dá vida. Uma cabeça talentosa nem por isso é de pêso, sobretudo...

— Aprecia a sua, conde? — perguntou, gentilmente, Maria da Saúde, enquanto D. João Vilar descia o sobrecenho e se fazia vermelho.

— Ia dizer «sobretudo quando é feminina» —olveu o galante fidalgo.

— Deviam ser mais fáceis de decepar na guilhotina, mas nem por isso menos altivas — tornou a formosa Maria da Saúde, voltando a sorrir ao noivo, para dizer baixinho: — ¿E para quê?

Entrava-se na «poule», a terceira figura da contradança, e os ajudantes de Junot voltavam a brincar com as coisas terríveis da época da Revolução, misturando guilhotinados e guilhotinadores em ditos de espírito aceso que tinham alguma coisa de perfumado e sinistro.

O general, filho dum campónio da Côte d'Or, dançava com uma descendente de Pelaio, tendo por vis-à-vis representantes de reis gôdos.

Figuravam na quadrilha, com a condessa da Ega e os marqueses de Abrantes, o conde de Novion, emigrado realista, comandante da Guarda Real da Polícia de Lisboa; o general Thiébault, chefe do estado-maior do exército de ocupação; D. Henriqueta e D. Frederica de Oyenhausen de Almeida, irmãs da dona da casa e netas dos Távoras supliciados; a coronela Foy, espôsa de um militar intelectual, e «madame» Troussel, simples burguesa de Paris, mulher do commissário geral das tropas invasoras de Portugal.

— ¿E para quê?!

A interrogação de Maria da Saúde flutuava, entre os perfumes e a música, naquela sociedade tão mesclada, saída de dois despotismos: o pombalino e o jacobino.

D. Constança de Lemos perdera-se no meio das suas recordações; deixara cair o leque no colo e nem ouvia seu filho Manuel perguntar ao futuro cunhado, em aberrativo costume:

— ¿Que há de novo, ó João Vilar?

O outro costumava responder, também por hábito:

— Sei lá! Não há nada... ¿E tu que sabes?

Parece, porém, que nessa noite alguma coisa havia para contar, porque o morgado de Tangil se acercou do amigo e, pondo-lhe a mão no ombro, começou a falar-lhe baixinho. Os uniformes de cavalaria do Cais, com seus vivos côr de rosa, aproximavam-se e confundiam-se. O irmão da Maria da Saúde não conteve uma exclamação:

— ¡Oh, com os diabos! O D. José Vital deve estar como doido. Isso de lhe requisitarem os cavalos...

— Fala em assassinar todos os franceses. Disparata, e o filho, o D. Alexandre, o nosso tenente-coronel, tem um trabalhão para o conter.

Pronunciavam, muito em segrêdo, as palavras no esplendor da festa quando ia terminar a «poule».

Era de embasbacar aquêlo desgosto do Vital, cuja vida fôra dedicada aos seus cavalos desde a juventude; quisera fazer dos filhos centauros, e era o melhor mestre de picaria depois do marquês de Marialva.

Para êle, aquela extorsão equivalia à ruína de todos os seus sonhos. Entregar as melhores estampas da sua cavalaria aos intrusos, que já se tinham apossado de todos os cavalos da Casa Real, representava a morte.

— Disse que deitava fogo à cavalaria — segredou o morgado ante o pasmo do camarada, que lhe perguntava ao sair do seu assombro:

— ¿E não sabes mais nada? Dizem-se também coisas a respeito dos officiais portuguezes. Eu, como

estive em França algum tempo, com a minha gente, compreendo bem os franceses. Custava-me a percebê-los, quando vieram, mas tenho recordado o que sabia da sua língua e ouvi boatos. Parece que nos querem pôr daqui para fora.

Manuel de Lemos exclamou, sempre no mesmo tom:

— ¿E o nosso tenente-coronel, D. Alexandre Vital, que tanto se entusiasmava com as paradas das Tulherias?! ¿E como eu gostava de as ver! Não se me dava de voltar.

Naquele momento, Carrion Nizas, outro ajudante-de-campo de Junot, perfilou-se à entrada da sala, bem à vista, as agulhetas fuzilando no seu uniforme de dragões a fixar o general-chefe, que entrava no passo da «pastourelle».

A música era mais ardente e viva; moviam-se os pares, rebrilhava, com as jóias, o ouro das fardas, e Junot, ante a evidência em que se punha o seu ajudante, lançou-lhe um olhar irritado. Avermelhou-se a cicatriz do rosto, que partia da fonte direita à bôca, a sagrar a bravura com que se batera em Itália, e desviou a vista.

O oficial saíu rapidamente mas, a súbitas, contra todo o protocolo, apareceu um vulto na porta esquerda, cujo espelho reflectia, confusamente, os pares e os convidados. Todos os olhares se voltaram para aquêlo ponto onde se perfilava um coronel da guarda imperial, coberto de lama, as botas de polimento empastadas, e ar enérgico e viril, com o aspecto de quem vinha em missão urgente.

Muito belo, forte, um pouco pálido, não era de norma naquela festa pelo desarranjo do seu uniforme. Aprumava-se; os cabelos louros caíam-lhe em desordem sobre a testa; os olhos azuis fuzilavam na pressa de ser atendido pelo general-chefe.

D. Constança de Lemos não conteve uma exclamação de surpresa:

— O capitão Martial!... Maria da Saüdade, o capitão Martial!

E parecia ansiosa e sucumbida.

A filha voltou-se para contemplar o oficial, de cujo braço pendia a barretina redonda já sem penacho; a espada azebrada mal se segurava no cinturão e em tôda a sua pessoa se assinalavam as canseiras e contratempos de uma viagem tormentosa que se revelava na farda, nas armas, no rosto severo e fatigado, onde se marcava, todavia, a teima de provocar a atenção do generalíssimo, muito entretido nos passos da «pastourelle», a que chamavam «trenitz».

O chefe de esquadrão Carrion Nizas divisava-se na sombra, por detrás do seu camarada, ousado bastante para se atrever a provocar a cólera de Junot.

D. João Vilar enchera-se de maior perturbação ante a maneira como Maria da Saüdade deixara de o olhar para fixar o oficial, que continuava perfilado, hirto como a estátua da Música na Sala das Colunas, onde o baile prosseguia.

Os ajudantes-de-campo ficavam silenciosos nos seus lugares, tendo percebido muito bem como o

coronel da guarda imperial buscava mostrar-se ao seu general. Conheciam-no bem, o chefe; sabiam que dia a dia, depois da posse do seu comando, se tornara mais impressionável e em questões de etiqueta bastante exigente. Repararam na forma como olhara Carrion Nizas e esperavam que uma grande reprimenda o aliviasse ao desencadeá-la sôbre o arrojado que ali se conservava, naquele lastimoso estado, de uniforme sujo, à entrada de uma sala de baile, onde a nobreza do país ocupado honrava o chefe dos invasores.

O conde de Sabugal também percebera o que se passava; ouvira D. Constança de Lemos; seguira o olhar de D. Maria da Saüdade, que de novo o desviara do oficial, e, devorado de curiosidade, dizia para a viúva do seu amigo D. Gonçalo de Lemos, cujas estroinices tinham sido celebradas:

— Vossa Excelência percebe pouco de uniformes franceses, e, no momento presente, permita que a elucide. É muito útil. Aquêlo oficial não é capitão, mas sim coronel e da guarda imperial.

Como se recebesse um choque no alheamento em que caíra, após a impressão singular que parecia causada por aquela figura, D. Constança de Lemos volveu:

— Era capitão há cinco para seis anos. Não existia a guarda imperial nem o imperador. O capitão Martial era de cavalaria, de...

Não se atreveu a interrogar a filha, que recebia o olhar terno do noivo já esquecido de tudo quanto ouvira àcêrca das intenções dos invasores para com

os oficiais portugueses e do desgosto formidável de D. José Vital, mestre dos equites, ao receber a notícia da requisição dos seus cavalos. Só via o coronel da guarda imperial; nem sequer reparava na mãe de Maria da Saüdade e mal ouvia o conde de Sabugal a explicar-lhe:

— É que, depois de 1802, houve muitas batalhas e aquêlo belo oficial tem o ar de não gostar muito da vida da guarnição. — Enumerava, citava: Ulm, Austerlitz, Iena, Auerstaedt, Eylau, Friedland. — A guarda imperial deve ter tomado parte em tôdas elas. No tempo da República havia generais de vinte e três anos.

— O coronel Martial deve ter vinte e cinco ou vinte e seis. Era o capitão mais novo do exército francês em 1802.

D. Constança de Lemos dava tôdas aquelas informações como arrastada por alguma coisa de dominador que a perturbava ao recordar a sua estada em Paris quando tinha ido, com o marido e os filhos, recolher a herança do comendador Lemos Botelho, transmontano tão entusiasta pela capital de França, que lá quisera viver e morrer, tendo-a habitado quarenta anos.

— É certo que aquêles generais de vinte e três anos corriam o risco de terminarem as carreiras aos vinte e quatro — acrescentou o conde de Sabugal, que já não era escutado, apesar do seu espírito.

Em vez de se começar a «boulangère», com que terminava sempre a contradança, Junot trocara algumas palavras em voz baixa com o conde da Ega

durante a «pastourelle», que preferia chamar «trentitz». O dono da casa fizera um rápido sinal à orquestra no último dos compassos e ela, em vez de prosseguir na nova figura, extinguiu os seus sons.

Houvera rumor na sala; algumas pessoas moveram-se dos seus lugares como para abrir alas à passagem de Junot, que conduzia a condessa da Ega ao seu lugar e lhe fazia uma reverência de côrte.

Avançou para a porta de espelho mais próxima da estátua da Música, seguido pelos ajudantes, que deixavam os seus lugares no rumor das espadas, as quais não era de uso abandonar nem mesmo nos salões de baile.

Carrion Nizas desaparecera com o coronel da guarda imperial, que não reparara no olhar de D. Constança de Lemos, sempre fixo na porta por onde êle saíra e que reflectia as luzes na superfície polida a fechar-se após a partida de Martial.

Subira sensação na sala. Preguntava-se baixinho:

— ¿Que se terá passado?

Fazia-se um círculo em volta da condessa da Ega; procurava-se o conde, que devia estar ao facto do sucedido, como se julgava e se dizia, no auge do desejo de tudo saber, mas Aires de Saldanha desaparecera com a sua pressa de cortesão de Junot, deixando a espôsa a receber os convidados, muito linda, cintilante de jóias, a sorrir deslumbrada.

No outro extremo do salão, a coronela Foy,

abanando-se com a sua ventarola de punho de ágata, ria, entre alguns oficiais franceses, depois da partida do chefe do Estado-Maior, Thiébault, que ficara uns instantes na sala, apesar da rápida saída do generalíssimo. Detinha-se como a analisar o efeito da sua súbita retirada.

As duas mulheres, ambas lindas, mas de belezas diferentes, espionavam-se disfarçadamente. A francesa, alta, imponente, destemida, habituada até aos campos de batalha, onde se vestia à hussardo, era como o espírito do Mundo-Novo ante a portuguesa, encantadora como uma boneca, que deixara as saias de anquinhas há apenas uns anos, ao passo que a outra viera desde os espalhafatosos trajos da época do Terror aos preciosismos do Directório, a imitar a Tallien e a Récamier nas modas e os soldados na bravura.

A condessa da Ega fôra embaixatriz em Espanha, onde deixara um rasto de escândalo e algumas dívidas, a fama dos amores com o diplomata russo Strogonoff e as queixas de um cozinheiro. À coronela Foy atribuíam-se proezas de gineta, perícia de atiradora, algumas aventuras militares e a paixão inspirada ao general Junot, que não a esquecerá, embora se enfeitiçasse com a beleza mais calma, de ar quási infantil, da condessinha.

Sabugal analisava-as e, voltando-se para Manuel de Lemos e D. João Vilar, os dois tenentes do Cais, que tinham recaído no silêncio pesado da sala, há pouco tão ruídososa, perguntou-lhes:

— ¿Sabem quanto dariam aquêles senhores — e

apontava os Regentes do Reino — para saberem o que se está passando atrás daquela porta?

Não os deixou responder, porque garantiu:

— ¡Dariam o que lhes resta de vergonha!

Indicava o conde de Sampaio, Pedro de Melo Breyner e o marquês de Abrantes, chamando-lhes, em vez de três Regentes, os «transigentes», e tratando os outros governadores do Reino pelos «dois doentes» e os dois «ausentes».

Carrion Nizas, um dos famosos belos da República e do Directório, ex-presidente do Tribunato e autor da peça *Montmorency e Pedro o Grande*, ficara à porta da sala reservada para o general-chefe, no palácio do Giestal, outrora destinado às eventuais visitas dos príncipes e onde avultava um trono.

Nos lábios finos do antigo tribuno fixara-se um sorriso irónico, quási sarcástico; o general Thiebault e os outros ajudantes de Junot formavam um grupo cheio de interêsse, ansiosos, julgando ouvir, a súbitas, os intempestivos e costumados gritos de cólera do seu chefe.

Êle estava lá dentro com o coronel Martial e não passava o mais breve som através do grande reposteiro, onde se destacava o brasão dos condes da Ega e que mascarava a pesada porta.

Os criados, de librés azuis e brancas, passavam para a grande sala da ceia, vizinha do largo donde chegavam o tilintar de esporas e de espadas nos estribos, relinchos dos cavalos da escolta de dragões, à luz vermelha dos archotes, que iluminavam o pátio e os casebres da entrada, vencendo, na sua

violência sangüínea, a branquidão do luar de Janeiro.

No salão do baile, que os convidados iam abandonando ao anunciar-se a ceia, avultava a figura marmórea da Música, distinguiam-se os azulejos com os costumes e trechos de Veneza e, pelas janelas dos jardins, a Lua, muito branca, projectava a sua luz, quebrada pelo fulgor dos lustres.

Os governadores do Reino, graves, sisudos, acompanhados por Geraldo Venceslau Braamcamp, pelo barão de Quintela e outros comerciantes de pêso, e seguidos pelos seus officiais, passavam entre as alas a custo formadas depois da saída da condessa da Ega, a quem o marido fôra buscar.

O conde de Sabugal avançara, em requintada vénia de outros tempos, para a coronela Foy e oferecera-lhe o braço.

Outra ala, mais larga do que a aberta para a passagem dos três Regentes, se rompera na multidão dos convidados e por ela seguia, todo rebrilhante de ouro, o general Junot, ao lado do coronel Martial, sujo de lama, a espada azebrada, a barretina sem penacho, pendente do braço, avançando ambos como para uma batalha.

O chefe do Estado-Maior, Thiebault, fêz um sinal aos seus ajudantes-de-campo, fulgurantes de cordões, que o seguiram, enquanto o mordomo, na sua libré azul e branca, anunciava:

— Sua Excelência a senhora condessa está servida.

O conde, remetendo-se a uma grande reserva, o

rosto glabro a assumir o mais grave dos ares, explicava à espôsa:

— Sua Excelência encarregou-me de te pedir desculpa de não se despedir e de não cear, mas um serviço dos mais urgentes o reclama.

Os convidados ouviram-no; passou de bôca em bôca a explicação, que Pedro de Melo Breyner, o conde de Sampaio e o marquês de Abrantes ouviram a distância, entreolhando-se atónitos.

A sala da ceia, resplandecente sob as chapadas de luz, enchia-se de convidados; do pátio subia o toque de clarins em continência, na noite alvinitente, e logo se ouviu o estrépito das carruagens que largavam e o trotar dos esquadrões da escolta.

D. Constança de Lemos, no seu grupo, junto do filho, das duas meninas e do morgado Tangil, parecia atordoada entre aquela gente que tomava os seus lugares na enorme mesa, em volta da qual ficavam muitas cadeiras vazias.

Baixinho, como se não pudesse conter por mais tempo a dúvida que a pungia desde a chegada do coronel Martial à porta do salão, voltara-se para Maria da Saúde e perguntara-lhe:

— ¿Mas não te lembras? ¿Não te recordas de ver o senhor general Junot no salão do morgado de Mateus? Tôda tu eras entusiasmo. Dize: ¿Não te lembras do capitão Martial? É impossível que tenhas esquecido. Vi-te deveras arrebatada...

Singelamente, também baixinho, Maria da Saúde volveu:

— Não nego; mas tinha quinze anos e os franceses, minha mãe, estavam então na terra dêles.

As carruagens e a escolta de dragões atravessavam a Junqueira, a tôda a brida, e, ao longe, as sentinelas do exército invasor soltavam os seus brados, de pôsto para pôsto, na noite muito fria:

— Halte lá! Qui vive?

Lisboa, picada de frio, sob a brancura do luar tinha o aspecto de uma cidade marmórea, teatral, com o seu rio de prata, os pórticos, as escadarias, os campanários embranquecidos.

Lembrava vasta necrópole sob a luz alva e intensa a envolvê-la como um sudário sem fim.

— Halte lá! Qui vive? — bradavam as sentinelas francesas.

Só lhes respondiam os cães, os grandes bandos de cães, que ladravam à Lua, e os gatos nas suas pugnas de amores miando, furiosos de cio, na noite de Janeiro.

CAPÍTULO II

VOZES DISCORDES

Diante das vidraças, ainda cerradas sôbre o jardim, Maria da Saüdade, vestida na sua amazona azul, parecia mais alta e forte. Ficava-lhe muito bem o tricorne debruado de ouro, a casaquinha de alamares discretos modelava-lhe o busto esbelto e não escondia a impaciência, batendo com o chicotinho nas botas altas de polimento de canhão branco e esporas de prata.

Já traçara duas vezes as iniciais do seu nome na vidraça embaciada, como para ver melhor as flores tristes daquele fim de Janeiro. As velas azuis ardiam nas serpentinas sôbre o toucador antigo onde, de quando em quando, a claridade alastrava, mais sacudida e agitada a cada passeio pela quadra.

Avançou de novo para a janela, escreveu, com a ponta do dedo enluvado de branco, as letras do nome do noivo, de D. João Vilar, morgado de Tangil, e logo as apagou servindo-se do lencinho minúsculo que espreitava da algibeira da casaquinha.

Ele tardava para o passeio matinal. Já o cavalo, o «Corvo», estava aparelhado no pátio; ouvira-o relinchar conduzido à rédea pelo José Ventura, o seu escudeiro, desde pequenina, quando o pai, o estúrdio D. Gonçalo de Lemos, a instruíra na equitação como ao Manuel. Fizera dela quási um rapaz, muito galante e bravo, roubando-a às prendas caseiras, querendo-lhe como a um companheiro novinho, adorando-lhe a graça e a beleza com o seu instinto de admirador de todos os encantos femininos. Quando as aventuras, e em tantas mergulhara, o impossibilitavam de dar as lições à filha, era o D. José Vital que tomava conta dela, fazendo da grácil menina amazona consumada.

Um dia, porém, D. Constança, deixando a sua costumada indiferença por tudo quanto não fôsse a sua pessoa, os atavios, as modas, o rigor dos trajos e dos penteados, exigira que entregassem a filha ao seu cuidado.

Não puderam negar-lha e, então, essa mãe, borboleta que se apaixonava por tudo quanto era novidade, tratou de a embonecar, tornando-a uma sécia em miniatura, não lhe perdoando um sinalzinho de tafetá na face, ensinando-a a decorâr nomes dos cosméticos, dos trapos, dos chapéus, enfronhando-a nos jornais de modas, de estampas muito grosseiras de traços e vindas de Inglaterra, quási às escondidas, por causa do intendente Pina Manique.

De repente, com o crescimento da Luísa, tudo mudara, e a mãe começara a apaixonar-se pela pequenina, deixando à vontade a mais velha e o mor-

gado, nascido dois anos antes de Maria da Saüdade.

Tinham sido companheiros de folguedos; dera-se até o fenómeno de o Manuel brincar com as bonecas da manazinha e ela com as espingardas e as espadas próprias das diversões dos rapazes. Nem por isso Manuel de Lemos se tornou efeminado, como muitos dos peraltas do tempo, nem a Maria da Saüdade perdera os encantos e o espírito feminis.

Recebera aquêlê nome por desejo da avó paterna, D. Joana Lôbo de Portugal, que tendo entre as suas herdades solarengas a da Senhora da Saüdade, à beira de Vilalva, quisera dar a divina protecção à neta.

Maria da Saüdade gostava muito da avó, de Nossa Senhora, sua madrinha e do seu nome.

Da educação recebida resultara um misto de energia e de graça, de elegância e fervor, de lealdade aprendida nos livros de história, que a avó lhe oferecia, e sôbre os quais a interrogava, cheia de amor pela verdade, e, ao mesmo tempo, de uma ternura infinita não só pelos que amava, mas por todos que sofriam.

Julgava, por vezes, ter vivido noutros tempos, pois acudiam-lhe imagens distantes, vincadas em seu espírito pelas leituras e que lhe enchiam o coração de uma espécie de saüdade, a do seu nome, de coisas que jamais vira mas imaginara familiares noutra existência.

Naquele comêço da manhã, sentia-se insofrida

pela demora do noivo, que se habituara aos seus modos e a adorava.

Jurara, porém, que não se mostraria inquieta para não lho revelar e não lhe acariciar a vaidade, quando vislumbrasse o seu aborrecimento. Estendia a mão para a campainha, mas logo a retirava. Sentia-se transtornada, mas queria parecer calma. Às vezes desconfiava do João Vilar com os seus modos correctos, um pouco acanhados, mas acabando sempre por fazer o que pretendia. Amava-o. Nunca teria outro affecto na vida, além dos dedicados aos seus. Vira-o, sempre, à beira do irmão desde os estudos ao regimento; ouvira-os discutir e estudar desde o Colégio dos Nobres até à Academia de Fortificação, onde se tinham matriculado, num devaneio que os ia endoidecendo, com as complicações de Hidráulica, do sargento-mor' António Vicente da Silva e do Desenho e Gravação, do Du Puys.

Foram cadetes de cavalaria e Maria da Saúde continuara nos passeios entre êles, seguida pelo seu escudeiro, a quem tinham pôsto a alcunha de «Vai-Vem», pois era lesto e prestes nos recados.

O Ventura, criado da casa desde criança, embirrava com o apôdo, dera por paus e por pedras e acabara por, propositadamente, perder o direito àquela designação. Nunca mais se mexera rapidamente e os rapazes denominaram-no «Pegado».

Continuara a fazê-los rir até que se equilibrara nos mandados e nos disparates, passando, de novo, a ser tratado por José Ventura.

Maria da Saúde só se separara do morgadinho de Tangil quando o pai tivera a fantasia de levar a família a Paris.

Ia receber a herança do tio, o comendador Lemos Botelho, um transmontano deveras original que, tendo seguido para França, por devaneio, jamais a quisera deixar. Paris encantara-o, e, mesmo no tempo do Terror, lá ficara. Conhecia a capital francesa melhor que muitos parisienses. Nunca pensara em fazer testamento e quasi ignorava o que possuía em Trás-os-Montes.

Mandava trocar, por ordens de câmbio, as rasas de moedas e empregava-as nos negócios mais oportunos, não perdendo nunca. Explorara, de sociedade com o celebrado banqueiro Ouvrard, nas águas turvas da República e no comêço da confusão do Consulado.

Uma noite tomou um gelado, sorveu uma pitada de rapé, pôs-se a espirrar, recolheu à sua alcova da rua de Cherche Midi.

O criado, ao entrar de manhã no quarto, encontrou-o morto.

Os herdeiros acorreram e D. Gonçalo de Lemos viu naquela viagem motivo para mais uma loucura como as que o tinham celebrizado em Lisboa com as bailarinas de S. Carlos. A espôsa, sempre a sonhar com modas e salões aristocráticos, alvoroçara-se e partiram, levando os filhos e duas criadas: a Ana que viera da Samardã para ama do Manuel e a Rita Miquelina, nascida no bairro da Lapa e que servia em casa dos Lemos desde criança.

Só nessa época Maria da Saúde se separara do João Vilar e, na manhã de Janeiro em que o esperava e ao irmão para o passeio, não ouvia o seu sinal, já tão conhecido que até às vezes o ensaiava às escondidas, tôda ruborizada, no sestro que lhe ficara das brincadeiras infantis.

Era um silvo seguido de assobio de melro.

Não se conteve; puxou o cordão da campainha com violência, depois de ter jurado que não se mostraria apressada, e para a Ana, vinda a súbitas como se estivesse atrás da porta, perguntou:

— ¿O D. Manuel?

Não queria falar no noivo; inquiria do irmão.

— ¿Pois a menina não sabe? ¿Não lhe disseram? ¿Então não deu por nada?

Costumava ser paciente, tôda amizade para a velha Ana, mas desta vez, olhando o relógio que já batera as oito horas, quando o passeio estava marcado para as sete, não se conteve:

— Não; só sei que cada vez me servem pior, porque, se aconteceu alguma coisa, se houve estroinice em meu prejuízo, já me deviam ter avisado, pois teria saído com o Ventura. Chama-o lá, Ana. Que leve os cavalos para o pátio.

Ante o pasmo da criada, ela voltou a falar, mais aplacada:

— Ah! É verdade. Dize lá o que aconteceu ao senhor D. Manuel. ¿Mais uma noitada?

— Não, menina, não. Mais uma madrugada. Só soube do caso ontem, depois das três, quando recolheu. Parece que êsse barzabum do francês-mor foi

esta madrugada passar revista à cavalaria que vai para França.

— ¿Que vai para França?! — perguntou Maria da Saúde, como se não tivesse nunca ouvido falar em semelhante coisa.

— Sim, menina. Disseram que vão todos os nossos militares para França. Eu ouvi isso, ontem à noite, ao criado do marquês de Alorna, que esteve para aí a matraquear com o Ventura e o Bidarra, o feitor do casal do Milhano. Veio trazer as rendas atrasadas.

— Mas não é assim. O marquês de Alorna e o general Gomes Freire tratam de organizar as tropas portuguesas, mas não vão para França. Foi o que me disse a senhora condessa da Ega, anteontem, depois do baile, na ceia. Sim, Ana, é que eu não quero que o Manuel nos deixe, percebes? Ouvi qualquer coisa no ar e não sosseguei sem saber tudo. Não vão; não vão.

A criada, com as mãos debaixo do avental e um sorriso ladino nos lábios grossos, aventou, a observá-la:

— Pois os meninos, ontem à noite, estavam doidos de contentes. Até parece impossível quererem ir para a terra d'esses negregados.

— ¿Que meninos? ¿O senhor D. Manuel? — perguntou Maria da Saúde, ansiosamente.

— E o senhor morgadinho, o senhor D. João Vilar. Só falavam nas fardas novas e lá foram hoje para o Campo das Freiras, em Belém, onde se fazia a tal revista. O menino cá de casa, o mano, devia

ir ter com o senhor morgado a casa do senhor conde de Penalva, onde êle ia ficar. Os cavalos estavam no quartel.

Maria da Saúde não escondeu mais o seu aborrecimento. Bateu com o chicote na saia e disse, encantadoramente, na sua pena e na sua graça:

— ¡Eu a dormir e êles a enganarem-me! ¡Nem um aviso!

Deixou-se cair na cadeira; a Ana olhava-a tristemente. Ouvia-se, no pátio, o relinchar dos cavalos e o ranger da corda na roldana do poço.

Viviam naquele palacete, perto da Cova da Moura, junto às terras, desde o regresso de Paris. Tinham sempre a idéia de se mudarem para a casa da família, o velho solar de Arroios, mas iam ficando, num improviso que já era definitivo, com os arranjos que a mãe mandava fazer e desmanchar; as mobílias atiradas para o sótão e logo descidas conforme o capricho, até que se instalaram no salão Império e nas duas saletas do mesmo estilo, tendo-se enviado o mobiliário joanino, tão português, para a quinta do Milhano, a propriedade que possuíam para os lados de Campolide e do Arco do Carvalhão, perto da Ribeira de Alcântara.

Rangia, mais irritadamente, a roldana; os cavalos deviam andar à rédea no pátio, pois soavam as suas patadas no empedrado; um raio de sol fundira a neblina cerrada da manhã frigidíssima daquele último dia de Janeiro. As velas agonizavam nos candelabros e Maria da Saúde acercava-se da janela, cujas vidraças estavam de novo embaciadas.

De um lado era o jardim, a que se levantara a terra nalguns canteiros, desabrochando noutros as rosinhas-de-todo-o-ano; as violetas apareciam no seu tom roxo, nos rebordos dos alegretes, e viçava a hera, forrando o muro. Da banda oposta ficava a horta com suas hortaliças frescas tôdas borrifadas pelo orvalho da noite; os arruados muito limpos, em direcção à cavalariça, ao fundo, rente do muro das terras onde havia uma mina que alimentava em caudais a cisterna e o poço.

A casa tinha dois andares: no primeiro, onde se abriam as salas nobres e as outras quadras de aparato, moravam as senhoras; no segundo, o Manuel; no sótão e nalgumas casas do rés-do-chão, os criados. No pátio empedrado havia pesados bancos de castanho, à entrada onde tilintava a sinêta, duas cadeirinhas brasonadas pompeavam perto do guarda-vento negro com seus olhais.

Na escada, de silhares de azulejos, distinguíam-se, também recortadas no mesmo tom, duas figuras, uma em cada patamar, saüdando os visitantes.

A primeira era um soldado, muito perfilado, com a sua arma em continência, casaca e calção, polainas altas e tricorne; a segunda representava um moço de sala, de libré ornamentada de grandes botões, todo curvado na maior das reverências. Uma legenda tornava-o ainda mais acolhedor:

«— Bem-vindos sejais!».

Maria da Saüdade erguera-se da cadeira do tocador, muito perturbada, sem saber que decisão tomar ante aquela pungitiva notícia que a atormen-

tava e sobretudo o que a Ana chamara a «alegria dos meninos».

¿Então o noivo não a amava?!

Vincou-se-lhe uma prega entre as sobranceiras e viu-a no espelho, por acaso, rente com o tricorne debruado a ouro.

Pouco a pouco, ia-se interessando pelas queixas da Ana, tôda indignada, em fúria ou em dor magoada.

Revoltava-se contra os franceses, os herejes, como dizia o senhor frei José da Boa Morte, os belzebus que ela vira chegar famintos, às esmolos, aceitando o pão, o vinho e o caldo que o povo lhes dava, por caridade e pena. Sim: ¡que mêdo não metiam êles! Até as mulheres seriam capazes de os correr à pedrada. Eis, senão quando, deram-se ares de donos de todos nós; vestiram-se dos nossos panos; comeram as nossas viandas; muitos aboletaram-se nas casas melhores.

— Olhe, menina, até estão no Palácio das Necessidades, no do Fiúza e no dos Guiões; por aí acima, é um enxame. Um dêles, e machucho, foi morar para casa do Ratão, da rua Formosa. Disse-o aí, ontem, o Bidarra, que sabe muito da francesia. Ai minha menina; faz pena! Eu até chorei quando a Saomé, a negrinha, que é amiga, se pôs a dizer para o prêto Melquíades caiador: «¡Coitadinhos dos senhores, agora são como a gente era dantes! Quem manda nêles são os franceses». Ai menina! as lágrimas rebentaram-me...

Maria da Saüdade, muito pálida, de pé, aper-

tando o cabo do chicotinho, perguntou, entre indignada e comovida:

— ¿Ela disse isso? ¿Ela disse isso?

— Disse; eu senti a alma a desfalecer, mas a minha menina não diga nada à Senhora D. Constança. A Salomé não deve levar palmatoadas. Disse aquilo com pena, lá de dentro. Eu bem percebi. Sim, queria ela dizer na sua que éramos como os negros.

Acometida por um tremor nervoso, sentindo arrefecer-lhe as mãos sob as luvas, Maria da Saúde murmurou:

— E tem razão.

A velha serva continuava, no mesmo tom desesperado:

— Malditos. Eu nunca gostei de estar na terra dêles, antes o Freixo, que é o sítio dos maiores negregados que conheço, mas, menina, antes me queria lá do que êles cá. Herejes! Até na noite do Natal, tão nossa, a do Menino Jesus, proibiram que se tocassem os sinos. Foi muito triste essa noite; decerto que a Virgem chorou por ver que não se ouvia a chamar para a Missa-do-Galo. Coisas nossas; coisas das almas da nossa terra, que os mascavados jacobinos não percebem. Olhe, menina: ¿sabe a idéia que me dá quando os vejo, todos bordados de ouro e com tantos penachos, depois de os ter visto mais esfarrapados do que os pobres de pedir? Parecem-me ladrões vestidos com os fatos dos fidalgos a quem os roubaram. Fora, súcia! Sus, malandragem!

A ama ouvira-a absorta, como se vagueasse por

muito longe, deixando-a no seu desabafo. Era a voz do povo que as baionetas calavam nas ruas, o sentimento que não deixavam explodir.

A Ana baixava a voz, confidenciava:

— Que Deus me dê vida, pois ainda os hei-de ver outra vez esfarrapados e por terra, a êsses demónios dourados. É que vem aí quem nos salva; não tarda, não demora. ; Quem me dera êsse dia! E é por isso que me dói a alegria dos meninos em irem para a terra dos barzabus e muito me agoniou o dito da Salomé ; Somos como os pretos! Mas não tarda, uma manhã destas, vem aí quem nos salva.

Maria da Saüdade estremeceu; sentiu uma alma nova; encheu-se de esperança; vibrou como nunca. Jamais imaginara que pudesse sofrer tanto e achar tão grande lenitivo nas palavras de uma mulher que falava da salvação da pátria cativa.

Quis saber quem arrancaria os franceses de Portugal; entreviu generais comandando exércitos; talvez o marquês de Alorna, chefe da Legião das Tropas Ligeiras; talvez algum outro guerreiro surpreendente e já na bôca do povo prestes a dar ordens para a revolta.

Muito baixinho, religiosamente, como se anunciasse o viático, a serva disse:

— Vem aí el-rei D. Sebastião. Minha menina, dizem-no os astros. Cantou uma galinha de galo; apareceu, nas Taipas, um óvo com letras do nome do Encoberto.

Ela não riu; ficou a ouvir a velha criada na sua

mística, crente, arrebatada a juntar testemunhos à sua fé.

— Um menino virtuoso que a Rita Miquelina conhece, aí para o Bairro Alto, afirma que o rei vem e já não tarda... ¿A minha menina já leu as «*Profecias do Bandarra*»?

Maria da Saúde continuava muito séria, estática, recordando aquela noite do baile. A comunhão e alegria da alta sociedade com os franceses invasores, as vénias, a côrte já a formar-se em volta de Junot. Estremeceu à lembrança do irmão e do noivo, que, segundo a Ana dissera, tinham ficado muito satisfeitos com a idéia de partirem para a França, a ponto de só pensarem nos uniformes novos. Acudia-lhe tudo quanto vira no baile dos condes da Ega, aquela contradança de honra, na qual o general-chefe das tropas de ocupação era a mais alta personagem. Via, ainda, o aparecimento do coronel Martial, que tanta impressão e surprêsa causara nos convidados. A mãe, D. Constança de Lemos, parecera alheada de tudo por aquela cena tão estranha num baile protocolar.

— ¿A menina já leu as «*Profecias do Bandarra*»? — tornava Ana; e, ante o seu silêncio, prometeu: — Eu sei quem tem um livrinho dêsses que lá diz quando os franceses malditos vão ser escorraçados.

Em contraste com o que presenciara no salão aristocrático, Maria da Saúde apreendia, de repente, sem querer, naquela manhã em que pen-

sava num passeio, tôda a revolta do povo, cândida, ingénua, mas crente e patriótica.

A velha serva litaniava, baixinho, junto dela, em cálido sôpro, como a querer injectar-lhe nas suas veias o óleo santo da esperança na redenção:

— *Quando tu vires o céu
De cruzes brancas raiado,
Alegra-te, ó Portugal,
Que o teu tempo está chegado!*

¡Hão-de ver-se as cruzes! ¡Há-de vir o céu branco! São os anjos, menina, os anjos lá do céu.

Instintivamente, como seduzida, contaminada pela crença das baixas camadas populares, avançou para a janela e abriu-a de par em par. Uma lufada de vento apagou algumas velas das serpentinas e ela, olhando o espaço, viu-o anegrado, quási ameaçador, nas suas nuvens enfarruscadas. Fechou devagarinho as vidraças e ia dizer alguma coisa à Ana quando ouviu a irmã, que chegava, muito satisfeita, metida no seu roupão de lã quente e sôbre cuja gola de veludo carmesim se espalhavam os cabelos loiros:

— ¿Então, já de volta? Hoje vieste cedo. — E logo muito volúvel, mudando de assunto, lembrando os modos e a cabecita de borboleta da mãe, disse: — ¿Sabes que o Chavigny é de nobreza antiga? Anterior a Luís XIII. Um dêles foi amigo de Richelieu. Ah! êsse era conde, mas o marquês tem o castelo em Sillières. Chamam a êsse ramo o de Bouthil-

lier. Todos dos Condés; amigos de Enghien, que foi morto. O Máximo ligou-se ao Império com outros aristocratas. O conde de Forbin também é ajudante de Junot e até um príncipe...

Ela deixava a irmã tagarelar em torrentes e sentia subir o seu pasmo e a sua pena.

Ana fizera uma vénia e desaparecera no fundo do corredor, onde se sumiam, na penumbra, as tintas de um grande quadro que representava um asceta contemplando polida caveira, à luz triste da vela gotejante de lágrimas de cêra.

Luísa de Lemos continuava a falazar muito alegre, dizendo sempre, que Máximo Chavigny perencia à boa nobreza.

A irmã compreendia; julgava-a fascinada pelo oficial francês que a requestara, na noite da ceia em casa da condessa da Ega, com o espírito natural dos galanteadores daquela raça e a costumada audácia dos militares.

Proseguia a relembrar outro ajudante de Junot, o príncipe de Salm Salm, alemão, do sangue dos senhores feudais «lá do tempo dos bárbaros», dizia ela, muito ignorante, esquecida da lição decerto ouvida a Chavigny, que teria pretendido justificar a sua posição de fidalgo junto do antigo sargento «Tempestade», que até tinha príncipes no seu séquito.

Maria da Saúde percebia o que havia de sábio e experiente naquela lição do oficial, a sugestão e a atracção a exercer no espírito ligeiro da rapariga de dezóito anos, fidalga, com peconceitos de casta, a

quem apresentavam nobres autênticos, que enfileiravam com a aristocracia moderna, a do Império, na glória militar da França.

Aquêlê príncipe alemão, provindo de Sifrid, conde de Moselgau, no ano de 908, era ajudante do filho de um campónio da Côte d'Or que esperava ser marechal ou, mais ainda, como os Bonaparte e Murat filho de um taberneiro, elevado a duque de Berg, e tendo por espôsa uma princesa imperial.

Sem dúvida que estava conquistada a alma da portuguesa, tão amiga do deslumbramento, das coisas teatrais. Havia nela um fundo de raça a atraí-la para qualquer epopeia, a prendê-la à celebridade, fôsse a militar, a artística ou a das estroinices épicas, amando a mais cintilante, e essa era a militar.

— Chavigny vem qualquer dia cá a casa.

Maria da Saüdade preguntou:

— ¿Quem o convidou?

— A nossa mãe. Deve trazer consigo o coronel Martial. Ah! êsse não é nobre, antes pelo contrário, mas goza das maiores e melhores famas do exército. Guarda na algibeira da peliça o bastão de marechal; como dizem que alguns granadeiros o trazem na mochila. Assim se fala do Martial no exército.

Sabia muitas coisas; demonstrava contacto frequente com os militares franceses, como Chavigny, que a deslumbrava, a seduzia.

Aparecia, porém, outro caso mais aterrate a assombrá-la, alguma coisa que lhe ficara no espírito de rapariga, de quinze ou dezasseis anos, quando

estivera, em Paris, com os pais, em casa do morgado de Mateus e da «madame» de Sousa, sua mulher. Ali vira Junot dançar com Carolina Murat e o belo Martial com os seus galões de capitão de cavalaria a entusiasmar as mulheres.

Tinha vinte anos, era o capitão mais novo de França, ganhara a patente pôsto a pôsto, desde soldado, o que não lhe impedira a freqüência da Escola Militar. Em cinco anos subira a coronel da guarda imperial, o que equivalia ao generalato; dizia Luísa, a vaticinar-lhe a glória das estrêlas bordadas na farda aos vinte e oito anos. Seria o marechal mais novo de França como fôra o mais novo dos seus capitães. É um rapaz achado na rua, que os soldados recolheram e até, coisa curiosa, tem no braço gravadas umas palavras pouco próprias de um futuro marechal e talvez de um príncipe. Assim o diz o Máximo. Todo o exército fala, embora nem todos a conheçam, da tatuagem feita pelos dragões do Terror no braço de Martial: «Morte aos tiranos». É de morrer a rir!

Para Maria da Saúde, a recordação de Paris era dolorosa, embora se perdesse em alguma coisa de nebuloso. A mãe conversara muito com Martial; êle acompanhara-as a uma revista ao campo de Marte, na qual não figurara por ter mudado de regimento. Fôra nomeado ajudante-de-campo do marechal Soult. Encadeava aquelas recordações e fazia-se pálida, à medida que a irmã elucidava:

— Sim. O Máximo acompanhará o Martial, que a mãe deseja ver e que ontem não reparou em

nós. Eu gostava que êle mostrasse a tatuagem, mas há quem diga ser mentira. Poucos se gabam de a ter visto. ;Coisas que se dizem!

A maneira como Luísa tratava o conde Chavigny, aquella pressa do convite feito ao coronel da guarda imperial, enchiam-na de desespero; pressentia calamidades; julgava-se prêsa de um sortilégio malévol.

De repente, aproximou-se da irmã e disse-lhe:

— ;Por que chamas pelo nome próprio a êsse official que há pouco desconhecias, exactamente como tratavas por Luís o nosso primo dos Eidos, o Luís Noronha, que te ama desde sempre? Não dê a ambos a mesma graça.

A irmã corou, passeou pelo toucador e respondeu:

— O Luís nem sequer é cadete e agora é a época dos militares.

Saíu a rir às gargalhadas, muito feliz no seu roupão quente de gola de veludo carmesim.

Passou na mente de Maria da Saüdade o balanço do que sucedera após aquêlê baile em casa dos condes da Ega.

A irmã como tonta com as palavras de um aristocrata militar que pertencia ao exército invasor; a mãe convidando para a sua casa um soldado de fortuna, que a ambição devia devorar e que saíra do abandono para o fulgor, a glória, a morte e sempre o amor que o seu próprio mistério despertava. O noivo e o irmão só pensavam em abandonar Portugal, de fardas novas, correndo para a aventura

que se passava na Europa com uma legião de soldados nascidos em choupanas, dormindo em leitos régios, usando títulos de príncipes e vencendo os velhos reis.

Desolava-se, sacudia a cabeça e, lançando um olhar ao espelho, notou mais profundo o vinco de cuidado a ligar-se ao tricorne que tanta graça petulante lhe dava quando o seu rosto não se tingia da expressão, entre melancólica e aterrada, como a daquele momento.

Desceu a escada; passou o guarda-vento e, entrando no pátio do poço onde o escudeiro segurava os cavalos, bradou como para fugir depressa do ambiente da casa:

— Ó José Ventura, vamos lá...

Era um homem de quarenta anos, trigueiro, de lábios grossos e olhos pretos; estava descoberto e segurava as rédeas dos dois cavalos. Antes que a ama montasse êle disse-lhe com o mais profundo respeito:

— Minha senhora, tenho um favor a pedir a Vossa Excelência.

Olhou distraída e estremeceu de júbilo ao ouvir-lhe a súplica:

— Não me chame mais Ventura. Só José. Sim. José ou Zé, o que quiser. Até «Vaivém» com que tanto embirrava; até «Pegado»; até cão. Ventura, não, minha senhora. Eu não posso ter ventura, nem no nome, enquanto êsses malditos dos franceses a roubam a todos nós.

Estava comovido, de olhos rasos de água, como a apagar-lhes o lume da ferocidade.

Maria da Saúde contemplou-o docemente; saltou para o selim, com a destreza a que o pai e o D. José Vital a tinham habituado desde pequenina, e disse-lhe, quási com ternura:

— Vamos, José.

CAPÍTULO III

ATÉ O AMOR ROUBAM

D. João Vilar andava absolutamente perturbado. Diante dos camaradas que iam partir para França, como êle, alardeava propósitos arrojados, uma grande vontade de ver mundo, pimponeando, como vira praticar os oficiais franceses. Achava muito bonita a sua farda, sobretudo o capacete, como o dos dragões, com seu penacho em rôlo negro dando-lhe um ar antigo. O uniforme de saragoça peitilhado de vermelho, com a gola e os vivos, era, a um tempo, severo e vistoso. Reluziam as dragonas; emproava-se, deixava arrastar a espada pelos passeios do Rossio, onde se encontrava com os oficiais franceses nos seus uniformes magníficos. Trocavam brindes, atroando os estabelecimentos, como para se atordoarem.

Faziam êstes espalhafatos alguns jovens tenentes, sobretudo de cavalaria, e algum moço capitão que êles arrastavam ao que era considerado por outros oficiais como depravação e orgia.

— ¡Que levasse o diabo tristezas! ¡Iam correr mundo! Lá estava Napoleão, em Baiona, à espera dêles.

E diziam Napoleon, com ênfase; enchiam as bôcas a falarem do «Imperador».

Um dos mais estúrdios, que não parava em brindes e estroinices, era o D. Manuel de Lemos que, diziam os velhos, tinha a quem sair, pois o pai, apesar de nunca ter vestido farda, era mais atrevido e dissipador, azevieiro do que todo um regimento. Dera que falar com os raptos das bailarinas de S. Carlos; o intendente Manique ameaçara-o; estivera desterrado com o conde de Sabugal, e, ainda depois de casado, não deixara de esturdiar. Fizera sofrer muito a D. Constança, filha única de D. António Manuel Botelho e de D. Luísa Felícia Teles, que a adoravam. Ela tinha sido criada como uma princesa; era morena e picante, e os seus dezasseis anos encantadores apaixonaram o estróina até ao arrebatamento. Passado o entusiasmo, nascidos os filhos, D. Gonçalo de Lemos voltara à vida airada. O Manuel tinha a quem sair e ninguém estranhava aquêle desapêgo de deixar Lisboa, as folias, os berros entusiásticos, os abraços e os brindes aos franceses. Chegara a dizer que a sua farda azul, a véstia branca, calções de anta e botas de polimento, de cavalaria do Cais, não valia a de saragoça com seus enfeites vermelhos e fizera troça da côr-de-rosa dos vivos, forros e da suavidade do tom das golas do seu antigo regimento.

¡O que êle dissera da côr-de-rosa!

O futuro cunhado aplaudia-o. Dava-se ares provocadores; deixara crescer patilhas como as de Junot, que eram imitadas por quasi todos os officiaes da occupação, e aprendera a dizer, ante o sentimentalismo de alguns camaradas, que, no meio dos beberetes do Nicola e do Madre Deus, caíam em melancolia:

— ¡ Isso já não se usa! ¡ Homens, são homens!
¡ Vê lá se queres rabicho e calções?!

Gargalhava-se em volta; subia a algazarra, alguns officiaes puxavam de charutos e, no meio da fumarada, troçava-se de tudo. Engrossavam as vozes como se todos fôsem ferrabrazes; contavam, cheios de admiração, as partidas dos chamados «belos do exército»: o Fournier, o Clermont Tonerre e o magnífico cavaleiro Augusto de Colbert, que praticavam escândalos, proezas de fôrça e de arrôjo, nos quais tinham por mestre Lassale, até depois de ser general.

Todos êstes estúrdios, desconhecedores da sensibilidade e das comoções ternas, sabiam bater-se como leões. O Imperador perdoava-lhes as estroinices pela sua bravura.

Contava-se tudo isto na roda dos officiaes francezes e dos portuguezes que iam partir para França no corpo que se denominara a «Legião Portuguesa».

Chavigny, que não deixava Manuel de Lemos e D. João Vilar, contara como a ordem imperial fôra terminante e tão severa, que o coronel Martial tivera que apparecer, naquele estado lamentável, à porta da sala de baile do palácio da Ega, quando o

general-chefe se mostrara ríspido ao encarar o seu ajudante Carrion Nizas. Martial, cujo rigor militar era conhecido, com a sua bravura e desprezo pela vida, recebera os encargos imperiais, tomara as ordens escritas e assegurara a Napoleão:

— Não perderei um segundo. ¡Vossa Majestade poderá ver os seus soldados portugueses, em Baiona, quando lá chegar!

E não perdera um instante. Largara das Tulherias e, tomando a posta, galgando as distâncias, entrara em Espanha, usara de todos os meios de transporte, arrebentara cavalos, penetrara em Portugal com uma escolta de guias, deixara-os para trás e, ao chegar a Lisboa, só com um deles mais resistente, entrara no quartel do generalíssimo, informara-se do lugar onde êle se encontrava, pedira um cavalo folgado da cavalaria do Quintela e, da rua do Alecrim à Junqueira, com Carrion Nizas e a nova ordenança, levava poucos minutos. Jurara não perder um segundo e não desprezara um ápice. Por isso se mostrara, daquele modo, à porta da sala. E arriscara-se a muito: o general não era para tais audácias. Não sabiam o que Martial lhe dissera e que o amansara.

Os ajudantes de Junot revelavam o que podiam contar e Chavigny terminava:

— É que o Imperador está impaciente por vocês. Graças ao coronel Martial vão partir mais cedo.

Manuel de Lemos lembrava-se de que a mãe conhecera o coronel, em Paris, no período do Con-

sulado, e êle também se recordava de Martial e propunha um brinde ao seu heroísmo.

Subiram elogios. Ninguém se atrevia à mais inofensiva graça em relação àquêle filho da tropa, rapazito achado na rua e criado pelos dragões que tinham feito dêle um soldado heróico, um oficial de caserna, um exemplo militar.

— ¿E sempre é verdade que tem uma tatuagem no braço? — perguntavam os dois portugueses, de olhos acesos, admirados da originalidade e da lenda: «Morte aos tiranos», que se gravara na carne da criança.

— É certo,—asseverou Chavigny—mas Martial, que sempre se mostra severo, não dá azo a que se fale disso.

O engenheiro Rigot, filho e sobrinho de municipais do tempo do Terror, rira, trocista:

— Realmente, a melhor partida que lhe podiam fazer era nomeá-lo duque, com o marechalato que todos lhe asseguram, como ao marquês de Sainte Croix.

— Nesse dia, — asseverava Carrion Nizas, o ex-tribuno que entrara no «Nicola» e ouvira a conversação, — Martial pôr-se-ia de acôrdo com o seu pôsto e o seu título.

— ¿Como?—perguntaram todos, ansiosos da explicação:

— Cortando o braço tatuado.

Gargalharam; entraram a contar mais partidas dos «belos do exército», entre as quais avultava a do próprio Junot, que corraera para a rua, à pan-

cada, com tacos de bilhar, aos criados do Velloni, depois de ter atirado pelas janelas garrafas, pratos e copos em dia de grande partida dos «casseurs d'assiettes». Desde a rua Taitbout, à esquina, tudo era loiça quebrada e nem por isso êle deixou de ser governador militar de Paris. Depois ria com o Velloni, o dono do café, que meteu a unha nos destroços.

E era aquela vida barulhenta e convulsa, entre a ameaça da morte, o amor e a admiração das gentes, que os dois rapazes ambicionavam com outros portugueses militares. Atordoavam-se, entonteciam, bebiam como os tranca-ruas e amotinadores; davam-se ares, fumavam cachimbos à imitação de velhos granadeiros.

Os franceses observavam-nos no seu entusiasmo, e contavam-lhes que o cachimbo mais «culotté» do exército era do sargento de dragões a quem chamavam o «Catilina», republicano tão firme como era negro o seu queima-goelas. Fôra quem tratara do Martial e atribuíra-se-lhe a célebre legenda tatuada na sua pele. Todos queriam ver êsse «Cati-lina» e o seu cachimbo, embora Carrion Nizas explicasse que não se tratava de nenhum monumento, mas de um jacobino feroz, a fumar como uma chaminé de fábrica e que se chamava, de seu nome, Nez-rouge, o que devia ser o seu verdadeiro chamadouro: o cidadão Nariz Vermelho.

E ria-se como num bivaque, em véspera de batalha, no cúmulo da petulância, exteriorizando modos caserneiros, olhando de alto os paisanos.

Mudara-se o ar correcto dos officiaes portuguezes; pareciam brigões; os que se afazião aos invasores procuravam excedê-los na arrogância; não queriam ficar-lhes atrás.

Quando appareceu Luís de Teive, o morgadinho, considerado como o noivo de Luísa de Lemos, tudo foram chascos. Elle, com o seu ar acanhado, vestido um pouco à antiga, vindo da sua provincia sã, pronunciando as palavras à maneira minhota de Valença, fazia sorrir.

Era um belo tipo de mancebo, desempenado e loiro, de bom arcabouço, proporcionado de altura e risonho; uma alma cândida e simples em corpo forte.

Dizia maravilhas de Teive-do-Monte; falava de Santa-Marinha-de-Verdoejo e contava histórias de cães e de caçadas portentosas.

Fora disso, calava-se; ficava muito tempo à espera que lhe dirigissem a palavra e corava quando os estúrdios se referiam ao seu provincialismo; às «berças», como elles diziam.

Uma tarde, entrara no «Nicola» muito atarantado, pois tinha sabido na hospedaria da Benta, junto ao Correio Geral, que os parentes costumavam divertir-se no celebrado Café. Queria ir, depois, na sua companhia, visitar as primas à Cova-da-Moura. Encontrara-os no meio dos officiaes, e depois dos abraços rebentaram as chalaças ao seu paisanismo.

O chefe de esquadrão Chavigny intervieria, quasi irónico, a pedir que o poupassem.

Não tolerava brincadeiras, aquêlê descendente dos Gonçalves de Macedo, parente dos Vimiosos e Valenças: mal compreendeu o oficial, mas viu-lhe os sorrisos e, dirigindo-se aos amigos, bradou, já desacanhado, ousadamente:

— Digam lá a êsse «monsieur» que eu não o percebo, mas a vocês, entendo-os até de mais. Estou vestido de lã, mas não sou nenhuma ovelha e vocês com essa saragoça de peito de pintarroxo não me afrontam. Melhor decôro esperava de quem é fidalgo português.

O morgado de Tangil quisera abraçá-lo no meio da confusão, e êle atravessara o Café, gritando o seu desdém, berrando já da porta a desafiá-los:

— Berças?! Pouco caso fazem vocês do vosso berço!

Voltara-lhes as costas, caíra em volta o silêncio do mêdo e também certa simpatia e safu, jurando «ser-lhes bom»!

No caminho para a Cova-da-Moura, aos balanços da sege não deixara de sofrer com as chalaças a que nunca ninguém se atreveria na sua terra distante e sã. Sobretudo, sentira-as como afrontas por serem ditas diante dos franceses.

Êles, rindo, galhofeiros, bons rapazes no fundo, explicavam-no aos convivas:

— É excelente moço; um pouco bronco e cascado. Aquilo muda com o uniforme. É pena não haver tempo, porque o sangue é bom.

Chavigny dissera:

— Se querem, eu encarrego-me de o fazer oficial.

O morgado, ao pagar a corrida ao «Meco» boleiro, via-o tirar, com respeito, o chapéu e ouvia-o dizer-lhe:

— ¡Eu estava a ver cá da porta quando vossa senhoria se atirava a êles! Se não fôsem os franchinotes, êsses brichotes malditos, a coisa dava de si. Gosto de ver portugueses. Os «francius» também já têm experimentado as mãos da rapaziada cá da arraia-miúda.

Depois, baixinho, confidenciou:

— Ainda ontem foram atoucinhados dois na estrada de Campolide. Iam beber vinho aos Arcos das Águas Livres e fartaram-se de água na ribeira de Alcântara. Vão direitinhos ao Tejo.

O morgado sentiu enorme satisfação; parecia que o tinham vingado antecipadamente; deu mais um cruzado ao «Meco» e puxou com energia a corrente da campainha do portão.

Sentia-se aliviado, em parte, pelas palavras do boleiro, mas, lá no fundo, roía-lhe a raiva contra os parentes e zunia-lhe nos ouvidos a risadinha de Chavigny. Olhava as suas mãos bem modeladas, cuja fôrça conhecia, e rangia os dentes ao subir a escada, a acalmar-se mais, ante o lacaio de azulejo que o saüdava com a sua legenda: «Bem-vindo sejais».

Seria bem-vindo àquela casa portuguesa, onde viviam as primas: a D. Constança, que fôra amiga da sua mãe; a Maria da Saüdade, cuja beleza o intimidava, a Luísa, que o enternecia, o apaixonava. Ali junto delas, encontraria repouso. Sentia,

porém, uma grande vergonha por não se ter desafrentado.

A Ana recebera-o, alegremente, no pátio que ia atravessando com a roupa de cama nos braços, ainda roliços; o Ventura saüdara-o risonho, muito lembrado de quando tinham estado no solar do Eido-do-Monte com o amo D. Manuel e das proezas de picaria e cinegéticas do morgadinho: — Deus o traga em bem, senhor D. Luís.

Ele riu satisfeito; passou a mão pela cara glabra, com maior júbilo, lembrando-se das patilhas dos militares, e começou a subir a escada de pedra; soletrou o cumprimento do lacaio de azulejo, voltou a cara ao soldado que fazia a sua continência, estampado na entrada do patim, e mandou-se anunciar pelo moço da sala, que, envergado na libré vermelha e prata dos Lemos, o foi conduzindo para o salão. Ficou uns minutos à espera e começou a empalidecer. Ouvia a voz tão sua querida, a de Luísa, mas não lhe parecia a mesma.

Falava em francês, ria e ensaiava as frases com muita pressa, a que outra voz respondia, no mesmo tom, em igual presteza.

Deixou pender os braços, caíu-lhe o tricorne da mão forte e pareceu-lhe que a casa andava à roda como no dia em que êle dera um grande trombolhão do penedo de Passarelos e o tinham levado para a cama em braços. Era assim exactamente, a mesma zoeira, o mesmo torvelinho. Sentiu uma grande vontade de fugir, de abandonar aquela casa onde se falava a língua dos invasores.

Retomou ânimo, e ia pôr em prática o seu desígnio de abalar, quando se abriu uma porta lateral e uma voz suave, e ao mesmo tempo enérgica e amiga, exclamou:

— Olha o primo Luís! Bem-vindo seja...

Tinha na sua frente Maria da Saüdade, muito linda, o seu rosto moreno afogueado a festejá-lo:

— Ainda bem que veio, primo Luís.

Sorriu muito contente; falava-lhe em português.

Ele, como sempre, acanhado ante a beleza imponente da prima, sentindo-se muito inferior, titubeava e mais se enervava ao ouvir a soada das palavras francesas pronunciadas por Luísa e outras vozes.

Maria da Saüdade compreendeu que aquêlê rapaz tão simples, o provinciano vindo para ver a prometida e caído de chofre na cidade ocupada pelo inimigo, sofria por todos os motivos e, mais ainda, ao ouvir a noiva exprimir-se noutra língua, como subjugada, esquecida dêle e da própria pátria.

Tomou-lhe brandamente o braço; levou-o consigo para outra sala, cuja mobília joanina lhe devia lembrar a do seu solar de Teive. Sob o lustre de girândola pousavam a mesa de pés garreados e as cadeiras forradas de damasco, as cortinas do mesmo tom, e alguns painéis nas paredes altas davam severidade à quadra.

O morgado começava a aplacar-se; respondia às perguntas de Maria da Saüdade, sempre a olhar

disfarçadamente a porta, esperando ver a Luísa correr para êle como antigamente.

Dava notícias do pai, velho mas rijo, pronto a tôdas as folganças, recebendo a parentela com jantares de doze pratos, e contava tudo, cheio de grande franqueza, caíndo na anedota, constantemente a deitar a vista para a porta.

No meio de uma história, sentado em frente da prima a aquietar-se, julgou ouvir passos e calou-se; depois continuou a narrativa mas parecendo distraído.

Certo bispo galego fôra visitar o morgado velho; servira-se-lhe o jantar opíparo e ia-se no sétimo prato sem que o prelado tivesse provado os vinhos preciosos da garrafeira do tempo do Senhor D. João V. O dono da casa usou da sua rude franqueza — que é lealdade, não é assim, prima?, perguntava êle com algum desembaraço, e ante o sorriso concorde prosseguiu: — Pois o senhor meu pai fêz-lhe notar a falta de sêde, após aquêles sete pratos, alguns bem condimentados, julgando o hóspede em promessa ou voto. Êle, porém, voltou avisado e sincero:

— Senhor morgado de Teive-do-Campo, sempre ouvi dizer que um bom bebedor só começa a beber depois do meio do jantar em diante. — O pai mandou buscar doze garrafas quando chegou ao oitavo prato.

Aquilo já alguém dissera ao Sebastião José, quando êle mandava e o bispo repetia o dito e a proeza gastronómica.

Riam ambos quando, de repente, ouviram vozes em queixumes brandos e claros:

«—Ai o meu filho! Ai o meu marido... Ó José, não vás... Ó António do meu coração!»

O berreiro soava aflitivo e desesperador; mulheres e crianças desesperavam-se, na descida da Cova-da-Moura e das Terras, atrás de um destacamento que marchava para as bandas de Alcântara.

Maria da Saúde e o morgado assomaram à varanda e viram aquêlo bando de humildes, gritando a sua dor, seguindo os soldados, em choros doloridos, chamando pelos seus que ali iam, sob as correias, a caminho dos quartéis. Passavam em volta de uma sege especada na meia laranja, quási a escondiam, e Maria da Saúde explicou:

— Prepararam-se para a partida. Devem ir para França, mas não como soldados do regimento de Gomes Freire ou da Legião de Alorna. Talvez de outras infantarias...

Mulheres de tôdas as idades corriam; traçando os josèzinhos, batendo os tamancos, arrastavam consigo crianças esfarrapadas e chorosas. Os seus brados ouviam-se ainda a distância; soluçavam, gemiam, chamavam por aquêles nomes tão portugueses:

— Ó José! Ó António! Ó Manuel! Meu querido...

O portão abriu-se e dois oficiais franceses subiram para a sege que estacionava em frente, depois de lançarem um olhar para a janela e de fazerem uma continência.

O morgado estremeceu; Maria da Saúde voltara para a sala e indicara ao primo a cadeira junto ao canapé. Ele ficara mais perturbado, balbuciando:

— ¡E ainda há quem faça pouco dos que não querem deixar a nossa terra?! Gente que só está bem com a francesia.

Avivara-se-lhe, de repente, a cena com os tenentes no «Nicola» e a saída dos oficiais franceses da Cova-da-Moura. Os gemidos das mulheres e os soldados marchando para a terra alheia convulsionavam-no.

Maria da Saúde olhou-o como se o visse transformado. Em vez do rapaz acanhado, de modos pouco elegantes, vestido à provinciana, julgara ter na sua presença alguém de raça muito diferente daquela com que estava habituada a tratar desde há certo tempo.

A mãe e a irmã pensavam em francês; o irmão alardeava as suas amizades com os oficiais de Junot e aguardava, ansiosamente, a hora da partida para França; o noivo, o D. João Vilar, que sempre julgara querer-lhe como a mais ninguém, fugia-lhe; parecia amedrontado da sua presença; esquivava-se, desejava também ir por êsse mundo, sem ter coragem para lhe falar como antigamente. E ela amava-o, perdidamente; adorava a sua elegância, os seus modos, o seu coração e a sua beleza, alguma coisa acriançada e de enorme simpatia. Ia deixá-la; cobardemente lhe fugia. Acabara por

fingir-se alheia àquela atitude; o seu orgulho não podia falar mais alto do que o seu amor.

Daria tudo para que êle estivesse ali como aquêlê rapaz simples, mal vestido, vindo do fundo de Portugal com o coração puro. Via-o de forma diversa da que até aí lhe parecera inferior, vulgar.

Ouviram-se risadas no corredor onde se sumia o quadro que representava o asceta, fixando uma caveira; a porta abriu-se e D. Constança entrou alvoraçadamente, seguida por Luísa e disse:

— O Cambis e o Rigot estiveram aí a convidar-nos para a festa do palácio Quintela. Eu não falto.

Calou-se muito admirada; ergueu os braços e exclamou ao cabo da surpresa:

— Ó Luís?! Pois és tu?! Ó Luísa, olha quem ali está...

Ela quedou-se a olhar o rapaz envergando um fato mal feito e amarrotado, com muito de rústico e que, sem querer, comparava com os elegantes oficiais franceses. Em vez de correr para êle, como antigamente, no tempo em que lhe parecia o ideal da sua vida, quedou-se, muito corada, na sua túnica azul bordada a fôlhas de acanto como os distintivos de algumas fardas.

O morgado dera um passo para ela, dizendo, ternamente:

— Luísa, vim ver-te. Prima D. Constança, venho por seu mandado.

Luísa olhou quási severamente a mãe e perguntou-lhe, com uma pontinha de cólera:

— ¿Quando mandou vir o Luís?

E para êle, avançando a custo, disse:

— Como estás? Como ficou teu pai?

Escarlatou-se a face do morgado, mas empalideceu, de seguida, ao volver:

— Não foi agora que a prima Constança me chamou, já estava assente. Quando tivesse vinte e um anos devia vir a vossa casa. Era a promessa e, meses depois, o casamento. Fiz vinte e um anos no dia dez de Janeiro e o pai mandou-me vir recordar. Êle não pôde arrancar-se de Trás-os-Montes, onde a neve o colheu quando foi pelas rendas. Lá está em casa dos Silveiras, em S. Cipriano. Eu vim...

Maria da Saüdade continuava a olhar o morgado com a maior atenção; havia nêle alguma coisa de muito nobre, apesar do traço e dos dizeres, por vezes vulgares, e dos modos canhestros.

A noiva que lhe tinham prometido estava ali calada, mais formosa no seu vestido à francesa, linda e loura, bem diferente da mãe e da irmã.

D. Constança atraía pela graça do seu sorriso, o mimo do rosto moreno, o veludo negro dos olhos, o corte sensual dos lábios; Maria da Saüdade impressionava pela sua elegância, a fisionomia inesquecível, a lealdade do olhar. Era encantadora e esbelta, grácil e, ao mesmo tempo, sem alarde, naturalmente majestosa. Luísa não se parecia com elas; era uma bonequinha infantil que Luís de Teive adorava.

Afogava-se-lhe a voz na garganta; não a reco-

nhecia naquele traje, quasi se admirava de a ouvir falar português e dizia-lhe de novo:

— Sepultou-se a minha mãe; por isso não vim com o pai durante o luto. Deixei a veste de dó há quinze dias.

Ela olhava o traje de mau corte, que o primo envergava, e sentia-se quasi humilhada. A mãe baixara a cabeça e acabara por dizer:

— Ó Luís, eu queria convidar-te cá para casa, tanto mais que o Manuel vai para França, mas vieste só. És parente, mas também és noivo.

Uma alma nova o encheu; julgou-se acima de todos os homens, ao ouvir a prima considerá-lo ainda o noivo de Luísa.

Ia exaltar-se, dar largas ao seu enorme contentamento, impulsivamente, quando reparou que a sua prometida, de há quatro anos, empalidecera, baixara os olhos e parecia amortalhada na túnica Império. Maria da Saüdade atalhou aquêlê grande desespêro, procurou atrair a conversa para outro assunto, depois de dizer:

— Essa combinação está feita. São noivos. Têm tempo.

Luísa encarou a irmã quasi com ódio, fuzilou o olhar encolerizado e dirigiu-se à mãe:

— Desejo falar consigo, mãezinha; ouça-me, mas não aqui.

Safu correndo como viera, mas já sem a alegria que a movera. Fugia, levando na retina a figura provinciana do primo que lhe queriam dar por noivo. Julgara amá-lo quando o vira no seu meio,

no solar de Teive, a domar os cavalos, atirando ao alvo com pontaria de causar pismo, a abater um milhafre que voava muito alto e que, ao peneirar no vôo, fôra atingido com presteza inegalável.

Nesse dia Luísa de Lemos sentira que só poderia amar um homem como Luís de Teive, capaz de causar admiração aos melhores e mais experimentados caçadores. Era fidalgo e jovem; provocava aplausos; seus pais gostariam daquele casamento e foi decidido que, aos vinte e um anos, o morgado viria ao encontro da sua noiva, que, então, contaria dezanove.

Na sala vizinha, Luísa, abraçando a mãe, balbuciava:

— Mãezinha, eu não quero ser mulher daquele rústico.

D. Constança, na sua volubilidade, pensou que a filha tinha razão, sempre encantada pelo esplendor de Paris.

CAPÍTULO IV

CORAÇÕES INSURRECTOS

Foi no comêço de Março que D. Manuel de Lemos partiu, deslumbrado, para Baiona, no quartel-general do marquês de Alorna. A «Legião Portuguesa», como se denominara o Exército ao serviço forçado do estrangeiro, ia apresentar-se a Napoleão, que a aguardava, com Josefina, no castelo Marrac.

Se havia oficiais entusiasmados com aquella aventura, sonhando lances de guerra e de amor, a maioria só pensava na deprimente situação a que não pudera escapar-se. Centenas de soldados deixavam-se ficar pelos caminhos de Espanha; os oficiais não os continham e os próprios comandantes, Alorna e Gomes Freire, teriam desertado sem a vigilância exercida sôbre êles.

D. João Vilar ficara para seguir com as secretarias e desejara muito que Maria da Saúde soubesse o desespêro com que a deixava.

Vira tôdas as mulheres fascinadas pelos officiaes francezes, cujas dragonas reluziam como um pólen do amor sôbre a poeira das batalhas, e julgara-a também succumbida. Queria ser digno dela. O futuro cunhado, nos seus arrebatamentos, contaminado no brilhante quartel-general de Junot, e a idéia de combater às ordens de Napoleão, que lhe apparecia como um ente fabuloso, tinham-no impedido para aquêlle destino.

Amava loucamente a noiva, a sua graça, o ar a impor-se em simpatia, mas chegava a ter mêdo dela como de um ídolo de que se espera a desgraça ou a felicidade. Não queria apparecer-lhe inferior aos belos officiaes que a rodeavam. Metera-se naquella senda; sentira-se subjugado, mas, ao ficar só, cheio de receios de que não tivesse comprehendido o seu arrebatamento e o julgasse volúvel, só queria explicar-se na sua presença. Ela fugia-lhe.

Os acontecimentos tinham-se precipitado.

A regência fôra destituída e Junot, sendo nomeado governador de Portugal, como outrora a duquesa de Mântua, impusera ao país a contribuição de cem milhões de cruzados. Apressara-se a partida da «Legião Portuguesa» para a França, a fim de evitar a rebelião, tendo sido encorporados os melhores officiaes nas tropas proscritas.

Tais eram as ordens urgentes de que fôra portador o coronel Martial. Ordenara-se-lhe a severidade das medidas e o general-chefe cumprira rigorosamente as determinações imperiaes.

Já se iniciara a marcha dos contingentes do Exér-

cito arrancado à nação; o dinheiro do tributo caía nos cofres dos invasores; os regentes submetiam-se e alguns ficavam ao serviço do inimigo. Eram os que o conde de Sabugal, àquela hora a caminho da França, chamara, em vez dos três regentes, os «transigentes»: o conde de Sampaio e Pedro de Melo Breyner e, em substituição do marquês de Abrantes, Principal D. Francisco Rafael de Castro, que aceitaram, respectivamente, os subsecretariados dos ministérios da Guerra, Fazenda, Justiça e Interior, de que eram ministros Lhuite, Herman e Vaublanc. Os franceses dominavam em absoluto.

O morgado de Tangil, que não acordara ainda completamente da sua confusa situação, topara na volta da Pampilha para a Cova-da-Moura o velho militar reformado Anacleto Damião, algarvio, que tinha tanto de bravo como de pitoresco e a quem chamavam o major Malaparte, visto nunca ter designado de outra maneira o Primeiro Cônsul, depois imperador dos franceses. Entroncado, forte, maneta do braço esquerdo, falho de três dedos na mão direita, claudicando um pouco, falava sempre exaltado, o que lhe avermelhava mais o rosto gordo, que parecia, por vezes, côr-de-zarcão. Apoiava-se a uma bengala de castão comprido, com suas borlas de prata no fiador.

— ¿Então quando parte, meu camarada, quando vai para a terra dêsses escorpiões de penacho, filhos de uma matilha, com fomes de miolo de enxergão?

Era assim que tratava os inimigos, fôssem fran-

ceses ou até portugueses. Arranjava, sempre, três apodos para cada um.

— E lembrar-me que êsses raios de um milhão de diabos, êsses netos de mil bodes, êsses trinca-bofes, podiam ter espichado todos, se em vez do caldinho, do pãozinho, do vinhinho lhes tivessem dado, à entrada, umas sopinhas de rosalgar. ¡Raios os partam! Eu estava com sezões; se cá estivesse lhes diria; bastava uma receita. E, baixinho, dava-a, muito a sério: mata-ratos nas pipas. O que vale é que a desforra já principiou. ¿Que diz a isto, meu camarada?

Esbogalhava mais os olhos, tornava-se apoplético quando o morgado, sempre no seu aturdimento, perguntava:

— Desforra? O quê?...

— ¡Com dez milhões de sagüins! ¿então donde vem? Foi despedir-se dos seus lá à província? Só assim. ¡Valha-me o imperador dos Belzebus! Eu não gosto de praguejar e quási nunca o faço, mas, pelos chifres de Malaparte, bêsta apocalíptica, já não o largo sem lhe dizer que me dá ganas de ir estrangular o Junot à frente da arraia-miúda.

Relanceou a vista e confidenciou:

— Depois daquele fuzilamento em Mafra. Sim, meu camarada, um Jacinto Correia, que não quis fazer a continência aos filhos de sete cadelas, foi fuzilado por ordem do jumento Loison.

Os olhos do major pareciam querer saltar como balas e rouquejava:

— Êsse javardo tem a honra de ser maneta como

eu; maldita a bala que levou o meu braço em Seo de Urgel! Feito em estêrco sejam quem me feriu na perna, na batalha de Ceret. Mereceu a pena deixar na Catalunha a asa esquerda para servir os espanhóis contra os bêbedos da porca Revolução Francesa, se devia largar três dedos na Flor-da-Rosa, em 1801, quando os pandeireiros, os castanholeiros, se juntaram contra os da grifa parideira. Mas toca a retirar palavrões que eu detesto, e vamos ao resto. O Loison mandou fuzilar o mafrense, mas já lá vão uns trinta e tantos dias e os franceses abatidos, por aí, por essa Lisboa e arrabaldes, passam de dois cada noite. Ora, fazendo as contas, trinta e tal dias com duas bêstas atoucinhadas são mais de sessenta cavalgadas.

Tomou o braço do morgado e continuou:

— Eu se fôsse ao meu camarada despia a farda à espera de poder envergar a outra e bem nossa. A província mexe-se. Caluda!

Deitou um olhar à direita, tossiu, escarrou, fêz um gesto muito seu, a mão fechada com o polegar entre o anular e o médio, em figa especial, e disse: — Andam morcegos ao sebo...

Indicava, com a beizana roxa, um homem gordo que passava e ao qual parecia cumprimentar:

— É o pulha do Lúcio, o «Lúcio», da polícia do Manique, agora ao serviço do Lagarde, ou Lagarto, o zanaga, o careca, o filho de seis porcas, Deus me perdoe e o diabo me carregue, que eu não gosto de dizer palavrões... ;mas cada vez que me lembro do que vejo!... Os polícias são os mesmos;

só mudou o intendente. Adeus, seu Lúcio, viva, seu manequim de chifres.

O outro saüdava, do lado oposto da calçada, e êle ia insultando, baixinho, e sorrindo: Boa-tarde, boa-tarde, e continuava de dentuça à mostra:

— Olá, seu safardana, seu calhandreiro, seu moscardo de comua! Boa-tarde, boa-tarde...

D. João Vilar tinha vontade de rir, mas aquêlo homem, tão cheio de pitoresco, era um bravo, um tarimbeiro que se batera no Russilhão e na campanha de 1801, às ordens do duque de Lafões. Corria a anedota que o marechal-general gostava de repetir. Verberando o major Malaparte pela sua linguagem praguenta e esmaltada de injúrias, êle exclamara:

— Meu marechal, foi só agora. ¿O meu marechal já me ouviu alguma vez chamar: crias de suína a êsses filhos de porca? Para o futuro, vou pô-los em algodão. Peste que os coma; ramo de estupor que os beba.

Jamais deixara de injuriar, no seu calão especial, e tão naturalmente, que o duque de Lafões anotara:

— O major é que podia fazer um dicionário da gíria pitoresca.

— Amigo e camarada; fie-se no que lhe digo:— aconselhava o «Malaparte» ao morgado—mande bugiar os francelhos, êsses lasquinhas de chifre de boi, ferrados nas quatro patas, e não vá ajudá-los. ¡Aposto que segue na leva de amanhã!

— Amanhã?! — exclamou, mais sobressaltado,

— não. Eu vou dentro de três dias, com as secretarias. Ficaram alguns oficiais. Saímos de Aldegalega.

O major atalhou:

— Ah! é pena, porque esta lama nacional começa a aquecer e a tornar-se dura como as cabeças dos generais do Malaparte. Por isso as balas não as penetram. ¡Couraças de bom material!

Ria, como se chocalhasse expectorações e, em novo jeito, fêz a sua figa especial, em novo gesto irado.

— Há quem diga que atacar as sentinelas e os escaravinhos isolados, os bêbedos, as azêmolas de odres, os gulosos de miolo de enxergão, é cobardia! Ah! mil raios! Eu não gosto de praguejar, disse-o ao senhor duque de Lafões e sua excelência concordou, mas só queria ver quem assim pensa a servir de cavalo do Junot. ¿Qual Junot?! De cavalo de ferrador do Junot. A terra é nossa: quem a invade deve ser escorraçado por todos os meios. Embora um veterano, como eu, não deva dizer isto, eu solto-o cá de dentro: ¡até envenenando as águas que êles bebem! O atentado é legítimo; e quem diga o contrário só serve para montada dos cachorros das bêstas infernais, dos goliardos que ababalham a gente.

Disse um adeus, desta vez sincero, sem disfarces, e partiu depois de ter recomendado:

— Meu camarada: Pense três, dez, cem, mil vezes, com um milhão de coriscos, antes de ir para a terra dos ladrões que assaltam todo o mundo.

E esconjurou os franceses com três apodos mais crus.

O morgado continuara a caminhar como tonto. Livre da influência de D. Manuel de Lemos, sentia-se perdido para Maria da Saüdade, a quem quisera mostrar-se igual aos franceses que deslumbravam as mulheres. Êle bem as vira fascinadas. D. Constança só falava nos bailes em que os heróis dançavam depois das batalhas; a Luísa esquecera o noivo e parecia apaixonada por Chavigny.

O salão Império do palácio da Cova-da-Moura era o palco da vida nova, que ainda se ensaiava, e já resplandecia aos olhos femininos.

A mãe de Maria da Saüdade voltara de Paris transtornada; o meio empolgara-a. Queria ser madame Recamier ou a Tallien. Sofrera, no salão de madame de Sousa, influência semelhante à que a entontecera, aos treze anos, quando assistira a uma festa na Capela Real. Desejara ser freira; possuir uma bela voz e ganhar o céu. Só via anjos rufando as asas, junto dela, como mais tarde julgara a guerra o prólogo e o epílogo dos grandes bailes em que as mulheres formosas desfaleciam nos braços dos heróis.

Mobilara o salão com esmêro. Mandara vir de Paris as cómodas com os seus marchetados, as jardineiras frágeis, apoiadas sôbre patas de esfinges; os relógios com os seus ornatos de figuras femininas, romanas e gregas, cujos penteados tinham servido de modelo às elegantes do Consulado. O insigne Jacob trabalhara os «fauteuils» com os

grifos e as almofadas de côr de bicho-de-couve, as mesas, cujos suportes eram águias de asas estendidas, os espelhos ovais com seus fachos e tôda a graça ornamental do romano, misturado ao egípcio, que formara um estilo de mobiliário.

Os vasos de Sèvres, os resposteiros com suas coroas de louro; os lustres e as aplicações, iluminadas pelos seus facheiros, completavam o salão, a ante-sala e o toucador que precedia as alcovas.

Não faltavam, naquelas quadras íntimas, os brocados de Lião, ostentando fôlhas de acanto e águias bordadas, nem as colchas do mesmo estilo onde os leitos eram como berços ou esquifes sob o brilho dos seus enfeites alegóricos.

Debalde o morgado de Tangil procurou Maria da Saüdade naquele salão, onde D. Constança e Luísa recebiam Gerardo Braamcamp e a espôsa, a baronesa de Quintela e mais três senhoras: a marquesa de Abrantes, a filha de Francisco Calvet, da rua Formosa, e D. Henriqueta Ohenyausen de Almeida, que faziam uma grande combinação em segrêdo: a compra de um colar de diamantes para a espôsa do governdor do Reino, do senhor general Junot, tão sedutor, tão nobre, tão grande de ânimo! As exclamações subiam de toada.

Luísa, muito solicitada, ia tocar harpa. Os officiais franceses de visita eram, além de Chavigny, o estribeiro-mor marquês de Cambis e Veleron e Carrion Nizas.

À entrada o morgado informou-se com a Ana; perguntou por Maria da Saüdade, quis saber quem

estava e ouvira todos aquêles nomes e os de D. Alexandre Vital e do morgado de Teive.

Sabia o parente hóspede do ex-tenente-coronel do seu regimento, daquele militar cujo casamento com uma descendente do duque de Aveiro tivera foros novelescos. D. Alexandre era filho do grande mestre de equites, D. José Vital, que, na sua enorme paixão pelos cavalos, costumava dizer que quem não os amava tinha mau carácter. Vivia para a sua colecção equiúdea e dissera, há pouco, que antes queria perder as jóias do padrinho, cavaleiro de Santo Estêvão, verdadeiras maravilhas, e até um olho do que os seus bichos (1). Os franceses tinham-lhos requisitado e êle desembaraçara-se do pedido, ficando com as montadas permitidas e tendo pôsto as outras ao serviço de pessoas intangíveis, desde a marquesa de Alorna à condessa de Ega, do marquês Abrantes ao Jacinto Bandeira, contratador dos diamantes, tanto da francesia como o Ratton, que nascera além dos Pirenéus.

O velho cavaleiro, de alma de criança, esfregara as mãos e dissera:

— ¡É que deitava fogo à cocheira! ¡Mas não foi preciso e ainda lá tenho boa fazenda!

Desvanecia-se; gabava-se em voz alta de que, entre os poucos cavalos da sua pertença autorizada, havia lindas estampas de sangue puro.

D. João Vilar subira a escada, desejoso de se entender, de uma vez, com Maria da Saüdade, di-

(1) Ver o romance do autor «*O Bichinho de Conta*».

zer-lhe que a adorava, explicar-lhe como queria ganhar renome, ser como aquêles estrangeiros para melhor a merecer.

Entrara no salão e não a vira. Debalde procurara também D. Alexandre Vital e o morgado de Teive.

Tanto pelo seu bom coração como pela pouca importância ligada ao caso, o rapaz quisera fazer as pazes com o parente. Abraçara-o no dia da partida de D. Manuel de Lemos, que lhe pedira desculpa das chalaças e o felicitara pela sua nova indumentária, já sem rir, um tudo nada lisonjeado pela influência das suas advertências, um pouco desagradáveis, sobretudo diante dos franceses.

O morgado vestia casaca azul com botões de ouro, colête de veludo e calças de nanquim, calçava botas altas de polimento prêto com canhão amarelo. Pendiam-lhe da corrente berloques de mau gosto. Neste ponto estava no período da moda do Directório.

Como era esbelto, forte, proporcionado e tinha as mãos e os pés bem modelados, a tesoura do Policarpo, da rua Áurea, ajudara a talhar-lhe a elegância, como a do francês Leroy, do Loreto, lhe compusera o talhe do cabelo à Titus, naturalmente por o artista capilar o não sentir ainda capaz de ostentar a sábia desordem do despenteado, bem fingido, de Junot.

D. Luís de Noronha parecia outro e os primos ao abraçá-lo, vendo-o rir, a desculpá-los, tinham desejo de o criticar de novo. D. Manuel de Lemos,

mais atrevido, limitara-se a dizer-lhe que esperava vê-lo fardado.

Ele vovera no seu antigo tom, porque o traje não lhe quebrara a veia rude:

— Sim; talvez me farde, mas não com êsse papo de pintarroxo.

Apontara o peitilho vermelho do uniforme da cavalaria da «Legião Portuguesa», que ia seguir para a França. Depois, em jeito idêntico, para as golas da farda, concluía:

— Parecem degolados je eu que os queria inteiros!

Tudo isto recordava no salão de D. Constança de Lemos, ouvindo os acordes da harpa, lembrando a notícia que o major lhe dera àcêrca do fuzilamento de um homem em Mafra.

¿Que teria êle feito? E a sua vontade era perguntar àquêles oficiais franceses qual o crime do seu compatriota e ler-lhes nos rostos o aplauso ou pesar.

Calara-se como subjugado pela ária italiana que Luísa tocava e a filha do Calvet cantava, com demasiados gestos e arte menor. Anunciou-se o jôgo de «boston» que precederia a ceia com o caldo de galinha, as fatias de pão de Meleças barradas de mel, o chá Hysson ou o chocolate espanhol.

O morgado, esgueirando-se para a ante-sala, procurou o corredor ao fim do qual ficavam os aposentos de Maria da Saüdade. Estremeceu ao ouvir passos; vira o moço de sala, na libré vermelha-

-prata, empunhando o candelabro, a alumiar as visitas que vinham daquele lado.

Recolheu-se na saleta; ficou, na meia luz, a contemplar Maria da Saúde, muito linda, no seu ar gracioso, a que não faltava imponência, a despedir-se de D. Alexandre Vital e do morgado de Teive.

O tenente-coronel de cavalaria do Cais demittira-se do exército logo que o general francês afixara a sua proclamação, na qual dizia: «O Grande Napoleão, meu amo, enviou-me para vos proteger; eu vos protegerei».

Contava trinta anos; o seu consórcio, que entretivera a côrte e a cidade, durante muito tempo, fizera a sua felicidade e a da sua Maria do Resgate, que muito sofrera, como a seguir os maus fados dos seus parentes, pois em suas veias corria o sangue do duque de Aveiro (1).

D. Alexandre guardava sempre o aspecto militar e elegante no traje paisano, muito da moda e que o pai lamentava não ser à cavaleira e bem castiço, como êle jamais deixara de usar. Até o netinho, o José, do seu nome e do velho padrinho, cavaleiro de Santo Estêvão, já envergava uma miniatura daquele traje, apesar dos seus quatro anos.

Nesse dia montara o «Pilrito», um pônei que o avô ensinara e o fazia delirar de júbilo ao vê-lo de muito propósito com a criança no selim à turca.

D. Alexandre curvara-se mais uma vez, a des-

(1) Ver o romance do autor «*Batalha de Sombras*».

pedir-se de Maria da Saúde; o morgado de Teive ficara para trás, um instante que pareceu uma hora amarga ao ciumento cheio de desespero.

Fantasiava traições. Ninguém o descobrira e êle quedava-se a vê-los descer, escutando o vago som do cravo onde corriam os dedos ligeiros de D. Henriqueta de Almeida quando se calara a harpa e começara o jôgo do «Boston».

D. João de Vilar desceu, por sua vez, muito acabrunhado, sem chamar o lacaio, à luz das placas do corredor e da lanterna do patim. Ali, estava sentado o servo que se erguera para reacender os candelabros. Êle, com a confiança que sempre tivera na casa onde vivia a sua noiva, perguntava pela Ana; desejava vê-la, talvez esperançado em saber o que se passava com aquelas visitas de Maria da Saúde.

A velha criada, sempre fresca, apesar dos seus cinqüenta anos bem puxados, acudira como se o esperasse, e o morgado, fingindo alegria, perguntou-lhe:

— ¿E o Ventura?!

— Ó menino, desculpe, senhor D. João, em lhe chamar assim como dantes, não trate mais o Ventura dessa maneira. Êle quer ser Zé, até «Vaivém» ou «Pegado», mas não Ventura.

— ¿«Vaivém», «Pegado», as alcunhas com que tanto embirrava?! ¿Mas por que não quer ser Ventura?

Docemente, mas com alguma ironia, a Anaolveu:

— Diz que nenhum português pode ter Ventura, nem sequer por apelido, enquanto aí andarem êsses malditos franceses...

Êle quis rir, chalacear, mas sucumbiu quando a criada exclamou:

— ¡E agora até são visitas cá de casa! O Zé, o «Vaivém», esconde-se. Diz que se algum lhe chama Ventura, embora na sua língua de trapos, não responde por si. Já fuzilaram um homem em Mafra e mais de doze por essas províncias. Sus! Bando de jacobinos. Mas virá el-rei. Não tarda o senhor D. Sebastião. Eu sei! Eu sei! Já anda a dama branca a cavalo.

E contava a estranha aparição de uma senhora vestida de branco, montada no cavalo fantasma, que vagueava, depois da meia-noite, pelos pontos mais escuros da cidade. Era um mêdo, uma alma do outro mundo.

E ia recitar o verso das «Profecias do Bandidarra», quando êle lhe perguntou:

— E a senhora D. Maria?

E logo a emendar mais ternamente:

— ¿A menina Maria da Saüdade?

A criada, que se encantava com aquêles amores e os vira nascer, aborrecera-se tanto como a amante as atitudes de D. João Vilar, agora a mostrar-se arrependido e, mais do que pesaroso, amarfanhado. No seu instinto feminino, Ana voltou:

— Tem ido tôdas as manhãs a casa do senhor D. José. Está lá o senhor D. Luís de Noronha de hóspede. A menina recebe lições do senhor Vital.

Lançava um olhar perscrutador, próprio de tôdas as mulheres, princesas ou lacaias, metidas em intrigas de amor, e viu-o vacilar, tornar-se mais pálido à luz do candelabro.

Habilmente, a Ana mudou o rumo da conversa. Deu-lhe um tom faceto.

— Um picador francês quis montar o «Rabino», para o levar para o serviço dos negregados. Não ouviu os avisos do senhor D. José e bateu com os ossos de mafarrico no chão. Tôdas as manhãs se vai ver o senhor Vital domar o cavalo. Só êle é que o monta. Disse-o, aí, o Vent... Cala-te, diabo; o Zé, o «Vaivém», o escudeiro.

O morgado ficou, assim, sabendo da queda grave do picador que fôra pela requisição dos cavalos.

O sr. Balai deixara o «Júpiter», que estava cego; fizera uma festa ao pónei «Pilrito» e não quiseira o «Apolo III». Mas, ao ouvir falar na braveza do «Rabino», desejara-o para as cavaliças do governador do Reino. Dizia o animal com um lindo vestido de prata, bailando com graça e de olhos de fogo. Rira dos avisos; achava frases quási líricas para o cavalo que lhe agradara e, chamando-lhe «petit», «vieux», «charmant», decidira montá-lo e sentira-se projectado para o jardim. Caíra num moitão de roseiras, mas partira uma clavícula. A Ana celebrava a queda rindo: aquilo é carne de cão, cura-se depressa.

Maria da Saúde ia ver o D. José Vital repetir as suas proezas. Mal o picador francês sofrera o desastre, êle dera um salto para a sela e obrigara o

cavalo a diversos exercícios e até a ajoelhar ante o pasmo de Cambis Velleron, o estribeiro-mor, e dos outros oficiais. *Monsieur Balai*, enraivado, berrava:

— *Tuez cete bête puante; tuez lá...*

— A menina, decerto, não quiere tentar o tal exercício?—preguntava atontado.—Eu é que vou fazê-lo. ¿Amanhã ela vai lá? ¿O Luís mora com o D. José? ¿É amigo de D. Alexandre?

— Amanhã a menina vai ver a saída das tropas da «Legião». Vai para o mirante da senhora condessa da Ega.

— Ah! — exclamava como estranho; — eu parto dentro de dois dias.

Abalou, deixando a criada a sorrir; meteu-se pela Cova-da-Moura a caminho das terras, sem olhar a fachada do palacete, desesperado, falando sozinho:

— O Luís?! Aquê! pateta! Sim, a Luísa deixou-o! Ó meu Deus!

Na sua fúria nem vira abrir-se, docemente, a janela de Maria da Saüdade e ela debruçara-se para logo se esconder, desapontada, ao reparar que o noivo nem levantara a cabeça, como outrora, ao sair, esperando a despedida. Balbuciara:

— ¡Há mais em que pensar! ¡Cada um segue o seu destino!

E, suspirando, olhara-se no espelho oval, como a querer reconhecer-se.

Êle galgara a rua, tilintando as esporas, devorado de ansiedade e fúria, convicto de que Maria da Saüdade mudara, o repelia, voltando-se, talvez, para Luís de Noronha. E via-o vestido na sua andaina

de peralta, figurando, dando-se ares, já sem se importar com a Luísa. Reparava que nem fôra à sala onde ela tocava harpa. D. Alexandre protegia-o, andava com êle, pois lhe trouxera cartas do general Francisco Pinto da Silveira, que estava em Vila-Real. Era o herói de Monte-Rei, onde combatera, em 1801, por ordem de Gomes Freire de Andrade. O morgado pensava que D. Luís de Noronha não era militar. E sorria, desdenhosamente, à idéia de o ver fardado. Desconhecia-lhe as tendências. Diziam que era bom atirador e que montava bem a cavalo. Desesperava-se. ¿Se êle conseguisse domar o «Rabino», igualar D. José Vital à vista de Maria da Saüdade?! ¿Se lhe apparecesse como superior a êle D. João Vilar?!

Tinha vontade de despedaçar o parente; vinha-lhe um grande desejo de chorar; remordia as palavras insultadoras para o morgado, queria achar os apodos mais insultuosos, como os do major «Malaparte», e caminhava às cegas pelas terras em direcção a Santa Ana, para se ir meter na sua hospedaria a Buenos Aires.

De repente, ouviu um tiro nas trevas e depois outro. Encostou-se ao muro de uma quinta e novas detonações soaram para os lados da Boa-Morte; depois tudo voltou à calada. Julgou distinguir no escuro um vulto a correr para a Cova-da-Moura e outro na vereda que conduzia às traseiras da quinta do convento das Necessidades.

Recordou as palavras satisfeitas do major algarvio:

—Tôdas as noites duas bêstas atoucinhadas.—Eram os franceses que caíam na escuridão, os ocupantes da terra portuguesa que acabavam sob as balas disparadas nas esperas ou sob as punhaladas. Sentinelas, patrulhas, cavaleiros ou infantes, dos perdidos pelos alcouces ou pelas baiucas, eram os alvos das vinganças legítimas.

A voz do major «Malaparte» ressoava, ainda, aos seus ouvidos:

— Até envenenando as águas que êles bebem. Tudo é justo.

Atordoava-se mais; seguia o seu caminho pelas terras sem, sequer, ter o desejo de ir ver se caíra alguém; de se informar da origem daqueles tiros. Marchava como se não tivesse ouvido coisa alguma, pensando na sua situação, no seu amor, mudando mas mal dando pela transformação, cúmplice no que ouvira ao major. Uma semana antes, teria repellido e condenado tudo quanto pudesse ofender ou molestar os soldados do Deus da Guerra. Agora, qualquer coisa, muito poderosa, influíra no seu espírito e não sabia explicá-la.

— Amanhã — balbuciava êle — Maria da Saúde vai a casa da condessa de Ega.

A lembrança sacudiu-o. Só o povolêu é que se revoltava; a nobreza e os ricos recebiam os franceses. Iria vê-los no dia seguinte e, depois, partiria, deixaria a volúvel com os seus caprichos. Lá longe, estava a glória ou a morte.

— Halte-lá! Qui vive?

Estava já muito longe do local dos tiros, à esquina

da Lapa, junto de uma patrulha que o fazia parar a distância. Em voz forte, orgulhosa, respondeu ao apêlo:

— Napoleon!

À nova intimação para o reconhecimento, voltou:

— Officier!

E não disse se era português ou francês.

Da riba, olhando o Tejo negro, via pontos vermelhos no espaço, os faróis dos navios dormentes na água serena.

CAPÍTULO V

UM AMOR ANTIGO

O José Ventura meteu o saca-trapos no cano da espingarda inglesa, soprou-o, espreitou-o, simulou pontaria com o olho esquerdo fechado e pôs-se a cantar uma modinha:

Ai a Chiquita

Ai a Chiquita

Com seu josèzinho.

Assobiava, voltava ao estribilho, radiante, a arrumar a arma na sua divisória, junto das outras três que D. Manuel de Lemos lhe confiara ao partir para a França.

Ai a Chiquita

Ai a Chiquita

— Ó Zé! ¿Que tal de láparos? — perguntou do

pátio o Bidarra, ao apear do macho, alargando as pernas por cima dos alfôrjes bem providos.

O escudeiro assomou à janela e voltou:

— ¿E a respeito de lebrachos?

— Assim... Assim... Há alguns encovados.

Riram ambos com aquela gíria e o Ventura — ai de quem lhe desse o apelido e bem o sabiam os amigos e mais os inimigos! — puxando o lustro à fecharia da arma, cantarolava:

Com seu josèzinho

Trepa que trepa

Pelo caminho.

A manhã de Março era uma maravilha de luz no esplendor do céu azulino. Cantava um melro na horta junto ao muro da Cova-da-Moura para as terras de Santa Ana e as roseiras já entumesciam seus botões. Relinchavam os cavalos na estrebaria, vinha de longe o alvoroço de um galo a cantar. O Zé estava contente.

Ai a Chiquita

Ai a Chiquita

Desceu; escancarou um amplexo para o Bidarra, exclamando:

— Hoje é que eu queria ter os braços mais compridos para te dar êste abraço. Mas tu, ó Bidarra, lá pelo Milhano, tornas-te cada vez mais bazulaque e eu tenho os braços curtos.

O feitor da quinta dos Lemos era baixo, atarracado, de grande costado, como lhe diziam a rir ao verem-no agarrar com a mão esquerda uma saca de seis alqueires de trigo e carregá-la. Daí a apreciação que o consagrava:

— Deita aos costados uma de seis com a canhota.

Comia como quem era e reservava bebida, em proporção, para os dias de sueto.

O Bidarra tocava-se de quinze em quinze dias. Fora disso era quasi grave como um abade, de barrigana saliente, contida na cinta de seis voltas, onde guardava a bôlsa, a navalha de três estalos ou a podoa afiada e, aos domingos, um relógio de prata, o seu cebolão, em que tinha grande vaidade.

Homem de ralé!

Capitulavam assim a energia que o fazia temido, mas que se revelava só nas ocasiões precisas. Noutras situações o Bidarra parecia bonacheirão e até gostava de passar por paz de alma, com suas barbaças, os olhinhos perspicazes e a véstia séria dos dias de festa.

— ¿Com que então, láparos?! — acentuava a casquinar.

— ¿Com que então, lebrachos?! — exclamava o Ventura, no mesmo tom, com grandes piscadelas de olho e palmadas amigas nos ombros do feitor, a segredar-lhe:

— Dois láparos esta noite nas terras. ¿E por lá?

— Ó compadre. Lá, nada. O «Fataça» foi, pelo contrabando, à esquadra dos «camones» e veio como

um órgão, caixão à cova! Não disse coisa com coisa. Por ali nada jorrou que se aproveitasse.

Gargalhava, sacudia as belfas e, em grandes oscilações de ventre, ia relatando o que o marítimo, daquela alcunha, fizera a bordo dos navios do bloqueio britânico à barra do Tejo, até onde fôra, iludindo a vigilância dos franceses, instalados nos fortes desde Belém a Cascais.

— Peixinho fresco, batatinhas de Rana, de Laião e Leceia; notícias mais fresquinhas do que o peixe, rodela amarela e os foles mais cheios de boa genebra que as tripas dos contrabandos. Agora, há dias, em Laveiras, nas pedreiras velhas, encovaram-se três lebrachos.

Aquêles calão, em que havia o ressaibo de montarias, punha-os de bom humor; tratavam-se de compadres, batiam muitas palmadas amigas nas panças e quem os escutasse julgá-los-ia caçadores de coelhos e lebres pelas lapas dos Terremotos, Barrocos, Romeiras e de Caxias a Leceia ou Barca-rena.

Iam tratando da sua caça, já em voz baixa:

— Eles vinham da Boa-Morte; tinham-lhe carregado no mata-ratos do Quintino da Fonte-Santa. O Eustáquio deu o aviso. Já se vê, ia soltando a cantiga do senhor Rei que há-de vir na manhã de nevoeiro. Prevenia sem que dessem por isso. Era um doido a cantar... Bidarra amigo, ficaram dois láparos nas terras.

Referia-se a uma espécie de louco, tipo popular de «dizidor», o Eustáquio do Arco-Carvalho, que

fazia prédicas tontas e vaticínios, entoando cantares do Encoberto. Despertava o riso aos próprios franceses; em os lobrigando, botava trova ou brado, como constava entre os dois amigos, e dava assim avisos certos para as caçadas aos inimigos.

Ai a Chiquita

Ai a Chiquita

Com o seu josêzinho.

As montarias tomavam tais proporções, que alarmaram o conde de Novion, governador das armas de Lisboa, depois de ter sido comandante da Polícia quando se refugiara em Portugal, fugido à Revolução Francesa. Aristocrata e realista, servia os seus compatriotas invasores do país que o acolhera. Soltara a sua ameaça ao ser avisado da morte de dois soldados franceses nas terras de Santa Ana.

— Já não há polícia, mas tem que haver! Uma grande mão de ferro, como a do senhor intendente Pina Manique, faz falta.

Prometia dar uma volta àquêles constantes ataques aos soldados invasores, pois rara era a noite em que não se notava a falta de alguns dos da guarnição de Lisboa, dos arrabaldes e até da província.

O que se julgara não passar de deserções tomava aspecto mais grave. Os franceses eram vítimas de atentados. Havia ocasiões em que apareciam cadáveres; outras em que não se encontravam, por mais buscas feitas e cuidados de monta.

— É verdade que o intendente Manique era

contra nós! — concluía o conde de Novion, mettendo-se na conta de perseguido, quando fôra tratado carinhosamente pelo Govêrno portuguez da invasão.

Sabia-se dos ditos do ex-realista aderido aos occupadores de Portugal, mas as ciladas continuavam.

— ¿E cá por casa? — interrogou o Bidarra, sempre em voz baixa.

— Ah! só tenho pena da menina Maria da Saúdade. Caíu o ramo da peste no palácio; tudo da francesia; quero dizer, os patrões, pois os criados de escada acima e de escada abaixo são capazes de envenenar os patifes. Lá foi o patrão novo para França e não tarda lá o noivo da menina, o morgado. Sabes? O de Tangil?!

— Má raios! — exclamou o feitor. — E vai tudo assim por essa fidalgaria e ricos.

— Nem todos. Temos os senhores Vital. Isso é barro bem cozido como os frades de São José-de-Ribamar, Boa-Viagem e outros que também não fazem boa cara aos hereges. As senhoras mandaram pôr o côche para as dez horas. Vão ver partir as tropas para Salvaterra-de-Magos, onde já estão as outras. De lá seguirão para as terras dos negregados.

Encolhia os ombros e voltava à cantiga:

*Com seu josèzinho
Trepa que trepa
Pelo caminho.*

O outro elucidava:

— Pois eu trago aí a criação, a frutazinha, as hortaliças.

Deram-se os braços, o Bidarra enlaçou a rédea do macho e foram a caminho da estrebaria, onde o cocheiro e os moços de tábua tratavam da carruagem que devia conduzir as senhoras a casa da condessa de Ega, de cujo mirante, aberto para a Junqueira, assistiriam ao desfile dos últimos regimentos que iam partir para Baiona.

D. Constança levava muito tempo diante do toucador Império, ajudada pela Ana que dizia consigo ser a menina Maria da Saüdade menos de preparos. Remordia qualquer coisa a velha serva, muito levantada contra os franceses, mas respeitosa e calada ante as amas.

Chavigny anunciara, na véspera, que os condes de Ega iam receber o coronel Martial no seu regresso do Pôrto, onde estivera algum tempo, após os seus conciliábulos com Junot, e D. Constança demorava-se mais no toucador, recordando o seu conhecimento com o jovem oficial, em Paris, nos salões de madame de Sousa.

Já lá iam quási seis anos. Êle era, então, o mais moço capitão da França e a sua história, dia a dia enfeitada de pormenores novos, entretinha as imaginações, como o seu garbo e valor atraía as mulheres, sempre amantes do mistério e do maravilhoso que, no dizer de Napoleão, governava o Mundo. Tinha o seu romance aquella vida de soldado.

Numa manhã, do fim de Agôsto em 1790, três dragões dô antigo regimento de Schomberg, saindo da taberna «Ecu Loyal», junto do «Café de L'École», vizinho de Chatelet, tinham topado com um rapazito, dos seus seis anos, que dormia amparando nos bracitos sujos a cabeça loura e a face enegrecida de poeira.

Bibet, Camus e Catilina, o mais arrojado nas frases e de maior capacidade nas bebidas, debruçaram-se sôbre o garôto; Bibet bradou: — É um «aristo» abandonado. Pertence ao povo. Camus declarara, de língua entaramelada: — É um futuro soldado oferecido pela rua à pátria. Catilina deu duas voltas, bateu com o cachimbo requemado na coluna do lampeão mortiço, para junto do qual conduziu a criança e decidiu:

— É um anjinho que caíu por uma chaminé abaixo. Pode ser, como diz o Bibet, um «aristo» abandonado, mas será, como quere o Camus, um soldadinho que a rua oferece à pátria.

Eram, naturalmente, eloqüentes os soldados de França, habituados à retórica que enxurrava de todos os lábios naquele período.

A criança, sem mêdo das bigodaças dos dragões, respondera, na sua linguagem infantil, às perguntas que lhe fizeram e não adiantara nada àcêrca da sua origem. Dissera chamar-se qualquer coisa como Osvald ou Gerald, mas Catilina, de novo na taberna do «Ecu Loyal», depois de lavar a cara, as pernas e os braços do pequeno numa celha vasta, baptizara-o:

— Martial! Martial! Como o nosso comandante Martial Benoit, que é um herói. Qual Osvald? Qual Gerald?! Martial! E deitara-lhe uma bafurada de fumo do cachimbo, novamente atulhado de tabaco e aceso com cuidado, sentando o garôto a uma mesa, onde o viu devorar a sopa de lentilhas e beber uma golada de vinho de cada um dos copos dos seus padrinhos.

Ria, fazia covinhas nas faces, papagueava. Compraram-lhe uma porção de bolachas de erva-doce e levaram-no para a caserna. Talharam-lhe uniformes de velhas fardas, ensinaram-no a montar a cavalo, tiraram-lhe o mêdo que mostrara nos picadeiros, obrigaram-no a prodígios nas galopadas e contaram-lhe as batalhas a seu modo. Cresceu; ouviu as frases de idolatria dedicadas aos generais republicanos e, segundo o costume da época, os dragões tatuaram no bracito do garôto uma legenda: «Morte aos tiranos».

Um tipógrafo chamado Guilherme Marie Brune, que se alistara e era ajudante do batalhão de Seine et Oise, foi o primeiro mestre de Martial, como seria o seu primeiro general depois de curso rápido do rapaz na Escola de Marte. Aos dezóito anos, era alferes; aos vinte, capitão. O Primeiro Cônsul soubera das suas façanhas no exército do Oeste; levara-o consigo à Itália e rira muito com a história da legenda tatuada no seu braço.

Dos três padrinhos de Martial só vivia Catilina, em 1803. Bibet ficara na expedição à Irlanda, ser-

vindo às ordens de Hoche, e Camus acabara no Egito, sob o comando de Bonaparte.

Todos tinham recebido sabres de honra e Cati-lina, quando vira o seu pupilo fardado de tenente, bradara, baforando fumo:

— Já posso morrer. O Petit Caporal lembrou-se de nós, dos dragões, fazendo-te oficial; deu-me a Legião de Honra e o meu cachimbo não pode estar mais recozido. Três felicidades! ¡Venha de lá a bala inglesa, austríaca ou prussiana, que me mande cear com Plutão!

Depois da batalha de Marengo fôra promovido a sargento e ao encontrar de novo o seu Martial, já capitão e condecorado com a Legião de Honra, beijara-o, exclamando:

— ¡Com mil raios! ¡Digam o que disserem que o Primeiro Cônsul quiere ser rei ou imperador, seja-o como quiser! Cá para mim é a Revolução feita homem, e nós os seus cidadãos. Pagou-me e ainda bem. Aqui está o filho dos dragões, capitão aos vinte anos! ¡É como se o fôssemos todos os soldados do antigo Schomberg, hoje o 28! Com mil raios! Martial! Estou velho aos quarenta e seis anos. Não vês como deito água pelos olhos quando tanto gosto de vinho?! Choro. Estou velho!

Pusera-se em sentido: fizera a continência com todos os preceitos e regras, exclamando:

— ¡Às ordens, meu capitão!

Caíram nos braços um do outro e choraram ambos.

—¡Catilina, és um herói!—balbuciava Martial—.
¡Viva o Primeiro Cônsul!

— Martial! Meu capitão! És o mais novo capitão da República. ¡Viva a França!

Eram assim os soldados daquele tempo. Nem um dêles se lembrou da legenda tatuada, das palavras indeléveis marcadas na carne do rapaz adoptado pelo 28 de dragões.

Esta história, muito repetida e celebrada, dera a Martial uma grande aura naquela época de heroísmo, do maravilhoso que governava o Mundo.

Num baile em casa do morgado de Mateus, então ministro de Portugal em Paris, D. Constança de Lemos conhecera e admirara o jovem capitão Martial.

Ele animara-se de fáceis esperanças na sedução daquela formosura morena, cujos belos olhos negros deviam ser mais lindos ao brilharem de amor. Habitado a vencer e a esquecer depressa as mulheres, as que prendia nos braços, não compreendia a resistência da portuguesa que sabia amá-lo, mas que lhe fugia.

Queria imitar as francesas da época, que amavam os heróis saídos dos seus leitos para a carnagem das batalhas. Davam-se-lhes como êles se entregavam à pátria e à glória. Tôdas suspeitavam que os bravos lhe seriam infiéis, mas nem por isso lhes renunciavam, querendo pertencer-lhes antes que a morte se tornasse sua rival.

A espôsa de D. Gonçalo de Lemos, muito abandonada pelo marido, que reproduzia, em maior

escala, nos teatros de Paris, as suas aventuras de S. Carlos, sentira que amava pela primeira vez. O seu amor de menina não se comparava com a paixão de mulher, mas guardava o pudor atávico, a tara moura de obediência e mêdo ao seu senhor.

O fidalgo português andava entontecido com a beleza de uma bailarina — a Clemence — que se exhibia no palco da Societé Olympique, da rua de la Victoire, dirigido pela velha comediante Montansier.

D. Constança sabia daquela aventura, conhecia as loucuras do pai dos seus filhos e pressentia-se à beira da queda nos braços do mais jovem capitão de França, num dos quais se gravavam as letras legendárias beijadas pelas amantes que lhe impu-tavam.

Uma tarde, encontrara-se com êle no fundo de um carro para onde ambos tinham subido, fugidos à chuva, após uma entrevista cem vezes recusada e, por fim, concedida a mêdo; sentira os seus lábios contra os de Martial e julgara jamais poder soltar-se dêsse beijo que recordaria durante tôda a vida.

Não tendo concedido mais que aquela carícia, rendia-se e escravizava-se à recordação jamais dissipada. Tornara-a cativa, mas retardava, no seu receio e pudor, a hora de se entregar ao homem que adorava.

À noite jogavam ambos o «reversis», na sala de madame de Sousa, e êle ganhava sempre, dando razão ao adágio da infelicidade em amor, pois

desesperava-se, torturava-se ante a incompreensível resistência.

Numa semana acabara o encanto para êle, levado para a Prússia, numa missão, mas para Constança aquêl amor vincou-se como a tatuagem do braço do amado.

Saíra de Paris, com o marido, quando o morgado de Mateus fôra obrigado a deixar o seu pôsto diplomático em virtude da questão entre o Governo português, Pina Manique e o general Lannes, embaixador em Portugal. O parente dos Lemos passara à legação de Copenhague, antes de occupar a de São-Petersburgo, e êles voltaram a Lisboa separados para sempre em seus affectos.

O marido morreu após novas desordens e amores de volúvel arruaceiro; deixou o mundo aos quarenta anos, ficando ela com os seus trinta e quatro e aquêles filhos que pareciam seus irmãos, pois tivera Manuel aos dezassete, e no ano seguinte, Maria da Saúde, depois Luísa, mais nova vinte e três meses do que o irmão.

Ficavam-lhe bem os véus de viúva, mas recolheu-se uns meses. Dizia-se que chorava nos seus aposentos.

Napoleão coroara-se em Nôtre Dame. D. Constança encomendara o mobiliário Império para juntar ao do estilo do Consulado trazido de França.

Vivera naquele ambiente, sem jamais olvidar Paris e, sobretudo, o beijo para ela inesquecível do capitão Martial.

Agora, ao vê-lo entrar na sala da condessa de



Ega, tendo passado seis anos de ausência, ficara um momento estática junto das filhas.

Ele passara por entre a curiosidade geral, muito esbelto no esplendor dos seus vinte e seis anos. Sustentava no braço, contra o peito, a barretina redonda com o penacho tricolor e emblemas de ouro; a espada balanceava no talim de correia pulida. A peliça forrada de sêda amarantho e debruada a marta, pendia elegantemente do ombro esquerdo, deixando a descoberto o peito do dólman alamarado e a manga direita ornada dos galões de coronel. A comenda da Legião de Honra brilhava no peito forte.

O conde de Ega saüudara-o como a uma personalidade cuja importância devia conhecer. Os argentinários Jacinto Bandeira, Geraldo Braamcamp e o barão de Quitela tinham-se aproximado do coronel, mas já a condessa de Ega, que parecia filha do seu marido, se apossara de Martial, apresentando-o às suas amigas.

D. Constança sentiu as pancadas do seu coração. Aguardara durante tanto tempo aquêlo momento, mas nunca julgara que seria em Portugal, na sua terra, no belo salão aristocrático dos Egas, que voltaria a ver o homem cujo beijo a enlouquecera.

— A minha amiga D. Constança de Lemos, que o coronel já conhece de Paris — dissera a dona da casa, ao fazer a apresentação.

Ele curvava-se, mas em vez da viúva de Gonçalo de Lemos, fixava Maria da Saüdade, como se, de

repente, se lhe deparasse o seu amor de há cinco anos, lindo, rejuvenescido. Via-a admirável na sua carnção morena, os cabelos negros, os olhos que deviam ser mais belos ao amarem, mas com alguma coisa de majestoso que não lhe apercebera no salão dos Sousas, nos passeios, nem mesmo nos passos das contradanças que começavam a ser moda.

Era, porém, a mãe dela que procurava os olhos deslumbrados de Martial e lhe recordava:

— Dançámos juntos nos bailes de minha prima.

— Ah!—volveu êle—madame de Sousa, a bela Adèle Filleul, inolvidável, como também a sua formosa hóspeda do último ano do Consulado.

Sorria-lhe enternecida, apaixonada, delirando, na idade perigosa, os seus trinta e tantos anos, que recordavam outros mais atribulados.

Aquela tendência, sem par, para os usos, hábitos e até para o mobiliário francês, provinham da enorme atracção que sentira ao ver aquêlê homem a cujos braços fugira, mas ficando prêsa no seu beijo sem par.

Os financeiros discutiam num canto do salão. Um friso de pássaros exóticos, de tintas vivas, parecia pintado na véspera no teto em tumba; abriam-se as vidraças para o terraço e abria-se a escada do jardim, a caminho do mirante enfeitado de trepadeiras.

Ouvira-se, ao longe, o toque duma corneta; outros se tinham seguido, dando marcialidade ao recinto elegante onde senhoras portuguesas, pelo braço dos officiaes franceses, iam assistir à partida

dos seus compatriotas para as aventuras a que os arrastavam os desígnios do dominador.

Quintela queria saber em quantas prestações se devia pagar o tributo dos cem milhões de cruzados, imposto por Napoleão a Portugal, e o conde de Ega dava-se o ar de saber muitas coisas que reservava.

— Hum... Hum. É crível que, se formos razoáveis, desça muito a contribuição.

— ¿A que chama razoáveis? — perguntou Geraldo Braamcamp.

O conde pusera-se a cochichar, fazendo gestos sem ver a espôsa que tomara o braço de Prevot, o primeiro ajudante de Junot, e que chegara com missão, decerto pouco militar, porque a condessa sorria adoravelmente linda, os cabelos louros cingidos por pérolas, os olhos azuis luminosos.

Maria da Saüdade desviara a vista para a irmã que seguia com Chavigny, formosa no seu arzito quási infantil, luminosos dezanove anos oferecidos ao amor daquele aristocrata guerreiro.

Estremeceu quando a voz quente, cariciosa, com muito de cativante, do coronel Martial, se erguera para dizer com grande ternura:

— ¡Como é parecida com sua mãe, minha senhora! A mesma beleza, o mesmo encanto que lhe conheci há cinco anos!

D. Constança de Lemos começava a sentir que o coronel, cujo beijo ainda a escaldava, queria encaminhar a conversação para o passado e, apoiando-se no braço, disse, à espera dum desmentido:

— A Maria da Saüdade era uma criança na época.

Tinha dezasseis anos; foi a minha primeira filha. Faz-me muito velha, coronel, muito velha.

Procurava, nos seus olhos castanhos, uma expressão de ternura que recordasse a mesma de outrora, e via-o voltado para Maria da Saúde.

A voz de Martial tremia um pouco ao balbuciar:

— Constança é sempre muito bela. Madame de Tallien, de Recamier e, ainda parenta, a Adèle de Sousa, a condessa de Flahaut, são eternamente belas. A minha querida senhora pertence a êsse género de mulheres que o tempo respeita mais do que às próprias obras primas, os mármores que sabemos de beleza eterna.

Sorria, e os seus olhos pareciam não poderem desviar-se de Maria da Saúde, que caminhava ao lado da mãe.

Iam para o caramanchão erguido sôbre a estrada da Junqueira, ao fim da rua da Cordoaria. Aproximavam-se os sons das bandas regimentais e as cabeças femininas debruçavam-se das janelas, até Santo Amaro, diante do areal que o Tejo banhava com as pedras do forte, onde tinham jazido os presos de Estado no tempo de Pombal.

A Bastilha da nobreza erguia-se diante dos jardins da residência da Ega, que seguiam até às vizinhanças a residência do patriarca. Mais adiante ficava o palácio dos condes da Ribeira, as únicas janelas fechadas ao dia luminoso de Março, em que as últimas tropas portuguesas iam partir para Salvaterra-de-Magos, sua primeira etapa, para Baiona.

Naquele palácio morava o desespêro pelos occupadores do país.

Desoladamente, na farda de tenente de cavalaria da Legião Portuguesa, o morgado de Tangil seguia, como atraído, o grupo formado por Maria da Saüdade, que ia ao lado de D. Constança, a quem o coronel Martial dava o braço. Um pouco atrás seguiam Luísa com Chavigny e a condessa de Ega apoiada em Prevot, mais rosada e risonha.

D. João Vilar andava abstracto. Embora o coronel da guarda imperial fôsse o braceiro de D. Constança de Lemos, o instinto amoroso do nôivo desprezado fazia-lhe pensar, dava-lhe clarividência e a certeza de que era a Maria da Saüdade que êle amava e a quem se prendera súbitamente.

Debalde procurava um olhar dela, que continuava majestosa, ao lado da mãe, vendo Martial a acariciá-la com as suas pupilas de sedução.

O conde de Ega entre os capitalistas, êle tão crivado de dívidas, fazia grandes projectos, contava que se andava engendrando negócio de polpa entre o Ratton e o Thiebaul.

Farejava-o, desconhecia-o ainda, mas ia espicaçando a curiosidade dos argentários.

Deixara muitas dívidas ao acabar a sua embaixada em Madrid; nem escaparam o cozinheiro Jacinto Gonçalves, a engomadeira, a Bárbara Garcia, e até o hortaliçeiro Cuervo. O principal credor era o Saraiva, agiota, que se dizia homem de negócios com escritório na rua Bela da Raínha, porta com porta com o do Braamcamp.

D. João Vilar passara por êles sem os ouvir e tão pouco à condessa que conversava com Prevot, ostentando a mais artística das túnicas bordada a prata e o penteado estonteante à Tutulus, os cabelos repuxados para o alto da cabeça com seus frisados, a testa a descoberto como nas effgies dos camafeus romanos.

As damas debruçavam-se no mirante à aproximação da infantaria de Lippe, de que era comandante D. Joaquim Saldanha, irmão do conde de Ega, e o morgado não deixava de olhar Martial, muito perto de Maria da Saüdade, atraído pela sua beleza de morena. Ficara de pé, por detrás dela, e D. João Vilar via-a debruçada para a rua e os olhos de D. Constança a procurarem os do coronel, que pareciam distraídos da sua retina.

O morgado atormentava-se a ver aquella mulher, tão linda, sua prometida desde a infância, que estava junto de outro.

O mundo parecia ter mudado completamente. As portuguesas já não se pareciam com as donas graves e semi-cativas que êle conhecera; não eram como sua mãe, quási sempre metida nos seus aposentos, ouvindo a sua missa, praticando as suas devoções, vivendo para o marido e para os filhos.

Agora eram outras, e via D. Constança junto daquelle belo official estrangeiro, que alheio ao resto do que o rodeava, contemplava a encantadora rapariga vestida como as damas de França.

Teve o desejo louco de se dirigir ao coronel e dizer-lhe que Maria da Saüdade era a sua noiva.

Reparou no uniforme que vestia e nos seus galões finos, sentindo-se apoucado em comparação com o outro, que cintilava nas dragonas a glória de batalhas imortais.

Os instrumentos do regimento de Lippe continuavam a tocar e os soldados marchavam tristes, mas cheios de aprumo, a caminho da terra daquele coronel que roubava o amor aos portugueses, como o seu imperador arrebatava a Portugal os homens e as armas.

O povo silencioso via-os passar sem uma palavra, melancólico, escutando os sons que já não pareciam de marchas portuguesas.

Os oficiais perfilavam-se em continência; e, então, como se não quisesse ver aquêlê espectáculo, que a todos interessava, Maria da Saüdade desceu os degraus do mirante, passou junto da irmã e encontrou-se diante do morgado de Tangil, que estava um pouco desviado dos convidados do conde de Ega, junto a um montão de roseiras.

— Maria da Saüdade! Eu vou partir e quero falar-te.

Sentia que ela viera ao seu encontro, como se caminhasse para o palácio.

A voz do morgado tremia de comoção; soavam já um pouco distantes as cornetas e tambores; uma poeira fina subia a envolver as fileiras dos exilados.

Ela olhou-o como se acordasse e murmurou:

— Não partas...

— Desertar?! — exclamou, sentindo que ela lhe pedia a sua honra.

— Só se deserta das nossas bandeiras. Fica.

Disse e começou a caminhar sòzinha sob o olhar do coronel Martial, que não a deixava, embora tivesse pelo braço D. Constança de Lemos perturbada, agradecida, com a felicidade no rosto.

O sol envolvia os últimos soldados, depressa desaparecidos, como que tragados por uma nuvem de pó branco.

Da banda do pátio do Saldanha para a Junqueira, ouvia-se um berreiro:

«— ¡Êle há-de vir! D. Sebastião! O senhor rei que sai da sua ilha!»

Um homem barbuçado, vestido de farrapos, arvo-rando um velho chapéu armado e empunhando uma cana, na qual esvoaçavam trapos, corria pela rua, atrás do regimento, soltando os seus brados.

Era o Eustáquio, um velho semi-louco e «dizidor».

«¡Êle há-de vir! Êle há-de vir!»

Os franceses viam-no passar com o ar desdenhoso ou trocista. Alguns gargalhavam. A lacaiagem, que estava junto dos carros à porta do palácio de Ega, deixou-o correr na sua loucura.

Nem um português ria do Eustáquio, sebastianista, que ia sempre gritando:

«¡El-rei D. Sebastião! ¡El-rei D. Sebastião há-de vir!»

E teimava no aranze!.

CAPÍTULO VI

ALMAS DÍSPARES

D. Constança de Lemos era bem uma cabecinha de borboleta, a acalantar sonhos, esquecida de tudo, inspirada. Amava e sentia que, pela primeira vez, entregava completamente o seu coração.

A vida com o marido fôra uma vulgaridade; o amor era diferente daquela ligação consagrada pela igreja e que os seus pais tinham decidido perante o nome e a riqueza do pretendente.

D. Gonçalo de Lemos, estúrdio, homem de aventuras que se deixara prender pelos seus quinze anos de morena picante, dera-lhe filhos, mas não a apaixonara.

Lisboa era ainda a cidade sorumbática com as suas janelas de reixas, as festas de igreja perfumadas de rosmaninho, alecrim e incenso, o burgo de gente metida consigo, em reuniões passadas e medidas; existia o mêdo das bruxas, a crença em avejões por essas ruas iluminadas apenas pelas lan-

ternas dos nichos. As almas sofriam da mesma falta de claridade.

Dominava o intendente Pina Manique com os seus sagiões; tocavam os sinos dia e noite, como se fôsem a única linguagem permitida em toada alta. Êles indicavam os deveres de cada um. Agora, a novena; logo a missa; depois Lausperene, ainda o Nosso Pai aos entrevados e aos moribundos, as tangências afinadas, os repiques festivos, as Aleluias e os rebates de incêndios.

Fora disso, vivia-se no silêncio; outros brados mais distintos nas noites eram os do «água-vai» ou alguma cantiga de namorados nas vésperas e dias dos santos populares.

Ela vivera naquela monotonia com os seus vestidos compridos, o balão, as anquinhas, saindo pouco, ralhando com as inúmeras criadas e ouvindo as crendices das negras muito fantasiosas.

O marido levava a vida pelas herdades em caçadas, distúrbios, grandes divertimentos de monteador ou, se estava em Lisboa, dando que falar de si, irritando o intendente de Polícia ou apresentando-se em público com cantarinas de S. Carlos, cómicas da Rua dos Condes, gente de má fama.

Respeitava a espôsa; queria-lhe a seu modo, mas considerava-se livre e tinha casado com ela para a ver obediente, tratando do lar, dirigindo, através da governanta, os trabalhos domésticos.

Depois da ida a Paris para recolherem a herança do seu original parente, o comendador Botelho de Lemos, tudo mudara. Abrira-se para ambos uma

sociedade nova, mais livre, onde passava o vento fresco e perfumado da renovação. O próprio Terror, que alarmara o Mundo, já parecia uma hecatombe distante.

O morgado de Mateus dissera, sentenciosamente, que assim como o marquês de Pombal nascera do terremoto, Bonaparte surgiu do Terror. Eram ambos filhos das catástrofes.

Aquêles salões que as marquesas do velho regime começavam a freqüentar, amparadas aos braços dos triunfadores, foram a aula onde D. Constança de Lemos aprendera que a vida estava bem longe de ser o cárcere lisboeta com suas gelosias, as cadeirinhas fechadas, a bimbalhada dos sinos e o medo das almas do outro mundo. Não pudera, todavia, libertar-se totalmente de escrúpulos e de preconceitos; amava, mas era casada e temia pelo seu amor, se o maculasse. Não fôra a amante de Martial, que a desejara ardentemente.

Na sua terra, tendo-o quasi à sua beira, imaginava imensos romances de felicidades. Adorava-o. O futuro seria maravilhoso, se elle escapasse das batalhas. Queria ser sua espôsa, não pela posição que unânimemente lhe furtavam com os títulos e a riqueza, mas porque o estremecia.

Se elle fôsse pobre e um apagado official, também o amaria. Pelo menos assim o julgava, pobre cabeçita tonta, que não perscrutava as razões do seu amor. Amara-o pelo seu mistério, garbo, encanto que se desprendia da pessoa do soldado heróico,

simpático a tôdas as mulheres, e cujas aventuras eram aboízes para novas fortunas de amor.

Ainda há poucas horas, pelo seu braço, no jardim do palácio dos Egas, imaginara que poderia ficar assim tôda a vida. Deitava contas ao futuro. Era rica, casaria depressa as filhas; dividiria a casa. O seu morgado estava em França; iria ter com êle, com o marido, pois Martial desposá-la-ia. Comparava-se com Adélia Filleul, embora nascesse do adultério com Talleyrand, e era a espôsa do morgado de Mateus, notável na sociedade, que solicitava a honra de entrar nos seus salões.

A comparação estava só no amor, pois era uma viúva honesta. O seu primogénito brilharia em França como o conde de Flahaut, enteado do seu parente diplomata, D. José Maria de Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos

Pensava então nas filhas. Maria da Saüdade acabaria por desposar o morgadinho, D. João Vilar. Pareciam amuados, mas quando êle voltasse das guerras encontrá-la-ia a amá-lo, porque era sincera, persistente, como se tivesse falhado à volubilidade, à ligeireza comum da família. Reflectia e, grave, direita em seu pensamento, gostava muito de repetir a história, ouvida ao morgado de Mateus, evocadora da espada do cavaleiro Artur que um escudeiro guardara, dizendo tê-la deitado ao mar como o mandara o amo móribundo. A lâmina lealíssima reaparecera junto do leito do herói a desmentir o mercenário, que quisera subtraí-la ao seu destino e talvez vendê-la.

Maria da Saúde era como a espada e por isso esperaria D. João Vilar. Ficaria no palacete da Cova-da-Moura, porque Luísa seria espôsa de Chavigny e acompanhá-la-ia a Paris, onde casaria com Martial.

D. Constança pensava aquelas fantasias e corria para o toucador, alindava-se, no que tinha pouco trabalho, pois o amor dera-lhe maior beleza e jamais deixara de ser formosa. O rosto moreno, os olhos grandes, aveludados e expressivos, tudo se tornara nela mais belo e sedutor. Ficavam-lhe bem os vestidos Império; ninguém a daria portuguesa, ao vê-la e ao ouvi-la falar francês e os modos das damas que freqüentara em Paris.

Sem o moreno quente da sua pele, tomá-la-iam por uma parisiense; assim, di-la-iam do sul, ou talvez italiana.

¿Que importava! Se estava linda?

Convidara Martial para sua casa às horas em que costumavam aparecer, além de Chavigny, outros dos ajudantes de Junot, como o engenheiro Rigot, o médico chefe Magnam e o espirituoso Carrion Nizas, que lembrava o conde de Sabugal por seu amor às artes e relêvo da crítica acerada e elegante. Nunca ninguém como êles dissera mal tão bem.

D. Constança voltara à sala a aguardá-los. Sentia que Martial desejaria falar-lhe a sós, e estremecia ao pensar na entrada do lado das terras que deitava para o jardineto, tão fresco e lindo, sob as janelas da sua alcova. Quantas vezes, nas suas horas de sonho, descera pela escada do toucador para o en-

cantado recanto! Ali poderiam encontrar-se sem que na casa dessem por essa entrevista necessária.

O mesmo poderia suceder na sua quinta do Mi-lhano, onde a disposição das casas era idêntica. Sempre gostara de independência para devanear à sua vontade; passava de noite sem incomodar as filhas, de quem se considerava irmã mais velha. Pelo menos era o que todos diziam ao vê-las juntas.

Depois do jantar fôra para o salão aguardar os costumados visitantes; deitara uma vista à casa de mesa, onde desejava que fôsse servido o chá, muito cuidado, naquela noite, em que receberia Martial. Assim combinara no jardim dos Egas e bem desejava que não faltassem as visitas nessa noite.

Dissera que reünia em sua casa oficiais franceses e contava vê-lo. Aguardara uma resposta ardente; êle, diante dos camaradas, volvera mais cerimoniosamente:

— Terei muito prazer em acompanhar Chavigny, o meu velho jacobino Rigot, e o marquês de Cambis-Velleron à sua recepção, decerto encantadora.

E, mais galantemente, concluía:

— Demais, é belo tudo quanto a rodeia.

Seus olhos tinham pousado docemente em Maria da Saúde.

Esperava-o ansiosamente. Luísa tocava no cravo um trecho da ópera de Cimarosa «La Finta Parisiana», muito em voga em França, como lhe dissera Chavigny. A irmã devia ler alguma novela no cantinho que escolhera nos seus aposentos.

O relógio, encimado pelas Três Graças, batera as

nove horas e êles não chegavam. D. Constança começava a ser roída pela impaciência tanto como Luísa jurava ralhar e amuar-se com Chavigny, embora êle costumasse dizer que era assim mais linda, fazendo-a zangar de propósito. Talvez porque julgava verdadeira a afirmação do official, Luísa molestava-se a miúde.

Ouviram-se passos no corredor e o criado annunciou o coronel Carrion Nizas. Geralmente, era o último a chegar, sempre muito elegante no uniforme de hussardo. Os seus quarenta e um anos não o envelheciam. Fôra um dos chamados «belos do Directório», depois de verberar o Terror pelo seu monturo de cadáveres, a fermentação do sangue. Prêso em 1793, fazia dêsse encarceramento um título de nobreza e, da sua presidência do Tribunato, uma carta de civismo.

Beijara a mão de D. Constança e de Luísa, que acorerra, julgando ter chegado Chavigny, e levantara-se, de novo, para saüdar Maria da Saüdade que, contra o seu costume, entrava no salão Império.

— Minhas senhoras: hoje só terão a minha companhia. Os nossos amigos e meus camaradas estão a fazer a sua côrte a um duque.

Habitudas às grandes fantasias do ajudante de Junot, e espirituoso escritor, as três senhoras alegravam-se, embora não fôsse muito sincero o riso de D. Constança, ao ouvir dizer que o Martial não aparecia. Luísa também esmorecera ao lembrar-se

da ausência de Chavigny, e só Maria da Saúde perguntara serenamente, em ar zombeteiro:

— ¿Caíu o império? ¿Voltou o rei legítimo? ¿Os oficiais do senhor general Junot foram cumprir o duque de Coigny, que talvez ainda se encontre escondido em Lisboa, à espera do acontecimento sensacional?! Não devemos ter por cá outro duque, pois o senhor D. João Carlos, duque de Lafões, faleceu há dois anos e o jovem duque de Cadaval, D. Nuno, está no Rio de Janeiro.

— Não, minha gentil e espirituosa senhora, não se trata nem do galante Coigny, tão falado nos anais de Trianon, nem dos duques portugueses, mas de um duque francês, que não perdoaria a falta de cumprimentos neste dia, o mais feliz da sua vida.

A curiosidade apossara-se das três senhoras, que se achegavam a Carrion Nizas, lhe faziam perguntas e o instavam muito apressadas. E êle radiava, diante daquelas formosuras, aproveitando o grupo para um madrigal:

— Que lindo «pendent» para aquêlre relógio das Três Graças!

A mais feliz pelo cumprimento foi D. Constança, que desejava ser muito bela, para Martial a amar cada vez mais.

— Já se—tornou Maria da Saúde—o vosso imperador mandou a Lisboa qualquer dos seus duques: os marechais Soult, Lannes ou Massena, que se intitulam duques da Dalmácia, de Montebelo e de Rívoli.

— Não... Não... Frio... Frio... — dizia o ex-tri-

buno a rir, espicaçando muito as devoradoras curiosidades.

— Talvez o próprio Murat, intitulado duque de Berg... — tornou ela.

— Murat é grão-duque e vai, ao que se diz, ser rei de Nápoles. Frio... Frio... o duque de que se trata ainda não deve ter escolhido o seu brasão. ¿Não adivinham?

D. Constança sentiu um grande sobressalto; ouvira sempre falar do fabuloso destino que esperava o homem que amava e exclamou:

— O novo duque é o coronel Martial!

Coube a vez de Carrion Nizas rir, a bom rir, para de repente, muito a sério responder:

— Não: por enquanto não. É crível que o seja um dia: traz na sua «sabretache» a patente de marechal e o título nobiliárquico. Trouxe, porém, no mesmo malote, esmaltado pela águia, alguma coisa diferente: o tributo dos cem milhões, a ordem de imediata partida da Legião Portuguesa, e do arrolamento de objectos de arte e de pratas, a destituição da Regência, a vida nova para Portugal...

— ¿Foi êle o portador de tôdas essas ordens? — perguntou Maria da Saüdade, mudando de tom.

— E encarregado de as zelar até ao fim. Talvez tivesse trazido ainda outras. Como se vê, a «sabretache» do meu amigo foi para Portugal uma boceta de Pandora.

Olhava em volta, analisando as senhoras, e ouvia a resposta de D. Constança:

— Os nossos argentários pagarão; os nossos sol-

dados serão heróicos como os franceses; a Regência não regia nada. Quere dizer: eu não percebo nada disso, mas, depois de ter visto como tudo decorria em Paris, desejo não sentir muito a diferença em Lisboa.

Luísa continuava amuada, mas também protestava:

— Não... Não... Longe disso. Não é a boceta de Pandora.

Maria da Saúde empalidecera e calara-se. A vista penetrante do coronel literato não se desviava do seu rosto, mas, desejoso de produzir efeito, voltava a perguntar:

— ¿Então não descobrem por que não terão hoje as suas habituais visitas? ¿Porque só eu aqui estou? ¿Não suspeitam quem seja o duque que lhes rouba, por umas horas, os admiradores?

— Não. Diga lá, pois já nos torturou bastante — diziam D. Constança e Luísa, até que êle bradou: — Uma, duas, três... Então?... ¿E a senhora D. Maria da Saúde, também não adivinha?

— Talvez. O novo duque pode ser o senhor general Junot e a sua nomeação deve também ter vindo na «sabretache» que o coronel chamou boceta de Pandora, ficando ali até se cumprirem à risca as ordens que trazia. Hoje partiu o último contingente...

— ¿O senhor general Junot, duque? ¿Será possível? — perguntaram a mãe e a filha mais nova, ao que Carrion Nizas respondeu:

— Sim, minhas senhoras, é Junot o novo duque, e à sua volta forma-se já uma côrte.

— Duque? E de quê? — perguntavam mais curiosamente, ao passo que êle demorava a resposta, dirigindo-se a Maria da Saúde:

— Minha senhora. Sou escritor de teatro e político de preferência a militar. Deixe que lhe admire a sua perspicácia e que lhe beije a mão.

Ela sorriu e, dando-lhe a mão a beijar, voltou:

— Não era difícil descobrir o que o coronel não ocultava ao falar da «sabretache» do seu camarada Martial, da boceta de Pandora. Por isso calculo que o senhor Andoche Junot tivesse recebido um título de duque de qualquer cidade ou vila de Portugal. Sòmente, se o vosso Imperador premeia os seus generais com os títulos das vitórias alcançadas por êles, Castiglione, Montebello ou Rívoli, não vejo bem em que ponto do nosso País se possa encontrar o lugar de qualquer vitória do senhor general Andoche Junot.

— Nem eu, minha senhora — voltou o ex-tribuno na sua acerba crítica, — mas o Imperador achou que êle se demorara pouco em Abrantes ou lembrou-se do título do marquês que faz parte da deputação portuguesa a Baiona.

— ¡Duque de Abrantes! — exclamou D. Constança. — Vamos, Luísa, vamos, Maria da Saúde. É preciso pedir-lhe audiência para o saüdar.

E sempre nos seus caprichos, no voltrear da sua imaginação, exclamou:

— ¿A Juliana já saberá? Deve ficar radiante. Sempre gostamos de ver premiar os que estimamos.

E entretanto, familiarmente falando da condessa de Ega, quasi a expunha no seu adultério ante as filhas, que talvez ignorassem ainda os amores da fidalga com Junot.

Carrion Nizas ia troçando e, ao mesmo tempo, dizendo da sua nobreza, sem pròpriamente a impor.

— Para o brasão do novo duque não cedo as buzinas de zagal que figuram nas minhas armas, pois por pastores principiaram os reis de Niza meus avoengos, em Espanha. Não confundir com as dos Monteiros, de boa nobreza servil, como a dêsse pobre Cambis, que é estribeiro-mor do senhor duque de Abrantes, filho de um campónio. É verdade que é da Côte d'Or e a sua árvore de costado refulge no belo nome da terrinha. Em boa razão, o novo titular considera-se, como todos os generais e marechais, um antepassado.

Palrava muito satisfeito, não poupando o seu chefe, seguindo a norma de se portar sempre como autor dramático, embora fardado de hussardo, tendo saúdades do seu papel político, não admitindo o triunfo dos iletrados e, por isso, vibrando-lhes os seus golpes.

— ¿Mas por que não puderam vir os seus camaradas? Chavigny...

Luísa ia dizer o nome dos habituais frequentadores do salão de sua mãe, quando êle lhe deu a resposta rápida:

— Todos ao serviço da lisonja. A ordem do dia foi de cumprimentos ao senhor duque. Eu tinha sido encarregado de missões junto da Academia Real das

Ciências, dos professores, dos letrados, na minha qualidade de escritor. Santo: Andoche; senha: Abrantes! E parti para levar os académicos e os sábios a saüdar o senhor Andoche Junot de Abrantes. Aproveito a ocasião para vir fazer-vos os meus cumprimentos, lavar meus olhos da feia carranca do ôlho estrábico e da calva do senhor Pierre Lagarde, novo intendente da Polícia, com quem também, infelizmente, tive que tratar.

Elas ouviam-no muito interessadas, cada uma à espera do que melhor lhe poderia servir ou agradar. D. Constança, pensando em Martial, que desejava ver; Luísa, na impossibilidade de ainda receber a visita de Chavigny; Maria da Saüdade a inquirir:

— ¿Calvo, torto e intendente?! ; Mas que autoridade! ¿Donde veio êsse ministro?

— Veio do armazém geral do senhor Fouché, o polícia-mor da Europa, antigo oratoriano e também jacobino, o homem dos abismos. Lagarde, escriptorário em Paris, polícia em Nápoles e intendente em Lisboa. Tem idéias assombrosas. Queria limpar a cidade. Tira-lhe o pitoresco. Deseja acabar com os cães vadios; rouba-lhe a sua música bárbara. Pretende desarmar todos os portuguezes, tira-lhes tôdas as armas, desde as choupas às carabinas e espingardas, e, para isso, vai começar as visitas domiciliárias antes de afixar os editais da proibição de tais instrumentos. É o único ponto em que concordo com o senhor zarolho. Corremos muitos riscos nas ciladas.

Maria da Saúde percebeu que a mãe ia falar e rapidamente disse:

— Cá receberemos os sagiões. Não há armas nesta casa, a não ser as do nosso brasão. Havia espingardas e carabinas, mas o Manuel levou-as para França.

A visita olhava-a fixamente; a mãe e a irmã quedavam-se muito admiradas daquela afirmação mentirosa. Com a maior naturalidade, ela, sentindo-se observada, atalhou:

— Perdão! Existe ainda uma pequena clavina de caça, de cano lavrado como a fecharia, que pertenceu à senhora Princesa do Brasil, D. Maria Benedita, que teve a bondade de me oferecer êsse mimo. Era a minha caçadeira. Se a quiser o tal senhor...

— Lagarde — informou êle, sorrindo ao ouvi-la prosseguir:

—...o tal senhor Lagarde, entrego-lha, mas é com o maior dos pesares.

— Eu farei por V. Ex.^a o sacrifício de ir de novo ao encontro dêsse abôrto oficial, vestido de verde e todo bordado a prata. Parece a caricatura de Fouché, feita por um hóspede incurável da Salpêtrière. Nem lhe falta a capinha bordada.

Despedia-se, sempre risonho, prometendo aparecer com os seus amigos, vindo com êles o coronel Martial, e acrescentou no mesmo tom irónico:

— Tenho que ir combinar com o senhor Garção Stockler, secretário geral da Academia, o meu discurso de recepção. Ouvirei também os sábios, meus

futuros confrades, Domingos Vandelli e o reverendo Joaquim Fóios. O conde de Ega levá-los-á junto do novo duque e eu terei ganho êste serão junto de vossas excelências e uma cadeira na Academia Real das Ciências.

Recusara o chá que lhe ofereceram e saíra em vénia elegante. As três senhoras, depois de tomarem a sua refeição tristemente, recolheram-se.

Luísa desesperava-se a ensaiar escrever a Chavigny uma carta despeitada. Maria da Saúde chamara a Ana e dissera-lhe:

— É preciso que o José esconda tôdas as armas que houver cá em casa. Previna também o Bidarra e os outros para fazerem o mesmo. É que amanhã começam a procurá-las. Disse aí um francês.

Ante o olhar espantado da serva, ela acrescentou no tom mais natural:

— Sempre são nossas e recordações do pai e do mano. Que as esconda.

Passou ao seu toucador e, sentando-se junto de um biombo, ornado de giestas muito altas, ficou a meditar.

A mãe retirara-se, mas, em vez de se deitar, abrira a janela e encostara-se ao parapeito. Via, sob o luar brando, trechos do muro de uma cêrca nas terras de Santa Ana; a massa mais escura do olival extenso para as bandas das Janelas-Verdes; escutava vagos rumores, latidos e uivos de cães, e depois um grande sossêgo caía naquele bairro distante. Lá muito longe, mais adivinhados do que na realidade ouvidos, passavam como gemidos longín-

«quos: «Qui vive?» e o «Halte lá», das sentinelas e patrulhas francesas nas ruas adormecidas.

Ela continuava no seu sonho, encostada ao para-peito, apesar da brisa, um pouco fria, da noite; da sua alcova passava a luz muito esbatida da lâmpada côr-de-rosa. Acumulava fantasias; desejava, ardentemente, falar com Martial, mostrar-lhe a sua casa e dizer-lhe da sua vida, perscrutar o seu ânimo, dar os passos precisos, mesmo os arriscados, para ser sua espôsa. Iria com êle para França; não tinha saüdades de Portugal. O filho que amava a seu modo, vendo-o como soldado, andava por lá. O padraсто protegê-lo-ia, porque, sem dúvida, estava destinado às maiores situações do Império. Luísa, que adorava Chavingy, ela bem o notava nos seus amuos, seria condessa e quem sabe se não viria a ocupar algum cargo junto das personagens imperiais.

Sonhava muito, olhando a branca claridade do luar.

De repente, ouviu-se o som de uma viola na noite calma, um pouquinho arrepiada de frio. Elevou-se uma voz entre suave e faceta, na modinha tanto em voga:

*Morre o triste Lereno
De mal de amor,
E dos bens que possui
Quere já dispor.*

O cantor nocturno fazia o seu testamento, legando

seu coração, suspiros, beijos e ternuras, querendo morrer porque certa mulher não o amava.

Deixa à sua Nerina,

Pelo matar,

O desejo que tinha

De mais a amar.

Soluçavam, na noite, a viola e a canção, de repente menos triste, quasi libertina.

D. Constança ouvia-a e pensava que também desejava morrer assim, doando tudo quanto possuía em ardor, vida e alma, ao homem cujo beijo jamais deixara de a perturbar.

O relógio da torre do convento dos oratorianos das Necessidades bateu horas. Contou-as; eram onze. Ia fechar a janela, quando ouviu passos leves ao longo do muro; espreitou, estendeu o busto a ver se distinguia o vulto que caminhava rente à parede. O seu coração batia estranhamente; latejava. Possuía-se de uma ilusão que tomava por realidade.

¿E se fôsse Martial?! ¿Se êle quisesse ver as janelas da casa depois de ter saído da recepção do palácio do Quintela? ¿Se esperasse vê-la? Assim succedera em Paris. Debruçava-se mais, devorada pela curiosidade, louca de amor.

Ressoou um tiro a distância; ela soltou um grito, fechou a janela, deixou-se cair na cadeira, alucinada: ¿E se fôsse êle?

— Meu Deus! ¿Se o tivessem morto?

Do lado da calçada, para a banda da rua, ouviram-se passadas rápidas, depois uma carreira; julgou que abriam o portão da banda da Cova-da-Moura. Quási juraria ter escutado o rangido dos gonzos, mas erguia-se de novo, limpava os olhos onde tinham assomado duas lágrimas e punha-se a sorrir tristemente.

— Que louca? Só eu! Agora! ¿Podia lá ser Martial procurar ver-me?! A esta hora está êle junto do general-chefe, do duque de Abrantes.

E, na reviravolta, tão corrente, na sua cabecinha, punha-se a pensar qual seria o título que o Imperador concederia a Martial. Para isso, porém, era precisa uma acção de brilho, uma vitória como a de Massena em Rívoli, a de Lannes em Montebello ou a de Soult na Dalmácia. Voava de novo o seu pensamento; Martial não carecia de novos feitos. Já se batera em diversas cidades; conseguira distinguir-se. Procurar-se-ia no seu passado o lance mais heróico, não se expondo de novo.

Reparou que ignorava tudo da sua vida desde o último baile em casa de madame Sousa, no tempo do Consulado.

Já lá iam cinco anos. Preguntar-lhe-ia o que fizera. As batalhas tinham-se travado depois, na Alemanha e na Áustria. Queria rememorá-las. Ignorava-as. Sorria muito docemente e ficava mais bela, murmurando:

— Êle me ensinará o nome de tôdas elas, quando estiver junto de mim.

E acariciava a sua pele morena, deliciada, cor-

rendo a ver-se ao espelho do toucador. Martial devia amá-la. Era realmente formosa e adorava-o.

Da rua subiam berros, numa voz:

— Há-de vir! ;O el-rei D. Sebastião! Há-de vir!

A voz, roufenhamente, agourava:

— ;Deixará a sua ilha! ;Senhor, não o demoreis!

Era o Eustáquio, o doido «dizidor» passeando a sua loucura patriótica na réstea da Lua desmaiada.

CAPÍTULO VII

A RECEPÇÃO DO SENHOR DUQUE DE ABRANTES

O major Malaparte, envergando a farda desbotada do antigo regimento de Cascais, casaca e calções azuis, véstia branca e polainas, parara à entrada da rua da Horta-Sêca para a do Alecrim, a endireitar a alta barretina. Surgiu na sua frente o Manuel José, antigo correio da secretaria do Reino, que lhe perguntava, entre agastado e penalizado:

— ¿Então o meu major também vai à festança?

Naquele meio da tarde, estendia o braço para o largo fronteiro ao palácio do barão de Quintela, onde o argentário mandara demolir casebres para desafogar a fachada do seu prédio, e apontava os carros de gala.

Um pelotão de dragões de grande uniforme e espadas nuas, rígido nas selas, ladeava o portão da residência onde Junot dava a sua primeira recepção de duque de Abrantes.

Nas traseiras do palácio da rua do Tesouro Velho, o espectáculo era idêntico junto da porta nova dos jardins.

Fidalgos escapos à viagem a Baiona rodeavam o conde de Ega; capitalistas de nomeada, Ratton, Francisco Machado, Geraldo Braamcamp, Francisco Calvet, apeavam-se das carruagens e dirigiam-se para o dono da casa, que aguardava os visitantes no alto da escadaria, em cujos degraus os grana-deiros de grande uniforme pareciam petrificados sob as armas.

— Não vim à festança, — volveu o major — mas fiquei aqui pegado. Nunca julguei que se chegasse a isto. Olhe: as mulheres são aos bandos.

Entre as alas dos soldados e dos lacaios de calção e meia de sêda passavam as senhoras para o salão do primeiro andar, mobilado no estilo Império e perfumado pelas primeiras flores da Primavera.

Continuavam a descer das carruagens nas suas nuvens de sêda; subiam os lances das escadarias, muito belas e aprumadas, e os seus escudeiros, cocheiros e criados de tábua juntavam-se no largo, lançando olhares desconfiados a estranhos que se introduziam nos grupos.

Receava-se muito os «môscas» do intendente da Polícia, Pierre Lagarde, já servido pelos antigos sagiões de Manique.

— Pois eu fui obrigado a fardar-me, tornou o major, e a apresentar-me na secretaria da Guerra, porque já excedera o prazo. Era hoje o último sá-

bado depois do aviso da «Gazeta». Lá fui. Só vi veteranos. O resto já marchou.

— Um dos franchinotes, dos negregados, dos patifórios, mediu-me de alto a baixo; viu-me maneta, coxeando, com dois dedos menos, e nem me mandou sentar. Esperei tempo infinito. O senhor Lhuite não recebia; o senhor conde de Sampaio também não; os chefes da repartição estavam ocupados. Pediram-me a minha fôlha de serviço e eu em pulgas, com mêdo de nunca mais a ver. Foi o conde de Novion que a devolveu com a sua rubrica. Quem o viu a rastejar, a amaldiçoar a República, a pedir um pôsto no Exército português?! Foi para a Polícia, hoje comanda armas, a sôldo dos franceses, dos republicanos que odiava! Sim, que lá conversa do imperador é tudo laracha. Imperador dos jacobinos!

Pigarreava, gargalhava rancoroso e explodiu:

— Ó Manuel José, o pior foi quando um franchinote me perguntou na sua língua de trapos:

— ¿Porque lhe chamam major Malaparte?

— Senti ganas de escarrar para ali o que me escaldou sempre desde o Russilhão contra os republicanos e até senti uma zoeira nos ouvidos e tonturas por me calar. Ao meu lado, um outro francês diante do qual todos se perfilavam, um coronel de hussardos, explicou a seu modo, e a desenrascar-me, a razão da minha alcunha: É porque — disse êle — o nosso Bonaparte nunca foi ferido e o nosso major pouco lhe faltou para ter deixado um membro em cada

batalha onde se bateu. Daí o seu Malaparte. ¿Não é assim? ;Dê-me a sua mão honrada, camarada!

Sacudiu e partiu, deixando os outros a olhar-me como se eu fôsse algum burro de três cabeças ou vitelo de oito patas. O coronel, soube-o depois, era um tal Carrion Nizas, ajudante do duque da terra alheia.

Manuel José, vestido no seu fato velho, embora limpo, esguio, quási trágico nas expressões, perguntou:

— ¿Que me diz dos editais para a entrega das armas?

— Que esta noite ainda ouvi tiros.

Riram ambos, muito sabedores das razões daqueles disparos.

— Há muita gente prêsa; não se pode dar guarida a ninguém sem participar ao ministro do bairro, por intermédio do cabo da sua rua. Não deixam sair de Lisboa sem guia. Um inferno. Ameaçam de fuzilamentos diários. ¿Que querem êles? ¿Que paguemos com agradecimentos a sua invasão, o roubo, o crime, a violência?!

— A terra é nossa; quem a pisa pela fôrça...

— Ficarâ bem aconchegadinho nos seus torrões.

Tornaram a gargalhar e a encarar-se quando passou um esquadrão de hussardos, escoltando uma carruagem da Casa Real, que conduzia o Principal D. Francisco Rafael de Castro, regedor das Justiças. Ninguém se descobriu; o major voltou as costas, a apontar na rua da Horta-Sêca uma casa de câmbio sob a tabuleta do Colégio de Luísa Collins.

O ex-correio dizia, radiante:

— A melhor é que quiseram picar as armas reais de todos os edifícios, mas nem um só canteiro português aceitou tal trabalho. ¡Honra lhes seja feita!

— Picados precisavam de ser êsses vadios de sabre, êsses fantoches de casaca, êsses escaravelhos de comendas. Vamos andando; quero trocar um rodízio de quarenta francos por uma peça portuguesa. Depois bebemo-la à saúde dos... atiradores da noite.

Alargou a vista para a entrada do palácio do Quintela e fêz um gesto de figa muito seu especial.

Aglomeravam-se os visitantes; deixavam-se passar as senhoras, mas logo a multidão se tornava compacta em volta das personalidades mais achegadas ao govêrno intruso. O conde de Ega, impo-nente, de casaca bordada a ouro, sorria para a direita e para a esquerda, até que sentiu o seu braço enfiado pelo de um francês, ante o qual tôda a gente tentava fazer respeitoso, embora difícil, círculo.

— Ó senhor Lagarde!

O intendente da Polícia era baixo, magro, calvo, o olho direito de um estrabismo quási cómico. Vestia casaca verde, bordada a prata, tendo pelos ombros uma capa igualmente enfeitada, a imitar no argênteo dos ornatos a que Fouché, ministro da Polícia do Império, usava com seus silvados de ouro.

— Senhor conde, tenho que tomar medidas mais severas. Os seus portugueses...

Perdeu-se no ruído das conversações o que o homem da Polícia se dispunha a explicar ao grande amigo dos invasores.

Entraram ambos no salão, onde os ajudantes de campo de Junot, duque de Abrantes, já arvoravam chapéus armados de plumas negras, para não se confundirem com os do Imperador, que as usavam brancas. Até aí não ostentavam aquêlle distintivo.

O chefe do estado-maior, Thiebault, recebia os generais Loison, Kellermann, Delaborde e Travot, que tinham deixado as suas divisões com os officiaes às ordens, a fim de cumprimentarem o chefe.

Havia nos lábios de alguns dêles sorrisos irónicos, e Loison não contivera uma gargalhada mais alta, quando o senhor Jouffre, cunhado de Junot, disse, de forma a ser ouvido e como em imposição:

— Sua Alteza ainda está nos seus aposentos.

E a alteza era o antigo sargento «Tempestade», cujas aventuras de estúrdio endiabrado tinham feito época.

O conde de Ega ouvia o intendente Lagarde muito queixoso:

— Tôdas as noites atentados. Vou dar um grande exemplo. Fuzilaremos um ou dois dos tipos apanhados em sublevações ou ciladas, ainda em propósitos rebeldes. Aí, no meio de uma praça pública, à hora do dia, coloca-se um pelotão de execução de boa pontaria e veremos se não movem os fechos às espingardas que tão difficilmente entregam.

— Tenho de acautelar os meus pescadores, desde Paço-de-Arcos até Cascais, das fúrias dêsse lagarto verde salpicado de prata... — disse, quasi desafiante, o general Travot, que conseguira proteger os homens do mar, sempre na miséria, por lhes ser

proibido lançar as rédes a distância, pois comunicavam com a esquadra inglesa do bloqueio.

— Talvez de arrependas, Travot — atalhou Loisson, que começava a criar fama de bárbaro. Agitava o côto do braço, segurando o chapéu armado e a espada com a mão válida, e acrescentava:

— Isto de piedade em terra ocupada é contraproducente. Se não, vejamos: ¿Que queremos? Obediência. ¿Qual o sentimento natural dos homens obrigados a obedecer aos estrangeiros? A revolta. Não podem ser nossos amigos senão os traidores. Daí o lagarto pintado ter razão e tu pareceres um capuchinho com tuas virtudes.

Riram no grupo; mas Travot parecia não se conformar com aquelas idéias e segredava a Delaborde:

— Os meus homens do mar não andam armados. Não sou um esbirro, sou um soldado.

D. João Vilar ouvia, sem querer, aquêles propósitos, apesar de só ter no pensamento o que escutara a Maria da Saúde. A sua partida estava marcada para daí a dois dias; ela mandara-o ficar e nas suas meditações pensava o que teria de desonrosa aquela resolução.

Ficar, quando os seus camaradas iam a caminho da França, parecia-lhe uma infâmia.

Como se lhe tivesse adivinhado o pensamento, Maria da Saúde passava da sala reservada às senhoras em direcção à porta do jardim, onde começavam a florir as rosas. Acompanhava a mãe,

que parecia não poder estar muito tempo no mesmo lugar, enervada, desejosa de ar. Ia atravessando a sala, entre os olhares dos oficiais e os cumprimentos, quando appareceu o coronel Martial no seu grande uniforme, magnífico, resplandecente.

D. Constança deteve-se a receber-lhe a vénia. Tomou-lhe o braço e pediu:

— Acompanhe-me um pouco ao jardim. Abafa-se naquela sala.

Êle olhara para Maria da Saüdade, sorrindo-lhe galantemente, querendo entabular conversa, fazer-lhe uma pergunta, senti-la à sua beira.

Deixou-o avançar mais uns passos; ficou parada num grupo que a saüdava e, voltando-se para o morgado, receoso de se aproximar, cheio de ciúmes, no seu grande preito de amor, disse-lhe:

— Vem comigo.

Caminhou a seu lado para um canto do jardim, sob cujos caramanchões já havia alguns convidados mais íntimos do barão de Quintela.

Numa das ruas de buxo alto, Maria da Saüdade parou, encarando o noivo, e esperou que êle falasse. Não lhe ouviu a menor palavra; lia-lhe no rosto a tristeza, a paixão. Receava expandir-se, com medo das desilusões da resposta.

Foi ela quem falou, entre grave e affectuosa:

— João. ¿Que vieste aqui fazer?

— Ver-te — volveu êle. — Disseram-me em tua casa que saíras cedo. Fui procurar-te. Não estavas na Boa-Morte com o Vital. Já tinhas saído. Tôda a gente sabia que tinham vindo a esta recepção. Vim

também para te ver, para te falar, para te perguntar por que me disseste aquela palavra. Maria da Sauidade! Parecia que me davas uma ordem e eu senti-me feliz, pois, decerto, me perdoaste.

— Eu? O quê? — interrogava no seu grande ar desprendido.

— A atitude que tomei; as minhas faltas, a deliberação de partir para a França com o teu irmão.

Do alto da sua altivez, mais linda, na maior calma, foi dizendo:

— Eu não dei por coisa alguma que pudesse molestar-me. És militar, mandam-te marchar com a tua farda nova — e apontava o uniforme da «Legião Portuguesa», na sua côr de pinhão avivada de vermelho. — Tu, que a vestiste, é porque te dispuseste a seguir o exemplo de Manuel e os conselhos dos officiaes franceses. Sim, os que ficam cá.

— ¿Pois não me aborreceste por ter fugido da tua presença, procurando afastar-me, querer ir para a França e voltar coberto de glória, como êles?!

— Glória como a dêles?!

Parecia tomada por uma grande admiração e concluiu:

— ¿Querias ir aos países estrangeiros, sob uma bandeira que não é a tua, ganhar a glória das occupações depois das batalhas? ¿Fazer aos outros o que os franceses praticam aqui? ¿Era esta a tua glória? ¿Era o teu fim?

— Para que me visses igual àquêles que tôdas as mulheres admiram, os heróis dêsse exército.

— ¿Tôdas as mulheres! Julguei que havia

excepções, que as portuguesas só podiam sentir alguma admiração pelos defensores da sua terra. ¿Tu querias ir por êsse mundo a ganhar tais louros?

— Maria da Saüdade, ouve-me. Eu adoro-te, estou pronto a obedecer-te em tudo quanto não ofenda a minha honra. Disseste que ficasse. Aqui estou. Ainda não sou um desertor; só depois de amanhã, se seguir o teu conselho, me considerarão como tal.

— ¿Se seguires o meu conselho?! O quê?! queres ir para França servir os que invadiram Portugal? Nesse caso não tenho mais nada que te dizer.

A coronela Foy passava do lado do portão do Tesouro Velho, a caminho das salas, junto de madame Troussel, rodeadas por muitos officiaes francezes e portuguezes.

Pareciam boas amigas, radiantes pelo título concedido ao general-chefe, que as amava com a sua volubilidade de belo conquistador. Se uma delas, a espôsa de Foy, lhe acolhia a côrte, a mulher do commissário geral Troussel desdenhava-lha, mas iam ali ambas no esplendor dos seus vestidos e das suas jóias, alegres pelo triunfo do amoroso.

Carrion Nizas, que amava os calemburgos, applicara um àquêles amores; tecera-o no seu belo idioma ao deixar voar a expressão: Junot, Troussel, Foy, o que todos tomariam por três apelidos mais ou menos conhecidos, quando êle fazia do segundo os verbos: enfeitar ou adornar.

— Não temos mais nada que dizer um ao outro...

A voz de Maria da Saüdade velara-se, dirigin-

do-se mais uma vez ao noivo, que, muito pálido, começou as suas explicações:

— Eu queria ficar a teu lado. Um amor como o que por ti sinto, só é sofrimento longe de ti. Mas, Maria da Saüdade, eu visto uma farda; tenho compromissos; não posso aparecer na cidade como um cobarde.

Quási soluçava à idéia de o acusarem de falta de coragem, se renegasse os seus galões, receasse expor-se às balas, ir por êsse mundo, onde só havia perigos e glórias. Tôdas as suas afirmações feitas perante os oficiais franceses, os brindes e os hinos à guerra atirados ao ar no «Nicola» e no «Madre de Deus», a sua própria troça ao parente morgado de Teive lhe acudiam como remorsos, mas também como incentivos.

Cometera um grande êrro; a mais funesta das ilusões o dominara. Julgara Maria da Saüdade como a Luísa, que deixara de amar o noivo porque a hora era dos militares ousados, dos que se lançavam nas aventuras.

Recordava o pobre Luís de Teive, pálido, semi-tonto, sofrendo da sua paixão, acanhado no seu traje de provinciano, e pensava que, embora fôsse um dos elegantes de Lisboa, poderia desmerecer, moralmente, aos olhos da sua noiva.

Tudo se transformara; Maria da Saüdade apparecia-lhe diferente; encontrava-a, a súbitas, fria e quási desdenhosa para, de seguida, lhe impor alguma coisa que considerava ferida aberta na sua honra.

¿Como podia ela exigir-lhe que desertasse?

Pensara tudo isto rapidamente, sem ver a sociedade mais brilhante à sua beira, passando para o salão onde o duque de Abrantes ia receber os cumprimentos. Ela na sua frente, queria sair daquele lugar, mas não se atrevia a atravessar sòzinha a rua de buxo e meter-se entre os convidados.

— Acompanha-me, João. Depois segue o teu destino.

Êle quási soluçava:

— Dize-me só uma coisa, dize-me se ainda me tens amor!

— O amor não se perde de repente, mas molesta-se na ausência dos que lhe fogem; reflecte e quando o amor medita esvai-se. Vamos, acompanha-me e sê feliz.

— Maria da Saüdade, ¿porque me queres obrigar à deserção? ¿Não vês que ficarei desonrado?! ¿Quererás ser espôsa de um homem que podem acusar de cobardia?

— O teu sangue é bastante nobre e há na tua ascendência exemplos de bravura. Não precisas de mostrar-te valoroso ao serviço dos estrangeiros. Mas se tens mais amor a essa vaidade, que outra coisa não é semelhante gloriola, se a amas mais do que às pessoas a quem deves outros affectos, vai.

Sentiu que tudo acabava sùbitamente; não podia sacrificar o seu brio e quis comovê-la.

— Mas o Manuel, o teu irmão, foi para França. Lá está em Baiona.

Nos lindos olhos de Maria da Saüdade passou uma expressão magoada, e ia soltar a condenação

da sua família afrancesada e de ânimo ligeiro, quando preferiu ser mais cruel do que sincera:

— O Manuel nunca jurara amor a ninguém.

Entre o bem que lhe faziam aquelas palavras e o penhor que se lhe pedia, entreviu muito de terno, mas também de doloroso.

Sentia-se desprezado pelos militares e, ao mesmo tempo, recordava-se das façanhas que ouvira contar dos maravilhosos quadros de guerra, da fascinação que a vitória exercia em tôdas as almas.

Outrora, o seu tenente-coronel, D. Alexandre Vital, falara-lhe entusiasticamente de um homem baixo, pálido, de grandes olhos azuis, vestido numa casaca verde, que passava revista aos mais bravos granadeiros da Europa, e fôra essa visão de Paris o primeiro grande impulso para a apetecida glória. Preguntava a si próprio porque teria o seu comandante perdido o antigo entusiasmo, solicitando a demissão do exército. ¿Se êle tivesse feito o mesmo quando a família real partira de Portugal? Mas era um tenente novo e a visão dos triunfos franceses arrebatara-o. Manuel de Lemos ajudara ao resto, auxiliado ainda pelo verdadeiro delírio feminino ante os soldados de fama universal. Até as mulheres mais pudibundas e honestas não lhe negavam valor e admiração.

— Maria da Saüdade, ¿que queres fazer de mim? ¿Posso dar-te o meu nome de desertor?

Ia responder-lhe, quando viu a mãe pelo braço de Martial, a aproximar-se como embevecida, longe

do mundo, sentindo-se conduzida por uma força que a dominava e seduzia.

Os olhos do coronel da Guarda Imperial fixaram-se em Maria da Saúde e uma ruga rápida, um vinco logo desfeito, se cavou entre as suas sobrancelhas. Depois, sorrindo, aproximou-se e cumprimentou-a.

Envolvia-a em verdadeira sedução, mostrava-se fascinado. D. João Vilar ficara firme, a fazer-lhe a mais rigorosa continência. Encontrava-se em frente do herói cujo nome era famoso no exército e a cujas vitórias bebera nos ágapes do Nicola. Sentia-se pequeno, na sua frente. Era um dos soldados que as mulheres amavam.

Ficava-lhe muito bem o uniforme coberto de ouro, a peliça debruada, a barretina com seu penacho, a firmeza e aprumo. Exalava-se dêle a legenda.

¡Como lhe era inferior na sua fardá de saragoça, avivada a vermelho!

Martial desculpava-se de não ter ido ainda a sua casa; dizia-lhe quanto se recordava de a ver nos bailes de Paris, no salão de madame de Sousa, e prestava o seu grande preito à sua beleza.

— Já se adivinhava na menina, que então era, a formosura que tanto recordava a de sua mãe há cinco anos.

E em pura galantaria, arrastado pela beleza de Maria da Saúde, não sentia as devastações que fazia noutra alma.

Eram assim todos os soldados da sua raça na guerra e no amor. Caminhavam, directa e arreba-

tadamente, para a vitória, sem lhes importarem as vítimas.

D. Constança de Lemos estremeecera violentamente, sem que Martial desse pela sua perturbação; ela sentira-se como fulminada e não podia desfitar a filha, cujo lindo rosto se escarlatara.

D. João de Vilar estava lívido. O coronel correspondera à continência, mas deixara-o perfilado. Não lhe escapava a sedução que exercia; entontecia de ciúmes e mal podia julgar que junto dêle outro coração sofria mais ainda, se era possível.

As faces da mãe da requestada só retomaram côr quando ela disse, da mais grave maneira:

— Coronel, dê-me licença que lhe apresente o senhor D. João Vilar, morgado de Tangil, o meu noivo.

Animou-se o rosto do oficial da Legião; apareceu um vago sorriso nos lábios de D. Constança. O coronel Martial, como se não tivesse recebido o golpe profundo que lhe era vibrado pela mão pequenina de Maria da Saüdade, voltava-se para D. Constança e fazia um cruel reparo:

— Minha querida amiga, não me tinha dito que ia ser sogra.

Novamente desmaiaram os vagos tons rosados da fisionomia amorosa que se via quasi desdenhada. O oficial francês, dirigindo-se ao morgado de Tangil, depois de lhe apertar a mão, perguntou com ar autoritário de um superior:

— ¿Quando parte?

E a noiva, no mesmo ar sereno, fingindo não ver a perturbação do morgado, volvia:

— O mais tarde possível.

Encrespou-se o sobrececho do coronel, que re-dargüiu:

— Depois de amanhã seguem os últimos contingentes. — E logo amabilíssimo, e dando o mais terno tratamento à mãe de Maria da Saúde, anunciou-lhe:

— Terei o prazer de ir cumprimentá-la a sua casa: ¿consente-o, querida amiga?

D. Constança sorria com a morte na alma. D. João Vilar fixava-se na posição de continência, sentindo a bôca amarga, não podendo responder como queria ao coronel, a cujo heroísmo tantas vezes bebera.

Ficara junto de Maria da Saúde, que se dispunha a seguir para o salão, pois Jouffre, o cunhado de Junot, mandara os criados anunciar a recepção.

— Teu noivo! — dizia o tenente da Legião — muito obrigado. Vejo que me tens amor. Julguei que nunca mais querias dar-me o nome que tão bem soa aos meus ouvidos. Obrigado, Maria da Saúde. E agora digo-te que não deixo a nossa terra; deserto, mas não posso estar longe de ti, querida.

Tinha falado ternamente e em voz muito baixa. Ela dizia-lhe:

— Vai para casa de D. José Vital, e até sempre.

— ¿E tu vais lá? Preciso ver-te, ouvir-te e obedecer-te. Sacrifiquei-te tudo.

— Não é por mim, mas pela nossa terra — bal-

buciou ela, collocando-se a seu lado, nas alas que se formavam nas proximidades do salão, onde o duque de Abrantes ia receber os cumprimentos da sua côrte.

Thiebault, o chefe do Estado-Maior, apparecera um pouco comprometido, a ordenar:

— Primeiro, a nobreza do reino.

O general Loison deu um passo em frente, olhou Kellermann e Delaborde e disse, avançando:

— Primeiro, os generais do Imperador.

O official empalideceu; Jouffre, que transmitira a ordem do general-chefe para aquêlê acto protocolar, calou-se, mas Travot salvou a situação, dizendo a Loison:

— Esqueceste que és o governador do palácio imperial de Saint-Cloud. Primeiro, as senhoras.

Os generais e officiaes abriram alas à passagem das damas, que, por sua vez, se afastaram diante da condessa de Ega. Mas logo a coronela Foy, encantadora no seu vestido branco, bordado de asas e abelhas de ouro, atravessou para o salão onde Junot, duque de Abrantes, parodeava, imitando o Imperador nas recepções das Tulherias.

Descia a tarde luminosa. Do largo fronteiro ao palácio Quintela vinham as vozes dos cocheiros, estribeiros e moços de tábua, o tilintar de freios e de estribos, um rumor de feira de gado e de espera de saída de espectáculo elegante.

D. João Vilar decidira o seu destino; passara pela porta do jardim da rua do Tesouro Velho, olhara, distraidamente, a cascata e os lagos, medi-

tando no que ouvira a Maria da Saüdade, sentindo a mesma amorosa do período anterior à sua ilusão, aos seus projectos de deixar Portugal, da loucura em que pudera julgar que a esqueceria.

Era a sua maior felicidade, saber-se assim amado. A sua carreira não lhe importava. Lembrava o olhar apaixonado em que o coronel Martial a envolvera e enchera-se de cólera.

Ia voltando para o Cata-que-farás, desejando fugir aos ecos da festa, e via na sua frente o major Malaparte muito vermelho, apoiado à bengala, a farda a estalar por tôdas as costuras, mas risonho e afável a saüdá-lo:

— Fui ali ao Leão de Ouro da rua do Alecrim, comer um jantar à portuguesa: um cozido com vaca e galinha, regado com um vinho de três estações. Uma de doze na mesa redonda. ¿E você, morgado, vem lá dos «petits patés» do Quintela? Ah! Não! Ainda é cedo para as gulodices com que o Junot unta as goelas aos que lhe dão vivas.

O tenente não o ouvia; estava como muito longe, alheio às três girândolas de apodos com que o major ferreteava os franceses, verberando à mistura, como êle dizia, os adulões, os bisbórrias e as bonecas pintadas que emparelhavam com êles. E perguntou:

— ¿Então essa partida? Quando é?

O morgado abandonou os seus pensamentos e exclamou:

— Meu major, dou-me por cá muito bem.

— Ah! Assim é que é! Mande-os pendurar.

— Não há terra como esta, quando livre dos inimigos, mas Lisboa parece-me, sabe o quê?

Num soluço segredou, como envergonhado:

— Uma colónia. Não sei como ainda somos brancos.

E sacudindo os ombros, puxou do lenço de Alcobaça e convidou-o:

— Venha daí, ao Grego, beber uma losna ou uma coisa nova que lá há: «a mata la huga», um belo «mata-bicho».

D. João Vilar sorriu e abraçando-o murmurou:

— Agradeço, mas há outros bichos a matar.

O major ficou encostado à bengala, a vê-lo descer para a Ribeira, os olhos muito brilhantes e o coração a bater, um sorriso nos lábios grossos e vermelhos.

CAPÍTULO VIII

AS ILUSÕES DO CORONEL MARTIAL

Maio esplendia. No jardim do palácio da Covada-Moura abriam-se as rosas, as glicínias pendiam seus cachos pelos muros, entrelaçavam-se as trepadeiras e no cantinho, junto ao portão das terras de Santa Ana, o caramanchão revestia-se de campainhas azuis e brancas, martírios e rosinhas de tocar.

Aquecera: os pássaros cantavam à luz; a alegria evolava-se da Natureza, mas havia em Lisboa, e naquela casa, rostos muito tristes.

D. Constança de Lemos debalde buscava disfarçar as suas preocupações. Calava-se, mas trazia em si uma grande tortura.

Martial viera visitá-la. Quási nem reparara no Salão Império, que representava para ela uma expansão de amor.

Cada um daqueles espelhos ovais sustentados por esfinges aladas e iluminados por fochos, nos quais se contemplava, era prova de uma lembrança

muito querida. O mesmo sucedia em relação aos armários ornamentados de águias, coroas de louro, violetas e perpétuas; às jardineiras de pedra, azuis e mescladas de vermelho, amarelo e negro; às mesas, às cadeiras de espalda, onde se entrelaçavam liras, aos estofos de veludo, às poltronas de pés garreados, aos vasos preciosos, com suas cenas egípcias, romanas e gregas, e, sobretudo, aos relógios que marcavam as suas horas. Eram vários; um imitava o de Compiégne; águias de asas abertas eram o suporte da esfera, onde em vez dos signos de Zodíaco se destacavam os números sôbre os quais os ponteiros se assinalavam. O outro, em forma de templo, estava na saleta, e no toucador existia uma verdadeira jóia pousada na consola de tampo de mármore, junto à mesinha de costura, um pretexto artístico, para se ter a impressão de que ali se podia trabalhar.

As Três Graças davam os braços e miravam-se no espelho ladeado por duas esfinges, das quais saía a serpentina de velas rosadas.

Martial não estranhara encontrar aquêlê ambiente de estilo Império num velho palácio de Lisboa, como se julgasse que tôdas as homenagens se deviam ao génio napoleónico.

Entrara com Chavigny e Carrion Nizas, os mais assíduos freqüentadores da casa; lançara um olhar em volta e quando D. Constança esperava um cumprimento para o seu salão, que parecia um cantinho parisiense, o coronel acercara-se do fogão, olhara o relógio das esfinges, mas não fizera o menor eulogio.

Estendera as botas de pulimento para a boa chama de sôbro e parecera procurar alguém.

Lúisa começara a conversar a meia voz com Chavigny, junto do biombo côr de bicho de couve, ornado de grinaldas de louro, tecidas e douradas nas fábricas de Lião. Carrion Nizas calara-se, contra o seu costume, e Martial, como se apenas ali tivesse ido para fazer uma pergunta, quisera saber de Maria da Saüdade.

A mãe não pôde responder logo; sentiu-se sufocada. Aquêlê homem que convidara para sua casa, de cujos lábios ouvira palavras de intenso amor, há cinco anos, ao encontrá-la viúva, na sua própria terra, ao ser recebido num salão dos móveis franceses, não tinha, para ela, uma palavra amável.

E tudo quanto ali estava fôra adquirido com o pensamento nêlê! Houvera o propósito de procurar os móveis assinados Jacob, como os de madame Sousa, e que pudessem dar a ilusão do lugar onde o encontrara.

Dir-se-ia que D. Constança procurava ver a sombra dêle nos espelhos, tão lindos e encomendados com carinho, querendo que fôsem o mais possível semelhantes àquêles onde passara a sua imagem. Ao menos os relógios, exactamente iguais ao da espôsa do morgado de Mateus, poderiam ter-lhe merecido alguma atenção, uma ligeira lembrança, mas não sucedera assim.

Da atmosfera estrangeira que a amorosa portuguesa quisera conservar nos seus olhos, coisa alguma recordava ao homem que a inspirara. Naturalmente

guardara a idéia da mulher morena e formosa que lhe fugira, mas estava longe da delicadeza espiritual mantida na alma de borboleta da encantadora apaixonada.

Êle insistira em saber de Maria da Saüdade; e a mãe estremecia a um pensamento dolorosíssimo. Ferira-a muito a frase de cumprimento que êle fizera à filha, ouvira-a como um sibilo de mau agouro.

«¡Como se parece com sua mãe há cinco anos!»

Ao comêço, D. Constança vira naquelas palavras uma homenagem à doce recordação do passado. O amor florindo, transplantado de Paris para o cantinho português, conservava-se como tôdas as paixões da alma semi-bárbara, incapaz de se transmutar como as tentadas nos meios ultra-civilizados.

Ela era uma mulher do Mundo Velho; êle um dos obreiros do Mundo Novo. Não podiam entender-se. Aquêle belo soldado vivia na ânsia da conquista por todos os pontos da terra, deixando atrás de si a devastação. Em amor era o mesmo. ¡E ela a julgá-lo deslumbrado!

A resposta à sua pergunta, se não lhe seria dado cumprimentar Maria da Saüdade, fôra dada por D. Constança com uma reserva que a surpreendeu a si própria, sentindo-se envergonhada. Mentira. Dissera que a filha visitava muito as amigas; não assistia quási nunca às recepções do seu Salão Império.

O coronel franzira o sobreceño na expressão se-

vera de desagrado que quasi sempre precedia as explosões e as arremetidas. Naquela occasião disfarçara a sorrir.

Luísa não ouvira a resposta da mãe; Chavigny, tão-pouco, mas Carrion Nizas, com o seu espirito de observador próprio de um homem de letras e arguto político, reparara na mentira.

Maria da Saúde, embora não freqüentasse muitas vezes aquêlê salão, que era realmente magnífico e perfeito no seu estilo, não tinha amigas para visitar a tais horas.

Estava em casa, recolhida nos seus aposentos, recebendo algumas pessoas, mas raramente a ouviam sair de noite no carro com os seus escudeiros, o que despertaria as atenções do salão.

¿Mas por que mentia aquella mulher?

Carrion Nizas ia analisando. O coronel Martiaí preguntava:

— ¿E hoje não terei o prazer de a cumprirmentar?

Depois, com certa habilidade, sorrindo a D. Constança, que ficou mais tranqüila, disse:

— É das minhas recordações de Paris, como a minha querida amiga. ¿Lembra-se sempre, não é verdade?

— Ela era então uma criança. Teria quinze ou dezasseis anos.

— Já era linda — volveu êle, olhando a porta do salão, como se esperasse vê-la entrar e só para isso ali estivesse.

Carrion Nizas ficou sabendo que se conheciam.

de Paris e perscrutou alguma coisa de misterioso entre ambos. Se tivesse sabido, anteriormente, a frase evocadora da beleza de D. Constança, reproduzida na filha, que o recordava há cinco anos, não lhe seria difícil penetrar o drama da alma da mulher formosa, como poucas, na idade em que o amor tem o ar de se despedir de algumas ilusões para se aninhar na última.

As mulheres que até aos trinta anos, sendo belas e, por consequência, requestadas, desprezam um sincero affecto, querendo escolher entre muitos, julgando sempre fiéis os seus adoradores, ao passarem aquela idade, à medida que rareiam os cortesãos de seus encantos, são por sua vez vencidas. Julgam que concedem uma imperial graça ao deixarem-se amar, porque até então apenas se persuadiam de que tôdas as homenagens lhes eram devidas. Acabam, quási sempre, por se tornarem as vítimas das próprias armadilhas do seu passado.

Amam e, ao entregarem-se, embora espiritualmente, continuam a sentir-se na época em que, realmente, fascinavam sem se deixarem prender. O amor dos trinta anos é o último capítulo de uma existência de fantasias. A realidade surge e também nova ilusão. O amor é sentido porque, só então, a mulher se convence da fragilidade das paixões romanescas. Ama como se não houvesse mais tempo para brincar com o amor.

D. Constança estava ainda longe de perder a sua beleza. Os seus trinta e sete anos não se acusavam no seu rosto, na elegância e esbelteza, na côr dos

seus cabelos ou no tom vermelho dos lábios. Era formosa, mas tinha a seu lado uma filha, que a recordava na sua época esplendente, quando Martial lhe pedira, sinceramente, amor, transtornado, louco, desejando-a com paixão.

Aquela filha era, agora, a evocadora chama do passado. O amoroso, de há anos, reincarnava em Maria da Saüdade o amor veemente dedicado à mãe com quem ela muito se parecia, sendo mais bela.

Carrion Nizas, com o seu volver de olhos de literato e de político, interessava-se, sobremaneira, pelo que se estava passando e quási adivinhava o romance daquelas almas. De repente, o coronel da Guarda Imperial perguntou:

— ¿E a senhora D. Maria da Saüdade não se lembra de Paris?

D. Constançaolveu, sorrindo:

— Essas recordações são só minhas. Ela era uma criança como a irmã. Vive com as suas amizades; dá-se à leitura e à música e, agora, à lembrança do noivo que partiu para França. Eis a razão da sua ausência neste momento. Quere estar consigo própria.

Luísa começava a dar a sua atenção, sempre vaga, ao que sua mãe dizia, deixava-se embevecer nas palavras de Chavigny e nenhuma das duas mulheres via a expressão feliz de Martial.

— ¿É aquêl tenente da Legião que me foi apresentado, na recepção do nosso general? — perguntou êle, como para dizer alguma coisa, no íntimo convencido da sua felicidade.

Amava Maria da Saüdade, como outrora adorava

D. Constança. Era bem o seu amor antigo que renascia, mas pela mulher mais nova, linda como a outra, no tempo em que o cativara. Ouvia-o dizer:

— Deixemo-la entregue a essa recordação.

A conversação decorria em francês, como sempre, e Carrion Nizas empregou um dos seus sarcasmos:

— Não existe na vossa língua uma frase que diz: «longe da vista, longe do coração?»

— Existe, mas não para tôdas as mulheres — replicou D. Constança, olhando docemente Martial.

— Pelo contrário, as portuguesas amam com fidelidade. E também existe no nosso idioma uma palavra que mais nenhum outro contém; é o do sobrenome da minha filha: Saüdade.

Como se quisesse explicar-se a si própria, e não deixando de olhar, com tôda a sua ternura, o homem cujo beijo a entontecera para sempre, prosseguiu na sua descrição de um amor à portuguesa, que era o seu.

Amor ardente, vivo, apaixonado, capaz de todos os sacrifícios, amor em que só se pensava num ser, parecendo-lhe todos os outros inferiores. Era a abdição de tudo a favor do eleito. Às vezes o tempo decorrendo, parecia fazer afrouxar aquêles amores, cortá-los com a sua foice, como se devastam as árvores no Inverno, mas, exactamente como succede com elas, voltavam mais viçosos a florir nas primaveras.

Enchia de imagens poéticas a sua confissão, falava a desnudar o que vivia no seu coração, sempre

impressionavelmente, mas com o ar de quem attribuía à filha um amor daquela espécie por D. João Vilar, morgado de Tangil.

Martial, habituado à violência das paixões como ao fragor das batalhas, não compreendia que Maria da Saúde ficasse eternamente ligada a um amor por alguém que se afastava, ia correr mundo, ver outras mulheres, ser talvez sepulto na terra estrangeira ou portando-se como todos os soldados, amando com o ímpeto próprio de quem, depois dos beijos, espera a morte.

Martial era muito diverso do que D. Constança imaginava e estava longe de a compreender, em todo o seu ardoroso affecto. Elle não queria reconhecer na mulher que falava a que desejara, outrora, com tanto arrebatamento.

Houve um silêncio. Carrion Nizas percebera muito do que se passava entre elles, mas não pudera atingir tôda a intensidade do drama que se ia representar. Mudou a conversação; falou de S. Carlos, da doença de Eufémia Eckasty Nery. Infelizmente, a sua enfermidade obrigava-a a ir para a Itália, ao cabo de dois anos de contrato em Lisboa.

Chavigny explicou:

— Ela não deve estar muito doente. É uma forma de refazer o contrato, no qual o nosso general-chefe figurará como padrinho.

— Gostava de ouvi-la na «Zaira», — disse Carrion Nizas, mas o outro ajudante de Junot entrou em mais pormenores sôbre o teatro, o que tivera

o condão de aborrecer Luísa de Lemos. No seu ar despeitado, que a tornava mais linda, disse:

— Sabe muito de S. Carlos e das cantarinas; mais do que Carrion Nizas, que é literato. O senhor duque de Abrantes devia nomeá-lo intendente da Ópera.

— E dar-lhe o comando de um esquadrão de bailarinas — concluiu o ex-tribuno, para quebrar o ambiente de melancolia e amuo.

Quando a Ana e a Rita Miquelina começaram a servir o chá Hysson e os covilhetes de chocolate na baixela de prata, como convinha àquela hora tranqüila, Martial preferiu um caldo de galinha, que foi servido em tigelas da China, uma preciosidade da dinastia Ming. Aceitou ainda a pucarinha de cidra e bebeu o Pôrto por cristal da Boémia.

A casa de comida era um puro estilo joanino. Carrion Nizas não contivera a observação:

— Começa aqui Portugal.

As duas senhoras não responderam; as criadas, com os seus grandes aventais engomados e as toucas alvas, ofereciam tortas de pão de Meleças e leite-creme, em travessas do Japão. Seguiam-se os fartos e os doces de canela.

O mobiliário da sala, os grandes armários sôbre os quais pendiam quadros de mestre representando frutos, aves e peixes, a roupa de linho da mesa, as baixelas de faiança e de prata, sob a luz viva do lustre antigo de pingentes, impunham o ar de nobreza e de carácter nacional àquêlé ágape onde figuravam três belas fardas francesas.

Martial, junto de D. Constança, disse, a apreciá-la naquela atmosfera tão diferente da anterior:

— ¿São, como disse há pouco, tão fiéis e constantes as mulheres de Portugal?

Encontrava-se no seu meio, no quadro novo, na sua casa, grande dama, ostentando as suas graças, delicadeza de gosto e riqueza e parecia atraído como por um pomo desconhecido.

Esquecera o salão de madame de Sousa e o que deixara há pouco. Era como um país ignorado a conquistar.

Ela volvia em segrêdo:

— Tôdas?! Não digo que assim seja e entre elas eu que...

Ia dizer-lhe tudo quanto sentia, desde o beijo que tinham trocado; evocar Paris, o seu amor pela glória militar, mas não pronunciou mais que algumas palavras e noutro sentido:

— Há noites, e quási tôdas as passo assim, em que me encosto à janela do meu quarto sôbre o jardim, ali ao lado das terras, e fico a meditar num amor que podia ter sido grande, sem par, que de um lado falhou e esmoreceu, mas ao qual fiquei fiel.

O olhar que ela lhe lançou era, mais do que a confissão, a entrega. Murmurou:

— Eu sou a mesma da época em que dei o meu coração e pela primeira vez, pode acreditar, Martial; juro-lhe que nunca tinha amado.

As criadas continuavam a servir o chá aromático e o Pôrto rescendente. Apareciam as garrafinhas facetadas dos licores de rosa, de hortelã-pimenta e

baunilha, mimos de convento, com os doces: os sequilhos, o maçapão rosado, os originais manjares brancos. Pairava o perfume das essências dos bálsamos da canela e açúcar com os travos de cidra e de limão.

O coronel deu o sinal da partida como atormentado e o beijo que depôs na mão de D. Constança foi quasi ardente como o caricioso contacto dos seus dedos finos e trémulos.

Ouviu-se o rodar das traquitanas que os conduziam; depois, os últimos arranjos da casa de jantar, as senhoras a despedirem-se, Luísa para sonhar com Chavigny, a mãe indo encostar-se ao parapeito da sua janela, como disse a Martial. Respirava os aromas do jardim, entontecida, esperando que elle viesse, desta vez, contemplar a sua casa à porta do lado dos canteiros, como que lhe indicara na sua promessa tonta.

Maria da Saüdade conservara-se nos seus aposentos voltados para a rua. O silêncio nocturno da Cova-da-Moura só se abalava quando rodavam as traquitanas das visitas do palácio, o zangarreio de algumas violas, cavaquinhos e rebecas, ou a voz do Eustáquio «dizidor» chamando por el-rei D. Sebastião ou cantarolando os versos das Profecias do Bandarra.

Às vezes, por desoras, soavam tiros pelos bairros escusos e a passagem das patrulhas era mais frequente depois dos ameaçadores editais do intendente Lagarde.

Ainda naquela manhã, em casa do Vital, Maria

da Saüdade ouvira a narrativa do que se passava pelas ruas da Baixa e imediações. Sucediã-m-se as capturas: na Mouraria anavalhavam-se soldados franceses; contava-se que um barqueiro, o Tinoco, o «Arrebenta», que virara uma falua, matando vinte e cinco franceses na ponte de Vila-Nova-da-Rainha, quando da entrada do exército de Junot, continuava nas suas proezas; outros operavam junto da barra do Tejo, praticando do mesmo modo; as sentinelas tinham que ser reforçadas para melhor defesa, mas os ataques não cessavam, sobretudo depois de constarem os distúrbios de 2 de Maio, em Madrid.

D. Alexandre Vital contava tudo isto a Maria da Saüdade. Era de manhã, na casa da Boa-Morte, depois da volta que sempre queria dar e ensaiando a sua montada no picadeiro.

D. José Vital, quasi sexagenário, mas rijo, de chambrié em punho, lamentava, com áspera fúria, não ter no manejo um esquadrão de generais franceses e o próprio Napoleão, sob o seu chicote e sem mais arreios ou coberturas do que os potros. Dizia irado:

— Meus ricos cavalos que andam na posse de uns e de outros. Belo desbaste. Em pêlo! Ah! ; Se os apanhasse em pêlo!

Isabel Vital, que era da idade da Maria da Saüdade, refugiava-se com a mãe, na sala de costura, onde ia encontrá-las D. Maria do Resgate, a encantadora espôsa de D. Alexandre, em cujas veias corria sangue do duque de Aveiro. De quando em

quando, assomava à varanda, a olhar o pátio onde o seu sogro dava lições de equitação ao netinho, em originaes incitamentos:

— ¡Aí mestre D. Josèzinho, aí seu valente! Anda «Pilrito». Mais uma volta, cavalinho facaia. ¡Aí seu casquilho!

O pequeno ria muito, agarrado às rédeas, entalado na sela turca e vestido como um éqüite antigo, à Marialva. Ria, gritava, obedecia ao avô que mandava:

— Dá-lhe de esporas... Upa! ¡Aí seu pimponete!

No rés-do-chão, à entrada da sala onde outrora o padrinho de D. José Vital tinha as suas arcas de sândalo cheias de livros e mapas, Maria da Saüdade encontrara o noivo em presença de D. Alexandre.

Êle, vestido à paisana, um pouco pálido, preguntara-lhe ao seu doce sorriso:

— ¿E agora, Maria da Saüdade, que vais fazer de mim? A deserção...

— É o teu castigo, se algum indevido remorso tens. O senhor D. Alexandre abandonou a farda ao primeiro rebate do domínio estrangeiro, quando viu os franceses em Lisboa; solicitou-a da Regência. Tu, o meu irmão e tantos outros juntaram-se aos inimigos...

— Admirávamos Napoleão, a glória, o mundo estranho que criou...

— Vi-o como um Deus — atalhara D. Alexandre; — admirei-o numa parada em Paris; voltei

estonteado, mas quando senti o que era o pêso dos estrangeiros, dos soldados de outra nação, na nossa terra, tive vergonha das minhas opiniões e quero fazê-las esquecer.

— Como eu! — repetiu D. João Vilar.

— Nesse caso tens o caminho aberto. Isto não pode ser sempre assim. Os nossos homens serão sempre precisos.

O noivo ficara cabisbaixo, aborrecido, por não lhe ouvir uma palavra de amor, mas apenas aquelas em que havia a mistura, a generalização. Atrevia-se a atalhar as suas razões, perguntando:

— ¿Foi por isso que me disseste para ficar?

Singelamente, volveu:

— Sim. Só por isso; por isso, que é muito, que é tudo.

D. Alexandre olhava, no cúmulo da admiração, aquela mulher tão linda, proferindo palavras que os homens mal se atreviam a pronunciar.

Chegara D. Luís de Noronha, o morgado de Teive. O apaixonado de Luísa de Lemos não parecia o mesmo provinciano que entrara tão desajeitadamente na capital. Vestia, como um lisboeta da alta sociedade, a sua casaca azul, com botões dourados, a calça de ganga de bom corte a sumir-se nas botas altas de canhão branco sôbre o polimento negro dos canos. Já não ostentava os berloques de mau gôsto e guardava uma bela linha com a sua bengala debaixo do braço e o chapéu alto de pêlo contra o peito.

Cumprimentava-a, sorridente, sempre um pouco

intimidado pela sua beleza tocada de majestade, nem sequer perguntava por Luísa, depois de se informar da saúde de D. Constança e, dirigindo-se a D. Alexandre, de quem era hóspede há dois meses, dizia-lhe, a apresentar-lhe um papel:

— Trago-lhe, aqui, uma cópia da carta de Gomes Freire para o conde de Sampaio, que serve de secretário da guerra, às ordens do senhor Lhuite. Mandou-a ao primo Sousa Falcão, que a entregou ao nosso major Malaparte para os fins convenientes.

O general, que era o segundo comandante da Legião Portuguesa, escrevera a missiva a caminho da França. A certa altura revelava:

«A deserção tem passado de mil e duzentos e há pouca esperança, não obstante o decreto de perdão, de que alguns tornem, pois os mensageiros que de lá vêm os desanimam».

Aquêlê trecho provocou a explosão entusiástica de D. Alexandre:

— ¡Vai chegar a hora da revolta!

— Já começou em Espanha — disse o morgado de Teive. — O meu general Silveira está à espera de bem melhores momentos.

D. João Vilar olhava, deveras surpreendido, aquêlê seu parente que vira aparecer há pouco em Lisboa com um ar tão inferior e que já falava em generais portugueses e revoltas com o antigo tenente-coronel, que era um bravo em tôda a acepção da palavra.

Acercou-se de Maria da Saúde, como envergonhado, e disse-lhe baixinho:

— Embora não fôsse o teu amor a principal razão por que me aconselhaste a ficar, eu obedeço-te.

Ela mediu-o de alto a baixo, sorriu entre repreensiva e terna e, apontando D. Alexandre Vital, tornou:

— ¡Ali tens o teu comandante! Não apareças para não seres prêso — disse e, muito severamente, despediu-se.

Ficara atónito por semelhante resolução, quando o dono da casa começou a falar baixo, entre as suas visitas.

Expunha um plano há muito estudado, no qual tinham o seu lugar os generais Silveira e Bacelar, dois transmontanos ousados, e outro de nome Bernardim Freire. Até certo dia, D. João Vilar teria o seu agasalho no convento dos frades da Boa-Morte, ali vizinho, onde não penetraria a vista dos franceses nem dos «môscas» do Lagarde.

Ela, muito séria e muito bela, um pouco pálida, parecia feliz e acabava por sorrir, de forma que D. João Vilar se julgou perdoado.

Maria da Saüdade avançou para a porta e viu numa mancha de luz D. José Vital incitando o «Pilrito», que se empinava como em equitação de circo, ao som dos risos do pequenino cavaleiro.

Era o emprêgo da sua manhã que ela lembrava no cantinho do seu aposento, sobressaltando-se e parecendo acordar só quando se ouviu a largada da traquitana pela Cova-da-Moura abaixo, em direcção aos Brunos.

Acudiram-lhe ao pensamento a irmã e a mãe.

Estava um pouco escura a noite cálida, exalavam-se aromas dos canteiros do jardim e D. Constança, encostada ao parapeito, sentia bater o coração, ao afirmar-se para a banda das terras junto à portinha onde parara um vulto.

Antevia a hora em que podia confiar-se a Martial. Ia mover-se e via que um homem ensaiava saltar o muro. Ladraram cães no quinteiro, e a sombra descerá. Ouvia passos leves, a revelarem-se no silêncio da noite; pareciam encaminhar-se para o lado da rua. Era como se o desconhecido tivesse abandonado a idéia de penetrar no jardim pela portinha ou pelo ponto em que a parede era mais baixa.

Bateram as duas horas nas tôrres de S. Francisco de Paula; respondeu-lhes o campanário das Necessidades e depois o do Sacramento, confundindo as badaladas. Deixara de escutar os passos do homem que devia mover-se na treva e quedara-se sem saber se devia abrir a portinha do jardim. Tinham ficado a vibrar no espaço os últimos sons, depois voltou a calada. Tornaram a soar os passos cautelosos que se dirigiam para a volta do muro, como se quisessem alcançar a rua da Cova-da-Moura. Ela pensava em Martial e sentia-se enternecida.

Atravessou devagarinho a alcova e o salão, meteu-se para o lado do corredor e deparou com a janela que deitava para o pátio empedrado. Abriu, cautelosamente, as portas interiores, espreitou para o escuro, ouviu ranger o portão. Estava como paralisada, trémula, ansiosa.

Juraria que o vulto entrara em sua casa.

IX

DUAS VIGÍLIAS

Não havia dúvida. D. Constança vira entrar um homem para o palácio. Era o vulto que experimentara subir pelo muro depois de empurrar, levemente, a porta do jardim.

Ela estivera de vigília, com a esperança ambiciosa de Martial voltar, como êle lhe confiara, que, outrora, em Paris, vagueava algumas vezes pela rua de la Jussiene, espreitando a sua morada. Indicara-lhe, durante a visita, o hábito de se conservar à janela do seu quarto que deitava sôbre o jardim. Já o esperara noutras noites, crente que não deixaria de lhe aparecer.

A idéia de o ver, embora de longe, de atraí-lo depois, de forma a não sofrer muito no seu pudor, enchia-a de enormes sobressaltos e ali estivera a sonhar até ao momento em que assistira à tentativa do desconhecido para penetrar no jardim. Seguirá-o ansiosamente e acabara por vê-lo sumir-se na

casa. Ainda julgava ouvir o gemido de uma porta aberta com cúmplice cuidado. Depois, como estava do lado oposto à escada, olhando através dos vidros para o escuro, não divisara mais nada.

¿Mas quem podia tê-lo recebido?

Longe estava de imaginar que se tratava de um saltador, usando das ferramentas do seu ofício.

Tôdas as portas tinham trancas de ferro, à excepção de uma que dava para a escadinha interior dos aposentos de Maria da Saüdade, mas quem entrasse por ali encontraria cerrada a cancela forte do corredor. Só uma pessoa da casa poderia ter introduzido o vulto na sua residência.

Caía em si; voltava, devagarinho, aos seus aposentos, sentava-se na cadeira ornada de esfinges aladas, junto da banquinha de costura marchetada, e interrogava-se:

¿Teria visto bem?! ¿Teria realmente dado pela entrada do desconhecido em sua casa? Duvidava. Decerto fôra vítima de uma alucinação. À fôrça de pensar em Martial e de o desejar a seu lado, de ter a certeza de que, pelo menos, se lembraria de contemplar as suas janelas, acreditara na possibilidade de uma tentativa de entrar em sua casa. Sorria já, incrédula; mas erguia-se muito pálida, de novo alucinada, ao lembrar-se da maneira instante, que tanto a preocupava, como Martial preguntara por Maria da Saüdade. ¿Ter-lhe-ia falado mais alguma vez?

Corara, odiando-se a si própria, pelo pensamento infame que lhe acudira. Embora se lembrasse poucas

vezes de que era mãe, sentia, naquele momento, vergonha da infecta desconfiança que a assaltara.

Considerava-se degradada, caída na baixeza mais hedionda, repelente, infame. A sua filha era puríssima, digna, uma alma suprema. ¿Mas porque a tomava tão grande horror como era o de ter podido sequer pensar na possibilidade de ela falar com Martial?!

Observava-se e repugnava-se; não lhe era possível arrancar do seu coração alguma coisa de profundamente hediondo. Desconfiava e avermelhava-se-lhe o rosto, ao confessar, de mão na consciência, que tinha ciúmes da filha.

¿Mas porquê, santo Deus, porquê?! Se Maria da Saúde nem sequer procurara encontrar-se com Martial! Êle, porém, é que não deixava de a evocar. ¿E aquela comparação que a lisonjeara para depois a ferir?! Dissera que se parecia com ela há cinco anos, isto é, no tempo da sua formosura que o apaixonara. Via-se a reviver na filha. ¿Seria isso o que êle queria dizer?

Daf o seu ciúme a pungi-la como um sicário, àquela hora da noite, e a idéia vilíssima da possível entrevista de Martial na casa. Tinha de pedir perdão de rastos, mas não ao seu director espiritual, porque não se confessara desde a invasão dos franceses, receosa da severidade dos padres, procedendo como vira fazer em Paris às damas da alta sociedade. Elas nem sequer rezavam, mas D. Constança rojava-se no seu oratório, muito ocultamente, tomada de superstição, crença em santos especiais.

sempre a encomendar-lhes a realização dos seus desejos, a trôco de oferendas, votos, oblatas.

Devia fazer-se perdoar, mas pela filha; e só ao pensar que poderia pronunciar a primeira palavra de semelhante desculpa preferia castigar-se rudemente.

Maria da Saüdade era imaculada; tinha o seu noivo e amava-o.

Só então achou um pouco de tranqüilidade para o seu amor. Logo, porém, se arrebatava, sobresaltando o seu coração de mãe. Talvez que D. João Vilar, em vez de ter partido na véspera, demorasse a sua saída para França. Podia ser que ali se encontrasse em despedida mais íntima, com a cumplicidade de alguma criada, da Ana, que adorava a menina, ou da Rita Miquelina, capaz de tudo para a servir. Ambas seriam suas escravas, se ela o desejasse.

Mas se Maria da Saüdade recebia o noivo por desoras, praticava uma inconveniência que ela não podia consentir. Esquecia quanto desejava a presença de Martial à sua beira, mas ao recordá-lo nem por isso desculpou a filha.

Ela era viúva, nova, poderia ainda casar, tinha filhas, era a representante da família, e uma entrevista concedida a alguém que a amasse, para se tornar seu espôso, seria bem diferente da que Maria da Saüdade concedesse ao namorado, prejudicando a sua reputação. Pensava tudo isto, atrabiliariamente, na sua cabecita de borboleta, no desvaira-

mento do ciúme. Embora quisesse espancá-lo, lá voltava com o pensamento hediondo.

Começou, de novo, a caminhar pelo corredor, tateando, guiada pelas paredes a que se encostava, e ao fundo divisava um fio de luz coada sob a porta dos aposentos da filha. Costumava ler até muito tarde, mas deviam ser já três horas e não descansava. Se continuasse a ver o feixe de claridade, se não era uma alucinação, difficilmente se conteria. O reflexo lá estava, esparrinhava-se, docemente, até ao canto onde formava um ângulo mais vivo.

Maria da Saüdade talvez tivesse adormecido com a lamparina acesa. Não devia tratar-se de uma tão débil chama como a do óleo aromático, pois, à medida que se aproximava, via mais distintamente o brilho daqueles raios.

Lembrou-se de descer ao quarto das criadas, mas perturbou-se, preferindo ver com os seus olhos e decidir; não fôsse que tivesse de corar ante as servas. Assim, mais valia que elas a julgassem ignorante do que se passava. Raciocinava como se, em seu entender, tudo quanto não desse escândalo fôsse de fácil remédio. Não era essa a razão daquela alminha fútil e apaixonada, mas sempre a mesma cruel desconfiança que primeiro a espicara.

Avançou mais decididamente e, ao aproximar-se da porta, com mil cautelas e em ânsias torturantes, não teve mais ilusões. Maria da Saüdade conversava com alguém muito baixinho, quási em segrêdo, na ante-câmara da sua alcova.

D. Constança applicava o ouvido e algumas lágri-

mas rebentaram dos seus olhos turbados. Embora não distinguisse as palavras, sabia agora perfeitamente que o interlocutor da filha era um homem.

Fôra êle quem tateara a porta da entrada do jardim, tentando saltar o muro na parte baixa e, por fim, dera a volta, sumindo-se no portão ou, antes, na entrada particular que o ladeava. Maria da Saúde devia ter-lhe dado uma entrevista e aberto a cancela do andar. Em baixo, se não fôra ela própria que descera, a Ana ou a Rita Miquelina teriam sido suas cúmplices.

Aquela voz masculina bichanando, por desoras, na intimidade do quarto da filha, alarmou-a. Esquecera tôda a sua vida de apaixonada, o exemplo que permitira ao autorizar o namôro de Luísa com Chavigny depois das suas promessas ao morgado de Teive, que vira desolado e melancólico, sem sentir por êle a menor piedade.

Quem estava ali atrás daquela porta sob a qual escorria um feixe de luz era uma mulher espionando outra mulher. Não se conteve mais; bateu com os nós dos dedos e cessou a conversação. Êles deviam escutar no grande silêncio. Sentia bater o coração apressadamente, quási a sufocá-la. No profundo da calada o caruncho roía algum móvel velho do corredor ou o sobrado secular. Era o que escutava antes de bater de novo de forma a ser ouvida só no interior do aposento. Queria saber tudo, já não se prendia com delicadezas, e, se averiguasse bem o motivo que a movia, encontraria menor o amor e os rigores maternos do que o zêlo da apaixonada.

Alguém se aproximava da porta; afastou o reposteiro e a luz passou mais vivamente.

— Quem é? — perguntou a voz semi-abafada de Maria da Saúde.

— Eu! Eu! Abre... Quem está aí?

A ordem era imperiosa, a pergunta cheia de ansiedade.

— A mãe?!

— Abre, depressa, depressa.

Encontrou-se de repente dentro da saleta e na sua frente viu o filho, D. Manuel de Lemos, quasi irreconhecível, no seu traje de contrabandista, meio esfarrapado, a barba crescida e o rosto esquelético. Calçava botas grossas e sujas de lama; tinha ao pescoço um lenço desbotado.

Criara uma alma nova. Esbarrondava-se o seu vespeiro de torturas, alto como um castelo, e isso devia animá-la, embora encontrasse na sua frente aquêlê filho com a aparência de um salteador, procurando, por desoras, um refúgio.

Maria da Saúde olhava a mãe vestida ainda como ao receber as visitas, sem os seus trajes de noite, apesar de se aproximar a madrugada. Em vez de responder à pergunta, quasi violenta, que ela fizera ao filho, interrogou-a:

— ¿Ainda não se deitou?

Sem reparar no que dizia, querendo ser elucidada,olveu:

— Não. Fiquei a pé depois da saída das visitas. ¿Mas tu, Manuel, porque estás aqui? ¿Que te succedeu? Fala?

Dando à presença do filho naquele disfarce a aparência que melhor lhe agradaria, esboçava um sorriso alegre e explicava como a si própria:

— Ah! Vieste numa missão através da Espanha. Eu sei que lavra por lá a revolta.

Mais nada; aproximava-se dêle para o beijar, não vendo os olhos fuzilantes de Maria da Saüdade e recuando ao ouvi-lo dizer:

— Não, mãe. Fugi, desertei, deixei a farda, atravessei a fronteira a custo, e tenho viajado de noite, meio escondido, até Lisboa.

— Desertaste?! ¿Mas porquê?

A filha examinava aquela falta de amor maternal.

Outra mulher nas condições da que ali via o filho, após alguns meses de ausência, em terra de perigos, lançar-se-ia nos seus braços chorando, beijando-o, acalentando-o, querendo-o para si. Ela fazia-lhe a pergunta quási como uma censura:

— Desertaste?! ¿Mas porquê?

Maria da Saüdade deixara-se cair na cadeira junto à mesa D. João V, sôbre a qual ardiam as velas das serpentinas de prata. Manuel, beijando a mãe, puxara-a para o seu peito e ia contando a sua vida.

— Fugimos; deixámo-los, voltámos a Portugal. Mais de mil soldados, sargentos e oficiais abandonaram os franceses. Não faz idéia como sentimos amor pelo que deixámos ao viver entre estrangeiros! Chegámos a Espanha, onde já lavrava a revolução. Os motins de Madrid tinham-se estendido a vários

lugares. Mas íamos com o general Gomes Freire para Salamanca e por tôda a parte nos alcançava o ódio. Não vimos brilhar as armas nas mãos dos espanhóis atemorizados, sob os rigores dos franceses, mas os punhais estavam nos seus olhos, que se pudessem nos trespassavam. ¿Que íamos nós fazer? Desconfiava-se de sublevações e as tropas portuguesas deviam combatê-las.

Desvairadamente, contava a sua vida de soldado ao serviço do estrangeiro. Recomeçara a descrever os seus sofrimentos desde que largara de Lisboa no estado-maior do marquês de Alorna. Alguns dos oficiais às ordens, como êle, foram de Alcântara a Ciudad Rodrigo. Depois largaram pelo caminho de Salamanca, onde ficariam a aguardar as tropas. O general dirigia-se para Baiona.

— Ao cabo de cento e doze léguas de itinerário, — dizia D. Manuel de Lemos, — estava ainda prêso pelo deslumbramento ao Senhor da Guerra. Começaram a chegar os soldados que Gomes Freire via, através da experiência, exclamando: «Não são os mesmos!»

«E não eram. Envergavam fardas de todos os feitios e côres do antigo uniforme, o da Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão I; alguns oficiais tinham arranjado casacos e calças segundo o seu capricho; as barretinas eram de galões ou preferiam-nas sem insígnias.

«Tudo ao acaso. A desordem facilitava as fugas. Contavam-se os que chegavam; os desertores eram tantos que alarmavam os franceses. Pensara-se logo

no internamento em França. Os oficiais do exército invasor, de Artaise e Tschudy, vigiavam-nos. Eram como os comissários do tempo da República junto dos exércitos.

«Debalde os oficiais procuravam conter os soldados. Fugiam aos bandos. Quando lhes perguntavam para onde iam, gritavam, movendo as espingardas em ameaças:

«¡Para as nossas casas! ¡Querem levar-nos para França, mas só iremos amarrados! ¡Com armas, nunca! E fugiam, aclamavam os sargentos; maldiziam os que eram obrigados a seguir para atacar os espanhóis. O argumento com que queriam persuadi-los era que êles também estavam na nossa pátria, no Pôrto, no Alentejo, na Estremadura».

A mãe não compreendia coisa alguma do que êle explicava, até que Manuel soltou a sua grande queixa:

— Certa tarde, depois de os oficiais franceses escorraçarem os espanhóis de um café onde queriam ficar sós, mal fomos ali admitidos. Foi o meu primeiro rebate. Que diferença entre os convites e os brindes no Nicola, no Parra, no Madre Deus, nos cem cafés e baiúcas de Lisboa!

«Parecíamos subalternos. Saí do estabelecimento, embuçado na minha capa, pois fazia frio em Salamanca. Na volta de uma rua apareceu-me um vulto. Levei a mão à espada, julgando que me atacariam naquela treva. Só muito longe vacilava a luz da lâmpada de um nicho. Foi uma voz comovida que subiu para mim, em vez de um punhal

ou da bôca de um dos terríveis bacamartes dos guerrilheiros.

«A voz dizia:

«— Senhor oficial portuguez, ¿por que vindes oprimir a nossa terra como os franceses fazem à vossa? A Espanha vai revoltar-se e não consentirá jamais estrangeiros, nem sequer para a defender, sem que o seu Govêrno os autorize. ¿Por que nos quereis mal?»

Balbuçiei:

«— Eu, nós?... Vamos em busca da glória por êsse mundo, mas...»

«—¿E a vossa terra fica escrava como a nossa?!»

— Aquêlê homem tinha razão. Ouvi-o e soube que se encarregara, com outros patriotas, de conduzir os desertores portuguezes para fora da vigilância exercida pelos invasores. Chamava-se D. Pedro de Monasteros e era advogado; as suas palavras tinham eloquência e patriotismo.

«¿Que íamos fazer à terra alheia?! O mesmo que os nossos conquistadores faziam à nossa...»

— E desertaste? — exclamou a mãe, como se êle tivesse cometido um sacrilégio.

Distanciou-se dos braços que voltava a abrir-lhe para a carícia grata ao seu coração. Jorrava dos seus lábios a indignação mais profunda e sentida por tudo quanto vira; nem reparava na atitude da mãe, tão-pouco deixava de altear a voz. Os soldados não tinham recebido o sôlido; fôra preciso sustentá-los com um empréstimo de cinqüenta mil reales, que o marquês de Zayas arranjava. Os fran-

ceses tripudiavam, troçavam, punham de lado os estrangeiros.

— ¡Uma vergonha! Um crime! Infecto! ¿Pedir emprestado dinheiro para pagar a portugueses e mandá-los combater contra quem os socorria?! Enchi-me de raiva, posso dizer que me senti castigado por tudo quanto fizera contra o meu dever. ¡As alegrias estúpidas de ir combater contra quem não me tinha feito mal! Embora os espanhóis entrassem em Portugal com os franceses, já não mereciam o nosso rancor. Estavam revoltados; a insurreição lavrava. Os que vieram a Portugal, os que ali estão no Pôrto e no Alentejo foram mandados por Godoy, o político que ia pagando o seu crime com a vida. A guerra não é à Espanha, mas aos bandidos que a tinham assaltado em nome do rei Carlos IV. «Assim me disse o advogado D. Pedro Monasteros, concluindo:

«— Os franceses protegeram o bandido Godoy, que vendeu a sua pátria. Foi pena não ficar enterado em Espanha».

— Disse-me estas palavras; ensinou-me muitas coisas que eu, tão ignorante, mal compreendera. A maior alegria que tive, desde que me caíram as escamas dos olhos, foi quando despi a farda com que devia servi-los. Depois, até à fronteira, no bando de fingidos contrabandistas, vi-os oferecer aos franceses alguns géneros que êles aceitavam, ludibriados. Eu, sempre calado diante dêles, consegui escapar-me. Em Portugal foi pior...

A mãe parecia acordar, de repente, para o seu dever:

— ¿E se te prendessem?!

Estava, realmente, assustada, mas logo na sua cabecita passou uma derivante:

— Eu te salvaria; tenho muitas amizades no exército e até o senhor general Junot, o senhor duque de Abrantes...

— Mãe, — atalhou Maria da Saúde, que estivera a ouvir, gravemente, a narrativa do irmão, — melhor será que nunca saibam do regresso do Manuel.

Ela calou-se, como procurando o meio de ocultar semelhante aventura, tocada de certo receio, caindo na abstracção que lhe era, por vezes, habitual. Começava a sentir-se cansada da vigília, mas compreendia que o seu papel de mãe lhe impunha mais do que a presença.

Variou o tema; falou muito, ou antes, chilreou o seu pensamento, como um passarinho ensaiando a voz. Entendia que êle não devia ter abandonado o seu pôsto para onde fôra de vontade, alegremente, quási com comoção. Tivera orgulho dêle! Embora o pai não tivesse sido militar, os generais contavam-se às dezenas na parentela dos Ribeiros de Lemos e dos Lôbos de Portugal.

Por seus avós paternos, tinha aquêle bom sangue guerreiro.

Os Botelhos e os Teles, da sua ascendência, se não figuraram na tomada de Madrid e na defesa de Campo-Maior, outros serviços se lhes deviam.

D. Constança dizia, seguindo êsse caminho errado:

— Agora, é preciso esconderes-te. Até quando? Meu Deus! ¿Que vida vai ser a tua? Não podes ficar tôda a vida metido num canto, encapotado num disfarce...

Desolava-se a valer; desesperava-se por não poder encontrar a solução para os seus desejos, mas, de repente, já risonha na sua volubilidade, dizia:

— Podes ir para a Inglaterra ou para o Brasil. Eu sei bem que os ingleses da esquadra do bloqueio facilitam isso a certas pessoas. A questão é encontrar os padrinhos...

A filha olhava-a com um deslumbramento, ia replicar-lhe, mas calara-se, lembrando-se de que haveria sempre a salvação, embora fôsse outra a que desejava. A mãe continuava a tagarelar:

— Ouvi o Chavigny e o Martial, muito zangados pelo auxílio dos ingleses aos portugueses que querem fugir. Era questão de fiador idóneo para êles. É arriscado, é perigoso, até para as famílias dos fugitivos, que são prêsas ou ficam sem os bens, mas ninguém saberá e, demais, nós, cá em casa, temos protecção. Também era o que faltava! Para os ingleses do *Hibernia* e do almirante Cotton nós devemos ser, e ainda bem, muito suspeitos. O nosso amor à França... Mas eu pensarei, a não ser que haja maneira de se justificar a tua falta. Será o melhor. Martial tem muito poder.

Maria da Saüdade ergueu-se com a sua natural

majestade dos momentos de desespêro ou de indignação e falou quasi severamente:

— Minha mãe. Não se meta neste assunto. Só lhe pedimos que nos deixe entregues à nossa inspiração; sobretudo, nem uma palavra aos seus amigos franceses, nada de dar-lhes a perceber que guarda tal segredo. A Luísa não deve nunca saber que Manuel chegou.

— ¿Mas porquê, coitadinha? É tão sua amiga...

— Minha mãe, pela memória do nosso pai, pelo que mais ama no mundo, não deixe transparecer o que se passa. Olhe que o risco é enorme. Êsses officiais que sorriem no seu Salão Império e na Sala das Colunas e no toucador da condessa de Ega têm deveres a cumprir. Tão bem nos oferecem bombons como mandam disparar as espingardas aos pelotões executores.

— Outra espécie de bombons — exclamou o irmão, ao juntar a sua súplica à que Maria da Saúde fizera.

— Minha mãe, eu vou para qualquer lado. A minha querida mãe cala-se; faz de conta que não me viu e tudo correrá bem até à hora em que alguma coisa de mais preciso me livre de receios.

Fuzilavam-lhe os olhos; entrara-lhe, a súbitas, no espírito o que até então mal concebera: a ligeireza do pensamento da mãe e da irmã mais nova, a sua fascinação pelos franceses desde aquela estada em Paris. Êle próprio o sentira e se entusiasmara por tantas glórias até ao momento da sua grande tortura em Espanha.

— Mãe, faça de conta que não sabe da minha aventura.

Envolvia-a nos braços, beijava-a e ela, ao contacto da barba crescida, afastava-o um pouco, dizendo-lhe com o seu mais belo ar de amuo:

— E não o saberia, na realidade, se não fôsse a minha desconfiança de ver um vulto querer saltar o muro do jardim, depois de empurrar a portinha das terras.

Ele sobressaltava-se, não continha o seu grande pasmo:

— ¿Mas como viu? Era já hora e meia quando cheguei. ¿Onde estava?

E ela, muito simplesmente, como se dissesse a coisa mais natural do mundo àquêle filho homem, ao chefe da casa, ao morgado, voltou:

— Devaneava à janela do meu toucador.

Maria da Saúde corou; o irmão baixou a cabeça e ela, na mesma volubilidade de sempre, acrescentou:

— Teriam, decerto, guardado segrêdo.

Êles não protestaram, nem a mãe lhes deu tempo para a réplica, porque perguntou ansiosamente:

— ¿Mas quem te abriu a porta? Como entraste?

O filho explicou:

— Simplesmente. Nesta casa entrei sempre às horas que quis e nunca tardaram a abrir-me a porta. Bastava bater duas pancadas de certo modo no postigo do quarto da Ana, junto ao portelo. Como julguei que ela estivesse dormindo a sono solto, sabendo-me longe, tentei a entrada pelo muro em

direcção ao pátio. Ali acordaria o Ventura. Não sou acrobata, a parede é alta, os vidros que a defendem rasgam como punhais. Restava a porta do jardim. Seria preciso arrombá-la. O silêncio era grande; podia dar alarme e era o que menos me convinha e convém. ¿Não é assim mãezinha?

Abraçava-a, mais ternamente, e ela, muito como-vida, sorria-lhe, beijava-o, esquecida da sua máscara mundana, bondosa, na mesma curiosidade:

— E depois? Bateste?

— Bati. A Ana acordou: falei-lhe baixinho, atirei-lhe o que costumava dizer-lhe quando das noitadas: «Ó mãe Aninhas, puxa a tranqueta». Soltou um grito que eu abafei, e ao ver-me pôs-se a chorar, dizendo: — ¡Ai o meu menino!... Ai o meu menino, que parece um salteador!... — Que queria saber tudo quanto se passara. Disse-lhe que sossegasse, prometendo-lhe longa conversa e, quando mandei acordar a mana, não foi preciso; Maria da Saúde veio buscar-me. Impôs silêncio à Ana, que se deitou de novo, mas decerto ficou de vela. Muita gente fêz o mesmo esta noite cá em casa.

As duas mulheres entreolharam-se e o rapaz, com decisão, deliberou:

— Preciso sair daqui. ¿Para onde? Alguém me dará abrigo. Depois veremos. A madrugada não tarda.

— Espera. Acorda-se o José Ventura, coitado; Deus me livre que me ouvisse chamar-lhe assim; e tu vais já com êle para casa de D. Alexandre Vital. Dali seguirás o teu destino.

Maria da Saúde decidira. Parecia combinar tudo aquilo em reserva, receosa de indiscretos, afastando-se da mãe, que intervinha:

— ¿Não seria melhor ires para casa da prima condessa de Ega?

— Ou para o Rossio — volveu quási alegremente o filho, acariciando-lhe as mãos, afagando, solicitando:

— E agora, nem uma palavra, mãezinha, olhe que me pode perder.

— ¡Filho, querido filho! — exclamou D. Constança, lançando-se-lhe nos braços, — eu prefiro morrer a que sofras. ¿Dizer o quê, a quem, porquê? Não, sossega. Vai depressa. Eu serei muda; e, se fôsse preciso o meu maior sacrifício para te salvar, não hesitaria em fazê-lo. Até morreria por ti. Sou tua mãe...

Chorava na sua grande comoção e, depois, soltando-se, aconselhou:

— Sai depressa. Vai amanhecer. Adeus, meu filho...

Beijou-o sôbre a barba crescida, muito ternamente e, ao despedir-se com um afago a Maria da Saúde, lançou seus olhos ao espelho e disse, alarmada:

— Estou horrenda! Meto medo!

E fugiu, deveras assustada, querendo ser bela, e vendo o seu rosto fatigado, quási soluçava:

— Pareço desenterrada...

CAPÍTULO X

CONFIDÊNCIAS E REVELAÇÕES

—A minha influênciã no espírito dêle é nula. Êstes homens sãõ diferentes dos portuguezes. Nãõ nos divinizam; assaltam-nos, escravizam-nos.

D. Constança ouviu a condessa de Ega na sua infinita mágoa, e estremecia profundamente.

Vinham gargalhadas de longe, passavam vultos correndo por entre os arvoredos e ouvia-se o tilintar dos vidros e das pratas que os criados recolhiã na sala aberta sôbre a balaüstrada.

Era em Queluz, na tarde maia, depois da merenda oferecida na baixela que se guardaria para a recepção ao Imperador. Dizia-se que Napoleão ia chegar e os officiaes tinham vindo para informar Junot do estado das obras. Êle pediria à condessa de Ega que visse se faltava alguma coisa e ali estava, de ares tristes, contando à amiga as suas desilusões.

— Nem sequer se esconde para cortejar as outras. Elas também fazem gala em se apresentarem como

suas amantes. Só uma lhe resiste e, por isso, o torna constante na perseguição.

— A Foy?

— Oh! não! — volveu a condessa rapidamente e muito corada.—Essa acompanha-o por tôda a parte; não o larga, arranja mil formas de o prender. Practica todos os disparates. Ora parece um hussardo violento, logo se transforma na... cidadã com as graças femininas dessas experientes mulheres de amor. A que lhe resiste é a Troussel. Por cálculo? Decerto. Deseja que o marido obtenha bons proventos. É uma sociedade conjugal.

Ria, esquecida da sua situação, não se considerando auxiliar do conde; amando Junot, porque era o chefe daquele exército, queria-lhe de maneira diferente das outras mulheres e de forma muito diversa da que dedicara ao conde de Stragonoff, ministro da Rússia em Madrid.

O parque estendia-se diante do palácio por cujas escadarias desciam grupos alegres de mulheres e oficiais e fidalgos portugueses dos raros escapos ao exílio ou à intendência. Branquejavam estátuas, espreitando por entre a verdura.

Corriam caudais do Jamor em larga vala e os jogos de água abertos para regalo dos convidados da officialidade franceza estavam arco-irisados em deslumbramentos.

Gorjeavam pássaros nas amoreiras copadas, sob as quais as duas amigas passeavam.

D. Juliana queixava-se das rivais; D. Constança temia-as. A descrição feita pela parente àcerca da

forma de amar de Junot já ela a adivinhara em Martial. Realmente aquêles homens de guerra e de prêsa não ajoelhavam diante das mulheres desejadas senão para as render. Depois eram suas como as cidades e vilas conquistadas.

Ela quisera palpar a possibilidade de salvação de seu filho no caso de o descobrirem e assistira à merenda para encontrar a condessa e ver Martial, a quem amava cada vez mais. Já não disfarçava a sua paixão. Tinha orgulho em ter sido distinguida por um homem que todos admiravam. Não compreendia bem porque êle não declarava abertamente que a queria para espôsa.

Entontecida, excitada pelo que ouvia à amante de Junot, receava muito pelo seu amor.

Via madame Troussel a fugir ao caprichoso desejo do general-chefe e êle a atormentá-la e a persegui-la. Não era o seu caso. Martial sabia que o adorava e tremia muito pelo seu futuro.

Pensava na filha mais velha e turbava-se, parando na sombra, à beira do lago.

A atracção de Martial para Maria da Saúde não devia ser amor mas a lembrança do passado, da paixão que lhe votara a ela, há cinco anos. O amor daqueles homens era assim; sujeitar-se-ia.

Julgava fazer o presente da sua alma, e êle tomara-lha na formidável sêde de conquista dêsse edificadores de um mundo novo.

Ali perto trabalhavam operários e as suas sombras, muito longas, projectavam-se do alto dos muros. Andava-se a preparar o sítio para a grade

que havia de rodear o largo fronteiro ao paço, onde Napoleão passaria as suas revistas como nas Tulherias. Avivavam-se as pinturas, raspavam-se os emblemas de algumas portas, nas quais se desenhavam águias, coroas de louro e a inicial do Imperador.

Napoleão viria aplacar a revolta que lavrava em Espanha e visitaria Portugal, alojando-se em Queluz, de preferência aos palácios da Bemposta, Ajuda, Necessidades ou Belém. Também não quisera servir-se dos paços régios de Madrid: escolhera Chamartin.

D. Constança, em vez de ter conseguido sossegar a sua alma na conversação com a condessa de Ega, enchera-se de novos tormentos. Os franceses eram estranhos para a sua sensibilidade.

Do fundo da álea despontava Luísa pelo braço de Chavigny, escoltados por Carrion Nizas, o engenheiro Rigot e o conde de Cambis Veleron, estribeiro-mor de Junot, que quisera ver as cavalaria e só pensava na nova requisição de cavalos e mulas para o serviço imperial. Iria buscá-los onde se encontrassem. Ouvira dizer no dia seguinte ao da queda do mestre picador Balai, no pátio de D. José Vital, os nomes das pessoas a quem o éqüite passara as suas melhores estampas.

O chefe de esquadrão Chavigny debalde procurava encontrar-se a sós com a irmã de Maria da Saúde. Parecia que Cambis Velleron, Rigot e o próprio Carrion Nizas, que deviam auxiliá-lo, se compraziam em tolher-lhe o passo, defendendo a

presazinha que só pensava em entregar-se-lhe. Já lhe prometera casamento, e ela acreditara-o. Informara-se, todavia, se não a enganava tendo deixado espôsa em França. Garantiram-lhe a sua aversão ao matrimónio até àquêlê momento em que ela o prendera.

A condessa de Ega e D. Constança olhavam o par que parecia feliz com os seus companheiros. Formavam um delicioso quadro naquele fundo de verdura, junto de uma estátua branca e nua, à beira da água que os reflectia. Os uniformes com os seus vivos e doirados, o vestido branco de Luísa, as espadas que arrastavam marcializando aquêlê par amoroso, eram como um berro na tranqüilidade do jardim da realza, pisado numa conquista.

A mãe sorria, mas com o pensamento alvoraçado. Parecia que lhe arrebatavam a filha, tal era a sujeição das confidências da condessa de Ega.

O grupo parou; outros se aproximavam, joviais, felizes depois da merenda delicada com os seus vinhos deliciosos e os licores perfumados. Vibravam com o sol, o amor, a beleza da tarde; inventavam loucuras; procuravam novos prazeres. Viram um baloiço a distância e correram para lá, querendo, como dissera Carrion Nizas, dar às senhoras a sensação da vida que êles levavam. O balanço que os erguia e os elevava com o risco da queda de mais alto ou de mais baixo, mas sempre a paragem a deixar-lhes saúdaes do espaço.

As duas amigas voltavam a conversar, tinham

ficado ali, deixando seguir o bando que se despedira ruídosamente.

De repente, D. Constança, sorrindo, apontou uma das grossas, altas e velhas árvores da álea que formava uma abóbada vasta, ao fundo da qual resplandecia mais vivamente a luz do sol. No tronco gravava-se um coração e das iniciais que o tinham ornado, restavam, apenas, traços indecisos.

— ¡Olha um coração aqui perdido! ¡Sabe Deus há quantos séculos?!

A condessa ia a dizer qualquer coisa mas que-dava-se atraída pelo traço grosseiro; estendia o dedinho de rósea unha e começava a contornar o desenho embevecida, talvez prêsa a alguma gentil lembrança.

Duma das ruas transversais surgia novo grupo de oficiais e senhoras, à frente do qual aparecia a coronela Foy. Vestia à hussardo com peliça graciosamente caída do ombro esquerdo, a saia curta sôbre as botas de polimento com suas esporas de ouro. Da cinta pendia-lhe uma bolsa das denominadas «sobretaches», esmaltada pela águia de asas abertas, e ostentava na cabeça uma verdadeira barretina do modelo da ordenança, na qual se arvorava o penacho tricolor. Era tanta a graça picante do rosto da «bela Roxelane», como lhe chamavam no Exército, que seduzia e arrastava; junto dela o coronel Martial, no seu grande uniforme, pergunta-va-lhe se queria ser seu ajudante-de-campo.

Espirituosamente, madame Foy vergando o chi-

cotinho na mão enluvada militarmente, embora em finíssima camurça, volveu:

— Já não tenho patente para ajudante de coronéis, elles é que podem ocupar êsse pôsto no meu quartel-general.

— Tem razão, pois até figura nêle um generíssimo, volveu fazendo-lhe continência com todos os tempos e regras.

Madame Foy ria; D. Constança fizera-se pálida e a condessa de Ega continuava a fixar o tronco onde se gravava o coração no seu contôrno evocador e semi-apagado.

Com o ar mais gentil, mas que escondia o sarcasmo, a «bela Roxelane» fêz uma vénia às duas senhoras e, aproximando-se da árvore, disse:

— Ah! Plena fábula pastoril. O coração gravado na árvore; só faltam as setas. É Florian, é Gessner... ¿Quem o diria? Já que vossas excelências, minhas senhoras, se vestem à moda de França e muito bem lhes ficam os nossos trajos, devem vestir também os espíritos à nossa moda. A écloga, a fábula já não se usam e, sem o 9 de Thermidor, Florian teria sido guilhotinado.

Ria, mostrando os belos dentes, fazendo covinha nas faces, medindo, entre insolente e graciosa, as duas portuguezas.

D. Constança sentira-se prestes a desmaiar. Martial, ao vê-la muito pálida, dera-lhe o braço, o que ela agradecera, quási num soluço.

A condessa de Ega não se intimidara. No tom

de impertinência, próprio de uma grande dama, ofendida mas desdenhosa, replicou:

— Talvez não desprezem Florian as senhoras francesas que vestem como nós e não à hussardo.

O bote fôra violento e logo atenuado.

— E creio que vossa excelência não desdenhará tanto aquêlê nobre coração, ali perdido, sabe Deus há quantos séculos, quando deixar êsse uniforme com que disfarça suas graças de senhora.

Bateram-se palmas no grupo; a condessa sentia que a aplaudiam, não só porque fôra brilhante a sua resposta, mas também porque Junot a distinguia de forma diferente das outras mulheres que cortejava.

Madame Foy, sem se perturbar, volveu:

— Realmente, tem razão. O coração que ali está é muito antigo para me preocupar. É um coração do velho regime e o que eu vislumbra é todo do nosso tempo. Não reparava nos cabelos brancos — permita-me a feia imagem — daquele coração.

Acabava de rir, mas as duas mulheres, tão diversas, entrechocavam os olhares. Pertenciam a sociedades antagónicas; podia dizer-se que eram de mundos muito distantes.

Constança, arrastava Martial, queria desviá-lo da mulher estonteadora, junto da qual o julgara perdido para o seu amor. Êle, porém, fôra gentil, tomara-lhe a mão, dera-lhe o braço como a protegê-la, a torná-la sua, em posse que não lhe negava; levava-a para o lado do bosque dos freixos, apertava-a contra o seu corpo em silêncio, sem poder sequer agradecer-lhe.

A voz sedutora do coronel erguera-se , ao fim da rua, à entrada da vereda da pequena floresta vizinha das águas do Jamor, que se iam sumir a distância.

— Veio só?

— Vim com a Luísa; a Maria da Saüdade ficou.

— Com o noivo? — perguntou entre curioso e sobressaltado, e quási ameaçador.

Ela não soube distinguir qualquer dos tons empregados propositadamente; só ouvira a interrogação:

— O noivo?! Mas D. João de Vilar não está em Lisboa. Partiu para França.

Os olhos de Martial perfuravam-na; a sua luz perdia-a, sentia os lábios dêle muito perto dos seus e estremecia de pasmo, de mêdo, ao ouvi-lo de novo a dizer:

— Tem a certeza?

Julgou que o coronel confundia o noivo de Maria da Saüdade com o filho que desertara; percebeu haver alguma coisa de grave que êle sabia e varreu-se-lhe do espírito tôda a habilidade. Ia responder, talvez contar-lhe tudo, entregar Manuel à sua protecção, mas, ao mesmo tempo, entreviu num clarão terrível, que na pergunta de Martial havia mais alguma coisa além da curiosidade. Seria o ciúme? ¿Nesse caso, amava Maria da Saüdade?!

Agarrou-se mais ao seu braço, voltou para êle os olhos súplices de uma carícia como a que jamais esquecera. Êle, implacavelmente, sempre a dominá-la, tornava:

— Tens a certeza? Dize, Constança.

Beijou-a; ela desfaleceu e ia talvez ceder, até

revelar-lhe a presença do filho, experimentá-lo ou a confiar-se-lhe, quando se ouviu um grande berreiro e Carrion Nizas, à frente do bando do qual faziam parte Luísa e Chavigny, bradava:

— ¡Já é tempo de acabar o bucolismo! Esta noite é a da recepção da nobreza que entregou de tarde a mensagem ao general.

— E faz-se tarde — disse Cambis Velleron, o estribeiro-mor, ordenando: — Vamo-nos embora!

Começou a saída do palácio ainda esturdidamente, gargalhando ante os criados perfilados. As senhoras subiram para as carruagens. D. Constança encontrou-se ao lado da condessa de Ega e em frente de Luísa, sorrindo a Martial, que colocara o cavalo à portinhola do carro em paralelo com o de Chavigny.

A coronela Foy, montada num alazão, ajaezado à militar, guiava-o para a frente do seu grupo e fazia sinal ao sargento de hussardos da escolta para que a seguisse e protestou:

— Não! ¡Lá no cortejo, não! A senhora condessa de Ega não é rainha nem o será. A duquesa de Abrantes, minha querida amiga, vive.

— Mas, coronela: ¿dir-se-ia que o senhor general Junot vai ser rei?! — perguntou alguém no rumor da cavalgada.

Ela gargalhou, fêz um sinal com o braço vestido de ouro e volveu:

— ¿Quem sabe?! Murat lá está no trono de Napoleões com o cetro paterno, um chicote de postilhão. Sargento: vamos sair do préstito. Meta por outro caminho. Mas não digam nada. É uma coincidência!

Ria a bom rir, nervosamente.

Os vinte e quatro soldados de cavalaria dividiram-se. Doze eram os batedores, que meteram em direcção às ribas; os outros iam no couce do alegre grupo que a coronela dirigia.

Ao passarem junto do muro do convento de São Domingos-de-Benfica, ao endireitarem para o caminho da serra, soltaram gargalhadas, ante o ar escandalizado de um grupo que rodeava alguns religiosos. Os franceses viram-nos a fazer o sinal da cruz, ante aquela senhora vestida à militar e pareciam extáticos no seu pasmo. As risadas perderam-se na volta para os montes.

Os domínicos conservavam o seu ar grave e perplexo em calada que devia ser de oração mental. Costumavam tomar a fresca no largo banco da sua portaria, quasi defronte do palácio dos marqueses da Fronteira e por ali aparecia o padre Inocência António de Miranda, abade de Medrões, apresentado pela casa de Murça, entre os seus discípulos de seis e cinco anos, os órfãos: D. José Trazimundo e D. Carlos de Mascarenhas, senhores do solar.

As quentes tardes de Maio já convidavam mais ao repouso no claustro, mas era no adro que o padre-mestre Estrêla, sebastianista, e o velho Manuel da Silva, sangrador, mais do que cirurgião, levantavam a grimpá contra os franceses.

Naquele lugar, onde os domínicos reinavam, não havia jacobinos e os seus inimigos escondiam-se com facilidade no vasto convento quando as senhoras parentes da casa, a condessa de Ega, suas irmãs

D. Henriqueta e D. Luísa, escoltadas por oficiais franceses, iam passar à quinta com o resto do bando alegre e aristocrático que se ligara à sorte dos invasores.

O major Malaparte que, apesar da sua perna lesa, não temia as caminhadas, era o alvissareiro mais assíduo dos freis, do patriota de lanceta, «vibrador de palavras vãs», e dos seus contubernais. As crianças olhavam espantadas aquêles velhos irados, falando em revoltas.

O padre-mestre jurava estrangular os invasores, mal D. Sebastião assomasse à barra e o cirurgião prometia beber-lhe o sangue com mais sêde da que tinha, e não era pouca, naquelas tardes ardentes.

A «pedra do piolho», como chamavam ao banco da portaria, talvez porque sôbre êle os mendigos imolavam os frutos das suas caçadas aos parasitas, era como a ara daquelas exhibições tão teóricas como os títulos de Senhores da Etiópia, da Arábia e da Pérsia no título dos reis de Portugal.

O major galgava de Campolide pelas terras até ao convento, lançava olhares respeitosos para a maravilhosa estância dos Fronteiras e, pigarreando, para aclarar a voz como um trovador de outras idades, correndo terras a contar suas observações em verso.

O bravo de Russilhão não as cantava, rugias-as.

Não acreditava nas «Profecias do Bandarra», que o padre-mestre Estrêla recitava cada vez mais fervorosamente e os outros escutavam:

*Põe um A pernas acima,
Tira-lha a perna do meio
E por detrás lha arrima,
Saberás quem te nomeio.*

A decifração não tinha teias de aranha: era um N do nome do maldito Napoleão. ¿Já alguém se chamara assim? ¿Aquilo era nome de gente cristã?! Nanja mafarrico, era o título do próprio Diabo-mor, o Satanaz, o Anti-Cristo! Mas deixá-lo. Viera ao Mundo, como o Bandarra anunciara, para mal da humanidade. Viera ou não? Viera!

Põe um A pernas acima... Lá estão as hastes...

Riscava com a bengala, que só tinha parelha na do major, e exemplificava, muito satisfeito a rir. ¿Veio ou não veio?

O ilustrado padre Inocência entretinha-se a ouvi-lo e, de quando em quando, intervinha a atizar o lume da pugna.

— ¿Mas o padre-mestre gosta que êle tivesse vindo ao Mundo?

— Não, meu caro irmão em Cristo. Foi a Fatalidade, o Ruim, o Demo que o mandou, mas há males que são necessários. Sem o tal Napoleão não voltaria mais o nosso rei perdido na Ilha Encoberta. Assim, êle vem; não tardá; é êste ano! Sim, que se o Bandarra acertou anunciando o tal curso maldito, também deve ter segura a data da Revelação. Se não, veja como isto é claro, límpido, imaculado.

Sorvia forte pitada; passeava em volta a caixa

de prata, vasta como uma sertã, profunda como um cangirão, e recitava:

*Põe os dois OO um sôbre o outro
E põe-lhe outro à direita,
Põe outro como o primeiro
E aqui tens a conta feita.*

Largamente documentado com esta trova do Bandarra, manejava a bengala, riscava na terra junto ao jardim dos frades os dois OO encavalados, acrescentava-lhes o outro, repetia a primeira operação e exclamava, radiante:

— 808!!! É ou não é?! Sim. Estamos ou não em 1808?! Aí vem el-rei D. Sebastião.

Naquela tarde repetia para o grupo.

Assim era tôdas as tardes com o veterano ou com os outros.

No seu entusiasmo alargava o braço, ao mesmo tempo que o major Malaparte surgia à esquina do palácio dos Abrantes.

Naquela tarde soalheira calcurriara a estrada de Benfica aos saltos, apressado, fazendo do bengalão a alavanca que o impelia.

Ante o gesto do padre-mestre Estrêla as gargalhadas soaram, porque o herói do Russilhão, com o seu chapéu de través, manco, a casaca de grandes abas e os calções espipados, estava muito longe da figura iluminada do rei que se perdera em Alcácer-Quibir e devia voltar, segundo o Bandarra e seus devotos numa manhã de nevoeiro.

O oficial exclamava, muito cansado e comovido:
— Não riam! Não riam! ;Hoje não é dia para riso de patriotas!

Deixara-se cair no banco de pedra onde lhe deram lugar e limpando a testa ao lenço de Alcobaça, vagueando os olhos em volta, puxou do seu cachimbo, já atulhado de tabaco, e, segurando-o bem, disse:

— ¿Sabem do grande horror?! Sabem do grande horror que eu vi?!

Aconchegaram-se à sua volta na sombra do adro e ficaram a ouvi-lo, já de pé, a gesticular:

— Vi com êstes que a terra há-de comer, se o mar não os der em pasto de peixes, gente da fidalguia, atrás do conde de Ega, a caminho do palácio do Quintela. Isto foi ontem. Fiquei com a pedra no sapato, no botim, quero dizer; e zás, aposto que não leram? Pois aqui têm a «Gazeta» fresquinha, comprada no Terreiro do Paço, ainda a deixar tinta nas mãos. Cá está. Já não bastava a bandeira do milhafre no castelo de S. Jorge, o nosso povo sem armas, a Legião a caminho de França, os milhões a pagar, os fuzilamentos. Agora querem um rei, meus amigos, escolhido pelo Malaparte. Cá está o que êle disse, o conde de Ega, êsse...

Ia aplicar-lhe a girândola dos três epítetos consecutivos, quando o padre Inocência mandou os discípulos brincar. Pegou na «Gazeta de Lisboa», encimada pelas águias napoleónicas, e leu a fala pronunciada pelo marido da linda condessa, tão celebrada na crónica amorosa da invasão.

O fidalgo dissera não se esquecer a origem fran-



cesa da dinastia que reinara primeiro em Portugal e fundada pelo conde de Borgonha; solicitara de Junot que fôsse intérprete da nobreza portuguesa, junto de Napoleão, para que Portugal formasse com a França uma família unida, jurando ao Imperador. Acolhia-se à protecção do César; capitulava o governador de Portugal «primeiro entre os grandes títulos do País» e assim riscava a pátria da lista dos povos livres e fiéis aos seus soberanos legítimos, ofertando-a como «uma nação federativa» a juntar ao número das avassaladas pelo grande guerreiro e que teria como seu soberano immediato ou protector...

Nesta altura, o major deu um berro, soltou três apóstrofes violentas e, muito vermelho, espreitado pela congestão, sufocado, sentiu a mão calma do domínico a ampará-lo, a querer sentá-lo no banco de pedra. Reagiu, sacudiu-se, bradou:

— Estou bem de pé, nós cá na infantaria...

E pôs-se a ferir lume com o seu fuzil no calhau da pederneira para acender a isca e largar fogo ao tabaco do seu cachimbo, tão negro como o do famoso sargento Catilina.

— Um rei! Sim. ¿que é isso senão um rei? ¡O Malaparte nosso rei! Podengos! Pulhastras! Bêstas do Apocalipse!...

Resfolegava, baforava o fumo e pedia:

— Leia lá, leia lá. Também falaram o Estêves Negrão, desembargador do Paço, e o Abreu Guião, do Senado de Lisboa, todos êstes jacobinos como se

ladrassem... ão, ão... O Negrão, o Guião, o raio que os parta!...

O padre-mestre Estrêla exclamou:

— Um rei? ¡Pois terão um rei!

E solenemente proclamou:

— Êle virá: D. Sebastião!

— Ó padre-mestre, caluda — atalhou o padre Inocêncio. — Olhe que anda à caça dos sebastianistas.

O devoto do Bandarra circunvagou o olhar e balbuciou muito baixinho:

— El-rei virá...

Houve um silêncio e logo o major, mais apoplético, tornou:

— Não é tudo o que sei. O rei que êles querem é... Junot.

Soaram protestos; brados indignados e, por fim, o oficial continuou:

— Mas ouçam, ouçam o descarado maior, o que eu vi com êstes que a terra há-de comer se o mar não os der em pasto aos peixes...—e depois duma pausa — Para cúmulo — contava êle quási desvairado — encontrei há bocado, ali, na estrada de Benfica, as damas e os cavalheiros amigos dos franceses de carruagem e a cavalo, que até formavam um cortejo. ¡Riam às gargalhadas! Galanteavam. Vinham de Queluz de ver as obras do Paço para regalo do Bonaparte, que dizem estar para chegar. Lá iam com uma escolta de hussardos. E eu... eu... ¿Que havia de fazer?! Encostei-me à parede a apanhar a poeira da cavalgada. E para isso deixei um braço

na Catalunha e dois dedos no Crato, além de ficar coxelas! ; Já não há portugueses!

O padre-mestre bradou:

— Agora! Agora! Percebe-se. Passou aí o diabo de uma comandanta com soldados! Agora! Agora se explica! Até já tem mulheres oficiais.

Os freis voltaram a benzer-se, mas o cirurgião decidiu. Aquilo era mascarada!

O sino do convento tocava às vésperas. Os domínicos retiravam-se em saudações e os circunstantes seguiam à devoção.

O padre Inocêncio disse, baixinho, ao major, puxando-o para a sombra das frondosas árvores:

— Não se exalte assim. Isto não há-de durar sempre.

— O quê?! Tem esperanças? — e gargalhou: — quem D. Sebastião como o padre-mestre e o bôbo do Eustáquio?

— Não. Ainda há vergonha e decôro. Ali dentro — confidenciou, apontando o convento — está hoje de visita D. Alexandre Vital. Outros virão. Em tôdas as casas religiosas estão escondidos oficiais desertores da Legião e alguns que ficaram depois de se demitirem.

— Ah! E então?

— Na minha província mexem-se. Um dia dêstes parte para lá o morgadito de Teive com cartas; o D. Manuel de Lemos fica aí até ver onde o empregam. Na Boa-Morte está o D. João Vilar, o morgado de Tangil. Há outros, muitos outros. Não transtorne o sangue, major. Há-de ser preciso.

— Eu? Ah! Se não tivesse deixado o meu braço na Catalunha. Sou um inválido!

Quási chorava, mas, de repente, animava-se:

— ¡Sangue de Satanaz! Ainda tenho um braço! A espada está lá em casa. ¡Vamos a êles!

E abraçava-se ao padre Inocêncio, que o levava brandamente para a igreja.

Apareciam camponeses para as vésperas, gente rude de Monsanto e dos casalejos que brilhavam com seus casebres brancos ao sol. Os campos reverdeciam; iam sazouando os frutos nos pomares e vergeis de Benfica; destacavam-se ao longe outeiros, onde os moinhos distendiam as velas. Revoou um bando de pombas.

Ao longe passavam caravanas de saloios em seus burricos e, descendo da serra, o gado tilintava chochalhos. Avançava um par de campónios em seus jericos; a mulher sentada sôbre os seirões; o homem, velho, de suças brancas, escanchado na alimaria. Êle descobriu-se ao passar pela igreja; ela benzeu-se. Iam dizendo:

— Vamos aqui por cima. Deitamos às Garridas. Livre-nos de novos maus encontros.

— Cala-te, mulher. Eram fidalgos...

Referiam-se à cavalgada aristocrática que tinham encontrado, às carruagens luxuosas a cujas portinholas iam, a passo, os cavalos de boas estampas montados por oficiais franceses.

Perdeu-se no declive do caminho a soada das ferraduras dos mesquinhos asnos montados pelo casal de saloios. Do templo passava para o largo,

onde crescia erva, o litanar de orações e um criado de farda seguia dois meninos, que vinham do Palácio dos Fronteiras para a casa sagrada da oração.

CAPÍTULO XI

OS PRIMEIROS PASSOS DE UMA CONSPIRAÇÃO

Frei José da Boa-Morte era magro e alto mas proporcionado; ria-lhe nos olhos a alegria que Inácio de Loiola, êsse grande psicólogo, desejou ver, de certa data em diante, nos padres que se lhe acercavam.

Dizia o fundador da Companhia de Jesus que a tristeza era desagradável a Deus.

Possivelmente, o padre não conhecia a teoria do propósito jesuíta; estaria longe de pertencer aos inicianos expulsos, mas era jovial, de bom sorriso, alma forte e vasta que recebia todos os pecados alheios, encontrando no seu profundo espírito de bondade bastantes razões para as desculpas.

Pela Fonte-Santa fora seu nome era querido. Saía do convento, genuflectia perante a grande imagem de Cristo, sempre alumiada e florida pela

piedade dos fiéis; homens e mulheres saüdavam o frade, que parava a inquirir das suas vidas:

— Então, Maria Rosa, já tens trabalho? E tu, Manuel, tens gente nova lá em casa? Já sei. Leva-a ao baptismo no Domingo. É rapariga? É rapaz? Ora ainda bem. Havemos de fazer dêle um bom soldado.

Vibrava grande fibra guerreira no reverendo. Gostava da tropa, porque era patriota. Nesse ponto ninguém o excedia e, embora não exteriorizasse em alardes a sua revolta contra os franceses, devia-se-lhe muito da resistêcia a organizar-se. Para demais, não se desconfiava de religioso tão alegre, que parava nas ruas do bairro, dando a mão a beijar aos pequenitos e entretendo-se com êles. mais do que se demorava em falas com gente crescida. Em vez de esmolar era dadivoso.

— Vá lá, pequeno. Toma. ¿Como vai a tua mãe?

O garôto estendia o barretinho e o frei, sorrindo, deitava-lhe uma moeda ou três ou quatro figos, às vezes castanhas piladas, e punha-se a rir, rodeado pelos pequenos, a tratá-los pelos nomes, pois dispunha de boa memória e brincava:

— Olhem lá. Se eu trouxesse figos e castanhas para todos era preciso que o irmão Calisto, vocês conhecem? viesse atrás de mim com o jerico. Vocês conhecem?

Êles, em côro, diziam conhecer ambos: o leigo e o asninho, e corriam às rebatinhas para apanharem as piladas e as moedas do reverendo, que lá ia a rir, sempre satisfeito na aparência. Embora pálido

e magro, não era doente, folgava de consciência sã. Dizia que só se irritavam os que não se contentavam com a sua parcela neste mundo. ;Tudo tão vão! Muito era preciso para merecer a vida eterna. Dessem graças a Deus pelo que lhes cabia nesta passagem curta pela terra. Às vezes fazia a sua crítica aos ricos por não darem bastante aos pobres, mas mandava aumentar o caldo do panelão do convento e ia palrar com os mendigos à hora das refeições na portaria.

Erguiam alarido à sua volta e êle aprendia as suas doenças, faltas mais urgentes e precisões.

Naquela manhã, frei José da Boa-Morte entrara no pátio do palácio do seu vizinho D. José Vital; dera a mão a beijar aos moços da cavalaria e, fora do seu costume, não chalaceara. Subira a escada, anunciara-se a D. Alexandre e abrira um bom sorriso, mas sem as expansões habituais, para Maria da Saüdade, que estava sentada no canto mais escuro da sala e noutra cadeira o morgado de Teive, em traje de jornada, um pouco amarrotado e de corte antigo, o que tantas troças merecera aos primos elegantes.

— Já sabem, decerto, o que sucedeu esta manhã. Foi fuzilado o Eustáquio! — disse o frei, depois de receber os ósculos dos presentes na sua mão esguia e suave.

Maria da Saüdade dizia-lhe:

— Meu padre, costume vir tôdas as manhãs a esta casa amiga; nunca me demorei tanto. Fiquei e agora ouço êsse horror.

— ¡Que cobardia! — exclamou D. Alexandre Vital. — ¡Pobre Eustáquio!

— ¡Fuzilaram-no como um grande criminoso! — disse o reverendo.

E evocaram, na tristeza, a brutalidade dos franceses, que tinham apanhado o «dizidor» em suas manifestações de chapéu enfeitado com papéis de côres, uma espécie de cortina a servir-lhe de capa e cantalorando as suas aspirações, entremeadas com as profecias do Bandarra.

«— Há-de vir! ¡El-rei D. Sebastião não tarda!

Já há sinais no céu...

Lá está de branca raiado.

Alegra-te, ó Portugal,

Que o teu tempo está chegado!...»

Arrastado até ao Rossio, pois andava nas vizi-nhanças da Praça-da-Figueira, fôra fuzilado sem processo. Da janela do palácio dos Estaus, onde tinham morado os Regentes, o intendente Lagarde, de calva ao léu, assistira à execução.

O povo desaparecera do vasto largo; fugira indignado, espavorido. As colarejas do mercado amotinaram-se e o cadáver do pobre bôbo estivera, por momentos, só, como se o Rossio fôsse o seu ataúde. Depois, ante os berros do mulhierio, o corpo do fuzilado desaparecera, enrolado numa sarapilheira e metido num esquite da Misericórdia.

Pálidas, as almas conturbadas, os rostos tocados por verdadeiro desespêro, as quatro pessoas reunidas

naquela sala sentiam, profundamente, a morte violenta do «dizidor» imolado à sua loucura patriótica.

Pareciam ouvi-lo ainda e às gargalhadas dos franceses, que o diziam doido de amarrar, não o considerando sequer burlador, até que o tomaram por perigoso propagandista e o fuzilaram.

O frei voltou à sua habitual serenidade; colorindo-se-lhe o rosto nas côres saudáveis, acudiu-lhe o sorriso aos lábios e voltando-se para o morgado de Teive, intencionalmente, disse:

— As notícias que traz do Norte não terão alguma cousa com o desespêro dos invasores de Lisboa, a raiva, direi melhor, o mêdo que os leva a fuzilar os loucos, os pobres crentes em heresias?

O morgado acanhou-se diante daquele religioso tão simples, que se lhe dirigia como se soubesse mais do que o motivo, tão escondido, aliás, da sua viagem, pois já falava de resultados dela.

D. Alexandre sorria; Maria da Saúde escutava, cheia de admiração.

O reverendo continuava:

— Debalde tentam os franceses pacificar a Espanha. O general Kellerman não conseguiu, com as suas tropas de Elvas, invadir Badajoz. No Pôrto, os espanhóis prenderam os franceses de Quesnel e o próprio general e o risível corregedor-mor Taboureau. O comandante das tropas espanholas, Ballesta, reintegrou os portugueses no govêrno da cidade e, proclamando-se o Príncipe Nosso Senhor, içou-se a bandeira nacional no castelo da Foz,

enquanto os espanhóis retiraram com os seus prisioneiros. Foi isto a 7 de Junho, a seis dias de distância da festa do nosso querido Santo António, cujas fogueiras e bailes em sua honra êsses jacobinos proibiram. Vamos a ver se festejaremos o S. João...

Ria, agradado; resumia os acontecimentos como se tivesse assistido ao seu aparecimento, ao decorrer de tantas e tão precipitadas cenas.

— D. Alexandre, ante a jovialidade do frei, que ia do riso à resignação, sem queixas, disse:

— Em contra-partida, Junot mandou desarmar as tropas espanholas que o auxiliaram na ocupação, meteu-as a bordo dos calhambeques sob as peças dos fortes e foi para S. Carlos fanfarronar, mostrar-se alheio ao mêdo.

— O Norte move-se — tornou o reverendo. — Fale quem por lá andou.

O morgado de Teive sentia-se muito honrado pela missão de que o tinham investido. Retomara as suas antigas vestes para passar mais despercebido como fidalgo provinciano que ia à terra buscar algumas rasas de moedas para gastar na côrte e, agora, diante de Maria da Saüdade, sentia-se tomado dos seus anteriores acanhamentos, pois ela sempre lhe parecera superior, um ente fora do mundo vulgar. Luísa, que quisera esquecer, era a mulher desejada; Maria, da Saüdade o ídolo.

O embaraço do morgado só desapareceria, olvidando a presença da prima, falando nos seus têrmos naturais. Começara a contar como tudo correria no Pôrto e, à medida que avançava na narrativa,

via empalidecer os rostos de D. Alexandre e de Maria da Saúde. Frei José da Boa-Morte quedava-se sereno.

— Assim que os espanhóis abalaram — dizia o morgado, — a Câmara do Pôrto, cheia de receio de represálias sôbre a cidade, restabelecera o govêrno intruso e, mandando a Junot a carta em que Ballesta libertava o burgo, apressou-se à submissão.

Por isso o duque de Abrantes folgava em S. Carlos no seu alarde caserheiro, e mandava fuzilar rebeldes, ainda que loucos, como o desgraçado Eustáquio.

Maria da Saúde falava desembaraçadamente, como se penetrasse com o seu belo olhar a crosta da torpeza política dos invasores e achava a lógica explicação logo aceita.

Coube a vez ao frei de insistir com o morgado para falar sôbre os acontecimentos de Trás-os-Montes. Exprimia-se cheio de certeza de que alguma coisa se passara de muito importante.

— O que?! ¿Pois o meu padre já tem notícias? Eu ainda não abri a bôca. Foi no dia do Espírito Santo que houve levantamento em Chaves e Vila-Pouca-de-Aguiar. E não se julgue que foi por causa do sucedido no Pôrto. Não foi, não senhor. Ainda lá não se sabia nada. O povolêu desatou aos vivas ao Príncipe Nosso Senhor — e o morgado curvava-se em vénia, acrescentando: — deu morras ao Junot.

— Daí a pouco, passavam, de mão em mão, papéis inflamados de patriotismo — atalhou o reve-

rendo ante o morgado boquiaberto — e não pararam mais as manifestações.

— ¿Mas como soube vossa paternidade?... — perguntava D. Alexandre, também muito admirado. — Sim, ¿como foi possível ter essas notícias quando o mensageiro acaba de chegar?!

Brandamente, frei José da Boa-Morte acrescentou:

— A esta hora o senhor D. Manuel de Lemos, na sua cela do convento de São-Domingos-de-Benfica, rejubila tanto com a missão que se lhe destinou, como há pouco, no meu retiro da Boa-Morte, vi lágrimas nos olhos do senhor morgado de Tangil, quando lhe foi marcado o dia certo para sair daquela inércia.

«Ardem ambos por serem úteis. A minha querida filha — acrescentou, sorrindo, com a sua costumada simpatia e bondade, para a noiva de D. João Vilar, — deve ficar muito satisfeita por saber, com as notícias de duas pessoas tão suas queridas, o ardor que as domina.

«Tem vindo tantas vezes aqui, diàriamente, eu sei, para receber as novas dêles. Eu hoje saí do meu convento com a alma inundada da maior alegria; ela nunca me abandona, porque não ofendo o Senhor; vinha e estou jubiloso porque vejo tudo a caminhar muito bem e posso sorrir, minha filha. Até não dei os figos aos petizes».

Docemente, em verdadeiro encanto tão seu natural, ela volveu com o divino mistério da sua alma:

— Meu padre, sabe tanto de tantas coisas, mas,

em verdade, ignora algumas que, já agora, só mais tarde lhe aparecerão.

Parecia querer dizer-lhe não ser só o amor dedicado ao noivo que a levava, quotidianamente, a casa de D. Alexandre Vital, montada no seu cavallo baio, vestida de amazona, seguida pelo seu escudeiro, o José Ventura, que não queria usar o apelido enquanto houvesse franceses em Portugal.

O reverendo, sem desmanchar o sorriso, lhano e suave, que o caracterizava, prosseguiu:

— Em Braga também houve alterações e bem assim no Alto-Minho, mas a mais importante é a que o general Sepúlveda levou a cabo em Bragança. Trás-os-Montes está revoltada. ¿Não são essas as suas notícias, morgado?

No seu tom de franqueza, D. Luís de Noronha acentuou:

— Não há dúvida. O general Manuel Jorge de Sepúlveda revoltou Bragança e a província pôs-se firme como um só homem. Eu ouvi o general Francisco da Silveira jurar que não embainharia a espada senão após a derrota do inimigo; mas se lá por cima há muita coragem não a vi nos sítios onde estão os franceses. A minha província revolta-se e serve isso para exemplo das outras. Os generais mandam dizer que só podem fazer isso, mais nada. As armas são poucas, os soldados reunidos à pressa, alguns são recrutas. O que é preciso... Mas eu vou dizer o que ouvi, visto não me terem confiado papéis: Eles fazem uma revolução; é preciso que no Sul se dêem batalhas com exércitos. Assim falaram.

— ¿Batalhas com quê?! — preguntava D. Alexandre, aterrado, ao ouvir que a revolução transmontana era um estímulo e só com os exércitos seria possível expulsar os invasores.

No mesmo ar manso e doce, frei José da Boa-Morte baixou a voz e aconselhou:

— É preciso auxiliar os ingleses. Está a formar-se, em Inglaterra, a Leal Legião Lusitana. O almirante Cotton recebe, a bordo do *Hibernia*, os nossos fugitivos e as mensagens que lhe queiramos enviar ali à barra do Tejo. Basta-lhe serem entregues pela mão do mais santo dos homens. A frei António do Calvário, meu irmão em tudo, menos no sangue, guardião no convento de São-José-de-Ribamar, deveis as informações que vos dei e as quais concordam com as do nosso morgado. Êle as recebe dos ingleses da esquadra, que as sabem pelos seus barcos vindos do Norte. Ainda há pouco a *Eclipse* esteve fundeada defronte da Foz.

Abriram-se as almas em enorme júbilo. Aparecia de malhas mais finas a rêde tecida contra o inimigo, o assolador da pátria.

Nunca passara naquela sala um frémito que tanto os fizesse comunicar entre si.

O morgado de Teive despertara da sua placidez de espírito de provinciano avezado às montarias e a cavalgadas, pouco de salas e das histórias antigas que formam o carácter ao descreverem heroísmos e virtudes.

D. Alexandre Vital, que, anos antes, admirara o

Primeiro Cônsul, em Paris, numa parada e se entontecera tanto pela sua glória que desejara servi-lo, via, agora, quanto fôra horrível semelhante atracção. O génio da guerra deslumbrara-o. Sentia que devia ter sucedido o mesmo a outras imaginações de juvenis militares, enquanto não fôsem sacrificadas as suas pátrias. Quando a Regência começara a curvar-se às ordens dos franceses, ainda, depois de arriada a bandeira nacional no Castelo de S. Jorge, deixara o exército.

¡Que dia de desespero! Nesse momento, crava-se-lhe no coração o remorso por alguma vez ter podido admirar o génio da guerra, aquêlê homem pálido, de belos olhos azuis, cuja mão pequena e delicada jogava com o destino do mundo. A sua espada, que lembrava um brinquedo infantil, pesava na balança da paz e da guerra. Ali estava a prova no estandarte nacional descendo do seu mastro e a bandeira dos usurpadores subindo ao som das salvas. No Rossio, ouviram-se gemidos e berros de pavor e cólera como se aquella pólvora de saúdação tivesse arremessado projecteis e ferido Portugal no coração.

Êle entrara em casa pálido e de lágrimas nos olhos, arrancara o uniforme de tenente-coronel de cavalaria do Cais, ante o olhar aterrado da espôsa, D. Maria do Resgate, tão formosa, como louca por êle. No fundo do seu coração existiam três amores: o do marido, o do filhinho e o da mulher do povo que a criara em haustos de amargura e

se encerrara no convento do Rato, por humildade, a servir as freiras (1).

Ao ver o marido naquele desespero comprehendera que se dera uma derrocada em seu espirito. Elle contara-lhe ao que assistira, a desaparição da bandeira substituída pela dos franceses, e D. Maria do Resgate chorara também. Juntara-se a familia naquela confraternização de lágrimas. A mãe dêle, D. Maria Rosa, abraçara-se à sua Isabel, a filha tão linda, ainda solteira, dizendo:

— Há-de haver sempre tirania no mundo.

Evocava, sem querer, o drama da sua mocidade, os horrores sofridos pela madrinha de sua filha, D. Isabel Juliana, o «Bichinho de Conta», como lhe chamara o Marquês de Pombal (2).

— Ao menos foi uma tirania de um português —, dissera D. Alexandre, saindo para ir entregar o seu pedido de demissão de official do exército.

Depois chegara a ordem de mobilização do que se chamaria a «Legião Portuguesa» ao serviço da França, ou antes de Napoleão. D. José Vital, que levava a existência a apurar as raças cavallares, disparatara; falara em matar os franceses quando recebera a requisição dos melhores exemplares da sua cavallariça. Distribuía-os, sensatamente, salvara-os até àquella data e tivera ainda o prazer de ver o picador, do exército inimigo, monsieur

(1) Ver a obra do autor: «*Batalha de Sombras*».

(2) Ver a obra do autor: «*O Bichinho de Conta*».

Balai, baldear da sela do «Rabino», tão bravo para os estranhos como dócil para o dono.

— ¡Duas costelas quebradas! ¡Duas costelas! — regozijara-se o grande mestre de equitação, acrescentando, na sua linguagem preferida, que a espôsa reprendia a miúdo:

«¡E lá se foram os chifres! Ficou-lhe a cabeça aberta como uma melancia e a bêsta a berrar, a cuspir, a vomitar, com o sangue, coisas das Arábias, lenga-lengas que davam vontade de lhe escarrar no que lhe ficara do focinho».

Finalmente adaptara-se àquêlê ambiente de surda revolta, que começava a reinar em sua casa. Embora não fôsse dotado de penetração, afora a assimilada nos seus trabalhos preferidos da selecção de raças cavalaes, entendera que devia obedecer, não fazer perguntas, sujeitar-se a correr todos os perigos para auxiliar o filho de cuja misteriosa tarefa só percebia o fim: o de combater os invasores. Às vezes entusiasmava-se:

— Ah, rapazes! ¡Nesse dia até dou ao meu neto um copo de vinho do Pôrto, do que deixou o padrinho, e eu bebo o resto da garrafa! ¡E então está lá uma que tôda ela é barro por fora e oiro por dentro!

Embora não abusasse dos têrmos que o major Malaparte pusera a correr, e não usasse das descargas de epítetos do velho militar, também a sua fraseologia especial para designar os invasores era: os pilecas ou os pencos, acrescentando: os varrascos e os bequeiros, como quem diz porcos e

jumentos pequenos. Como suprema injúria, arran-jara uma palavra da sua invenção: os «Zangarões».

Nunca ninguém lhe preguntara a origem do termo, que lhe seria difícil explicar, mas achava-o próprio, retumbante e, sobretudo, ainda mais depreciativo por ser inventado. Quando berrava o seu «Zangarões» todos sorriam.

Frei José da Boa-Morte, com o seu ar tranqüilo, muito sereno, simples como um noviço, entreten-do-se com as crianças, desempenhara o grande papel de ligar os religiosos de vários conventos de Lisboa na conjura contra os franceses.

Entendera-se com os prelados e não tivera grande trabalho em convencer doutos ou contem-plativos, sábios ou simples religiosos e os dados a melhores trabalhos, desde os oratorianos, quasi todos ilustres, até aos bernardos, entregues à la-voura em Alcobaça. Havia quatrocentos e dezóito conventos de frades em Portugal e eram cento e oito os de religiosas. Só excepcionalmente se encon-traria dentro dêles amizades pelos invasores, embora algumas jovens monjas não pudessem re-sistir ao prestígio das fardas.

O reverendo, sempre na mesma andada, sem precipitações, parecendo abstracto, enchendo os garotos de figos, amêndoas e castanhas piladas, organizara uma singular resistência. Pelo menos arranjara abrigos para todos os revolucionários patriotas, entregues à missão de salvar o país dos

invasores. Costumava dizer: — Os hábitos não caem nos erros das murças e das mitras.

Naquele momento, passando a mão pelo rosto escanhado e pálido, dizia:

— É necessária uma grande conversação com o almirante Cotton, a fim de se arranjar o salvo-conduto para quem fôr a Inglaterra apressar os socorros e encorporar-se na «Leal Legião Lusitana», que, segundo me consta, está a formar-se. Esse enviado deve ser alguém que corra o mais imediato perigo de ser descoberto em Lisboa.

Ouviam-no, com a maior atenção, quando Maria da Saúde pediu licença e o interrompeu como se há muito fôsse conhecedora dos factores daquela emprêsa.

— O meu maior desejo consiste em que os portugueses que sejam meus parentes ou possam unir-se-lhes se batam, se arrisquem, corram os maiores perigos para glória da nossa terra e da nossa família.

Ninguém a interrompia. O reverendo olhava na mesma palidez, tanto do seu feitio, aquela linda mulher que se lhe revelava a súbitas.

Julgara-a fútil, como sua mãe e sua irmã, um pouco mais ousada, por suas tendências de amazona, mas estava longe de julgá-la pela forma por que se revelava naquele momento. Lembrava-lhe uma das heroínas antigas, das que figuravam na história, sendo exemplo dos próprios paladinos.

Ela estava, muito singelamente, a dizer as coisas mais graves, da forma mais natural, sem os lar-

gos gestos que usualmente se emprestam às apotheoses. Vergando o chicotinho de cabo de ouro, o tricorne petulante sôbre os cabelos até ao vinco que na sua testa formosa marcava a energia, tanto podia dizer as arrojadas palavras que acabara de pronunciar como as mais vulgares. Não alterara a voz; falara como de um caso correntio; nem sequer se dera ao trabalho de explicar a sua situação dentro do quadro conspiratório.

O morgado de Teive olhava-a positivamente pasmado, sentindo maior respeito pela mulher que sempre lhe parecera diferente de tôdas as outras.

— ¿Mas se escolhêssemos o vosso noivo, se entendêssemos que devia ir D. João Vilar?

Não repelia o título que frei José da Boa-Morte dava ao morgado de Tangil, mas perguntava:

— ¿Não haverá alguém mais carecido de sair de Portugal e digno da honra de correr êsses riscos? ¿Que podem fazer-lhe se o descobrirem?

— Fuzilá-lo — atalhou D. Alexandre Vital.

E ela, no tom de voz que achou mais natural, sem o menor sobressalto, tornou:

— Êste ano foi arcabuzado em Mafra um pobre homem de campo, cujo nome já esqueceu a todos e eu conservei na memória. Chamava-se Jacinto Correia; era trabalhador rural e não quis saüdar os franceses, descobrir a sua honrada cabeça em presença dos invasores.

Descera um grande silêncio; ela prosseguia:

— Os soldados de Thomières que ocupavam as Caldas-da-Rainha, depois de se mostrarem arro-

gantes em todos os seus actos, acabaram por indignar a população. Alguém os verberou. Foi o bastante para sete ou oito dos estrangeiros se lançarem de espadas nuas contra gente indefesa, entrarem nas casas, espancaram mulheres, sem respeito pelas idades. Velhas, raparigas e meninas foram manietadas e algumas espancadas. Começou o embate. Quatro mil soldados, às ordens de Thomières e Loison, cercaram a vila, assentaram as peças e, depois da execução de Jacinto Correia, em Mafra, foram passados pelas armas nove portugueses escolhidos ao acaso de um inquérito vil. Dissolveu-se e desarmou-se o regimento 10 de Infantaria, cujos oficiais e soldados foram expulsos, ignominiosamente, da vila. E tudo isto se passou num sítio simbólico: O Campo do Burlão...

Jamais tão harmoniosa e doce voz evocara coisas tão graves. Era como se Maria da Saüdade mexesse em sangue dos mártires e o tomasse em suas mãos puras para o beijar.

— Hoje fuzilaram o Eustáquio! ;Até matam os doidos! — E como se a tivesse atribulado, profundamente, aquela morte do «dizidor», já não era tão seguro o som da sua voz. Logo a erguia de novo, mais firme.

— Tudo isto é para dizer que se a gente da rua, o nosso povo, morre assim, também D. João Vilar pode correr os riscos, os perigos. Mais ainda; tem êsse dever, porque os seus antepassados, os que lhe deixaram os títulos e os apelidos, não se retraíram: expuseram-se.

O reverendo assombrava-se ante aquella mocidade tão linda, que surgia a seus olhos, a súbitas, como uma mariposa rara que saísse de um casulo que parecia igual a todos os outros.

Quis ainda experimentá-la e perguntou:

— ¿E se enviássemos de preferêncía o senhor D. Manuel de Lemos?

— Que honrado êle se sentiria, se, repito, não houvesse outro mais digno de se expor aos perigos e para que os estrangeiros saiam da nossa terra.

— ¿Os próprios aliados?—perguntou o reverendo.

— Os próprios irmãos, se os tivéssemos fora das fronteiras; a casa é pequena. Digamos amor só na nossa língua.

Todos se extasiavam ante Maria da Saüdade, tão singela de attitude, a dizer frases dignas de velhas crónicas, mas sem ênfase, tão naturalmente como se estivesse a conversar de modas com D. Maria do Resgate ou com a Isabelinha.

O criado afastou o reposteiro e disse discretamente:

— É o sr. major...

O velho militar irrompeu pela casa, brandando:

— Já sabem? já sabem? os brichotes, a súcia de biltraços, os safardanas, estão a prender gente em massa. É às centenas depois de fuzilarem o pobrezinho do bôbo. Alcabroses dum raio.

Reparando em Maria da Saüdade, que ficara muito grave como se não o ouvisse, disse a gaguejar, a face escarlate a tornar-se violácea:

— Perdoe, minha senhora, excedi-me. Eu não costume praguejar, mas êstes carcamanos de um raio...

E inclinava-se, de pé atrás, no que julgava pura reverência Luís XV.

UM PAILADO EM S. CARLOS

A esquerda começa a ouvir o «Chant de l'Espérance» e apesar do calor da noite, o toque da guitarra entoa-se no meio da sala de S. Carlos, dando pelo ambiente a nota, que sempre lentamente vai a entregar-se ao silêncio.

Desta maneira Nuno, na noite de sábado da ocupação esta condessa de Ega, que o plectral-chão lúcido, sempre ao lado de um armozeiro, como de costume nos usuaes dos palcos, e, por aquillo isto, começou a cantar as primeiras palavras de um

Apresenta-se a entrada das portas da grande mansão nobiliárquica de S. Carlos do Campo, comitido por a comitido de monsenhor Martin, antigo mestre, que sempre no aporendimento se movia de S. Magran. Filhos de famílias tradicionais, e sempre a parados, foram em aquella tarde a «Cidade de Campo» para

—Perdoe, minha senhora, excedi-me. Eu não
costumo pigrijar, mas estas circumstancias me
trouxeram ao ponto de não poder mais
E inclinava-se de pé atrás, no que julgava que
reverencia fizesse XV. e desappareceu para sempre.

—D. Maria de Lencas?

—Que dizes, se dizes se não dizes? —
—Não sei, mas não sei se não sei. —
—Não sei se não sei se não sei. —

—Que dizes, se dizes se não dizes? —
—Não sei, mas não sei se não sei. —

—D. Maria de Lencas? —
—Que dizes, se dizes se não dizes? —
—Não sei, mas não sei se não sei. —

—D. Maria de Lencas? —
—Que dizes, se dizes se não dizes? —

—D. Maria de Lencas? —
—Que dizes, se dizes se não dizes? —

—D. Maria de Lencas? —
—Que dizes, se dizes se não dizes? —

—D. Maria de Lencas? —
—Que dizes, se dizes se não dizes? —

—D. Maria de Lencas? —
—Que dizes, se dizes se não dizes? —

—D. Maria de Lencas? —
—Que dizes, se dizes se não dizes? —

—D. Maria de Lencas? —
—Que dizes, se dizes se não dizes? —

—D. Maria de Lencas? —
—Que dizes, se dizes se não dizes? —

—D. Maria de Lencas? —
—Que dizes, se dizes se não dizes? —

CAPÍTULO XII

UM BAILADO EM S. CARLOS

A orquestra começou a tocar o «Chant du Depart» e, apesar do calor da noite, o duque de Abrantes entrou no seu camarote do teatro de S. Carlos, tendo pelos ombros a capa, que tirava lentamente para a entregar aos ajudantes.

Dizia Carrion Nizas, na frisa vizinha da ocupada pela condessa de Ega, que o general-chefe fazia aquêlê gesto com ar verdadeiramente régio, como lhe constava ser usual dos príncipes, e, por aquêlê jeito, começava a mostrar-se aos portuguezes digno de reinar.

Apareciam na entrada das portas da platêia mancebos uniformizados da «Guarda do Corpo», constituída sob o comando de «monsieur» Bastia, antigo militar, que sucedera no empreendimento ao médico-chefe Magran. Filhos de famílias francesas, e portuguezes afrancesados, formavam aquêlê paródia à «Garde de Corps» imperial. Os

ajudantes de Junot ostentavam cordões de agulhetas e plumas pretas nos chapéus armados. Os de Napoleão usavam-nas brancas e o governador de Portugal começava a organizar a sua côrte em pé diferente.

Estava imponente e dominador; a platéia, de pé, via desfaldar a bandeira francesa no para-peito do camarote do duque de Abrantes ao som do hino, que Marie Joseph Chenier compusera para glorificar a Liberdade, e consagrava a tirania.

*Nous devons triompher quand vous prenez
les armes*

C'est aux rois de verser les pleurs.

O antigo sargento «Tempête», o soldado da Revolução, queria ser rei e formava-se a sua guarda de jovens; o seu estado-maior era brilhante como o de um soberano: a côrte perfilada mostrava respeitos de vassallos.

Estavam junto do generalíssimo o general Thiebault e o coronel conde de Novion, antigo emigrado aderido aos invasores da nação que o acolhera e sustentara.

Os ajudantes-de-campo de serviço, naquela noite, eram Laval e Queirod, e os officiaes às ordens Lafon e Chavigny.

As mulheres decotadas e cobertas de jóias fascinantes, queriam agradar ao conquistador. A condessa de Ega, na sua frisa, não respondia aos olhares que, por vezes, lhe lançava a coronela.

Foy, como em desafio. A portuguesa era grácil e altiva, a francesa parecia mais bela do que nunca, mas sempre petulante. Os diamantes não disfarçavam o arrôjo das atitudes da «bela Roxelane». Madame Troussel, com o seu ar plácido, quasi cándido, não se exaltava naquela luta pelo amor do general-chefe, que era sempre repellido. Fiel ao quasi cómico marido, que todo o exército troçava sem motivo, não consentira ainda a menor liberdade ao general apaixonado. E êle, pouco habituado à resistênciã, perseguia-a.

Maria da Saúde voltou-se para o coronel Martial, que se colocara por detrás de D. Constança, e não se conteve apesar do olhar inquieto da irmã.

— Ainda bem que chegou, coronel; tenho uma grande queixa a fazer-lhe daquelle Senhor...

Indicava, em momo gracioso, o intendente geral da polícia, Lagarde, que na sua farda verde, bordada a prata, ocupava a frisa número dez e parecia deliciado com o bailado da «Ilha dos Canibais» em que Júlia Petit arrebatava a platéia.

O duque de Abrantes assestava o binóculo, de olhos acesos, devorado de desejos por aquella libélula que tinha por amante um bailarino, o Fago, pouco respeitador do alto pretendente aos favores da dançarina.

O coronel compreendeu que para Maria da Saúde lhe falar daquelle modo, ella, sempre tão esquiva, alguma coisa de grave se passara. Achava-a lindíssima no seu vestido branco bordado de

ramos de madre-silva, um encanto de arte parisiense, segundo êle julgava, mal sabendo que uma modista portuguesa, a Adélia, era a preferida pela filha de D. Constança.

— Aquêlê senhor — dizia ela, inclinando-se um pouco para Martial, deslumbrado — lembrou-se de nos mandar assaltar a casa, hoje de manhã.

— ¿Assaltar a casa? ¿E não mo dizia, D. Constança? Nem a Luísa?! — exclamou êle de forma que não se sabia se as reprendia, se lhes agradecia.

Embevecida no contacto de Martial, a mãe de Maria da Saúde desdenhou do caso:

— Não tem importância. Procuravam armas; julgo que percorreram tôdas as casas do bairro. É a defesa...

— Mãe, — atalhou a filha, portuguesmente — mãe; êles queriam subir às salas. O comandante da busca era um esbirro do tempo de Pina Manique e procurava deprimir-nos mais.

A atenção do coronel Martial despertara, mas ia olhando o palco onde a Júlia Petit entusiasmava em seus passos admiráveis. Soavam palmas; Junot dava o sinal dos aplausos e um frémito luxurioso percorria os homens quando a bailarina sorria a atirar beijos, resplandecente, as pernas esculturais, tentadora sob o seu toucado de penas, na dança da «*Ilha dos Canibais*».

Martial lembrava-se, a súbitas, do que lhe palpitará àcerca do noivo de Maria da Saúde, tendo ouvido, depois, que êle figurava entre os desertores, pois não chegara ao seu destino. Quisera,

ainda, obter a confirmação do que lhe constava, ao perguntar a D. Constança, nos jardins de Queluz, se ela tinha a certeza de que D. João Vilar não se encontrava em Portugal.

O intendente da polícia, que ali estava na sua frisa, a dar-se imponência, na farda verde bordada a prata, andava em busca de muitos dos fugitivos. Êle sabia-o; ouvira-o ao sentir-se invadido por uma onda de desconfiança. O ciúme latejara-lhe nas veias, afogara-o, ferira-o e, sem se dirigir directamente a Lagarde, torneara a investigação, no mesmo ar discreto; deixara cair algumas palavras, que lhe tinham custado, dada a sua posição, mas pelas quais obtivera respostas que eram como que certezas.

A polícia entrara na casa da Cova-da-Moura e êle era de novo ferido pelo grande tormento. Não podia, porém, ficar muito tempo sem dar resposta ao que Maria da Saúde lhe dizia e quando ia talvez lançar o seu protesto hábil e hipócrita, D. Constança, sempre sob o seu sortilégio, dizia:

— Não subiram aos andares; deram a busca e foram-se sem a menor indelicadeza. Quando muito, perguntaram por um criado.

Lúsa olhava disfarçadamente o camarote de Junot, onde via Chavigny de pé, fulgurante nas dragonas e nos cordões.

— Êsse criado — elucidou a súbitas, Maria da Saúde — é o meu escudeiro, o José Ventura, que estava ausente, mas pronto a apresentar-se, se assim fôr preciso.

Mais sossegado, querendo intervir de forma a agradar, Martial declarou:

— Não será preciso. Eu me encarrego de não a privar do seu escudeiro.

E era a certeza do seu poder que êle impunha sem alarde, querendo satisfazê-la, mas prometendo a si próprio perscrutar o Intendente da Polícia. Repugnava-lhe misturar-se naquelas coisas; dar a Lagarde a confiança de lhe fazer perguntas, no grande desdém de um soldado por um chefe de esbirros, mas não podia desviar a atenção do que o perturbara para fazer desaparecer do seu espírito e logo sobrenadar, mais uma vez, até à sensação de uma punhalada.

E não era o criado que o interessava, mas D. João Vilar, o noivo da mulher tão desejada como outrora quisera à mãe dela, que continuava a olhá-lo apaixonadamente.

Descera o pano, ao som das palmas. Junot retirara-se para a ante-sala do camarote onde ia receber os seus cortesãos. Havia um grande movimento na platéia e as senhoras, abanando-se com os leques minúsculos, voltavam-se para as visitas que chegavam. Entrara Carrion Nizas a cumprimentar D. Constança e Luísa mordida o beicinho, muito desolada pela ausência de Chavigny, que ficara no seu serviço junto do general-chefe.

Pelos corredores soavam vozes e passos, alguns oficiais franceses e fidalgos portugueses confraternizavam, e, quando D. Constança foi obrigada a atender os cumprimentos, Maria da Saüdade sentiu

que Martial se aproximava dela, indiferente ao que se passava em volta.

Atraía-o a sua beleza; esquecia tudo junto dela, enlevado, e, todavia, pouco interêsse parecia ter o que lhe dizia.

Falava do incidente; referia-se às visitas dos oficiais franceses a sua casa e ia explicando como sua mãe, que pouca importância parecia dar ao acontecimento daquela manhã, julgara, sempre, que ninguém se atreveria a semelhante passo.

Havia quem a informasse das coisas que decorriam, com singeleza, entre amigos, não tendo, todavia, evitado o vexame. D. Constança, com a sua grande admiração pela França, coibira-se de demonstrar o aborrecimento, mas sentira-se agravada.

Maria da Saúde nunca conversara tanto com êle, e isso impressionava-o e envaidecia-o; julgava que se abria o caminho que sempre se lhe deparara em amor. Seria capaz de fazê-la sua espôsa; êle, cuja vida pertencia inteiramente à glória das armas.

De repente, começou a perturbar-se. Ela enaltecia Chavigny, ia revelando a sua attitude. Dizia contar com êle para tudo.

Luísa estava junto da mãe, envolvida no grupo dos visitantes que enchiam a frisa, e a irmã elevava mais o seu elogio ao que deveria considerar seu futuro cunhado.

Se êle tivesse sabido, decerto evitaria o assalto da Polícia; pelo menos informá-las-ia do que

se estava passando nas buscas e talvez que o senhor Lagarde as poupasse àquêlê vexame. Chavigny já falara das visitas domiciliárias, mas estava longe de pensar de que seriam atingidas.

Martial começava a tomar o partido dela; aborrecia-se com a acção do Intendente da Polícia; queria servi-la de joelhos, se assim o exigisse, mas alvoraçava-se ao ouvi-la, no ar mais natural, contar que Chavigny não tinha segredos para elas. As coisas que Carrion Nizas dissera, relativas às buscas de armas e às determinações a alguns casos de guerra em Espanha, teriam sido narradas, não por êle, mas por Chavigny. Punha-o em presença daquele camarada, tão poderoso, como um amigo cujos segredos importantes das secretarias revelava a quem o estimava como elas. Sentia-se num meio bem do seu agrado e falava abertamente.

Êle, só êle. Por isso lhe queriam muito. Assim fôsem todos, mas os outros não mostravam a sua franqueza.

— Olhe que nos disse em conversa, há tempos, o que o senhor Lagarde preparava, mas longe de pensar que também seríamos suspeitas.

Aquêlê elogio extremo, a maneira como Maria da Saüdade falava, começavam a excitar o ânimo de Martial, que tinha ciúmes de tudo e de todos; sentia uma atracção para o outro na mulher que desejava ardentemente. Interrompia-a.

— Chavigny é noivo de Luísa, não é assim?

Ela deteve a resposta, como se temesse asseverar

o que se julgava decisivo, e acabou por dizer espiando a alteração do rosto do coronel:

— Minha irmã é uma criança. Êle diverte-se com os seus amuos; acha-lhe graça, mas, sobretudo, sente-se bem na nossa convivência. Jamais deixou de nos demonstrar o seu carinho. Ainda, há pouco, ante o sobressalto dos acontecimentos do Norte, foi franco, a ponto de me enternecer, ao asseverar-nos que tudo seria sufocado em breve. Iam marchar para o Pôrto os contingentes de Tomar; parece que no Alentejo também há movimentos, mas não tardarão a ser debelados. — Prossegua: — Julgo que nos falou do general Kellerman.

Sempre na sua naturalidade, dizia: — O capitão Chavigny não tem segredos para nós. Eu admiro-o; é um verdadeiro gentil-homem. Se tivessem para connosco iguais atenções todos os nossos amigos, como êle as tem, não teríamos hoje sofrido aquêlê desaire. |Uma busca em nossa casa?! Coronel! ¿Não acha que, depois do que lhe confiei, Chavigny, é o nosso verdadeiro amigo?

— Maria da Saüdade, — segredou êle — creia que há alguém capaz de a livrar de novos vexames.

— A mim? Não trato de mim, coronel, mas da nossa casa...

— E eu só em si penso...

Altivamente, com o ar de dignidade quási majestosa que tanto impressionava o morgado de Teive, não conteve a resposta, a única própria para conter aquella audácia:

— Coronel: eu sou a noiva de D. João Vilar.

Martial sentiu que desmoronava todo o seu sonho de esperança, alimentada sobretudo naqueles momentos em que Maria da Saúde se lhe confiara como nunca.

Novamente se encheu de zêlos. No coração daquela portuguesa estava arreigado um amor, mas estremecia ao ouvi-la acentuar com a maior simplicidade:

— O seu camarada Chavigny quando nos avisa e nos tranquiliza é a pura amizade que o move.

— Êle também tem uma noiva, a irmã de vossa excelência.

Era frio, cortante ao dar-lhe aquêlê tratamento e ela, com uma grande crueldade própria das mulheres repugnadas pelas atitudes dos que não amam e buscam impor-se, volveu:

— Chavigny é um gentil-homem. É crível que minha irmã se julgue amada, mas é ainda uma criança.

Martial fêz uma vénia; quis dirigir-se para a porta. D. Constança, que não o tinha perdido de vista, pálida, de olhos ardentes, pois tinha sofrido muito ao vê-lo inclinado junto de Maria da Saúde, deteve-o:

— Onde vai? Espere um pouco. Tenho que lhe dizer.

Êle, volvendo o seu olhar para a jovem, via-a serena ante o desenrolar da cena que dir-se-ia ter

preparado e não quis partir sem assegurar o seu desígnio.

— Eu já volto, minha senhora — disse em tom respeitossíssimo. E para Maria da Saúde, acercando-se-lhe de novo, assegurou de forma que se ouviu:

— Não se dirá que a aborreceram sem uma satisfação cabal. No último caso exijo-a, por si, porque assim manda a minha dignidade de oficial e a amizade por vossa mãe. — Mais baixo, audacioso, de novo acrescentou:

— Assim manda o meu coração. Há-de ouvir-me um dia...

Como se quisesse esmagá-lo com a sua altivez, no mesmo tom natural de seu uso constante, volveu:

— Ouvi-lo-ei sempre, preferindo que fale a sua dignidade de militar e a sua amizade por minha mãe e pela nossa casa.

Desviava a audácia como se esgrimisse contra ousada lâmina com um gancho de toucado.

O cumprimento do coronel foi mais cerimonioso; saudou D. Constança, que não pôde detê-lo a seu lado. Tinham-se afastado com respeito para que êle passasse e Carrion Nizas, sempre de aguçada ironia, passou a vista pela assistência, acercou-se de Maria da Saúde e perguntou:

— Incumbiu o coronel Martial de uma missão?

— Não tenho êsse direito. Apenas lhe fiz saber que a nossa casa fôra assaltada, é o têrmo, pela polfícia.

— Ah! Eu bem lhe dissera que andavam em busca de armas.

— O senhor Nizas?! Ah! E eu a julgar que fôra Chavigny.

— É o mesmo. Não tenho o menor interêsse em que conste. Todos os officiais embirram com a Polfcia e eu especialmente. Por isso só tive pena de que o Lagarde não tomasse em consideração o meu pedido àcêrca de algumas casas amigas, a primeira das quais era a vossa.

O pano subia para a exhibição de outro bailado. Os espectadores acomodavam-se nas cadeiras. Maria da Saüdade ficou entre a irmã e a mãe, que caíra em profunda meditação. Sentiu a ausência de Martial e sem a presença de Luísa teria, decerto, interpelado a filha mais velha àcêrca da saída do coronel. Tinha vontade de lhe ralhar por ter dado importância àquela vulgar acção da polícia mas continha-se, como se alguma coisa de profundamente abalador a prostrasse. Ouvira algumas das palavras dirigidas pelo coronel à filha, compenetrara-se de que êle a amava e sofria terrivelmente. Depois chegava a dúvida e consolava-se. O seu maior desejo seria pôr a claro a situação, saber o que êles pensavam. Mas não podia ser! A filha amava D. João Vilar!

Martial não cometeria a repelente acção de a desprezar, procurando aquêle amor. Era o muito que lhe queria, era a sua impaciência, que a fazia pensar assim.

A bailarina executava os passos da «Griselda»

e as atenções fixavam-se no seu corpo esbelto, iluminado pelos lustres nos gestos artísticos, no seu sorriso feiticeiro e ninguém dava pelo que se passava no camarote dos ministros, onde Lhuite, que dirigia os negócios da Guerra, se erguera para receber o famoso coronel da Guarda Imperial. O comandante Magendie, chefe da esquadra francesa, apertava, muito respeitosa a mão de Martial, que dizia qualquer coisa em voz baixa ao secretário de Estado. Dera uma ordem ao ajudante-de-campo, que saíu rapidamente do camarote, onde o coronel tomou lugar entre as duas personagens.

Pouco depois entrava o intendente da Polícia, Pierre Lagarde, calvo, estrábico, a farda verde ensilveirada de prata e que se inclinava profundamente, mais para saudar Martial do que o ministro e o capitão de mar e guerra.

Conhecia, como competia ao seu mister, a importância do coronel, assegurara-se do valor que Napoleão lhe dava; sabia da sua missão e dos poderes que lhe tinham sido conferidos, receando e admirando aquêles vinte e oito anos aureolados de glória. Só havia no exército um oficial que merecera as atenções iguais às que o Imperador lhe dispensava: o marquês de Sainte Croix. Este, porém, era fidalgo e não filho do acaso adoptado por alguns dragões.

O intendente estava a par da sua história e até lhe tinham apontado, ao sair de Paris para a sua viagem, o sargento-cidadão Nezrouge, o celebrado

Catilina, que estava na estação da mala-posta a fazer muitas perguntas aos postilhões.

Lhuite falava no tom superior que convinha à sua qualidade de aventureiro ansioso de fazer esquecer que viera para Lisboa atrás da artilharia e sustentado pelos soldados, até que merecera a confiança do generalíssimo. O homem da polícia também não devia ignorar aquela singular crónica de um favorito da sorte.

Martial não dera a Lagarde mais do que um olhar, correspondendo, ligeiramente, ao seu cumprimento quasi humilde, apesar de ser feito por quem usava tão bela farda bordada.

— Trata-se de um assalto da sua polícia a uma casa cujas donas são amigas da França.

A bailarina continuava a sua dança; o corpo de baile causava assombro, mas dos quatro homens que se encontravam naquele camarote só Magendie dava atenção ao palco, desinteressado da conversa, que ia a complicar-se.

— São as senhoras...

O ministro interrompera-se, ignorando totalmente o assunto. querendo que o coronel intervisse, visto já lhe ter preparado o terreno como solicitara.

— As senhoras de Lemos, residentes no palácio da Cova-da-Moura. Conheci-as em Paris; são parentes de madame de Sousa, amigas da França e do Império.

— ¿Porque não as poupou a essa busca?

Fazia a pergunta ao intendente da polícia como

se lhe assistisse êsse direito oficialmente e o funcio-nário parecia também reconhecer-lho, pois come-çava a elucidá-lo da maneira mais delicada, quasi servil.

Martial era um potentado com a sua missão secreta.

Tratava-se de um caso muito especial, que Lagarde recordava. Um dos seus agentes, um tal Marnoto, ouvira, em certa taberna das Necessidades, a birra de um palafreheiro que não queria que lhe chamassem Ventura, aliás o seu nome, senão no dia da chegada de el-rei D. Sebastião. Tôda a gente sabia o que isso queria dizer.

O intendente julgava-se dispensado de explicar aquella correntia expressão que significava a derrota dos franceses.

Continuava a narrativa com o ar de quem ligara a maior importância ao facto e aos que se segui-ram.

— O agente fôra no encalço do homem que sol-tara aquella frase, repelindo o próprio nome, e vira-o entrar para o palácio da Cova-da-Moura. Ia um pouco excitado pelas libações na locanda e não vira o polficia ou, pelo menos, êle assim o jul-gara.

«Havia luz numa das salas da frente da residên-cia e também noutra das trazeiras, apesar da noite ir adiantada, e quando Marnoto, depois de fazer as suas observações, se preparava para se retirar, vira um vulto embuçado em mau capote, apesar de não estar frio, e que tentara subir o muro do

quintal. De seguida fôra bater à portinha pegada com a entrada principal».

O coronel começava a ouvir, curiosamente, a narrativa de Lagarde. O secretário de Estado e o capitão de mar e guerra davam-lhe menos atenção.

Havia um grande silêncio na platéia e no camarote donde se seguia, atentamente, o espectáculo. Uma bailarina provocava a admiração, rodopiando ao som de uma composição agitada.

O intendente baixara mais a voz e prosseguira:

— O homem foi ficando na sua sentinela. Abriu-se a pequena porta; ouviu uma exclamação de espanto, vozes que cochichavam, e o vulto sumiu-se na casa.

— ¿Uma exclamação de espanto?! — murmurou Martial.

Disse e cafu em meditação para só voltar a atender as palavras de Lagarde, quando êle entrou no melhor das revelações.

— Antes que a madrugada rompesse, o criado que não queria chamar-se Ventura — êle carregava na terminação da palavra em português, seguindo a traduzi-la por «bonheur», — o mesmo que tão livremente falara na taberna do bairro, apareceu a cavalo ao lado de um homem de aspecto distinto, embuçado numa capa cinzenta e também esplêndidamente montado.

— ¿E para onde foram? — interrogou o coronel da Guarda Imperial.

— Foi impossível segui-los por muito tempo.

Houve não sei que balbúrdia de pretos caiadores e de pretas num pátio da rua; saíram de roldão, o agente atrapalhou-se um pouco e êles perderam-se para a banda das terras. O chão estava sêco; não pôde guiar-se, por muito tempo, pelos sinais das patas dos cavalos.

— ¿E era novo êsse homem que acompanhava o criado?

— Devia ser. A mesma pergunta fiz eu. Respondeu-me que era esbelto, decerto um fidalgo pelo ar e desenvoltura. Vinte e tantos anos, quando muito. Aqui tem a razão por que mandei passar uma busca nesse palácio à conta de descobrir as armas, mas na realidade, porque queria haver às mãos o tal Ventura.

— Que foi para fora — acentuou Martial, lembrando-se do que ouvira a Maria da Saüdade.

De repente, como iluminado por um torturante pensamento, perguntou a Lhuite:

— ¿Já chegaram as notas dos officiaes desertores da «Legião Portuguesa»?

— Ainda não. Os caminhos de Espanha, onde lavra a revolução, não são propícios para os nossos correios.

— Ah! ¿Então é impossível saber se o tenente D. João de Vilar, morgado de Tangil, pertence ao número dos que desertaram?!

Pausadamente, Lagarde, dando mostras da perspicácia com que exercia o seu cargo, declarou:

— Não chegou a apresentar-se em Salvaterra, donde partiram as secretarias da Legião.

Pálido, mas dominando-se, Martial, já sem o menor rebuço, ordenou:

— Em todo o caso deixe em paz o palácio da Cova-da-Moura. Prometi. Mas isto não quiere dizer que se esqueça de procurar o official desertor.

E para o secretário de Estado, perguntou:

— ¿V. Ex.^a sabia, decerto, que êsse militar faltara aos seus deveres?

— E como tal mandei instaurar o processo e procurá-lo.

Tinham-se levantado. Não trocaram mais uma palavra. O coronel franzira o sobrecenho; Lhuite baixara a cabeça, o official da armada olhava a sala e o Intendente da Polícia observava-os.

Junot erguera-se no camarote, e os espectadores, de pé, ficaram voltados para êle, cerimoniaes e graves, ao som do «Chant du Départ», do hino ainda adoptado nas festas officiais em Lisboa, embora banido do protocolo imperial.

Os «Guardas de Corpo» alinhavam em continência e acendiam-se archotes no largo de S. Carlos.

CAPÍTULO XIII

O SARGENTO CATILINA

— ¡O serviço de Sua Alteza!

Os criados fardados na libré dos Quintelas abriam alas, empunhando candelabros de prata. Heldet, o mordomo, perfilou-se à porta do salão e Jouffre, concunhado de Junot, que soltara o aviso, sorria-lhe no meio do aparato.

No regresso do teatro esperava-o a ceia sempre servida em magnífica baixela e oferecida, como tôda a hospedagem, pelo barão, que nem sequer assistia a muitas das refeições. O anfitrião lucrava nos negócios.

O duque de Abrantes correspondera à continência das sentinelas, passara ao lado de Martial e seguido pelos ajudantes, quando Thiebault se acercara, dizendo com precauções:

— Chegou o correio de Espanha e...

— ¡Até que enfim! — atalhou o coronel da Guarda Imperial.

O duque de Abrantes, no tom que julgou do mais aristocrático bom gôsto, deliberou:

— Ceemos. Depois receberemos o correio. As evoluções das bailarinas cavaram-me o estômago. Parece que fui eu o dançarino.

Do pátio do palácio, da banda do Tesouro Velho, subia uma voz de comando, ouvia-se o tropel de cavalaria e Junot levantava a cabeça e olhava o chefe do estado-maior como a interrogá-lo.

— É o pelotão do correio que retira para o quartel do Cais. V. Ex.^a não imagina como chegaram. O capitão Rouleau foi morto, o tenente Jacquelin, ferido. De um esquadrão só formaram, ali no pátio, quando muito, dois pelotões.

— Vamos cear — decidiu o governador de Portugal, dando um passo para a sala.

Todos seguiram, à excepção de Martial, que detinha Thiebault.

— General, tenho um pedido a fazer-lhe.

Prevot, primeiro ajudante de campo, aparecia a chamar o chefe do estado-maior, que ouvira Martial dizer-lhe:

— Peço uma missão para Chavigny. Deve ir até ao Alentejo, onde há revoltas. Escusa de saber quem lhe arranjou esta maneira de se distinguir.

Como sempre, aquêlê official tão distinguido pelo Imperador, tanto ou mais do que o marquês de Sainte Croix, não ordenava, mas obedecia-se-lhe.

Jouffre surgiu açado e atrás dêle, Cha-

vigny, e até o comissário geral Troussel. Badalejava uma campainha e Thiebault, a súbitas assaltado, ouvia-os dizer:

— O senhor duque, o nosso general, pede-lhes que vão depressa ao seu gabinete. Depressa.

Cambis Velleron ia entrando também, apressado, e êles perguntavam-lhe:

— O correio? O correio?

Carrion Nizas entrava do lado do gabinete de Junot, dando pressa:

— ¿Então, onde está êsse correio?...

Voltaram todos para as salas interiores; percebia-se que Junot pusera de lado a idéia de ceiar antes de receber o correio, visto as notícias que tivera.

Pairou uma tormenta moral naquele palácio iluminado, que as sentinelas vigiavam.

Martial sentiu-se agarrado e soltou um grito de alegria diante do reposteiro que oscilava. Ficara apenas um velho granadeiro em sentido, perfilado junto da entrada do salão.

— Oh! Catilina! Oh! «pai velho!...»

O coronel caíra nos braços do sargento que o criara, do seu único e verdadeiro amigo no mundo, beijava-o ali na ante-câmara de Junot como o acariciaria do mesmo modo nas Tulherias ou na Ópera. Era o seu grande affecto, aquêle dragão, o «pai velho».

O sargento, cujo rosto se avermelhara tanto que já não se distinguia do tom de rábano do nariz, passava a mão pela bigodaça branca e pelas faces,

puxava de um cachimbo negro e de tubo partido, atarantava-se, tornava a guardá-lo na algibeira da farda rôta e empoeirada e só sabia dizer:

— Martial! Martial! O que eu inventei para vir até êste deserto...

Tornava a abraçá-lo, de olhos úmidos, ante o granadeiro, sempre imóvel, sem desmanchar a continência e por cujo rosto deslizavam lágrimas ante aquêlê velho sargento abraçado ao mais brilhante dos coronéis da Guarda Imperial; julgá-los-ia pai e filho unidos pelo seu grande amor, desaparecida a hierarquia.

— Meu coronel — dizia o dragão entre risonho e respeitoso, — meu querido coronel Martial...

Thiebault reaparecia à porta, a procurar Martial, chamava-o e gritava ainda por Rigot, o oficial de engenharia que vinha das bandas do pátio.

— ¿Então o correio?

Catilina, ou antes, o sargento Nezrouge, perfitou-se, uniu os calcanhares e exclamou:

— Presente, meu general. ¡O correio sou eu, Antoine Nezrouge, o Catilina, primeiro sargento do segundo esquadrão do 18 de dragões, comandante coronel Laffite.

O chefe do estado-maior olhou-o admirado; Martial igualmente. Continuava comovido ao vê-lo, tendo compreendido que o velho sargento correrá perigos sem conta para se aproximar dêle, e perguntava-lhe:

— ¿Tu és o correio?

— O capitão Rouleau caíu depois da passagem

de Mondragon, numa aldeia. Estavam embuscados os malditos espanhóis. Dez soldados fizeram escolta ao nosso capitão na última retirada; foi ferido o tenente Jacquelin, grande cabeça. Parece que estudou para advogado. Vinte e três anos e lábia de fazer chorar. Deixei-o no hospital, em Valladolid. O alferes Rigaud veio até Ciudad Rodrigo, mas antes da fronteira foi a terra por uma surpresa, uma arriosa entre bosques. Fiquei eu com o correio; de um esquadrão restam pouco mais de dois pelotões. Os malditos guerrilheiros atiram a oficiais e, quando êles caem, aproveitam a confusão e chacinam. Aqui estou, pois. Vim por voluntário até Portugal, onde se encontra o meu coronel Martial.

E, mais perfilado e vermelho, repetiu:

— António Nezrouge, primeiro sargento do 18 de dragões, do coronel Laffite, apresenta-se.

Thiebault continuava a olhar o veterano. O coronel parecia enternecido, quando Jouffre, o concunhado de Junot, voltou na mesma pressa.

— Sua Alteza pede o favor de não se demorarem.

O comissário geral Troussel, atrás de Chavigny, solicitava do chefe do estado-maior:

— Meu general, o cifrante.

— Sua Alteza está ansioso — repetia o lisonjeiro parente do duque de Abrantes.

O sargento Catilina parecia apavorado, cheio de espanto ante aquêlê tratamento que ouvia, já por três vezes, no Quartel-General.

Não lhe davam tempo para reflectir, nem sequer

para pensar na febre da saúde que o trouxera a Lisboa, para ver o seu coronel, aquêlê que criara com os seus camaradas saídos das fileiras: Bibet, caído na batalha da Irlanda, sob o comando de Hoche, e Camus, sepulto no Egito, quando Bonaparte evocava os quarenta séculos das Pirâmides.

Junot, com a cicatriz avermelhada desde a testa ao canto da bôca, olhava um monte de papéis de que o sargento fôra portador e entregara ao oficial de serviço, o conde de Forbin.

O secretário geral do Govêrno, Vaublanc, ficara a um canto, no seu trajo civil, entre tantos militares que aguardavam a entrada do correio.

— Que é isto? Um sargento?! — perguntou o duque de Abrantes, muito admirado.

Thiebault e Martial ladeavam o veterano, que não se comovia. Depois de ter ouvido aquêlê título de «alteza», acordara no seu espírito a velha recordação do tenente Jacquelin, o jovem advogado que ficara no hospital de Valladolid, naturalmente a revoltar-se, acastelando teorias políticas.

— Sim, meu general, — disse Catilina, procurando o cachimbo e ocultando-o na mão.

Tinha-o como um talismã; apertava-o nos momentos convulsos, acariciava-o à beira das grandes resoluções e, quando levava aos lábios aquêlê curto pipo, parecia que o beijava ou o mordia.

— Sim, meu general, um sargento: Antoine Nezrouge, mais conhecido por Catilina...

— Ah! — exclamou Junot, recordando-se, a súbitas, do nome famoso no exército onde êle, duque

de Abrantes, também deixara celebrada a sua alcinha de sargento «Tempestade». — ¿E os teus officiais?

— O capitão, morto na aldeia de Vinas, junto de Mondragon; o tenente, ferido em Dueñas; ao alferes, abateram-no aquém de Ciudad Rodrigo. A mim não me alcançaram, porque não tenho charlateiras nem dragonas e já outros mais sabidos e de melhor pontaria que os espanhóis me visaram sem acertar. Uma vez na Itália, foi em Rivoli...

Martial tocava-lhe no braço, sorrindo, a indicar-lhe o ar severo que Junot tomara, e êle, perfilando-se mais, os calcanhares bem unidos, o rosto transformado numa carranca de cortiça, esperava que o interrogassem. O general-chefe mergulhara a vista no montão de papéis e parecia ausente.

Eram despachos já antigos, dos quais ressaltavam as dificuldades e os embaraços em que se encontrava o exército francês em Espanha. As guerrilhas, constantemente, em ataques, ciladas, surpresas, vultos negros de curas apontando bacamartes, à frente de muleteiros e outros arreeiros, almocreves, marchantes e chanfaneiros, com gentio dos montes e os mais que a monte andavam.

Por tôda a parte reinava a insurreição. Palafox tornara-se um monte popular, heróico em tôda a Espanha insurrecta. O cêrco de Saragoça, com os combates de casa para casa, as mulheres como a Agustina Zaragoza, pelejando na Puerta del Portillo, até os garotos indicando aos soldados e guerrilheiros a marcha dos franceses, tornava horrível

aquela guerra. A Espanha levantara a bandeira rebelde. Em Portugal imitavam-na. O Pôrto voltara a cair nas mãos dos franceses, mas Trás-os-Montes estava revolucionada. No Sul iniciavam-se movimentos e a situação mostrava-se cada vez mais apertada em Portugal.

Após a defeecção das tropas espanholas era preciso que os soldados franceses as substituíssem, multiplicando-se. Ao tomar conhecimento das ordens terminantes, exaladas como um excitante violento dos papéis que o sargento Catilina trouxera com tanto custo, Junot sentia que precisava absolutamente de refôrço para evitar a penetração do inimigo pelas fronteiras do Norte e da Beira. Era o que desejava pedir ao Imperador, enviando-lhe, não o pobre correio que ali estava na sua farda suja e desbotada, mas alguém que o soberano considerasse e ouvisse.

O coronel sentara-se à mesa do chefe; Thiebault encostara-se à parede, junto do reposteiro armoriado; Vaublanc não se atrevera a puxar uma cadeira. Os ajudantes Carrion Nizas, conde de Forbin, Chavigny e Prevot tinham passado para a ante-câmara, onde também ficara o comissário geral Troussel.

Heldt, o mordomo, apparecera na sala a segredar com Jouffre, que abrira os braços como a mostrar-se incapaz de resolver a questão que êle lhe apresentava.

Junot parecia abatido, procurando, porém, apparentar serenidade, ó que era difficil, dado o seu tem-

peramento impulsivo, que lhe impusera, outrora, a alcunha de sargento «Tempestade».

No sul de Portugal começara a insurreição. Vila-Viçosa revoltara-se; Beja ia ser posta a ferro e fogo; na Beira referviam as impaciências e em Tomar soltara-se o brado rebelde.

Julho começara mal para os invasores. Napoleão quasi desejava que as tropas de ocupação do reino ajudassem a conter os espanhóis. Decididamente, impunha-se-lhe mandar um emissário. Como se tivesse olvidado, a súbitas, a sua carreira de sargento, imaginando-se um nobre senhor, muito distanciado da plebe, mais valioso após o título recebido da munificência imperial, Junot, voltando-se para Catilina, disse-lhe:

— Decerto não sabes o que contêm êstes papéis.

— Nem é preciso saber. Os meus oficiais tão-pouco o saberiam. Um esquadrão safu de Paris com o capitão Rouleau, que devia trazer as ordens do Imperador a vossa excelência. Ficou em Espanha com a melhor companhia que os homens da guerra podem ter para a última dormida: a bala final, que dá as últimas dormideiras.

Catilina sempre fôra bom orador na época da República que tivera a sua nota do lirismo no Terror. Nunca se prendera com preconceitos; falara até a Bonaparte em termos que o exército conhecia.

Ao entregar-lhe o sabre de honra, o primeiro cônsul inquirira do seu nome e ouvira atirar-lho, com certo orgulho, acrescentando:

— Também sou conhecido por Catilina.

— Catilina, porquê? — preguntara muito admirado.

E êle, no seu melhor sorriso, escondido pela bigodeira, então preta, volvera:

— Porque acho que é melhor morrer de armas na mão que por ordem do Senado.

— ¿Quem te ensinou a história de Roma? — preguntara Bonaparte, muito mais surpreendido.

Êle, muito hirto, apresentando o sabre de honra, redargüira:

— Só sei isto e basta. E é de ouvido, nosso general primeiro cônsul.

Perante Junot, o desembaraçado dragão não se coïbia e continuava:

— Mais adiante, ficou o tenente ferido, depois o alferes morreu...

— Já sei. Mas pergunto se sabes o que contém êstes papéis.

Fuzilaram-lhe os olhos sob as sobranceiras, que pareciam bigodes, e volveu:

— Não sei, meu general, mas ainda que soubesse, nem ao meu coronel Martial o diria, se a ordem fôsse essa. ¿E para que queria eu saber? Nós não temos voto. O que eu vi por essa Espanha fora e aprendi em Portugal, deu-me bastantes luzes para calcular o que temos a fazer: é dar-lhes até ficarmos a escutar a cavalaria ou os fazermos gritar: «viva a...»

Thiebault atalhou o grito, subversivo e espontâneo, a saüdação à República, que o sargento estava

habituação a soltar no final das suas arengas patrióticas no tempo do Terror.

— ¿E que viste? — perguntava Junot, devorado pela curiosidade.

Na mais pitoresca linguagem, Catilina foi contando tôdas as ciladas, os horrores, as esperas dos espanhóis. Vira cadáveres crucificados, outros com os pés queimados; havia sítios em que eram como sementeiras: um aqui, outro acolá, mais além muitos. A quem não soubesse o caminho do perigo êles o indicavam. Tudo era obra dos curas. ¡O raio dos guerrilheiros!

Jouffre aparecia de novo; procurava ser visto pelo concunhado, que, ao reparar, fêz um gesto aborrecido a despedi-lo, mas Heldt, o mordomo, destacava-se à entrada.

— Fica para mais tarde a ceia...

— Vossa Alteza será servido, mas não respondo pelos «petits fours» nem pelos «patés aux crevettes».

Ao ouvir o título dado ao general, Catilina de novo se sobressaltou como escandalizado.

O duque de Abrantes erguera-se e convidara Thiebault para cear depois da conferência que ia ter com êle e com o coronel Martial. Vaublanc passava à sala vizinha e o sargento aguardava ordens, quando Martial, chamando de lado Jouffre, que se mostrara encantado com aquela confiança, lhe disse:

— Desejo que mande conduzir aquêle meu amigo aos meus aposentos e que lhe seja servida uma boa refeição, da qual participarei.

O concunhado de Junot percorreu o gabinete com a vista, como se não atinasse com tão especial amigo do coronel, que não lhe deixou dúvidas e elucidou:

— É o sargento que salvou o correio, o meu velho Catilina.

Tomou-o de lado e disse-lhe baixinho:

— Vai, «pai velho», vai, que eu já lá vou ter.

Havia muita ternura naquela despedida; o general-chefe mal deu pela saída do sargento, de quem Heldt se apossava, não reparando no seu alheamento, na grande melancolia que o turbava. Podia atribuí-la ao cansaço, mas o mordomo, habituado a tratar com generais, pouca importância ligava ao sargento.

Junot deu ordens ao concunhado para que os seus ajudantes não deixassem a ante-câmara, onde mais ninguém devia penetrar, mandou-o sair depois de correr o reposteiro pesado e, circunvagando a vista, disse:

— Fale Thiebault. Exponha a situação.

O chefe do estado-maior começou:

— É grave o nosso caso. Não devemos dar por isso na aparência, mas precisamos de tomar cautelas. Os avisos do Imperador são menos importantes do que as ameaças de que somos alvo. Demais, não há exemplo de um dos nossos exércitos ser vencido. Não temos regimentos suficientes para substituir, como o Imperador deseja, os soldados espanhóis que prendemos e os que partiram para a Galiza. Nesta conformidade, tendo que fazer frente aos revoltosos e auxiliar os nossos nas fronteiras, não é possível

operar com tão pouca gente, sobretudo se os ingleses desembarcarem em qualquer ponto do território de Portugal.

Desdenhosamente, o governador do reino interrompeu:

— Ingleses?! ¿Já os viu vencer em terra?! Ora, general, bem sabe que são tropas anfíbias.

— Serão, mas estamos num país marítimo — decidiu Martial.

— ¿Nesse caso, estamos correndo um grande perigo? — perguntou Junot quási sarcástico.

— Devemos, pelo menos, preparar-nos como se êle já estivesse perto de nós.

Thiebault calou-se. Sucedeu um pesado silêncio que o duque de Abrantes quebrou:

— ¿E se fôssemos cear, para não falharem os «petits patés aux crevettes», isto enquanto os ingleses não impedem a pesca dos bons camarões?

O chefe do estado-maior não tomou tão ligeiramente as ameaças, as considerações imperiais e o que ouvira ao sargento Catilina. Percebera que o fastígio e o título, o seu cargo de governador de Portugal, as atoardas àcêrca da sua possível realza no país, tinham roubado as qualidades nativas do antigo sargento de Toulon, do «Tempestade».

Martial também o observava, e como se o general-chefe não contasse para a decisão, pois se levantava como disposto a cear, disse para Thiebault:

— ¿Que haveria a fazer?

— Martial, deixemos isso para depois. Sinto-me esfaimado — quási ordenou o duque de Abrantes.

Parecia apressado, querendo desviar alguma coisa de importuno que o turbava, mas, como o coronel fôsse falar, êle ficou a ouvi-lo dizer:

— Podemos primeiro combinar o que devemos fazer.

O duque de Abrantes decidiu-se; saíu do seu embarço e, tomando um dos despachos, passou-lho para as mãos, acrescentando:

— O Imperador deseja que o coronel seja encarregado de lhe expor o estado de Portugal.

— Para isso vim — volveu com ligeiro tremor na voz; mas logo segurando-a e no seu costumado arrôjo, decidiu:

— Irei. Tenho af os pelotões de Catilina. Descansam um dia ou dois e partimos. Já sabem o caminho, indicá-lo-ão aos esquadrões que me vai dar com o seu ajudante Chavigny.

— Chavigny?! Mas porquê?!

Martial não queria apresentar o camarada revelando, levianamente, os segredos do Quartel-General numa casa, onde, pelo menos, havia criados suspeitos, e chalaceou o pedido com a desculpa há pouco dada ao chefe do estado-maior:

— Quere distinguir-se.

— Pois irá Chavigny. — E, logo, na mesma inconstância, como se já visse o coronel a caminho de levar a Napoleão as suas impressões e pedidos, acrescentou:

— Está bem. Vamos cear...

Thiebault pediu licença para fazer uma obser-

vação e, apesar de no rosto de Junot aparecer a marca do aborrecimento, expôs a sua idéia.

Em vez da jornada através da Espanha, tão difficil e cheia de perigos, ¿porque não se tentaria a viagem por mar?

Desde que soubera da necessidade de se enviar um emissário de categoria, engendrara aquella variante. Estava para largar um navio americano, o *Filadélfia*, considerado de potência neutra pelos ingleses. O capitão conduziria a bordo o coronel Martial.

Junot, no seu costumado desdém por tudo quanto não lhe diziam ser da sua iniciativa ou concebido por sua sugestão, atalhou:

— ¿É que contas daríamos ao Imperador, se o coronel fôsse aprisionado?

— Perdão, — disse Martial, com a resolução que tanto o distinguira. — A ordem de sua majestade é cabal. Tenho que marchar. Diz, aqui, que devo acompanhá-lo na próxima campanha. O dever de um soldado é obedecer. Parto dentro de dois dias, o máximo, por mar ou por terra, como fôr mais rápido.

— Por terra terá mais difficuldades. A bordo do *Filadélfia* passará por um negociante ou qualquer outra coisa, até se ver livre dos navios do bloqueio, e depois será o coronel da Guarda Imperial desembarcado na Rochela, ou noutro pôrto francês, em vez de ir a Plymouth, como é a costumada rota daqueles navios. Isso é uma questão a assentar com o comandante do barco.

«Não virá tão cedo ao Tejo, mas pagar-se-lhe-á como se viesse e passa a navegar para os portos do Norte. Há, porém, uma dificuldade: o salvo-conduto de passageiro, porque para o navio já está dado, desde que leva o vinho do Pôrto que os ingleses esperam beber».

Junot acercara-se da janela; fingia não ter ouvido as últimas palavra do chefe do seu estado-maior. O duque de Abrantes ia enriquecendo a passar bilhetes de saída para as mercadorias que lhe pagavam e muitas das quais eram as apreendidas aos comerciantes britânicos, que se exportavam em vez de as queimar, conforme a ordem imperial.

Por sua vez, o almirante Cotton consentia na saída dos barcos assim carregados e também nos que navegavam sob a bandeira dos Estados-Unidos ou de Kniphausen, uma ilha do Elba que passara a gozar de imunidades através de monsieur Fissot, secretário particular de Junot, ou de Jotuffre, agentes do general-chefe, naquela contubernial traficância que servia a Inglaterra.

Quási brutalmente, como quem tinha cabal conhecimento do que se passava, Martial disse:

— As mercadorias saem e os navios são revisitados à saída da barra, eu sei. Mas também não ignoro que os ingleses são mais rigorosos com os passageiros que vão a bordo d'esses barcos do que com as cargas.

— Já temos feito sair alguns, munidos de salvo-condutos — revelou Thiebault.

— ¿E como os arranjam?

— A Polícia apreendeu dois dos indivíduos que pretendiam escapar-se e foram capturados. Dois comerciantes franceses saíram com êsses salvo-condutos, porque basta o capitão apresentá-los em vez dos passageiros. Não se pode duvidar da identidade que os documentos acusam.

— A Polícia?! Hum... eu confesso-lhe que tenho certa repugnância. Prefiro os riscos de Espanha.

— Ignoro se Lagarde tem passaportes. Julgo que não. Aí fica a idéia, mas se prefere a jornada pela Espanha... —disse Junot cada vez mais impaciente.

— Eu resolverei, general, mas parece-me que êsses meios policiais...

Depois, baixinho para Thiebault, tornou:

— Nesse caso, Chavigny não me acompanhará. Mas lembro-lhe que se pode distinguir no Alentejo. Não o deixe em Lisboa. Demais, o general já assentiu.

— Percebo —olveu o chefe do estado-maior.

— É uma das precauções nascidas da observação do meio.

Êle, porém, explicou de outro modo aquêle seu desejo de bem servir um camarada que precisava de distinguir-se. E voltou ao assunto principal:

— Quanto à minha partida, por terra ou por mar, não demorará. Sua majestade honra-me muito querendo-me ao seu lado.

Lia-se-lhe o orgulho no rosto.

Junot, destituído de primeiro ajudante de campo de Napoleão e saúdo de dessa honraria, compreendia que aquêle belo soldado só pensasse em afas-

tar-se de Lisboa, a caminho do árbitro dos favores e em busca de maior glória. Tocou-lhe no braço e disse:

— Agora, que está tudo resolvido, vamos aos «petits patés», que costumam ser excelentes. Isto enquanto os ingleses não chegam com as suas rê-des.

Soltou uma gargalhada, ficando muito surpreendido quando Martial se desculpou de não aceitar a ceia, mal imaginando a razão que lhe dava.

— É que tenho um conviva nos meus aposentos.

— Perdoe, coronel, têrmos feito esperar tanto essa beldade, sacrificada às razões militares.

— É uma espécie de... ama. É o sargento Cati-lina.

E, comovidamente, acrescentou:

— Foi quem me criou...

Ao dirigir-se para os seus aposentos ia satisfeito por ter roubado à informação portuguesa um elemento como Chavigny, que tudo contava às senhoras Lemos.

Mal podia perceber como satisfizera o desejo de Maria da Saúde que, daquele modo, afastava de sua irmã o perigo da sedução do oficial francês. A sua insistência, ao falar do ajudante de Junot, não tivera outro fim, e conseguira o que ambicionava com tanto fervor. Êle, desde que tinha de ir cumprir o seu dever, não queria deixar atrás de si a felicidade no coração da mulher que adorava. D. João Vilar estava em Lisboa; tinha ainda dois dias para vencer o inimigo do seu país: o desertor.

E confundia a pátria com o seu ciúme, com a paixão que o devorava.

Iria a França e voltaria; Maria da Saúde seria sua como Portugal pertenceria a Napoleão, em breve senhor da Espanha e, por consequência, também do país onde Junot se agüentaria. Êle saberia explicar ao Imperador o seu desejo de regresso. Se fôsse preciso, abriria o caminho de espada nua à frente de um exército.

Chegara à porta dos seus aposentos, no rés-do-chão do palácio Quintela, do lado dos jardins. Dois criados o aguardavam. A ceia estava servida sôbre a mesa, na casa vizinha da cascata. Os «rechauds» conservavam o grau de calor para os pratos; estadeavam-se as iguarias frias, desde os fiambres às fatias de vitela, galinha e louro peru. Os vinhos eram rubis e topázios nas garrafas de cristal.

Junto da mesa, o sargento Catilina dormitava, à luz dos candelabros de prata. Os criados perfilavam-se; êle ergueu-se, ao ouvir os passos de Martial, que o repreendeu:

— ¿Então não comeste? Deves estar esfaimado.

— Comemos o rancho quando chegámos; comemos o da noite, comemos uma ração suplementar. E tu? Já ceaste com Sua Alteza?...

Gargalhava, despeitado, mas soltou um brado de alegria quando o coronel volveu:

— Eu? Eu venho cear contigo, «pai velho».

— Ah! que fome, Martial, que fome, meu coronel...

Fêz um gesto aos criados e disse:

— Eu cá sirvo. Ponham-se a andar.

E logo, disfarçando o seu desejo de ficar só com quem tanto amava, explicava trémulo, radiante:

— É por causa da disciplina.

O coronel batia-lhe no ombro, sentava-se em frente e pedia-lhe:

— Conta lá como foi que deste comigo...

O veterano, atafulhando-se de peru recheado, fêz um gesto de espera, bebeu um copo de vinho velho do Lavradio e começou:

— Ainda estou a ver-te a comer a sopinha de lentilha na taberna do l'Écu. Bebeste pelos nossos copos, o meu, o do Camus, o do Ribet. Todos mortos... À memória dêles, meu coronel. À memória dêles...

Propositadamente ou como se não pensasse noutra coisa, Catilina, em vez de contar como soubera da vinda dêle até Lisboa e o descobrira na sua missão, quási secreta, ia dizendo como o topara, pela primeira vez, na rua parisiense entre o Chatelet e a taberna de l'Écu.

— À memória dos mortos, meu coronel... Vale mais beber por êles do que por muitos vivos.

E terminou a rir, de olhos acesos:

— E Sua Alteza! Ora não há!... Sua Alteza... Já que se trata de mortos. Vá por ela!

— Por quem? Pela Alteza? — perguntou Martial.

— Não... Pela República...

Disse e começou a fechar os olhos cansados pela jornada, pelo calor, pelo comêço da digestão da

comida e do vinho. Piscava os olhos, cabeceava, sorria. Depois deixou pender a cabeça e ressonou como o som de uma buzina.

Martial ergueu-se, aconchegou-o na sua capa do uniforme, apagou a luz de dois candelabros e levou o terceiro castiçal para o seu quarto.

CAPÍTULO XIV

DUAS SÚPLICAS

A notícia correrá como uma chuva soprada pelo vento forte. O exército francês capitulara em Baylen, na Espanha. O general Dupont entregara-se com oito mil homens; tinham morrido mais de dois mil, havendo outros tantos feridos. Era a primeira derrota das armas napoleónicas.

Como se a labareda se propagasse com fúria, constara, de seguida, o desembarque dos ingleses. A revolução nacional alastrava. Os generais franceses recommçavam a praticar barbaridades nas terras insurrectas.

Margaron lançara-se sobre Leiria, que não pudera resistir; dominara Tomar, mas no Alentejo, desde Marvão a Campo-Maior, Auguela, Castello-de-Vide, Portalegre, Arronches, não se continham os povos. Évora ia ser saqueada.

Junot continuava no mesmo desdém pelos ingleses. Tratava-os de anfíbios; esperava que

recolhessem aos seus navios depois da primeira derrota. Quanto aos portugueses, seriam, em seu entender, esmagados pela superioridade das armas e pela cruel insensibilidade de Loison.

O duque de Abrantes mandara preparar tudo para uma grande festa no teatro de S. Carlos, a fim de festejar os anos de Napoleão, a 15 de Agosto.

Tivera sempre grande serenidade; apresentava-se ao seu estado-maior como se reinasse a mais soberana paz e enviara o seu ajudante-de-campo Chavigniy, com reforços, para o Alentejo, onde devia pôr-se às ordens de Kellermann.

Acabara de almoçar, ouvindo a doce queda da água na cascata do jardim do palácio Quintela e preparava-se para ir visitar a condessa de Ega, ao pátio do Saldanha, quando Thiebault entrou bastante preocupado, a dizer-lhe:

— São cada vez mais graves as notícias do Norte. A insurreição desenvolve-se; os ingleses tentam ligar-se ao exército português revoltado. Estão à frente das tropas os generais Manuel Gomes de Sepúlveda, Francisco da Silveira, Manuel Bacelar e Bernardim Freire...

— ¿E o maestro Marcos Portugal já está a ensaiar o seu «Demophon»? Vamos a ver como se porta esse rei de Atenas. Pior foi o cerco de Tróia, em que êle salvou a sua avó Aetre, a escrava de Helena. Nós também venceremos êsses bárbaros insurrectos. O maestro teve uma excelente inspiração.

E ia começar a trautear um dos trechos da ópera,

a cuja audição assistira num ensaio, quando o chefe do estado-maior tornou:

— É absolutamente necessário que o coronel Martial parta para França. Já está tudo prevenido a bordo do *Filadélfia*. Falta-lhe o salvo-conduto. Em último caso irá por Espanha, correndo todos os riscos.

O duque de Abrantes decidiu:

— Não podemos sacrificá-lo. O Imperador estima-o tanto como a Sainte-Croix, o seu grande amigo. Depois de Desaix, nunca deu provas de estimar a qualquer outro oficial como ao marquês e agora a Martial. Antes o quero prisioneiro dos ingleses do que morto nalguma cilada de guerrilhas. Desaix também caiu em poder dos anfíbios no Egito.

— Logo, ¿deve ir por mar? — perguntou Thiebault.

— Ou não vai — decidiu o generalíssimo, receoso da cólera imperial, no caso da morte do coronel, que tanto distinguia. No fundo, não tomava a sério a gravidade da situação que o chefe do estado-maior parecia exagerar.

— Não vai. Preparemos tudo para a festa de 15 de Agosto e depois bateremos êsses ingleses atrevidos em demasia e, com dois ou três exemplos fortes, os portugueses voltarão a ser submissos como até aqui.

O oficial não se dispôs a discutir. Sentia que o estado geral do povo era de recear, e não compreendia a atitude de Junot. Pensou que êle con-

tava com alguma coisa reservada ou que ia a caminho da loucura.

— Mas o coronel Martial quere partir; o Imperador exige a sua presença em Paris.

— Nunca por Espanha, decidi; não quero expô-lo.

E, tomando o ar majestoso que adoptara desde que fôra agraciado com o título de duque de Abrantes, esboçou o mais aborrecido dos gestos com que despediu Thiebault.

Martial estava nos seus aposentos já preparado para ir visitar D. Constança de Lemos e esclarecer, de vez, a impressão que o dominava àcerca de D. João Vilar. Sabia-o no país; desejava afastá-lo de Maria da Saüdade e pretendia, a todo o transe, colher notícias que o levassem à vitória. Partiria para França, mas antes liquidaria aquêlé caso, já mais forte do que êle a pungi-lo. Pela primeira vez na sua vida sentia a derrota e queria transformá-la em triunfo. No regresso a Portugal encontraria Maria da Saüdade livre daquele amoroso que, uma vez em mãos de Lagarde, não teria outro caminho a seguir, além de ser incorporado no exército de que desertara.

Tinha ainda outros cuidados. Desejava que o seu velho Catilina levasse de Portugal um galardão merecido.

Falara a Junot, que deferia o pedido do amigo do Imperador, e já Troussel se encarregara de arranjar, no depósito do exército, a farda nova que o velho militar deveria vestir com o seu galão de

sub-tenente. Era o pôsto que equivalia ao de alferes no exército português.

Catilina, agarrado ao seu cachimbo negro, feliz por se encontrar em companhia de Martial, estava longe de pensar em louvores. Decidira não o abandonar mais e, se alguma coisa lhe queria pedir, era que o transferisse para a Guarda Imperial, de forma a estar sempre, mais ou menos, perto dêle.

Embora pertencesse ao Estado Maior de Napoleão e com a guarda a cavalo o acompanhasse, o sargento não deixaria de velar pelo seu bravo coronel. Da parte de Martial existia o mesmo desejo. Ia fazer-lhe a surpresa naquela manhã, de volta do «Milhano», para onde D. Constança partira com as filhas no dia seguinte à récita de S. Carlos.

O calor apertava. A propriedade na riba de Campolide, quási na margem da ribeira que corria junto ao aqueduto, ficava num sítio de grandes e frescas sombras. Não era difícil o transporte para Lisboa no belo carro de que as senhoras se serviam para as mais dilatadas viagens, mas tanto a mãe como as filhas raramente tinham jornadoado após a invasão francesa.

Luísa, perturbadíssima com a partida de Chavigny para o exército, não ocultara as suas lágrimas. Amodorrara; depois excitara-se, jurara por todos os seus santos dar que fazer aos oficiais franceses que se lhe deparassem, não aos da patente de Chavigny mas aos generais, aos influentes; a Thiebault, a Martial, que podia mais do que se julgava,

e até ao próprio Junot. Para o encontrar iria a casa da prima condessa de Ega e ouvi-la-ia.

Maria da Saúde, satisfeitißissima por ter tudo decorrido como gizara, vendo a irmã salva da sedução que Chavigny exercia muito de perto, dissera, a excitar-lhe os brios:

— E êles dirão às tuas queixas que pareces uma criança, chorando e birrando pelo seu brinquedo, menos do que a noiva de um soldado.

Luísa mordeu o beicinho e, de olhos carregados de cólera, volvera:

— Tu, como não tens coração, deixaste o D. João Vilar ir para essas lonjuras sem uma lágrima. Nem sequer choraste pelo nosso Manuel, que por lá anda também. ¿De quem gostas tu, Maria da Saúde? Dêles, não; de mim, menos; talvez da mãe. Também era melhor não gostares; se é a nossa mãe...

Sorria ao escutar aquelas palavras, não querendo revelar à irmã a grande ternura que o seu coração continha.

Não amava, porém, como ao acaso; punha condições para amar e, entre elas, a dignidade e cumprimento dos deveres. Mesmo para com Luísa alguma coisa sacrificara.

Conversara mais afavelmente do que era costume com o coronel Martial, profundamente detestado, porque verificara ter sido, como dissera Carrion Nizas, o portador da boceta de Pandora que espalvara tantos males sôbre Portugal. Falara com

êle e conseguira, mais uma vez, pô-lo à prova, porém, no seu interesse.

Vira como desejava afastar os seus camaradas de tôdas as confidências de serviço, até para com as pessoas que pareciam ligadas à França, e com aquela engenhosa denúncia arrancara de junto de Luísa quem podia torná-la muito infeliz.

Deixava-a chorar e berrar, prometendo encontrar-se com Junot em casa da Ega, onde êle era assíduo, porque a amava. Luísa sabia tudo; adivinhava o que não lhe diziam, e, por isso, contava com a influência da condessa para que Junot chamasse o seu ajudante a Lisboa. Metera-se-lhe no espírito aquela resolução e não lhe fugiria.

Ao chegar ao «Milhano», na própria manhã do seu desespero, logo dera parte dos seus desígnios à mãe. Queria ir visitar a prima D. Juliana; desejava ficar em casa dela alguns dias, se não se opusesse.

A mãe amava-a muito pelo feitio tão semelhante ao seu, a mesma ligeireza e amor por tudo quanto brilhava e impressionava, causando admirações, fascinando. Ao ouvi-la falar na ida para casa da Ega, não atingira, de repente, o que a movia, mas logo se deixara seduzir, pensando que seria capaz de praticar do mesmo modo. A filha queixara-se da partida de Chavigny, anunciada naquela manhã quando já êle seguia para o Alentejo.

Coisa assim, tanto a súbitas, tinha o ar de uma desgraça, de um castigo. Puniam-no sem culpas. ¿Já se vira um oficial às ordens, servindo de ajudante do general, ser mandado para longe dêle?!

Luísa dava-se o ar de conhecer muito os costumes militares, mas não devia ter ouvido a queixa ao próprio Chavigny.

Quando? ¿Acaso lhe falara?! Não tivera tempo no intervalo daquela noite para a manhã. A sua observação nascera de qualquer conversa escutada no salão Império, tratando-se de castigos, afastamentos ou punições aplicadas a outros oficiais, talvez pelo próprio Imperador. Daí, a semelhança que ela procurara e o seu desejo de ir para junto da Ega, onde esperava conseguir melhorar a sorte de Chavigny.

Ao chegar ao «Milhano», fechara-se no seu quarto; recusara o convite de Maria da Saúde para um passeio na quinta antes que o sol nascesse, pois Agosto ardia, sufocava logo na sua primeira semana. Escaldava. Tinham que cerrar as janelas durante o dia. Só sabia bem a sombra, a fresquidão das salas quási às escuras ou a doçura das noites serenas, apenas turbadas pelo retinido dos raios e o ladrar dos cães nos quinteiros.

Em baixo corria a ribeira de Alcântara, tendo por fundo a majestade do aqueduto das Águas-Livres. Passavam rumores de canaviais verdes e vastos, enfileirados à beira de água, onde havia poças com suas pedras de lavadouros. Nas manhãs, antes que o sol rompesse, ouvia-se o chiar dos carros de bois, vindos da ponte da ribeira para o Carvalhão ou a caminho de Palhavã.

Arvoredos copados, verduras de hortejos, pomaes, laranjais, extensões de olivedos, avistam-se

do «Milhano», cujo portão principal abria para a banda de Campolide, rasgando-se os outros do lado da pedreira pelas terras que davam para a estrada de Campo-de-Ourique.

Picotas gementes bebiam nas ribeiras para alimentarem as hortas bem tratadas e os jardins, onde iam aparecendo plantas queimadas, a que era preciso dar viço; rosas pendiam, murchas, nos seus ramos agonizantes sob a soalheira. A vinha, que se alargava ao fundo da propriedade, numa ligeira encosta, mostrava os cachos gordos e rubros e os de moscatel côr de azeite ou de ouro fulvo, os dedos de dama lembrando mãozitas de bonecas de tons suaves ou de anãs, estranhas, às vezes disformes.

Um grande pinheiro manso, de copa vasta, formava um pára-sol magnífico no cômodo, cobrindo a mesa de pedra, formada por mó inutilizada, e tinha em volta bancos de cortiça. Era um pouso agradável, com as trepadeiras entrelaçadas em redor.

Dali se avistava todo o vale de Alcântara, tendo por pórtico colossal os arcos do aqueduto. O olival prateado alternava com os álamos, onde cantavam os pássaros ao dealbar. Era um côro de saüdação ao Sol, que os pintassilgos entoavam e os melros erguiam mais alto. À noite, um rouxinol poetizava a solidão com os seus trinados.

O palacete de portões largos, os tetos em tumba, o pátio empedrado, guardava o ar solarengo. Ao fundo eram as cavalariças, arribanas e celeiros; os

domínios do Bidarra, que tôdas as noites saía para tarefas misteriosas. No dia seguinte, aparecia triste ou alegre, sem explicar suas mudanças de humor.

O Ventura, que andava agora por longe, explicara um dia aquelas alterações de semblante: era como o «Trinta» da Quintinha: ria quando caçava e chorava quando não via rasto de coelho. Êsse riso e êsse chôro no «Trinta» eram como o bom tempo e a chuva. O diabo do homem deitava lágrimas a valer, ao falar dos seus desaires. O Bidarra também devia ser caçador.

Nesse dia tinha rido muito; depois o feitor caíra na melancolia. Só êle podia explicar tão desolador estado. Os franceses já não se perdiam por aquêles sítios; a ribeira de Alcântara, que ia minguada, não arrastava cadáveres de inimigos caídos nas ciladas. As furnas de Monsanto não eram sarcófagos, a serra mostrava a sua larga calva; distendiam-se as asas dos moinhos só no amanhecer, porque a calmaria de Agôsto as paralisava às primeiras horas de luz.

O Bidarra ficara-se a ver as abelhas, que passavam como balas de ouro, recolhendo logo aos cortiços, e ia-se à vida, porque a faina não se adiaava, houvesse calor ou frio. Lembrava-se das antigas expansões com o Ventura agora arredio. Ouvira o tropel de um cavalo; parara: franzira o sobrecenho e dera um berro pelo Liceiro, moço da cavalaria, visto o «Pratinhas», o novo escudeiro de Maria da Saúde, a ter acompanhado na sua visita pelo caminho da Serra até ao convento de São Domingos.

O Liceiro acorrera a repuxar as mangas do blusão, para ir recolher o magnífico cavalo de que se apeara o coronel Martial.

No limiar da cavalaria, o Bidarra fuzilava olhares ameaçadores, terríveis, que não podia disfarçar.

O oficial avançava para a entrada do palácio e fazia-se anunciar. Um criado corraera para os aposentos da velha Ana, que, resmungando, se dirigia ao toucador da senhora.

D. Constança, ao recebê-lo na sala mobilada no estilo joanino, com os velhos móveis da Cova-da-Moura, sentia-se confundida por não poder mostrar-lhe ambiente igual ao que criara na casa citadina em recordação do seu amor. Êle, porém, apreciava-a mais assim no quadro que lhe era natural e achava-a muito bela nessa manhã quente de Verão, a sorrir-lhe na sala, onde errava o perfume das últimas rosas colhidas aos braços e que engalanavam as jarras.

— Venho despedir-me de si.

Ela empalideceu. Julgou, por momentos, que a enganava, mas depressa se convenceu da verdade daquela afirmação. Não se atrevera a sentar-se a seu lado no canapé almofadado de carmezim; ficara na sua frente, olhando-o embevecida. Tomara uma cadeira de couro lavrado, os pés calçados de cetim sôbre um almofadão e, naquela meia tinta da quadra, só o via a êle magnífico no seu uniforme, a falar-lhe de despedida.

Não sabia que dizer-lhe: tinha mêdo de lhe pa-

recer ridícula e, ao mesmo tempo, queria que soubesse quanto o amava. O seu desejo seria ir com êle através da Espanha até Paris, correndo todos os perigos, não esperando mais do que morrer ao seu lado. Acudia-lhe aos lábios um sorriso triste, sem côr, abatido.

¡Como se riria dela se falasse daquelle modo! Mas, quando ia aproximar-se, atraída e seduzida, quedara-se a ouvi-lo perguntar a súbitas:

— ¿Por que não me disse que o noivo da sua filha estava em Lisboa? ¿Que nem sequer chegara a partir para se juntar aos seus camaradas da Legião Portuguesa?

Sinceramente admirada,olveu:

— Mas juro-lhe que ignoro. ¿Que me diz? ¿D. João Vilar não seguiu o seu destino?! Despediu-se de nós na Cova-da-Moura e nunca mais tivemos notícias. Pelo menos eu não voltei a saber dêle. É crível que Maria da Saüdade saiba alguma coisa, mas não me disse nada. O Martial sabe que eu não o enganaria.

Havia tanto amor naquelas palavras, era tal a expressão de ternura da sua voz, que o coronel perguntava a si próprio se seria possível o ludíbrio. Nesse caso, o segredo seria só de Maria da Saüdade.

A revolta foi maior; vislumbrou o encontro de ambos nos seus apósentos, pelo menos durante algumas horas, o que o enciümava. Êle saíra de madrugada, conforme narrara Lagarde; por consequência, demorara-se junto dela, que o devia ir ver nos seus passeios matinaes. Despertava-lhe o

instinto de homem de impulso e de guerra, batallhando por todos os meios contra o adversário, querendo esmagá-lo, tê-lo à sua mercê. O prêmio seria aquela linda mulher, na qual incarnava o amor sentido outrora pela mãe dela, que estava ali na sua frente a sorrir e a oferecer-se. Era a sua mocidade que êle amava na filha. Queria-a para si, e por isso repugnava-lhe continuar os seus antigos galanteios que a paixão inspirara.

Acometeu-o uma grande raiva; pensou, por momentos, que D. Constança de Lemos o enganava, lhe mentia, pois não podia conceber que ignorasse a presença de D. João Vilar em sua casa, durante algumas horas, de uma noite até ao amanhecer.

Disse-lho, claramente, já sem disfarces, quasi colérico, ao pressentir que ocultava o morgado de Tangil, cujo amor por Maria da Saüdade era correspondido.

— Não sei porque me esconde uma coisa de que há absoluto conhecimento. Um homem entrou na sua casa da Cova-da-Moura por desoras.

¿Teria êle ciúmes, inventaria a fuga, a deserção de D. João Vilar para dar largas à sua indignação?

Com o instinto feminino nas coisas de amor, D. Constança tinha que chegar a três conclusões: ou Martial desejava saber quem era o visitante nocturno, e nesse caso teria espionado a sua casa, o que a desvanecia, ou não sabia coisa alguma e inventava. ¿Mas com que fim? Restava ainda o terceiro ponto, êsse sobremaneira doloroso.

Martial, falando daquele modo, tinha ciúmes de

Maria da Saúde. E o antigo desespêro, as auto-sugestões, as desconfianças, os avisos das suas vozes de alma voltavam a torturá-la.

Êle tornava:

— ¿Ignorava o que se sabe e corre na sua vizinhança?

Tirava todo o carácter policial à forma como adquiria o que considerava certeza e que tanto o pungia ao lançar sôbre os vizinhos as coisas reveladas.

— Desconheço.

Então, foi cruel, serviu-se do ascendente que sabia ter sôbre ela e disse:

— ¿Como acreditar no que tantas vezes me quere fazer crer, se em coisa tão ínfima oculta a verdade?

¿Houve alguém que recebeu de noite, em sua casa, um homem embuçado que tentou primeiro saltar o muro do cerrado e depois arrombar a porta do jardim. Finalmente, penetrou no palácio pela portinha baixa junto ao pavilhão principal. Devia ser conhecido ou esperado, — e repisava a palavra — porque entrou sem dificuldades, apesar da hora tardia.

Penetrava-a com o olhar; parecia querer verummá-la, arrancar do seu íntimo tôda a verdade, obter, por fim, a revelação do lugar onde se refugiara o morgado de Tangil. Pretendia afastá-lo de Maria da Saúde. Podia até desculpar a sua ausência do exército ou da Legião Portuguesa, pela forma que mais lhe aprouvesse, para não lhe fazer outro mal além do que resultasse da separação da noiva.

Era novo, soldado, galante e no Mundo havia muita glória e muitas mulheres para conquistar.

D. Constança sentiu que êle desconfiava da sua sinceridade; arrebatou-se; ergueu-se e disse-lhe muito pálida, baixando a voz, sacrificando-se:

— Martial! Sinto que no seu espírito lavra uma grande suspeita contra mim...

Êle enchia-se de esperanças de tudo saber ao vê-la ingènuamente lançar-se naquele caminho. Fêz um gesto de assentimento, levantou-se e aproximou-se dela que balbuciava:

— Ampare-me no seu coração; no... affecto que disse sentir por mim. ¿Lembra-se ou já o esqueceu?

Esperava a resposta. Ela veio mais murmurada do que clara:

— Há coisas que não se olvidam. A Constança é que se esqueceu de me dizer agora a verdade.

— Pois bem. O segredo que lhe vou revelar não é só meu, mas entrego-o ao seu cavalheirismo, à sua honra. O sentimento que não escondo, o que lhe disse sempre, Martial, serve-me de desculpa a meus próprios olhos. Demais, espero também que me ajudará a salvar...

— ¿D. João Vilar?! Então está em Lisboa?

— Não, Martial,—disse ela—não. Quem entrou de noite na minha casa, quem tentou saltar o muro e abrir a porta do jardim, o homem embuçado que penetrou na minha residência...

Para exprimir mais a sua cólera, não podendo disfarçar o seu ciúme, não por ela, mas por Maria da Saúde, atreveu-se a uma nova desconfiança.

— Se não era êle, quem era então que numa casa honesta era recebido com tanto mistério?

— Martial! Era meu filho!

— O seu filho? O D. Manuel? Era êle o desertor? Jura? Ah! com certeza que era êle, uma mãe não mente. Assim... Oh!, nesse caso, confundiram-no com o noivo de Maria da Saúde!

Havia júbilo na sua voz, uma alegria sem par de felicidade cantante e incapaz de ser guardada por mais tempo.

D. Constança balbuciava:

— Esse segrêdo não é só meu. Sim, foi o meu filho. Manuel não podia estar mais tempo lá longe. Ralhei-lhe por ter desertado, esquecido do que aprendeu nesta casa, o nosso amor à França. Mas sou mãe, compete-me guardá-lo das represálias. Confiei-lhe o meu segrêdo: suplico a sua protecção para o desertor, para o meu filho, que decerto tomou por D. João Vilar, de quem não tenho notícias.

— Constança — disse êle com grande solenidade — não lhe pergunto onde se encontra seu filho.

— Juro que ignoro — volveu muito abertamente e succumbida.

— Não quero saber de nada. Sòmente é preciso que não o apanhem e o melhor caminho a seguir é ainda confiar em mim. Eu pô-lo-ei a salvo, mas em Portugal é difficil...

Deixava de falar na sua partida, realmente a acreditar naquelas palavras que não lhe mentiam. Cobia-lhe a defesa de D. Manuel de Lemos; pensava em levá-lo consigo para França. Com dois

passaportes ou salvo-condutos, viajando no *Filadélfia*, tornar-se-ia possível a salvação. De contrário, iriam por Espanha e êle, com a sua experiência da guerra, seria o amparo do companheiro.

Gravemente, escondendo a sua alegria ao saber que não se tratava de D. João Vilar, prometeu:

— Não lhe acontecerá coisa alguma. É preciso que o confie à minha guarda como me confiou o seu segredo. E agradeço-lhe; sinto que não revelaria a mais ninguém o que acaba de me dizer tão sinceramente.

Ela deixou pender os braços, avançou um passo para *Martial* e soluçou:

— Salva o meu filho; salva-o e sou tua, mas não te vás embora; não me deixes mais.

Na penumbra da sala fresca defendida do ardor do sol, que lá fora escaldava, D. Constança suplicava pelo seu filho e pelo seu amor.

CAPÍTULO XV

O SALVO-CONDUTO

Luisa apparecera à porta da sala; encarara Martial e a mãe e preguntara entre irónica e rai-vosa:

— Coronel: ¿vem trazer-me notícias do seu camarada Chavigny?

Sereno, sorrindo, um pouco pálido, a beijar-lhe a mão, disse com o ar mais natural:

— Chavigny?! Há-de voltar coberto de glória.

E, como se tivesse ouvido o conceito com que Maria da Saúde celebrara a birra da irmã, acentuou:

— É preciso ir-se habituando, se quere ser a mulher de um soldado. Nem tudo são alegrias, antes são mais tristezas na vida dos militares, como nós, para os que nos querem bem.

D. Constança viu o brilho rápido dos seus olhos, logo apagado, a fazer-lhe a cortesia da despedida e ficou sem saber se êle arranajara o pretexto de lhe

dizer adeus para a interrogar àcêrca do morgado de Tangil ou se estava, realmente, prestes a deixá-la. Sufocava em presença da filha, que não se contivera:

— Chavigny não precisava de ganhar glória na minha terra.

— A glória dos soldados ganha-se onde existe o inimigo e, infelizmente, uma parte dos portuguezes...

Baixou a cabeça; voltou a beijar-lhe a mão; tomou a de D. Constança e osculou-a com respeito. Inclinou-se e saíu para a ante-câmara; ouviu-se o tilintar da sua espada e das esporas pela escada e depois o galope do cavallo.

Bidarra seguiu-o com a vista, remordendo palavras insultuosas.

O sol ardia; tremulavam no espaço cintilas de luz que cegavam; a pedra dos arcos do aqueduto parecia envôlta num banho de ouro.

— São todos assim! — exclamou Luísa, fugindo da sala, muito vermelha, depois de bradar, referindo-se a Martial e aos seus camaradas:

— Quero ir para casa da condessa de Ega. O que êsse não ouviu hei-de dizê-lo ao próprio duque de Abrantes.

Ana entrara de mansinho, annunciando à ama:

— É um leigo de São-José-de-Ribamar. O irmão Leandro, como disse, e que quere falar à senhora.

Pouco lhe importava a chegada de um religioso, cujo nome não lhe dizia nada. Mandou-o entrar; ficou-se a ouvi-lo com o espírito muito alheado,

distante, para de repente estremecer, ante o que elle annunciava.

— Frei António do Calvário, o meu superior, mandou-me, com todo o segredo, entregar à senhora D. Maria da Saüdade o salvo-conduto concedido pelo almirante Cotton para o senhor D. Manuel de Lemos poder embarcar para a Inglaterra. Como vossa filha não está e eu tenho de ir ainda à Boa-Morte, deixo o passaporte em vossas mãos. Deus seja convosco e não falte ao senhor D. Manuel na viagem.

D. Constança rejubilava, enchia-se de uma alma nova. Estava salvo o seu filho. Sabia-o a seu recato; recebera sempre notícias d'elle, mas não lhe tinham dito onde se encontrava. Segurava o papel com as armas de Inglaterra, a legenda da nau *Hibernia* e agradecia-o ao leigo, fora de si, radiante, vendo que já podia dispensar a complicação da ajuda de Martial.

Quis dar ao portador do salvo-conduto uma esmola para o seu convento; ofereceu-lhe um refresco que elle aceitou, queixando-se da caminhada, do calor excessivo dêsse dia. Tocou a campainha a chamar a criada e foi buscar três moedas de ouro de D. Maria I a um cofrezinho, colocado sôbre a mesa de pés garreados. Depositou o salvo-conduto na caixa lavrada e, ao entregar as peças de ouro ao leigo, recomendou à criada que lhe desse uma bebida fresca e uma colação, se o irmão Leandro quisesse ganhar fôrças para o caminho.

Vira-o partir arrastando as sandálias e sentou-se no canapé a meditar.

¿Martial teria vindo para se despedir? Desejava imperiosamente saber o que havia de verdade nas suas palavras, investigar o motivo principal da sua visita. O pretexto não se apresentava como tal, mas de que fazia a razão de voltar a vê-lo estava naquele documento que o leigo lhe trouxera. Era preciso preveni-lo; não deixar dar qualquer passo para a salvação de Manuel, que podia prejudicar as intenções de frei António do Calvário, ao arranjar-lhe o meio de sair do reino.

Naturalmente, fôra Maria da Saüdade ou D. Alexandre Vital, antes de partir para a Beira a juntar-se ao exército, quem arranjava a solução. Era preciso dizer a Martial que não pensasse mais em proteger o Manuel pelos seus meios talvez arriscados. Devia confiar-se-lhe de novo; contar-lhe abertamente aquela possibilidade de salvação; não guardar segredos para êle.

Supondo que começava a tratar com o duque de Abrantes para resolver a questão, como se não pensasse noutra cousa, arriscava-se a perdê-la. O que há pouco era o único recurso aparecia, agora, como embaraço ao melhor desígnio.

A Luísa voltava vestida numa túnica de sêda, o chapelinho de alcôfa na cabecita petulante, segurando uma sombrinha clara, no ar de quem se dispunha a sair.

— Minha mãe, não posso mais. Vamos a casa de Juliana. Talvez que ela me ajude. Chavigny

nem se despediu de mim. Ela pode tudo. O senhor general Junot atendê-la-á.

O espírito ligeiro de D. Constança adoptou logo o pretexto, bateu as mãos e exclamou:

— Sim. É isso. Está muito calor, é uma jornada terrível, mas vamos. A Juliana resolverá tudo...

Quando cedera a acompanhá-la, não era no caso de Chavigny que pensava, mas no seu; no novo encontro com Martial, em tornar a vê-lo, revelando-lhe como arranjava o melhor meio de salvar Manuel.

Não imaginava, sequer por um momento, que o soldado estrangeiro pudesse ver nêle um inimigo. Não ia pegar em armas contra os franceses, mas refugiar-se em Inglaterra. Decerto Martial queria servi-la, corresponder à sua vontade de a auxiliar naquele transe da sua vida. Êle não lhe fugira, mas não a amava com o ardor que esperara. Olhava-se no espelho; sentia-se bela, mas a desconfiança entrava-lhe de novo no espírito e pungia-a a lembrança das suas palavras ao referir-se a Maria da Saúde, comparando-a à sua beleza de há cinco anos.

— Vamos... Vamos... Juliana resolverá tudo.

Pensava que procedia para contentar Luísa quando se satisfazia a si própria por aquêle amor que a devorava e ao qual já não podia fugir.

¡Como desejava estar em Paris com êle, longe de Lisboa que lhe aborrecia! A cidade era outra depois da invasão francesa, mas ainda assim prendia-se aos preconceitos.

Queria fugir, deixar a filha, que pressentia como uma rival, embora não tivesse feito coisa alguma para isso, e levar Martial a amá-la. Ao ver-se sua escrava, aquela cabecita de libélula ignorava que o amor despreza a obediência das huris, chorando vencido ante o desdém das sultanas.

Dar-lhe-ia uma grande prova do seu amor, partindo, deixando tudo, desde que Manuel estivesse seguro em Inglaterra. Então, a sua falta não se faria sentir.

A filha mais nova, que descia a escada a seu lado, furiosa e birrenta, em busca de arranjar a forma de o seu amado regressar a Lisboa, era bem a sua imagem espiritual.

Loura, pequenina e com o seu ar de boneca, tanto quanto ela tinha de morena, alta e robusta, no espírito, era bem a sua filha, pela semelhança moral. Não ficaria abandonada. Juliana, a condessa de Ega, tomaria conta dela. Chavigny era nobre e Luísa seria sua espôsa.

Não lhe acudia a ligeireza de costumes da condessa, a sua má reputação. Também viviam a seu lado as irmãs e as filhas. O Mundo mudara; ela vivera em Paris; não podia prender-se com os hábitos lisboetas. Sufocava com o calor no fundo da traquitana, que corria célere para o pátio do Saldanha; Luísa, a um canto, abanava-se; ela ia embebida no seu sonho.

Fêz-lhes bem a frescura do pátio da escadaria do palácio e do grande salão, cujas janelas, semi-cerra-

das sôbre os jardins magníficos, temperavam o ambiente perfumado.

A condessa de Ega acolheu-as com exagerados gestos e risos altos e, daí a pouco, passando com D. Constança para o seu toucador, ouvira-a muito interessada. Luísa ficara com as primas, esperando que a mãe falasse do que a sobressaltava e não podia dizer de repente à amante de Junot.

Tinham ido para as salas do rés-do-chão mais frescas e penumbrosas; entretinham-se com jornais de modas e bonecas de Paris. Ela, porém, conservara-se sempre de ouvido à escuta, à espera de uma boa notícia. A traquitana rodou estrepitosamente e uma das meninas perguntou:

— ¿Aonde irá a mamã com êste calor?

Bocejaram aborrecidas, moles, lentas, deixaram de falar, como embaladas pelo som do repuxo no jardim pequeno.

A condessa de Ega e D. Constança de Lemos iam a caminho do Quartel-General. A mãe de Manuel, ao narrar à prima o que a levava junto de Martial, só falara do filho.

Na entrada do palácio da rua do Alecrim, um criado de libré pressurosamente as conduzira. Passaram por entre sentinelas; receberam os cumprimentos dos oficiais, que saüdavam a amante do general. Subiam as escadas, deixando um rasto perfumado, e, quando Prevot as recebeu na ante-câmara dos aposentos de Junot e lhes beijou as mãos, disse-lhes da ausência do chefe.

Mentia ao falar de serviço urgente, calando, toda-

via, o que se passava e que já era grave: o avanço dos ingleses, a revolta das províncias, a formidável agitação em Espanha.

Ouviu-se uma salva no Tejo; as duas senhoras estremeceram. A condessa de Ega ia interrogar o primeiro ajudante-de-campo; porém, êle antecipou-se:

— O general anda no rio; é a esquadra que salva à sua passagem.

Ela, então, lembrou-se dos passeios no Tejo, indo para a quinta do Alfeite. Os navios da esquadra de Magendi saüdavam-nos pela voz da pólvora. Baixava a cabeça e perguntava a si própria quem o teria acompanhado naquele dia de tão lindo sol e ardente calor.

D. Constança quisera saber de Martial, desejava fazer-lhe um pedido; solicitara que o mandasse chamar, ao que Prevot acedera imediatamente, introduzindo-as no salão.

As salvas continuavam a reboar e elas, encostadas aos vidros escaldantes pela soalheira, viam a fumarada das peças. Em baixo, nos aposentos do coronel da Guarda Imperial, o velho sargento dizia-lhe, indignado:

— Nunca! Nunca! Ouviste, Martial?! Não quero os galões. Um sargentó velho é respeitável; um sub-tenente de idade é ridículo. O sargento, sobretudo tendo a santa vermelhinha ao peito — e tocava, respeitoso, na medalha da Legião de Honra — aparece como um bravo bronco, sem instrução. Podia ser Hoche ou Martial, se soubesse táctica.

Um oficial de pequena patente e de cabelos e bigodes como os meus já côm de gêlo, é cómico. Parece que andou sempre pelas secretarias a tirocinar, para vagomestre. Nada de um galão; honra às divisas.

E perfilando-se, desculpava-se:

— Perdoe, meu coronel, mas Catilina não quiere ser marechal. Não traz o bastão na mochila.

E gargalhava, acendendo o cachimbo negro.

Martial admirava-o; sentia um grande respeito por aquêlo soldado do tempo da República, bravo como um cavaleiro da Távola Redonda, ignorante como um leigo, cheio de espirituoso bom senso, como Sancho Pança, e terno como um pai dos mais extremosos e com delicadezas de poeta no seu amor.

Teve um grande desejo de se lhe confiar, mas guardou para mais tarde a combinação do que devia fazer para se lhe juntar em França.

Uma ordenança anunciou um criado do Quintela, que, por sua vez, lhe pediu o favor de subir ao salão, onde o aguardava a senhorã condessa de Ega com uma outra dama.

Apressou-se, mal imaginando que ia encontrar Constança. Ao vê-la, ficou como paralisado, não compreendendo, de repente, por que se encontrava ali, pálida e ofegante, não podendo disfarçar a sua perturbação.

A condessa de Ega, como se estivesse em sua casa, indicava a sua amiga e parenta, que a acompanhara ao Quartel-General, ou antes, que lhe pedira a sua assistência para vir até ali. Era ela

quem desejava falar-lhe. Pela sua parte, pouco gostava de vir ao palácio, que, de dia para dia, perdia mais o seu ar de recinto de elegâncias. Daí a pouco estaria transformado em arsenal. Vira até duas peças de artilharia à porta.

E logo no mesmo tom ligeiro, muito mundana, troçando consigo própria, acentuou:

— Demais, a voz das peças não deixa ignorar por onde anda o senhor duque de Abrantes e quais as suas expedições... guerreiras. Mas, coronel, vejo que a minha amiga se impacienta. Deixo-os sós, enquanto entro no toucador a arranjar um pouco os cabelos que o calor empastou.

Martial acercou-se de D. Constança: tomou-lhe as mãos, como se ela carecesse de amparo, e perguntou:

— ¿Por que veio tão depressa? Ainda não tive tempo de tratar de D. Manuel. Embora deseje muitíssimo, e bem o sabe, a sua companhia, agora fiquei perplexo. ¿Então seu filho corre imediato perigo?

Ela sentou-se, fêz um gesto para que tomasse lugar ao seu lado, no grande canapé Império, e começou com o embaraço de quem não podia dizer tudo quanto sentia:

— Não, Martial, desejo apenas que não trate mais da partida de meu filho.

— Porquê?

Acudiu-lhe ao espírito tudo quanto de pior pudesse imaginar, desde êle ter recusado a sua protecção até à partida para o exército, onde estaria prestes a combater os franceses. E insistia:

— Porquê? ¿Acaso lhe repugna o meu auxílio?

— Não, Manuel ignora até o que se passou há pouco. Eu é que tive uma notícia que o beneficia sem ser necessária a intervenção do meu amigo. Sim, sempre teria que falar a alguém e eu receava...

— ¿Que o prendessem e o condenassem por desertor ou pior ainda, neste momento? ¿Arrependeu-se de o ter colocado sob a minha protecção?! É isto? Vejo que deixou, de repente, de confiar em mim e correu, apressada, para me pedir que suste imediatamente a minha intervenção.

— Enganou-se. Se não desejo a sua intervenção é porque Manuel já tem meio de partir do reino. E a prova de que não me julga bem, pois lhe dou tôda a minha inteira confiança, está na minha presença aqui, para lhe evitar incómodos e, porventura, aborrecimentos, Martial. É ao amigo que procuro quando lhe digo tudo isto. Esqueço a sua qualidade de oficial francês.

A grande ternura daquelas palavras, a maneira por que D. Constança o olhava, a audácia de ter vindo, teriam produzido um grande efeito no espírito de Martial, se não o dominassem duas paixões: a da sua carreira e a que nutria por Maria da Saúde. Mudou de tom, perguntou muito apressadamente, deveras interessado:

— ¿Mas como conseguiu tudo isto sem mim? Eu tinha o desejo de o levar em minha companhia, se fôsse para França, conduzi-lo, ao menos, até Espanha e ali...

— Nunca vos acompanharia. Eu ouvi-o falar na

noite da sua chegada; afirmava que obteria o seu perdão ou o esquecimento da falta, a trôco de qualquer promessa ou compromisso. Dizia-me, há pouco, a minha prima condessa de Ega que já se concederam perdões a trôco da solene garantia dos isentos da culpa não pegarem em armas contra os franceses.

— Sim, talvez pudesse ter obtido isso; obtê-lo-ia com certeza. O general conhece a situação da família em relação à França. Lagarde não pode fazer senão o que se lhe deixa fazer. Em último caso, eu interviria.

E era a certeza do seu poder, da confiança que o Imperador depositava nêle, a revelar-se nas suas palavras. De repente, detinha-se e voltava a fazer a sua pergunta:

— ¿Como pôde tudo isso sem mim?

Muito baixinho, chegando-se ao rosto do oficial, um pouco desfalecida, muito bela na sua palidez, disse-lhe:

— Embarcará com um salvo-conduto inglês, que me foi entregue logo a seguir à sua partida. Não tardou um quarto de hora depois que safu do «Milhano».

Êle empalidecia, por sua vez; tumultuava-lhe um mundo no cérebro, ao exclamar:

— ¡Um salvo-conduto!

— Sim. E como há essa forma de o fazer deixar o reino, venho pedir-lhe que não se embarace a cogitar nos meios de salvação e nem ainda no de lhe conseguir a tolerância mediante o compromisso.

Não a ouvia; tôda a sua atenção estava prêsa no apetecido salvo-conduto que lhe facilitaria a saída de Portugal. O *Filadélfia*, fundeado no Tejo e cuja rota era a de Inglaterra, recebê-lo-ia a bordo. À saída da barra, o comandante apresentaria o salvo-conduto com as chancelas do *Hibérnia* e a firma do almirante Cotton no alto, mas êle, Martial, puxando de uma ordem do general-chefe, mandaria o navio aportar à Rochela ou a outro pôrto. Desembarcaria; juntar-se-ia ao Imperador e, depois de lhe ter exposto a situação em Portugal, pedir-lhe-ia para regressar com as fôrças de auxílio ou só trazendo a Junot a garantia da boa vontade imperial, desligando-o de possíveis socorros às tropas de Espanha, amparando-o e louvando-o. Então, teria tempo de vencer aquela linda rebelde de amor, cuja mãe ali estava implorando affecto e renunciando à protecção que prometera ao seu filho.

Agora era ela que se lhe tornara útil com aquêlle salvo-conduto providencial, o talismã que lhe abria a saída do Tejo. Acreditava no seu bom destino, que jamais o abandonara e, supersticiosamente, enviara um agradecimento aos poderes occultos e misteriosos que punham na sua frente Constança e a sua revelação.

Não se deteve mais. Ela vinha com o intuito de valer ao filho e ia ser a sua providência. Dizia-lho com a segurança de ser obedecido:

— Minha amiga: careço dêsse salvo-conduto. Foi o próprio Destino que a trouxe junto de mim, nesta hora em que eu pensava em atravessar a

Espanha para me juntar ao Imperador, que me chama.

— ¿Atravessar a Espanha?! Mas, segundo ouvi há dias, é um verdadeiro inferno!

— Assassnam nas estradas; são as guerrilhas. Os frades praticam barbaridades... Sim, um inferno, onde padres fazem de diabos... — disse o coronel entre alegre e meditativo.

A condessa de Ega ouvira as últimas palavras do coronel, ao voltar ao salão, e respondera-lhe, mal imaginando o efeito que ia produzir no espírito da sua amiga e parenta:

— O dever de um soldado é atravessar todos os infernos para cumprir o seu dever.

Martial corroborou:

— O estado em que se encontra a Espanha não me impediria de avançar para onde me chamam, se não houvesse outro meio mais fácil e seguro.

E logo, em voz baixa, à qual emprestava quente ternura, no desejo de conseguir abalar o ânimo de D. Constança, pediu-lhe:

— Entregue-me êsse salvo-conduto a trôco da cédula de liberdade absoluta de seu filho. Nem sequer lhe exigiremos que não pegue em armas contra nós, se essa fôr sua vontade. Já se vê que fica livre da polícia, mas corre a sorte dos soldados. Preciso, absolutamente, que aceite êste pacto amigo. Ouça-me, Constança...

Junto da janela do extremo do salão, a condessa de Ega continuava a olhar o Tejo, não querendo continuar a ser indiscreta; devia ter lançado o

seu aviso, a que a amiga correspondera com um olhar de terror.

— ¿E não volta?— ¿Como voltaria, se em Espanha há tão grandes perigos?

E era a sua vontade firme fechar-lhe a saída de Portugal, guardá-lo para sempre dentro das fronteiras do reino e no seu coração. Por momentos, julgava que isso seria possível, barrando-lhe o caminho, obrigando-o a ficar, senão à sua beira, ao menos mais próximo dela do que estaria, em Paris, ou ao lado de Napoleão, a percorrer a Europa.

Abençoava a hora em que viera, mas estremecia ao ouvi-lo declarar com a certeza de quem não se desviaria um ápice do prometido:

— ¿Acaso eu perguntei alguma vez a mim próprio o que sucederia ao entrar numa batalha?! Que digo?! Eu?! Quando falo por mim, refiro-me a todos os soldados. Nascemos para morrer nas batalhas ou nas ciladas desde que vestimos uma farda. São assim os soldados de todo o mundo. D. Constança, minha querida amiga, diga-me o seu adeus, que eu parto amanhã para Espanha, já que não me quere no mar ao abrigo do seu salvo-conduto. Ao chegar a Paris escrevo a anunciar-lhe a volta, porque juro que hei-de voltar, a não ser que os guerrilheiros, digamos os bandidos espanhóis, mandem o contrário.

— ¿E voltareis, como? ¿Correndo outros perigos?

— Se fôsse preciso. Mas não será assim.

Baixava também a voz, parecia disposto a fazer-lhe uma confidência, mas lembrou-se como deter-

minara o castigo de Chavigny pelo seu excesso de confiança em gente portuguesa e voltou:

— Se receber uma carta de Paris saberá que volto, sob a minha palavra de honra, embora sofrendo novas inclemências. Se nunca receber as minhas notícias é porque fiquei nalgum pântano, precipício ou encruzilhada, onde os fanáticos fazem as suas esperas vis.

Viu-o assaltado por um bando feroz, comandado por um cura, inclemente e insensível, amando a pátria acima do próprio céu e crucificando ou lançando ao fogo os inimigos como se fôsem os piores relapsos, herejes e sacrílegos. Lançavam-lhes o anátema e atiravam-nos às fogueiras porque, realmente, não havia maior sacrilégio do que a invasão da terra pátria.

— ¿E se eu lhe desse êsse salvo-conduto? — perguntou ela.

— Livrava-me dos maus caminhos de Espanha.

E logo, no mesmo tom do comêço, garantiu:

— Demais, eu juro-lhe que defenderei seu filho dos castigos em que incorreu pela sua deserção. Em troca do salvo-conduto britânico, ofereço-lhe a cédula de segurança francesa. É que eu tenho pressa; o Imperador chama-me. Não devo perder tempo em combates nas brenhas espanholas.

— E voltaria?! — perguntava no auge da ansiedade.

— Mais depressa do que se fôr por Espanha, pois corro o risco de nem sequer chegar à fronteira francesa.

— Martial...

Olhava-o como a dar-lhe naquele instante mais do que a vida:

— Martial! Como sempre e mais do que nunca, obedeço-lhe. Pode pedir-me a vida.

Agradeceu-lhe, apertando-lhe as mãos, cheio da certeza de que não hesitaria mais em dar-lhe aquêlenhor de segurança da viagem de que tanto carecia e rejubilou ante sua resposta:

— Aguardo a cédula para o meu Manuel; dar-lhe-ei o salvo-conduto e Deus me perdoe se procedo mal.

— Constança! Voltarei. Acaba de prestar um grande serviço ao Imperador.

Não falava de si, esquecia as palavras de ternura que ela esperava como viático e só aguardava a posse do precioso papel que lhe permitiria a passagem através do bloqueio britânico.

Ela, grave e solenemente, embora desapontada, assentiu:

— Farei a sua vontade. Farei tudo por si.

Acentuava bem que era por êle só que assim sacrificava o filho e a reputação, como lhe daria a vida.

— ¿E onde tem o salvo-conduto?

— Está em meu poder e ninguém sabe. Deixei-o no «Milhano». Vá buscá-lo à noite, quando não houver receio de ser visto. Há uma passagem da banda da ribeira, junto do canavial. Às onze horas todos dormem na casa. Quando vir levantar duas



vezes uma luz, é o sinal. Irei levar-lhe o salvo-conduto e despedir-me de si até... à volta.

Baixou a cabeça, muito trémula, sorrindo através das lágrimas, que êle não quis ver.

Daf a pouco, descia ao lado dela e da condessa de Ega, sem palavras, por entre as continências dos oficiais e das sentinelas e acompanhou-as, respeitadamente, até ao carro, que largou pela rua do Alecrim, sob os olhares dos transeuntes, que paravam ao verem aquêlo belo oficial, seguindo com a vista a traquitana célere.

À porta, o sargento Catilina cofiava o bigode e murmurava:

— Nunca o vi assim.

E voltava a sorrir, apertando o cachimbo, julgando o pupilo prêso num grande enlêvo de amor.

CAPÍTULO XVI

A LEGENDA DOS DRAGÕES

Maria da Saúde descansava da sua jornada, que durara quasi todo o dia, mas não repousava o espirito. Despira o trajo de amazona, vestira-se de sêda escura para ir para a mesa, mal chegara de tão fatigantes visitas. Estivera com o irmão no convento de São Domingos, onde se ocultava, aguardando o salvo-conduto para embarcar. Tratava-se de ir a Inglaterra levar notícias dos acontecimentos; ingressar na Leal Legião Lusitana e voltar a Portugal para combater; fugindo ao mesmo tempo à perseguição dos franceses. Ela murmurava desolada:

— ¡Sempre estrangeiros na nossa terra! Não podemos lutar sem êles. Franceses, ingleses, inimigos, amigos, mas estrangeiros.

Soubera pelo reverendo padre-mestre, frei Leonel do Sagrado Espinho, que D. Alexandre Vital e o morgado de Tangil estavam com o exército de

Bernardim Freire, do qual se destacara a cavalaria para os britânicos do comando de Wellesley, que, segundo se confidenciava, avançavam sôbre Lisboa.

— Felizmente, meu padre, lá estão os nossos portugueses.

— E com êles o major Malaparte — acentuara o dominicano jovialmente.

Recusara a colação que lhe ofereceram, beijou-lhe a mão e foi para o convento da Boa-Morte, onde frei José se entretinha a distribuir tremoços aos garotos que lhe pediam figos. Ria muito, e de face fresca, os olhos bondosos, acabando por dar os doces frutos à petizada, que o vivava.

Maria da Saüdade recapitulara, com o bom frade, as torturas sofridas sob o domínio dos invasores; as contribuições, as afrontas, os fuzilamentos de Mafra e das Caldas, o do Eustáquio, que era um pobre bôbo, e o do antigo correio de gabinete, Manuel José, também executado por sua altivez ante os desmandos.

Era o que lembrava ao cair da tarde, no seu canto do «Milhano», quando o Sol começava a esconder-se e corria de Monsanto leve aragem logo dissipada.

Os pássaros recolhiam aos ramos, pipilando; os pombos ruflavam as ásas, em grandes bandos, indo alguns empoleirar-se nos ombros e na cabeça do Bidarra, que lhes distribuía o milho. Ninguém diria que tão rude campónio, o homem de uma só peça, era tão amigo dos animais. Dava-lhes nomes ternos, punha-lhes alcunhas: o «Rendinhas», o

«Papo-de-Fole», o «Pintado», e a elas chamava-lhes «meninas», «riquinhas» e «sécias».

Quando algum garôto atirava pedras às andorinhas, ou aos seus ninhos de barro, o feitor puxava-lhe as orelhas, sacudia-o e berrava:

— ¡Seu malandro! olhe que as andorinhas são as galinhas de Nossa Senhora.

E era aquêlé o orgulhoso assassino de tantos franceses?! O mesmo. Confessá-lo-ia altivamente, carregando bem a espingarda para a caçada dos lebrascos, como lhes chamava.

Os pombos cediam uns aos outros os lugares nos ombros e na cabeça do Bidarra, que ria a espalhar o milho naquele cair da tarde.

Maria da Saüdade também os atrafa para o peitoril da janela e êles deixavam-se afagar pela sua mão suave.

Ia começar a noite quente de Agôsto, recortava-se no seu crescente dourado da Lua, quando D. Constança desceu da sege muito apressadamente, a dizer à filha, que a beijava, como a Luísa quisera ficar em casa da condessa de Ega, onde ambas tinham jantado. Procurava sorrir, desviar as suas enormes preocupações, o passo que ia dar daí a pouco, e brincava:

— A tua irmã está furiosa e é linda assim. Quere increpar o duque de Abrantes pela ausência de Chavigny, como se lhe tivessem roubado um brinquito.

Foi o que lhe disse. Calou o nome de Martial; lembrou-se de que a prima Juliana usara de frases

idênticas às suas para conter a cólera infantil da Luísa e ia retirar-se para os seus aposentos, dizendo-se cansada, mole, com calor.

Agôsto parecia ter vindo do Vesúvio com tôda a sua lava. Lembrava-se de que Carrion Nizas comparava-o a um caixeiro viajante do Inferno com as malas de amostras colhidas no caldeiro do Pero Botelho.

Ela acabara de rir nervosamente, a querer disfarçar a tensão do espírito, e dirigira-se para o seu quarto. Abrira docemente a janela e deixara-se ficar na semi-obscuridade a pensar no que ia realizar. Receberia em troca do salvo-conduto a senha de imunidade para o filho. Não se julgava muito culpada perante Deus, mas, contra o seu costume, punha-se a rezar à Senhora da Saüdade, cuja imagem estava no oratório vizinho do seu toucador.

Perdera o hábito de se encomendar aos santos desde que, em Paris, sentira o ridículo de semelhantes oblatas; mas, de quando em quando, depois que amava tanto, e Martial chegara, as suas rezas eram mais constantes e supersticiosas.

Avançava a noite. Os ralos retiniam na terra sêca; fulguravam, em zigue-zagues, os pirilampos e das cavaliças vinha o som de uma viola, arranhada por algum dos moços nas notas lânguidas do landum.

Foram amortecendo os ruídos; só continuava a vasta zoeira dos ralos; o instrumento calara-se. Por vezes passava no ar mole o gemido de uma nora a

distância ou dos búzios do moinho do Vicente, na riba de Campolide.

A Ana entrou devagarinho no quarto de Maria da Saúde e julgou a sua menina adormecida, depois de ter comido e andado tanto tempo ao calor por êsses campos. Ela, num vago claro do crescente, sobressaltou-se ao ouvir a serva anunciar:

— É o Ventura; posso assim chamar-lhe, que êle não ouve. Diz que vem de Ribamar e vai para S. Domingos, e queria falar à menina para caso de pressa.

— O Ventura! — exclamou muito admirada, pois sabia-o guardado pelos frades de Ribamar, que usavam de mil cautelas para o defender da polícia de Lagarde.

Desceu a escada iluminada frouxamente pelo lanternim, entrou na sala térrea forrada de azulejo até meio e cujo chão era de adobe. À luz dos candelabros do Rato que a Ana acendera, encarou o Ventura envôlto num hábito de burel e interrogou-o, tratando-o por «Vaivém», fugindo a dar-lhe o apelido.

— Quanto folgo de ver vossa excelência ao cabo dêste tempo de... leigo fingido. Vai chegando a hora de voltar ao meu officio e ao meu nome. Os ingleses já aí vêm.

— Com os portuguezes — acentuou muito à pressa, ouvindo-o dizer:

— Sim, com os portuguezes. E para que haja cá mais um, eu venho para acompanhar o sr. D. Manuel ao embarque.

— ¿Mas quando?

— Logo de madrugada, no navio «americano». Eu venho para lhe levar o salvo-conduto.

— Mas o sr. D. Manuel não está aqui. ¿Não te disseram onde se encontra?

Calava-se, num costume de conspiradora, inquirindo mesmo àquêle criado de tanta confiança que acabava por fazê-la estremecer, ao dizer da forma mais singela:

— Pois eu venho pelo salvo-conduto que o irmão Leandro entregou para ser levado ao sr. D. Manuel.

— ¿O salvo-conduto?! ¿Mas quando foi isso? ¿A quem o entregou?

— Como vossa excelência não estava, êle deu-o à senhora D. Constança. Vai, então, o senhor, o nosso frei António do Calvário, mal a noite foi mais negra, mandou-me vir no macho pela banda de Barronhos até Monsanto e depois aqui buscar o salvo-conduto, entregá-lo ao senhor D. Manuel e acompanhá-lo, pois tem que embarcar em Santos. Eu volto a S. José e, assim que entrarem os ingleses e os nossos, torno a ser o que já fui.

E não pronunciava o seu apelido.

Maria da Saüdade não ouvira nem metade da sua parlenda, deixara-o em meio dos dizeres, galgara a escada e corraera para os aposentos da mãe. Via uma lanterna acesa, junto do parapeito, que D. Constança tomara e erguera por três vezes, como se fizesse um sinal na noite semi-obscura, pois o crescente da Lua só iluminava parcialmente a quinta.

A filha especada à entrada da alcova, viu-a dar alguns passos, depois de ter guardado no seio um lenço que podia envolver o salvo-conduto, e descer rapidamente para a banda do jardim, limitado pelo canavial. Compreendera que alguma coisa de horrível se passava. ¿Por que não lhe dera ela o documento que lhe fôra entregue em seu nome? ¿Por que lhe ocultara a vinda do irmão Leandro? ¿A sua cabecita de borboleta não atingia o valor daquele papel e esquecerá-o? ¿Mas, então, por que fazia o sinal luminoso e por que descia a ocultas para o jardim?

Pensara tudo aquilo rapidamente, agitada como louca, antevendo o que lhe acudira em estranha visão.

Desceu a escada; voltou onde o Ventura a esperava, boquiaberto por aquela fuga, e ordenou-lhe:

— ¿Depressa, depressa! ¿Tu e o Bidarra, depressa! Do lado da ribeira deve haver gente. Ouve! Mando que ninguém saia da quinta, seja quem fôr.

E em voz rouca, que a admiraria se atentasse nela, determinou:

— E seja quem fôr.

O estribeiro partiu de corrida e ela, agarrando a lanterna, guiou-se pela ruela de buxo, chegou ao cruzamento, onde terminava o jardim e começava o canavial. Iluminou a vereda e colocou-se em frente da mãe, que recuava atónita, a balbuciar:

— Tinha calor. Vinha tomar o fresco da serra. Devia estar pálida; gaguejava. Do meio das

canas que ramalhavam saía um vulto, mal adivinhado na meia treva.

— ¿Onde vai?! — perguntava Maria da Saúde a sua mãe.

— Já te disse — volvia D. Constança, desvairadamente.

— Volte para casa. Dê cá êsse papel, que não lhe pertence. ¿Sabe o que faz? ¿Sabe o que praticou?...

— ¿Que papel?

— Basta de disfarces, mãe. Dê-me o salvo-conduto.

A luz batia-lhe em cheio no rosto desfeito, coberto de palidez, mas de repente, em fúria, querendo cumprir o prometido a Martial, que adivinhava a pequena distância, mandou:

— Deixa-me! ¿Que queres de mim? Não sei o que se passa; sou tua mãe e ordeno-te que me largues. Não sei que papel é êsse. Larga-me ou...

Maria da Saúde segurava-lhe o pulso, detinha-a; atirara fora o lanternim, que se quebrara num tilintar de estilhaços dos vidros, e procurava arrancar-lhe do seio alguma coisa, que a vira esconder apressadamente.

Era uma luta em que já não soavam palavras, mas quando muito, apenas murmúrios em que ia a cólera da filha contra a mãe:

— ¿Que queres fazer? ¿Que traição é essa? Venha para casa ou levo-a à fôrça.

Agarrava-a bem; apertava-a nos seus braços, sentindo-se alucinada, quando a ouviu bradar:

— Martial, acode-me. Tenho o salvo-conduto.

Um homem alto, elegante, vestido em traje civil, safu do canavial e ia a avançar para o grupo que estava a distância, na linha do jardim. A luz pálida da Lua, no seu crescente, iluminou o grupo formado pelas duas mulheres.

Ladravam cães pelos quinteiros, respondendo aos do «Milhano», que acordavam alvoraçados. O vulto de Martial destacou-se como hesitante, mas deu alguns passos para cair fulminado por uma bala que o atingiu no peito.

Ao ouvir nova descarga, D. Constança gritou:

— Martial! Martial! Meu amor. Foge...

E a filha, tapando-lhe a bôca, rouquejava a arrastá-la:

— Tenha decôro. Tenha decôro. Vêm aí os criados.

O Bidarra apareceu de espingarda em punho, berrando:

— Vê se há mais ladrões por aí, ó Vaivém!

O Ventura, também de arma aperrada, ia lançar-se com o amigo sôbre o corpo do coronel da Guarda Imperial que recebera um dos projecteis a descoberto, sendo um bom alvo, e caíra varado. Devia ter-lhe atravessado o coração.

O Bidarra onde punha o ôlho punha a bala; assim se dizia dêle e era verdade.

O chôro alto de D. Constança atraíra a atenção dos dois homens; o som dos tiros, despertando o ladrido dos cães, abafara aquêle pranto de louca. Ouvira-se o rodar rápido de uma sege pouco depois

das detonações e agora só restava junto do canavial um cadáver e dois homens ajoelhados à sua beira.

Passava a doçura de um raio de luar pelas fôlhas das canas verdes; murmurava a ribeira nas pedras do seu leito. Maria da Saüdade arrastava a mãe sucumbida. Ao ser amparada contivera os gritos e, de olhos muito abertos, soluçava:

— Martial, Martial!... Mataram-no? Oh! mas eu os denunciarei. Sim, fui eu quem o chamou. Não era um ladrão. Malditos! Mataram-no!

A filha, de olhos incendidos de cólera, fizera-a entrar na sala baixa onde a Ana aparecia com a Rita Miquelina, pálidas, açodadas, inquirindo do tiro, querendo saber se os ladrões tinham fugido.

Soltavam esconjuros, apegavam-se aos santos:

— Credo. Uma coisa assim... Nossa Senhora da Saüdade nos acuda. Salvè Rainha, Mãe da misericórdia.

D. Constança deixara-se cair no canapé e soluçava baixinho.

Num gesto autoritário, Maria da Saüdade mandara sair as criadas.

Na réstea da claridade da Lua, infiltrada através do canavial e pelos álamos da Ribeira, o Bidarra e o Ventura, curvados sôbre o cadáver de Martial, abriam-lhe o casaco, revolviam-lhe as algibeiras. Tinham o mesmo pensamento: os papéis que devia trazer consigo. E, sentindo sob os dedos o volume de uma carteira num bôlso interior, arrancaram-lhe a veste à pressa, de maneira brutal. Dificilmente lha despiram. Ergueram as mangas da camisa, ras-

gadas pelo empuxão, e ficaram a descoberto os braços níveos sem pêlos. Aparecera, bem distinta, a tatuagem, a legenda dos dragões do tempo do terror: «Morte aos tiranos!» entre dois barretes frígios.

Não se detiveram a vê-la; contemplavam cheios de ódio aquela face branca escanhoadada, a cabeleira revôlta de olhos abertos, onde cintilava o fulgor da luz coada pelas ramarias. Mal sentiam o sangue a escorrer pelas suas mãos; deixavam-lhe as jóias, revolviam na carteira em busca de dinheiro que queriam enterrar com êle. Acharam a pesada bôlsa metida na algibeira do casaco.

Não tocaram no relógio nem nos anéis.

O Ventura correrá para a arribana e voltará com ferramentas. Ouviam-se as pancadas das enxadas cavando uma cova profunda, além do canavial, junto a um álamo.

Os dois homens suavam no seu trabalho violento contra a terra dura. Não diziam palavra; esgarçavam mais a sepultura, açodados, querendo acabar depressa a tarefa fúnebre. Pegaram no cadáver e depuseram-no no fundo do leito aberto a muita profundidade. Exalava-se do corpo um perfume suave de essências que o cheiro da terra revolvida não atenuava. Caíram as pãzadas do desentulho sôbre o morto; encheram a cavidade e calcando-a como se andassem em eira tiveram o cuidado de a cobrir com fôlhas sêcas, bocados de canas, ramos e mais terra sêca.

O luar iluminava-os. Quando acabaram, um

rouxinol trinou no álamo junto à ribeira, que ia cantando nas pedras brancas, e ao fundo, majestoso, todo claro, o aqueduto com os seus arcos gigantescos, marmóreos na claridade do astro, eram como o pórtico triunfal de um grande mausoléu.

Eles sumiram-se para o lado da cavaliariça, sempre calados, num acôrdo de alma, indo esconder as armas num desvão do palheiro.

Num canto ignorado da terra portuguesa ficava o cadáver de um soldado de aventura e de fortuna, coberto de glória, e agora, para sempre escondido no solo que calcara. As batalhas em que figurara, a amizade do Imperador, a sua legenda, todo o brilho da sua carreira sumiam-se a dois passos de um canavial fresco, enterrado com o malefício das ordens de que fôra portador, a boceta de Pandora, como lhe chamara Carrion Nizas, e espalhara tantos males sôbre a terra portuguesa.

Ela engolia-o, tragava-o; sorvê-lo-ia a sua bôca vingadora.

Na sala térrea, Maria da Saüdade, mais majestosa, junto da mãe desmaiada, parecia uma estátua triste e solene.

Decorria a noite; o rouxinol continuava o seu cântico e a ribeira á murmurar.

Quando D. Constança acordou, espavorida, pálida, tonta, deixou-se levar como uma criança, sem palavra, automaticamente, para o seu quarto, onde a filha começou a despi-la à luz do candelabro, cujas velas pingavam lágrimas de cera.

Ela parecia morta, mas estava devorada por um

pensamento fixo, o de vingar o amado. Ouvia sempre as detonações. Vira Martial caído; sentira-se arrastada e louca; abafaram-lhe os gritos; a mão de Maria da Saúde calara-lhe as queixas na sua bôca. Voltara a si e, ficando inerte no leito, engenhava a maneira de denunciar aos seus amigos franceses os autores do crime. Assim denominava a morte de Martial; não era o inimigo da sua pátria, mas o seu amor; recordava ainda a voz da filha, dando ordens para que ninguém saísse da quinta, empregando-se, embora, todos os meios, tôdas as violências. E tinham-no morto!

Iria dizê-lo a Junot; entregaria os criminosos; Martial seria vingado. Ela não tinha família nem escrúpulos; só o via a êle assassinado, para sempre ligado à escuridão de uma cova na terra portuguesa. Acabara assim quando lhe profetizavam um ducado.

Desmaiara de novo ao perceber que se esperava a vitória; chegava até ao seu leito a ânsia da derrota dos franceses. Era o fim do seu sonho vingador.

Os galos, adivinhando a madrugada, já vibravam seus cantares, lembrando clarins anunciando glórias; as suas vozes repetiam-se de quinta em quinta, pela baixa da serra e pelo vale de Alcântara, aberto sob a apoteose do aqueduto, com os pórticos de seus arcos triunfais, no murmúrio cantante das águas da ribeira.

Recaíra o silêncio. A propriedade parecia adormecida, como a mais tranqüila das casas solarengas arrabaldinas, tendo desaparecido todos os vestígios da tragédia.

Ouviram-se passos cautelosos sob a janela do quarto de Maria da Saüdade. A Ana, a Rita Miquelina velavam sem palavra, adivinhando que alguma coisa de muito grave se passara e bem diferente de uma vulgar história de ladrões.

O Ventura estava sob a janela; Maria da Saüdade debruçou-se e percebeu que lhe queria entregar alguma coisa, pois lhe dizia muito baixinho:

— Os papéis.

Ela dispôs-se a ir buscá-los. Calçou as luvas de canhão que usava com o seu trajo de amazona e, daí a pouco, tinha diante de si a carteira manchada de sangue. O salvo-conduto que arrancara das mãos da mãe ali estava no seu pergaminho, pronto a servir.

Dobrou-o cuidadosamente e para o Ventura, que não dissera palavra, murmurou:

— Monta a cavalo e leva isto ao sr. D. Manuel. Que embarque. Não sucedeu nada que o impeça de seguir o seu caminho para seu bem e da nossa terra.

Deteve-se um pouco e segredou, mas como quem mandava imperativamente:

— E nem uma palavra dêsse incidente. Meu irmão é-lhe estranho; sê-lo-á sempre...

O criado curvou-se numa vénia; sofraldou o hábito e sumiu-se entre as árvores. Ela passou ao seu toucador, afastou um quadro que representava um almôço na relva, com damas, de vestidos claros, alegres junto dos cavaleiros, servidos pelos criados de librés de monte. Por detrás do painel havia uma

portinha disfarçada na parede; carregou e apareceu uma cavidade, o cofre secreto do solar. Examinara rapidamente os papéis que a carteira continha e verificara as ordens de marcha do exército francês, os planos, as cartas para Napoleão e o pedido de envio de tropas.

Estava pálida; vincava-se-lhe nos lábios e na testa a sua antiga expressão estranha; os olhos brilhavam intensamente. Retirou a cédula que dava direito a D. Manuel de Lemos para residir em Portugal e, depois de fechar de novo o cofre e de ajustar o quadro, descalçou as luvas, com um gesto de repulsa, e rasgou-a violentamente.

Pé ante pé, dirigiu-se para o quarto onde a mãe, deitada no leito, de olhos abertos e muito fixos, parecia seguir alguma horrível visão. Sentou-se e ficou a vigiá-la, prêsa também nos seus sonhos.

Um relógio bateu cinco horas. Tinham amortecido os ruídos; só os ralos retiniam na terra sob o luar.

Assim foi passando o tempo, até que começou a raiar a aurora. Vagas cintilas frechavam as vidraças. O sol de Agôsto voltava e tudo decorria como se não se tivesse passado um grande drama no «Milhano».

Pela cidade moviam-se tropas; esquadrões de cavalaria a grande trote, peças salvavam e, à porta do Quartel-General, o estado-maior esperava Junot, que ia tomar o comando do exército.

Os ingleses tinham avançado com formações das tropas portuguesas.

As paredes estavam pejadas de editais e proclamações assinadas por Lagarde, mas corriam em mãos portuguesas os avisos, vindos de bordo da esquadra britânica, a anunciar a resistência ao invasor.

O intendente geral da Polícia, tendo perdido a sua máscara de fleuma imitada de Fouché, o seu ídolo, acercara-se do duque de Abrantes e dissera-lhe:

— Preciso prender muita gente em que até aqui me era defeso tocar por ordem de vossa excelência. A revolta começa a tomar incremento.

O general-chefe, cujos olhos pareciam querer sair das órbitas, num clarão de loucura, bradou:

— Prenda, deposite, fuzile, faça o que quiser até eu ter deitado os ingleses ao mar.

Voltou para a carruagem, escoltada pelos dragões, que largou célere, seguida pelo estado-maior entre nuvens de poeira.

Corria em Lisboa, não se sabia como, mas devia ser por via dos britânicos da esquadra, que estava já prestes a travar-se uma batalha.

Na véspera celebrara-se a festa de 15 de Agosto, em S. Carlos, em hora do aniversário e do santo de Napoleão. Junot, ainda excitado, ia muito crente na vitória. A coronela Foy também deixara Lisboa, pois queria assistir à batalha ao lado do amante. Os boatos fervilhavam; inventavam-se as mais singulares balelas e pasmava-se diante dos editais onde se lia que o duque de Abrantes deixara a capital: *não tanto por necessidade dêsse passo como*

para se certificar, pessoalmente, do que vinha a ser o preconizado desembarque dos ingleses, que se dava como efectuado na Figueira, e que nada tinha adiantado, sem embargo de ter sido feito desde quinze dias.

O govêrno da cidade fôra entregue ao benigno general Travot, e o duque de Abrantes proclamara ameaças, julgando que elas teriam o seu efeito sôbre as almas que vira rendidas, submissas, avaliando todos os portuguezes pela sua côrte de desnacionalizados.

Diante do edital, afixado junto da igreja da Encarnação, juntava-se povo. Soletrava-se baixinho, mas outros liam em voz alta:

Eu parto cheio de confiança em vós; eu conto muito com todos os cidadãos interessados na conservação da ordem pública e estou persuadido de que ela será conservada. Considerai as desgraças que seguramente aconteceriam se esta formosa cidade obrigasse as minhas tropas a entrar nela à fôrça. Os soldados, exasperados, não poderiam conter-se a ferro e fogo e teriam lugar todos os males da guerra, praticados em uma cidade tomada de assalto, como o saque a monte. Eis o que em tais circunstâncias, eu não poderia impedir. Eis o que vós atraireis sôbre vós; só a idéia me faz estremecer.

Assinava duque de Abrantes, pomposamente, sentindo-se sempre a caminho da realeza. Quando se acabou de ler o edital, reventou a vozearia:

— Malditos! ;É pena não haver armas!...

— ¡Morrão os franceses!

Parte da guarda da polícia, chamada à pressa, não encontrou nenhum manifestante, embora o sargento da intendência, o celerado Lúcio, asseverasse que houvera protestos.

Do alto da rua do Alecrim apontava-se a *Vasco da Gama* com suas peças em enfiamento. Era o cofre flutuante onde Junot armazenava os seus roubos.

Um velho sargento de dragões, de ar marcial, mas de olhar desvairado, andava por tôda a rua, como interrogando as próprias pedras, as travessas, os becos, as alfurjas do Cate-que-farás e o Tejo de águas azuis e douradas sob o magnífico sol de Agôsto. Catilina procurava Martial.

No Quartel-General ninguém sabia dar-lhe notícias, os oficiais ignoravam a missão de que fôra encarregado. Anunciava-se a morte de Chavigny no exército do Alentejo e os ferimentos de outros oficiais às ordens e ajudantes de Junot, como Laval e Buffon, mas não sabiam mais coisa alguma relativa à dor horrível do dragão, dizendo-lhe só que não partira com o general-chefe. Por de mais o sabia êle, pois revolvera os aposentos do seu querido coronel, que lhe chamava «pai velho» e era o seu ídolo; encontrara as fardas; percebia que devia ter saído à paisana e enfurecia-se, alanceava-se, gemia, desvairava, andava fariscando tudo como um cão ansioso à procura do dono.

De repente lembrou-se das duas senhoras que êle acompanhara na véspera e que ficara seguindo com

a vista à porta do Quartel-General, e uma das quais era a amante de Junot, a condessa de Ega. ¿E a outra?!

Soltou um gemido, sentiu alguma coisa de estranho. Chorava.

— É isso! É isso! Ficou por lá.

E nessa forma ambígua de dizer, Catilina parecia adivinhar uma noite de amor ou uma tragédia.

EPÍLOGO

EPÍLOGO

O major Malaparte apparecera, radiante, no «Milhano», apoiado à sua bengada e de uniforme novo. Viera de carro, porque não montava desde a amputação do braço, visto não poder guiar, pelo menos êle assim propalava, mas dizem os críticos que não passava de pretexto para enganar D. José Vital, cujas opiniões àcêrca dos peões eram impressionantes. Malaparte, o major Aniceto Damião, fizera a sua carreira na infantaria e nunca fôra cavaleiro, nem sequer amador.

Vieira de S. Domingos de Benfica, onde alvoragara tudo, em muita festa para a festa, a contar como os franceses tinham sido derrotados, primeiro na Roliça, de seguida no Vimeiro, e fôra um chorriho de doestos nos três apodos da ordem:

— ¡Filhos de suínas, safardanas dourados, bel-droegas!

D. José Vital, que o acompanhava, mas a ca-

valo, delirara ao saber como êle tomara parte na batalha, tendo ido como agente do Quartel-General de Bernardim Freire, onde ainda pertencia. A descrição dos combates, o heroísmo dos portugueses, a carga de cavalaria 6 e 12, tudo êle narrava animadamente, citando lances, nomes e arrancos, em gestos nos quais redemoinhava o bastão, e, erguendo o côto do braço, rugia:

— Ah! eu vi o Margaron a retirar. Ah! o valente Pessoa, do 6! Ah! salta Teixeira Lôbo, do 12! Oh! o valente Abreu, do 11...

Fazia uma pausa e voltava à batalha, enaltecendo a sua arma, deixando de lado os ingleses, os Nightingale, os Hill, os Murray, o próprio Wellesley.

— A nossa infantaria, oh!

Entusiasmava-se, e com razão, porque tinham sido surpreendentes as acções dos soldados portugueses.

Gritava mais nomes: Que valentão o 21, do Cunha Rêgo! Mas não lhe ficou atrás o 12, do Bernardo Costa. Aquela linha de atiradores! E o 24? A maior glória cabe ainda aos caçadores do 6! Aí, rapaz de meu tempo! Aí, velho Cunha! Sabem vocês como o Wellesley chamou aos nossos? Galos de briga! Sim, porque os dêle trazem fardas encarnadas para não terem tanto mêdo do sangue.

Ria, amesquinhava o exército aliado, muito parcial, vendo quanto agradava a Maria da Saúde, que o ouvia muito pálida, mas mostrando no olhar a sua satisfação.

Decididamente, o major agradara, no «Milhano»,

muito mais do que na portaria do convento de Benfica, onde o abade de Medrões, o padre Inácio, parecia pouco crédulo na arremetida dos portugueses. Talvez fôsse para o ouvir e vê-lo estalar em girândolas de cólera, vermelho como um monco de peru assanhado. No «Milhano», a recepção fôra diferente.

— ¡Sempre estrangeiros! ¿Quando nos bastaremos contra êles sem a ajuda de aliados?!

Maria da Saüdade fizera a pergunta, e êle, delirante, exclamava:

— Bastámo-nos no Russilhão, excelentíssima menina, em Ceret, em Puy Cerdá, em Seo de Urgel, na Catalunha, onde deixei o braço, no Crato, onde me puseram coxo — êsses pulhastros franceses e os castanholeiros galegos, os espanhóis, que ainda foram contra nós, êsses... Oh! perdão, minha excelentíssima menina, eu não costumo praguejar nem sequer sou destemperado de língua. O sr. duque de Lafões, meu general, em 1801, bem o sabia...

E seguir-se-ia a interminável narrativa de campanha, se D. José Vital não o tivesse reprimido:

— Ó major, conte lá como vimos o bisbórria do Junot...

Ela recebera-òs na sala térrea, forrada de azulejos até meio e pavimentada de adobe. Ouvia-os sem esconder o seu interêsse, embora muito melancólica.

— Ah! o Junot!... — e o major ria às gargalhadas — vimo-lo de carruagem das da Casa Real.

¡Ena, que luxo para o filho de taberneiro! Mas de cabeça amarrada e bonèzinho de bivaque. Vinha a modo tanso. Perdão, minha menina, mas desta vez é o têrmo. Se lhe parece?! Duas derrotas infligidas cá pela rapaziada. Sim, já se vê com os bifés, os baetas, paus de lacre, os lagostas cozidos, os diabos tão encarnados são!

O Vital parecia ansioso que êle chegasse a certa passagem e, quando o sentira desviar-se, puxara-lhe o côto do braço. Então, Malaparte explodira:

— Cá o nosso D. José, ao vê-lo naquele preparo berrou, que até parecia o Alorna a comandar cargas à baioneta: Ó ladrão de cavalos, ó patifão. E ia o seu insulto máximo: Zangarões!

— E êle, só queria que visse, D. Maria da Saúde, sempre me deitou uns olhos!

Entusiasmava-se, atribuía-se desforços fantásticos até que o major querendo contar mais coisas, corava, engasgava-se, despedia-se, e vinha para o pátio, todo em vénias, a abraçar o Bidarra e o Ventura, tratando-os por nomes de bravos fabulosos, que lera na «*História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*». Chamava-lhes Reinaldo e Oliveiros e, mais terra a terra, em bom affecto: rebenta-odres e pica-ladrões. Puxava-os para um canto e contava-lhes, entre gargalhadas, o dístico que fôra colado na porta do palácio da condessa de Ega, a quem chamava «a mais que tudo de Junot».

— Ah! seus valentes, a piada tem graça.

Alguém lá escreveu a giz, depois a tinta; não saíam daqui a cem anos:

Truz, truz, truz.

Quem é?

É o conde que aluga a égua.

E anda a pé.

As risadas, os dichotes a meia bôca, as grandes alegrias estoiravam; até que o major e D. José Vital se despediram. O pai de D. Alexandre perguntava ao escudeiro:

— ¿Então, já te posso chamar pelo teu apelido?

— Inda não, sr. D. José, os safardanas, os carrascos ainda não embarcaram.

A condessa de Ega mandara, à pressa, as suas bagagens para uma das naus russas da esquadra do almirante Savianini, fundeadas no Tejo, e lá se alojara com o marido, as filhas e as criadas. Fugiam à cólera do povo, como Luísa contava à irmã, cheia de irritação, indignada:

— Eram verdadeiros bandos de selvagens a atirar pedras. Se não fôsem os ingleses, a nossa Polícia não lhes fazia nada.

— Sempre os estrangeiros — murmurava Maria da Saúde, como se lamentasse a salvação dos condes de Ega, ela ainda altiva e êle encolhido, esbofado, fugindo de noite. Luísa mostrava-se combatida e, por vezes, irritadíssima. A notícia da morte de Chavigny atormentara-a, dera-lhe, pelo menos, o ar de uma grande dor. Vestira-se de

escuro, sem se atrever ao traje prêto que pareceria luto, e lembraria o francês, mas chamava-lhe o «seu heróico noivo».

Quando D. João Vilar e D. Luís de Noronha irromperam pela casa, fardados de capitães de cavalaria, Luísa olhara como espantada o morgado de Teive. Parecia-lhe outro; era quasi elegante no seu uniforme e mais o contemplava ao ouvir o de Tangil contar as proezas que êle praticara.

Fizera parte do esquadrão do 6, fôra o tenente do capitão Pessoa da Costa e promovido no campo. Então acercara-se dêle a felicitá-lo, muito rosada, formosa com os seus cabelos louros e o arzito de boneca vestida de prêto.

— ¡Não imaginas quanto folgo pelo teu triunfo! Voltava a tratá-lo por tu, sempre vencida pelos heróis do momento, e recuava, fazia-se pálida, ao ouvi-lo perguntar:

— Ó Luísinha! ¿Estás de luto por alguém? A prima Maria da Saüdade é que veste da côr da alegria e não é para menos. Acabaram os invasores, os patifes que sugaram a nossa terra.

Ela fugiu da sala. À tarde, chorou ao ouvir contar que D. Luís de Noronha desposaria a Isabelinha Vital, irmã de D. Alexandre, a filha mais nova do par formado por D. Mariana Rosa e D. José Vital, que tanto tinham sofrido com as desditas de um amor romântico no tempo do marquês de Pombal.

D. Constança não saía dos seus aposentos; attribuira-se a sua estranha doença, ora de apatia, logo de torrentes de lágrimas, a uma grande comoção

nervosa, produzida pela despedida do filho. Era difícil acreditar, a valer, naquela versão, pois a tinham visto indiferente quando o Manuel saíra para França; porém, aquela mentira servira para coonestar, quanto possível, o seu estado.

Parecia transparente; os seus olhos eram mais lindos no bistro das olheiras fundas, a pele morena esmaecera e lembrava uma convalescente, muito formosa, que receasse a luz, tendo-a por inimiga da sua beleza. Encerrara-se nos seus aposentos como monja numa cela.

Devia albergar alguma idéia muito particular que teria medo de expor: livrar-se do mundo onde não podia ser feliz. No seu pensar constante apareciam-lhe coisas que até então não divisara. A sua filha, a Maria da Saúde, parecia-lhe estranha e, sobretudo, agora, depois da noite sem igual da sua existência tão ligeira, entregue a um só sonho que acabara na tragédia.

Martial dormia sob as árvores do «Milhano». A glória, as honrarias, a grandeza para que estivera destinado, tinham terminado com a brutalidade de uns tiros que ela ainda e sempre ouvira.

A primeira vez que encarou com a filha, após o seu grande colapso, viu-a como inimiga. Sacrificara tudo a alguma grande ansiedade. Enviara o irmão para longe; não se comovera com o que chamava infortúnio da irmã e de que ela fôra a autora, dominada pela idéia estranha a que antepunha a felicidade da família como a entendia.

Falou só para dizer que não queria estar naquela

casa. Sentia o morto ainda muito perto. Ele, que devia ter sido marechal e, talvez, duque ou príncipe, acabara numa vulgar espera de assassinos emboscados. Apetecia um retiro; indignou-se contra a sociedade; não hesitou em dar-se a uma disciplina moral, já que não podia vingá-lo, visto a derrota dos franceses que soubera e lhe tornara maior o delírio.

Viu o convento em perspectiva, bem aceito pelo seu espírito. Não foi preciso que Maria da Saüdade insistisse muito. Encontrou-a disposta à obediência. E via-se amortalhada num hábito. Depressa, quanto mais brevemente melhor. Não podia imaginar-se a dois passos do querido morto que, tinha a certeza, mais ninguém chorava.

Mal sabia que àquela hora, enquanto o exército francês acampava nas ruas da capital, para embarcar, andava alguém agarrando-se a tôdas as hipóteses, procurando, como um louco, o rasto do coronel Martial.

Catilina vagueava nas ruas; fôra até ao palácio da condessa de Ega, que vira fechado e conspurcado com legendas insultuosas que não sabia traduzir. Procurara ouvir da bôca da fidalga o nome da senhora que a acompanhara na tarde em que a vira partir pela rua do Alecrim. A bordo da nau russa, D. Juliana não lhe falara, embora lhe mandasse dar uma carta para Junot. Soube, depois, que a fidalga solicitara passar para bordo da *The Nymphé* onde se dizia que embarcava o general derrotado.

Dirigira-se ao Intendente da Polícia, que já se sumira também num dos cascos. O povo cantava doestos contra êle, misturando-o com os generais, mas Catilina não entendia os insultos em portuguezs.

O Marnoto da polícia, com quem se pusera em contacto na Intendência abandonada, apanhara-lhe uma mão-cheia de moedas para lhe apontar um bolieiro, o «Meco», que fazia serviço a officiais franceses em aventuras nocturnas. Bem sabia, mas coíbia-se de o dizer, pelo menos depois do Vimeiro, que êle não os deitava pelas ribanceiras, ou não lhes dava pior destino, só quando podia ser descoberto.

Freqüentava uma taberna na Travessa dos Gatos, nos casebres do Loreto e lá estava de copo em punho. Ofereceu uma «losna» ao sargento, teimou em que tomasse um mata-bicho de ginginha, mas a respeito do coronel não se lembrava, embora estivesse ainda a ouvir o tiro como um sinal de picar cavalos. Aquilo até parecia ter sido combinado!

Quando Catilina o deixou, soltou um silvo, repuxou a beíçola e sibilou:

— ¿Um coronel?! Sim, senhor!

Um remador do escaler, descoberto no Cata-que-farás, contara-lhe que o official não apparecera no lugar onde o tinham esperado, em Santos, para o levarem ao *Filadélfia* e conclufu:

— Ó coisa, dá cá uma «genebrinha».

O desolado sargento oferecera dinheiro ao Lúcio da polícia, que acabara por guardar os napoleões de ouro e lhe dissera cruelmente:

— Sim, não foi nem irá para França. Deve ter

ficado na aventura dessa noite. Não me pergunte mais, porque não sei.

E via-se que calava a certeza da morte do coronel. Thiebault não o animara ao vê-lo transtornado, louco, perguntando a tôda a gente por Martial.

Era forçoso abandonar os aposentos que êle habitara no palácio Quintela. Junot ia partir; emalavam-se, à pressa, os seus uniformes, baixelas, caixas de vinhos preciosos e já os officiais ingleses e portuguezes iam invadindo as salas.

Catilina lembrava-se das doutrinas do tenente Jacquelin, o que estudara direito e lhe falava de Rousseau e da República. Caía em si. Martial morrera. O Império era a ambição de um homem. Desmoronava-se a sua capela votiva de que eram ídolos Napoleão e Martial. Meteu-se no quarto onde dormira o coronel durante a sua estada em Lisboa. Fechou as portas; acendeu o cachimbo e estendendo-se no leito onde havia alguma coisa dêle, um vago perfume muito do seu uso, e disse com a ternura de uma amante:

— O pai velho vai ter contigo...

E logo numa última palavra, essa de caserna, cerrou os dentes no seu velho cachimbo negro e collocando a pistola debaixo do queixo puxou o gatilho. Encontraram-no banhado em sangue e morto, pois quisera ficar na terra onde o seu maior affecto jazia.

Era aquella a explosão de dor gigantesca, que D. Constança de Lemos jamais conhecera. Julgara-se a única a sofrer por Martial. Maria da Saúde,

ao receber D. João Vilar, que ia ajoelhar a seus pés, dissera-lhe:

— Ainda não acabaram os tormentos da pátria. Vai, João, vai para o teu regimento. Os franceses voltarão. Seio-o, adivinho-o. Um soldado não pode ter dois amores neste momento.

— ¿Já me não amas? — perguntou no auge do sofrimento.

— Sim. Amo-te, mas temos tempo. Primeiro é preciso sacudir todos os estrangeiros da nossa terra.

E envolvia no brando gesto em que havia majestade, o ar, o espaço, a nação inteira, parecendo não distinguir entre franceses e ingleses.

— E depois? Depois?...

— Serei tua mulher.

Assegurou-lhe, dêste modo singelo, a felicidade, e disse-lhe do seu propósito:

— Até lá, acompanharei a mãe no refúgio do convento, onde amortecerão as suas amarguras.

Na tarde em que o último regimento francês embarcou no Cais do Sodré, Maria da Saúde decidiu-se a falar a D. Constança no que considerava o remate daquela batalha em que vencera.

Afastara da irmã o oficial que a queria seduzir, enviara o irmão para a luta, impusera ao noivo a missão de pelejar até ao fim, fizera do morgado de Teive um soldado, animara a conjura e, sobretudo, ligara à terra portuguesa, numa cova profunda, o gentil bravo e perigoso soldado que espalhara sobre ela os malefícios por ordem de Napoleão. Vingara-se da boceta de Pandora que êle trazia na sua «sobre-

tache»; roubara à França invasora um futuro marechal, arrancara da sua história mais um herói.

D. Constança acedera a entrar no convento e escolhera o de Santa Joana. Ao ouvir dizer à filha que a acompanharia teve uma explosão que devia ser a última:

— Não. Eu vou só. Tu, Maria da Saüdade, não tens coração.

Sem poder disfarçar o encanto dos seus lábios sorriu e não se conteve:

— Mãe: tenho coração, mas é português. Nêle cabe o maior amor do mundo.

Nessa frase ia tudo quanto praticara e por que se movera; explicava-se, revelava-se, definia-se.

Ela olhou-a como se, de repente, a visse sob outro prisma e balbuciou:

— Vamos. O hábito branco e negro das dominicanas também tem luto. Sempre é uma mortallha bonita.

Deixar-se-ia conduzir.

Era por uma tarde do fim de Setembro de 1808. A carruagem aguardava-as no pátio, e o Ventura, apeado, segurando o cavalo pela rédea, dizia para o Bidarra:

— ¿Então já sabes o que colaram na porta do quarto de Junot? Ó compadre, há gente de muito caco. — E atirou-lhe a novidade. — Puseram lá um papel com esta troça:

O senhor duque de Abrantes

Ficou Junot como dantes.

Soou uma gargalhada que ecoou, estranhamente, na sala onde D. Constança se deixava abraçar por Luísa, muito triste e que lhe perguntava:

— E agora? ¿Que há-de ser de mim? a mãe deixa-me, o mano vai para a guerra, o Luís...

Não terminou a frase; começou a chorar convulsivamente. Maria da Saúde lançou-lhe uma solução:

— Se quisesse vir connosco...

Sacudindo a cabecita de boneca, Luísa voltou:

— Eu?! Ainda não tenho vinte anos. Vou para a Cova-da-Moura, porque, decerto, a mãe, ao lembrar-se de mim, não vestirá o hábito. Lá vos espero.

E raivosa, na sua birra infantil, ajuntou:

— Isto não fica assim. Os franceses hão-de voltar.

Pálida, majestosa e severa, Maria da Saúde segredou-lhe na voz quási rouca, que parecia de outra mulher:

— Que os criados não te ouçam. Êles são portugueses.

Devia ter-se lembrado do Quintela, Braamcamp e Jacinto Bandeira, dos capitalistas que tanto tinham servido Junot e o renegavam, preparando-se para ajoelhar sempre, e também dos fidalgos: Abrantes, Cadaval, Valença e outros que tinham ido pedir um rei a Napoleão e ainda estavam em França.

Os condes de Ega emigravam escorraçados; tinham partido cheios de medo, servos do servo do Imperador.

Uma chuva de oiro de milho, cintilas de prata de asas de pombas, ruflando, envolviam o Bidarra,

cujas barbaças lhe davam o ar de Sileno risonho, sôbre cujos ombros pousavam as aves. Assobiou um melro, todo de negro, como de veludo, mostrando o prego fulgo do bico, ao passar no vôo baixo.

E havia paz.

O carro começou a rodar com o Ventura à portinhola. O cocheiro recebera ordem para seguir por onde houvesse patrulhas portuguesas. Conservava-se ainda o hábito francês de fazer parar os transeuntes e os veículos, desde o anoitecer, soltando-se o sacramental alerta de detença.

Junto ao Passeio Público, naquele calmo e doce anoitecer de Setembro, ouviu-se de novo e muito prolongado: Quem vive?!

Maria da Saúde, debruçando-se da portinhola, respondeu:

— Portugal... Portugueses...

E logo intimativamente:

— Segue, Vaivém!...

— Ventura, minha senhora. Ventura por muitos anos e bons. Volto a usar o meu nome, porque Portugal tão lindo já é nosso.

E ela, recaindo na melancolia, baixando a cabeça, pôs-se a pensar que ainda não era bem assim.

Descera a noite, muito bela e calma. Maria da Saúde murmurava:

— Só não o acha lindo o príncipe que está lá tão longe.

E não sabia se evocava D. João de Bragança, ausente no Brasil, ou D. Sebastião, o Desejado, na sua ilha de fábula.

As sentinelas, bradavam:

— Alerta...

Outras respondiam:

— Alerta está...

A noite cerrara-se, enchia-se o céu de estrelas.



F I M

ÍNDICE

	Pág.
CAPÍTULO I — Figuras de uma contradança ...	11
CAPÍTULO II — Vozes discordes	31
CAPÍTULO III — Até o amor roubam	51
CAPÍTULO IV — Corações insurrectos	69
CAPÍTULO V — Um amor antigo	89
CAPÍTULO VI — Almas dispaes	111
CAPÍTULO VII — A recepção ao senhor Duque de Abrantes	131
CAPÍTULO VIII — As ilusões do coronel Martial ...	151
CAPÍTULO IX — Duas vigílias	169
CAPÍTULO X — Confidências e revelações	187
CAPÍTULO XI — Os primeiros passos de uma conspiração	207
CAPÍTULO XII — Um bailado em S. Carlos	227
CAPÍTULO XIII — O sargento Catilina	245
CAPÍTULO XIV — Duas súplicas	267
CAPÍTULO XV — O salvo-conduto	285
CAPÍTULO XVI — A legenda dos dragões	303
EPÍLOGO	323

INDICE

Este livro foi composto e impresso para a
EDITORIAL «INQUÉRITO», LDA.,
e acabou de se imprimir aos 12 de Janeiro
de 1946, nas oficinas do Centro Tip. Colonial
L. Rafael Bordalo Pinheiro, 27 a 29 — LISBOA

EDITORIAL «INQUÉRITO», L.^{DA}
RUA ANTERO DE QUENTAL, 10 // LISBOA

LEIA E COLECCIONE AS
OBRAS COMPLETAS DE
ROBERT LOUIS STEVENSON

um dos mais originaes romancistas ingleses
de todos os tempos

Volumes publicados :

A ILHA DO TESOURO

15\$00

A ODISSEIA DE UM PRÍNCIPE

15\$00

UMA AVENTURA NA ESCÓCIA

15\$00

CATRIONA

18\$00

Distribuidores gerais :

Editorial Organizações, Limitada

Largo Trindade Coelho, 9-2.º // Lisboa

Preço deste volume: 18\$00.